



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

VÍTOR BIANCONI MENINI

Lapponia: a legitimação do Estado sueco na obra de
Johannes Schefferus (1648 – 1673)

CAMPINAS

2020

VÍTOR BIANCONI MENINI

***LAPPONIA: A LEGITIMAÇÃO DO ESTADO SUECO NA OBRA DE JOHANNES
SCHEFFERUS (1648 – 1673)***

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em História, na Área de Política, Memória e Cidade.

Orientador: PROF. DR. RUI LUIS RODRIGUES

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO VÍTOR BIANCONI MENINI, E ORIENTADA PELO PROF DR RUI LUIS RODRIGUES.

**CAMPINAS
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

M526L Menini, Vítor Bianconi, 1994-
Lapponia : a legitimação do estado sueco na obra de Johannes Schefferus
(1648 - 1673) / Vítor Bianconi Menini. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Rui Luis Rodrigues.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Schefferus, Johannes, 1621-1679. 2. História Moderna. 3. Guerra dos
Trinta Anos, 1618-1648. 4. Lapônia - Descrição e viagens. I. Rodrigues, Rui
Luis, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Lapponia : the swedish state legitimation in the work of Johannes Schefferus

Palavras-chave em inglês:

Thirty Years' War, 1618-1648

History Modern

Lapland - Travel writing

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Rui Luis Rodrigues [Orientador]

Izabel Andrade Marson

Luis Filipe Silverio Lima

Data de defesa: 27-02-2020

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8559-4204>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7471055341286498>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte, considerou o candidato Vítor Bianconi Menini aprovado.

Prof(a) Dr(a) Rui Luis Rodrigues

Prof(a) Dr(a) Izabel Andrade Marson

Prof(a) Dr(a) Luis Filipe Silverio Lima

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Para Elpídio Bianconi (*in memoriam*) e Zeferino
Menini: os maiores contadores de Histórias que
conheço.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de pesquisa e escrita de uma dissertação aparenta ser um processo introspectivo e solitário. No entanto, ao longo dessa jornada, contei com o inestimável auxílio, atenção, sabedoria e carinho de diversas pessoas. Assim, em uma tentativa de agradecimento, gostaria de ressaltar alguns desses vínculos fundamentais para a composição deste trabalho.

Primeiro, ao Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, mais especificamente aos professores do departamento de História que, durante minha graduação (2012 – 2016), me forneceram as bases para a pesquisa e reflexão histórica. Cito, então, a professora Silvia Hunold Lara e os professores Claudio Henrique de Moraes Batalha, Fernando Teixeira da Silva, José Alves de Freitas Neto e Leandro Karnal.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em História, me beneficieei das observações minuciosas das professoras Josianne Francia Cerasoli e Maria Stella Martins Bresciani durante os encontros da Linha de Pesquisa “Política, Cultura e Memória”. Nesse mesmo espaço conheci (e reencontrei) queridos colegas, em especial Eduardo Neves, leitor assíduo de meus escritos, João Neves, com quem pude debater a *Lapponia* e Scheffeurs mais de uma vez, o conterrâneo Daniel Deminice, e a amiga de graduação Franciely Luz.

Aos membros do *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos*, o professor Johnni Langer, Luciana Campos, Munir Lutfé Ayoub, André de Oliveira, Renan da Justa, Victor Hugo Sampaio e Sandro Teixeira Moita. Em especial, agradeço ao amigo Pablo Gomes de Miranda que, durante um café da manhã antes de um congresso, me apontou para Schefferus e seu livro sobre os sámi. O apoio de vocês foi fundamental para que eu pudesse iniciar minha pesquisa como escandinavista. A cada CEVE me encanto com a dedicação e rigor dos debates e pesquisas que discutimos.

Ainda em âmbito institucional, gostaria de saudar meus colegas do *Modernitas – Núcleo de Estudos em História Moderna (IFCH – Unicamp)* que, desde o início, “vestiram a camisa”: Thaíse Coletti Pavani, Marcela D’Elia, João Gilberto Melato, Franco Alves Biondi, Nara Barrozo Witzler, Andrezza Canova Pigaiani, Rafaela Franklin da Silva Lira, Lívia Guimarães Torquetti dos Santos, César Augusto Mendes, Rafael Edmundo da Silva, Raquel Mariani e Nicole Ribeiro Domingos. Além dos nossos debates mensais sobre temas fundamentais da História Moderna, gostaria de agradecer pelo empenho durante a formulação

e condução do *Simpósio Huizinga e a Modernidade* (2019) e pelos momentos de descontração, risadas, amizade e aprendizado.

Também gostaria de expressar minha sincera gratidão ao professor Rui Luis Rodrigues, meu orientador, que durante o curso de História Moderna II, em 2014, recebeu minhas ideias com entusiasmo e interesse para transformar meu trabalho final de disciplina em um possível projeto de mestrado. Agradeço, inclusive, pelos conselhos, indicações, ensinamentos e sua amizade.

À professora Izabel Andrade Marson pelas orientações durante nossos debates nas linhas de pesquisa, interesse em meu trabalho, palavras de incentivo e leitura do texto final.

Ao professor Luís Filipe Silvério Lima que acompanhou a escrita desta dissertação desde minha apresentação na *I Jornadas “História Moderna em Foco”* (2017, EFLCH/UNIFESP – Guarulhos), passando pela qualificação até o texto final.

Gostaria de agradecer, também, os membros da *International Summer School, University of Helsinki: Introduction to Conceptual History* (2019), em especial aos professores Martin Burke, Jani Marjanen, Niklas Olsen e aos colegas de trabalho Joonatan Virtanen, Kadi Kähär-Peterson, Liisi Karjus e Timo Aava pelos debates acalorados sobre a História dos Conceitos e teoria da História. Kiitos!

Na Suécia, minha aventura nos arquivos e biblioteca só foi possível graças à ajuda atenciosa dos bibliotecários da Biblioteca *Carolina Rediviva* (Universidade de Uppsala), da *Kungliga Bibliotek* (Estocolmo), do Museu *Ájtte* (Jokkmokk) e da Biblioteca Municipal de Luleå. Entre eles, destaco Anja Kujala e Andreas Olsson, ambos responsáveis pelo acervo do *Livruskammaren* em Estocolmo, que além de muito prestativos, tiraram alguns minutos de seus dias para conversar sobre meu interesse em História da Suécia e História Moderna.

Ainda em terras escandinavas, agradeço aos amigos Andrea Sperduti e Veronica Puglioli que, durante o verão de 2019, me hospedaram em seu apartamento para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos de sueco e investigações nas bibliotecas locais. *Grazie*. Aos amigos que fiz durante minhas passagens pela *Folkuniversitet*, Nicholas Seargent, Larry e Celia, agradeço pelos momentos de descontração e passeios pela pacata Uppsala. Às professoras Sophie Owenius e Ruth Ljunberg, agradeço o empenho durante as aulas, pelas correções das atividades e pela indicação de livros. *Tack så mycket*.

De volta ao Brasil, gostaria de agradecer aos meus queridos “aventureiros do reino”: Caio Jabour, Giovanna Maia, Rodrigo Ruy Lovato, Lucas Liza e Guilherme Deo pelos momentos de suspensão da descrença, risadas e madrugadas adentro em volta de uma mesa rolando dados.

Ao amigo e conterrâneo André Mateus Pupin com quem tenho o prazer de dividir alguns copos de cerveja e muita conversa boa sobre História, pesquisa e a vida pessoal.

À minha “saudosa maloca”, Otávio Spinace, Michel Augusto Mendes, Guilherme Vassão, Gabriel Moralez e Thiago do Amaral Biazoto, amigos desde 2012, pelas caminhadas a pé até o IFCH, churrascos e amizade verdadeira cultivada ao longo desses anos. Ressalto, ainda, o caráter fundamental da presença de Thiago, ou “Viking”, para minha formação enquanto pesquisador. Foi em uma tarde ensolarada, na saudosa “Casa Nostra” que recebi minhas primeiras dicas sobre a Iniciação Científica!

Aos meus “filhos” do IFCH: Ivan Sicca Gonçalves e Talison Mendes Picheli com quem aprendi sobre História, dei risadas e pude desabafar nos momentos mais difíceis dessa trajetória. É um prazer poder cultivar nossa amizade, seja pelos corredos do Instituto, na mesa do bar, na biblioteca ou no carro, com chuva, em direção à Campinas após farta compra de livros na feira da USP.

Às minhas “irmãs” Amanda Magnani e Milena Coelho Koike e às queridas Daniela Tossini e Rosana Zerbinatti, pela confiança, apoio e inúmeras orações. Sem dúvidas, vocês são minha “família campineira”.

À minha família sanguínea: Silvana, Jefferson e Beatriz. Pelo carinho, suporte emocional e financeiro. À minha mãe, agradeço por ter me ensinado, entre outras coisas, a gostar de estudar e de ler. Ao meu pai, pelas palavras sábias, generosas e confortadoras proferidas em momentos difíceis vividos durante a elaboração da dissertação. À Bia, por sua alegria contagiante e interesse constante em minhas atividades acadêmicas. Lembro, também, de meus avós – Aracy, Zeferino, Aparecida e Elpídio – e todos os meus tios, tias, primos e primas.

À minha família de consideração: minha sogra Magali e a querida Andressa com quem caminho há uma década. Pelo carinho, companheirismo, abraços e palavras de amor que confortam e acalmam.

Em tom de desculpas, peço, mais uma vez, a compreensão de vocês por algumas ausências ao longo desses anos, principalmente nos momentos de dificuldade. Espero que compreendam. É para vocês que dedico e entrego este trabalho.

Por fim, agradeço a estudos concedida pelo Governo Federal. O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bolsa processo nº 132448/2018-1.

Campinas, 2020.

Jag måste visst berätta en saga för dig, Klement, så att du får veta hur det ser ut i Västerbotten och Lappland, i det stora Samelandet, där du inte har varit.

Devo contar-te uma história, Klement, para que saibas como é na Bótnia Ocidental e na Lapônia, na grande terra dos Sámi, onde tu nunca estiveste.

Selma Lagerlöf. *Nils Holgerssons underbara resa genom Sverige*, 1906.

RESUMO

Com os desdobramentos da Guerra dos Trinta Anos e do Tratado de Vestfália, o reino da Suécia – regido pela dinastia Vasa desde sua edificação em 1523 – experimentou certo protagonismo político em um novo cenário europeu, assim como o florescimento das artes e letras. Com a reativação da Universidade de Uppsala e construção do *Gustavianum*, numerosos estudiosos foram convidados para integrar o novo corpo universitário. Dentre eles estava Johannes Schefferus que, incumbido pelo chanceler do reino, redigiu o primeiro relato exclusivo sobre os povos sámi, habitantes da Lapônia, território no extremo norte da Suécia própria, que passou a ser controlada de forma mais rígida e sistemática por agentes do emergente Estado sueco no mesmo período. A partir de relatos de clérigos e meirinhos que residiram na região e de objetos confiscados por esses executores, Schefferus buscou desmentir algumas crenças e conhecimentos sobre os sámis (conhecidos como *lapps*) construídos, principalmente, um século antes pelo arcebispo católico Olaus Magnus em sua *Historia de gentibus septentrionalibus*. Esta pesquisa buscou analisar como Schefferus participou, por meio da publicação de seu texto *Lapponia*, do processo de criação dos sámi como “outro”, levando em consideração que esse processo se relacionava, de forma mais ampla, às aspirações de um potentado em ascensão em conectar seu passado virtuoso ao protagonismo vivido no presente para justificar seus avanços territoriais no Norte e sua posição política.

Palavras-chave: Formação do Estado Moderno sueco; Lapônia (*Sápmi*); Johannes Schefferus; encontros culturais.

ABSTRACT

In the aftermath of the Thirty Years' War, with the signing of the Westphalia Treaty, the Swedish kingdom, ruled by the Vasa dynasty since its election in 1523, became an important political center in seventeenth-century Europe. At the same time, arts and letters blossomed; when Uppsala University was reestablished and *Gustavianum* built, numerous scholars from around Europe were invited to integrate the new academic staff. One of them was Johannes Schefferus who, many years later, was delegated by Magnus Gabriel de la Gardie to write the first exclusive relation of the Sámi people, inhabitants of Lapland: the Northernmost region of the Swedish territory that became systematically controlled by the new emergent Lutheran state. Originally from Strasbourg, Schefferus sought to disprove some beliefs and knowledge about the Sámi (known as Lapps) spread a century earlier by Olaus Magnus, an exiled Swedish archbishop, and his *Historia de gentibus septentrionalibus*. To do that, the humanist employed Sami material culture that was confiscated by the Swedish authorities and reports from clerics and bailiffs who resided in the Northern region. Scrutinizing Schefferus' book *Lapponia*, this thesis analyzed the humanist created the Sámi as the "other", connecting this process amidst the aspirations of a rising potentate that tried to associate its virtuous past to explain their present political significance and vindicate its territorial intrusion in the North.

Keywords: Early Modern Swedish State formation; Lapland (*Sápmi*); Johannes Schefferus; cultural encounters.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Rascunho dos reinos do Norte, presente na <i>Historia</i> de Olaus Magnus.....	40
Figura 2. <i>Carta Marina</i> (1539) com recorte na Fenoescândia.....	40
Figura 3. O escambo entre <i>lapps</i> e moscovitas.....	42
Figura 4. A caça entre os <i>lapps</i>	43
Figura 5. <i>Lapps</i> rumo à igreja, com seus filhos nas costas.....	44
Figura 6. Panfleto sobre os povos maravilhosos da armada sueca, ca1630.....	47
Figura 7. Panfleto “o irlandês, o lapão e o finlandês”.....	48
Figura 8. O gabinete de Augsburgo, visão frontal.....	52
Figura 9. Frontispício, de autoria de Schefferus, de seu <i>De militia navali</i>	61
Figura 10. O Museu Wormiano.....	67
Figura 11. Joias da Coroa sueca: a chave, o cetro, a Coroa e a orbe de Érico XIV.....	90
Figura 12. Vista do castelo Skokloster do lago Mälaren.....	104
Figura 13. Medalhão “África” no teto do salão de jantar do Skokloster.....	105
Figura 14. Mapa da colônia de Nova Suécia	116
Figura 15. Amuleto lenapes com o crânio de um lobo	118
Figura 16. Tambor sámi de tipo oval e seu martelo	118
Figura 17. Frontispício de <i>Lapponia</i> , com ênfase na carcaça	140
Figura 18. Sámi em um esquí, conforme Schefferus.....	153
Figura 19. Uma roda de dança dos habitantes do Norte	1566
Figura 20. Vinheta de Olaus que retrata uma disputa entre noruegueses.....	157
Figura 21. Recorte do frontispício de <i>Lapponia</i>	157
Figura 22. Desenho presenta na <i>Lapponia</i> e um selo sueco com a grafia do humanista.	159
Figura 23. Verão e inverno na Lapônia (museu <i>Norskfolkmuseum</i> - Oslo)	162
Figura 24. <i>Storjunkare</i> - ou <i>seita</i> - desenhado por Schefferus	166
Figura 25. Frontispício holandês, com recorte na veneração do altar	167
Figura 26. Figuras francesas (1719) sobre os cultos dos lapões.....	168
Figura 27. Um xamã em transe (esq.) e um xamã batendo seu tambor (dir.).....	172
Figura 28. Ilustração de Johannes Schefferus em <i>Lapponia</i>	173
Figura 29. O diabo e o tambor sámi na <i>Lapponia</i> holandesa (esq.) e o tambor no texto inglês (dir.)	174

MAPAS

Mapa 1. Sápmi: a terra dos povos sámi.....	32
Mapa 2. Regiões e municipalidades dos países nórdicos.....	33

LISTA DE ABREVIACÕES

Arquivos

KB – *Kungliga Biblioteket* [Biblioteca Nacional da Suécia].

UUBA – *Uppsala Universitetsbibliotek Arkivet* [Arquivo da Biblioteca da Universidade de Uppsala].

Recursos Bibliográficos

BJ – Bíblia de Jerusalém.

KVHAA - *Kungliga Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien* [Academia Real Sueca de Letras, História e Antiguidades].

NNBW – *Nieuw Nederlandsch Biografisch Woordenboek* [Novo Dicionário Biográfico Neerlandês].

SBL – *Svensk Biografiskt Lexikon* [Dicionário Biográfico Sueco].

SOU – *Statens Offentliga Utredningar* [Investigações Públicas do Governo sueco].

Línguas

LSa – Sámi Luleå.

NA – Nórdico Antigo.

SaN – Sámi do Norte.

SaS – Sámi do Sul.

SaSk – Sámi Skolt.

Su – Sueco.

GLOSSÁRIO DE TERMOS RECORRENTES

Ackja: É o nome sámi dado a uma espécie de trenó puxado por renas durante o inverno.

Fenoescândia: Classificação geológica criada pelo finlandês Wilhelm Ramsay (1898) e refere-se à região do escudo báltico que engloba as penínsulas da Escandinávia e do Kola, o norte da Finlândia e o noroeste da Rússia.

Kalmarunionen: “União de Kalmar”. Monarquia compósita, estabelecida em 1397, entre as Coroas dos atuais territórios da Dinamarca, Suécia, Noruega e regiões anexas como a Finlândia, Ilhas Faroer, Groelândia, Islândia e os arquipélagos de Shetland e Oarkney. Na Suécia, o rompimento do acordo assinado em Kalmar foi iniciada em 1520, com o apontamento de Gustavo Eriksson Vasa como novo rei da Suécia.

Lappmark: Terminologia utilizada para descrever os distritos e comunidades sámi no período cedo-Moderno. No atual território da Suécia temos as *lappmarks* de Ångernmanna, Ume, Pite, Lule, Torne. Na atual Finlândia, a Kemi *lappmark* e na Noruega a *Finnmark*.

“[en] Lapp skal vara en lapp”: (um sámi deve ser sámi). Mote da atitude política sueca frente aos sámi durante o século XIX. Diferentemente da Noruega que optou por uma política de “norueguização” da população sámi (*fornorsking*), os suecos advogaram por uma política de isolamento. Em 1890, o Parlamento sueco debateu e implantou uma *odlingsgräns* (fronteira de cultivo): pastores de rena ao norte, incluindo os direitos de caça e pesca sámi, e lavradores ao sul. Esse tipo de atitude corroborou para o fortalecimento da etnicidade sámi calcada em atividades consideradas menos evoluídas. Como resultado, habitantes sámi que não estivessem envolvidos com o pastoralismo perderiam sua identidade étnica, pois, por lei, não eram considerados suecos ou sámi.

Além disso, o site mantido pelo Centro de informações sámi (*Samiskt informationscentrum*), localizado em Östersund (Suécia), traz uma linha do tempo dos principais episódios envolvendo a História sámi. Sobre a política citada, a definição dada é: “a política *Lapp ska vara lapp* tinha como objetivo preservar a imagem exótica da cultura sámi e do pastoralismo de renas” [“Lapp ska vara lapp-politiken gick ut på att bevara en exotisk bild av samernas kultur och av renskötseIn”]¹.

¹ Disponível em: <<http://www.samer.se/4095>>, acesso em 22/02/2019.

Lenapes: Nas línguas indígenas algonquianas, significa “povo comum”. Os habitantes de origem lenape pertencem ao grupo dos indígenas algonquinos, falantes tanto do *unami* como do *munsee*.

Lënapehòking: Similar ao termo “Sápmi”, designa “a terra dos lenapes” e atualmente diz respeito aos estados de Nova Jérsei, sudeste de Nova Iorque, leste da Pensilvânia e o norte de Delaware.

Sametinget: Parlamento Sámi na Suécia estabelecido em 1993. Nos outros países com presença sámi, as casas de representação são conhecidas como *Sámediggi* (Noruega, 1989), *Saamelaiskäräjät* (Finlândia, 1996) ou ainda *Kuelnegk Soamet Sobbar*, transliteração para Куелнегк Соамет Соббар (Rússia, 2010). Além das denominações nas línguas indo-europeias, as instituições possuem nomes específicos em cada dialeto sámi como *Sámediggi* (SaN), *Sámedigge* (LSa) *Saemiedigkie* (SaS), *Sää'mte'gǧǧ* (SaSk)

Sápmi: “Terra dos sámi”. É a nomenclatura de origem sámi utilizada nos estudos sámi e escandinavos, calcada na autodeterminação dos povos e direitos indígenas, para designar essa região política que extrapola as fronteiras de Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. O outro termo, utilizado para descrever a região é “Lapônia”, porém dada a carga pejorativa e diminutiva que a nomenclatura carrega, preferimos utilizar a terminologia de origem autóctone.

Sieidi/Séjte/Seita: Pode ser traduzido como “templo” ou “altar” e se refere a um objeto natural, geralmente uma rocha ou uma fonte de água. Seu culto estava conectado às práticas quotidianas e acreditava-se que por meio do *sieidi* era possível influenciar e invocar inúmeras forças da natureza – particularmente as que auxiliariam na caça.

Siida: Unidade de referência para os sámi, forma de se referir a terra demarcada e ao distrito coletivo para pastoreio e a caça de renas. No entanto, devemos tomar algum cuidado ao tratar as *siida* como uma organização específica sámi, já que elas próprias podem ser o resultado de escolhas feitas em circunstâncias relativamente recentes².

Stormaktstiden: “A era do grande poder”. Nomenclatura oferecida pela historiografia que se dedica a investigar a formação do Estado moderno da Suécia, sua expansão e importância política no cenário europeu durante os séculos XVII e XVIII. Quanto à periodização exata,

² Ver: HANSEN, L.I.; OLSEN, B. **Hunters in Transition: An Outline of Early Sámi History**. Leiden: Brill, 2013, p. 168 e KENT, N. **The Sámi Peoples of the North: a Social and Cultural History**. London: Hurst & Company, 2014, p. 39.

diferentes historiadores oferecem balizas temporais variadas. Geralmente, a ascensão de Gustavo II Adolfo ao trono (1611), marca o início dessa época³.

Yoik: Em sámi *juoiggus* ou *juoige*, “canção”. Eram músicas e cânticos entoados pelos sámi de vital importância para expressar seu lugar no universo e sua relação com os outros e o resto do mundo natural. Atualmente, é expressão importante da identidade e patrimônio sámi.

³ Devido à necessidade de regressarmos no tempo para revisar as bases que solidificaram a expansão desse Estado, propomos “a era de Grande Poder” entre 1595 – 1721. Para o debate sobre a cronologia e criação do termo, ver seção 2.1, pp. 68-75.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1	
DA BARBÁRIE ÀS LETRAS: CONCEITUANDO O NORTE.....	34
1.1. O Norte como terra longínqua e erigosa.....	34
1.2. Johannes Schefferus: um estrasburguês entre hiperbóreos.....	50
1.3. Da filologia clássica à lapologia: Schefferus como um humanista tardio.....	57
1.4. Schefferus e o Estado sueco.....	71
CAPÍTULO 2	
<i>STORMAKTSTIDEN</i> : A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DE UM IMPÉRIO E SUAS NOVAS FRONTEIRAS CULTURAIS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII.....	799
2.1. “A era do grande poder”: um problema historiográfico.....	799
2.2. Da União de Kalmar ao protagonismo em Vestfália.....	86
a. <i>Globus cruciger</i> em disputa: Gustavo Vasa e os irmãos Magnus.....	899
b. A Suécia seiscentista: dos conflitos internos para as expansões territoriais.....	98
2.3. As expansões territoriais da Suécia para a <i>Sápmi</i> e para o Atlântico.....	103103
a. Suécia, <i>Sápmi</i> e Delaware: mundos em intersecção.....	1066
CAPÍTULO 3	
JOHANNES SCHEFFERUS E LAPPONIA: UMA ANÁLISE (CON)TEXTUAL DA OBRA.....	121
3.1. Colonização ou ocupação sueca? Um debate atual.....	12121
3.2. O “lapão” como um conceito.....	128
3.3. Esquis, arcos e tambores: a <i>Laponia</i> de Johannes Schefferus.....	135
a. Lapônia: um território ambivalente.....	137
b. “Sobre o espírito e os corpos dos lapões”.....	145
c. O estilo de vida dos lapões.....	150
d. Da religião dos lapões.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
ANEXOS.....	202

INTRODUÇÃO

Propor um estudo que leve em consideração a construção do Estado da Suécia, assim como outros temas relativos à História escandinava, possui inúmeros desafios. O mais evidente é o idioma, visto que a maior parte da bibliografia se encontra em sueco. Mesmo com o crescente número de obras em língua inglesa, o material encontra-se majoritariamente no vernáculo escandinavo. Bibliografia de acesso restrito, pois normalmente está sob a guarda de bibliotecas europeias. Em português a produção é diminuta e a reflexão mais destacada sobre a temática é a de Perry Anderson em *Linhagens do Estado Absolutista*⁴.

Nesta perspectiva, precisamos olhar para a acuidade do estudo do caso sueco. Primeiro, pela importância geopolítica e histórica que o reino sueco teve no século XVII. Entre narrativas que enfatizam um início inexplicável e outras que preferem tratar de um fim inevitável, as investigações sobre as tramas desenroladas nesse reino do Norte apontam para o êxito dessa empreitada: a Suécia, após a Guerra dos Trinta Anos, passa a ser peça fundamental no tabuleiro europeu, inclusive como a maior força militar setentrional até o avanço russo em meados do século XVIII.

O segundo motivo é sublinhar as circunstâncias desse processo e circunscrevê-lo numa rede historiográfica sobre a formação dos Estados que visa questionar o fenômeno político chamado convencionalmente de *Absolutismo*. Nesse sentido, as reflexões de Gerhard Oestreich⁵ são basilares para interrogarmos o modelo explicativo anacrônico. Além do problema da construção conceitual tardia (o termo é do vocabulário político liberal do século XIX),⁶ questionou-se, também, a tipologia de fontes, até então consagradas, para o estudo das formações dos Estados europeus. Dentre elas, citamos a massa documental recolhida em arquivos de esferas administrativas próximas ao palácio ou dos próprios príncipes⁷. Oestreich identificou, ainda, uma virada historiográfica que passou a enfatizar as especificidades desse fenômeno político de grau continental⁸. O principal ganho – não só do ponto de vista da repaginação de metodologias

⁴ ANDERSON, P. *Linhagens do Estado Absolutista*, São Paulo: Editora Unesp, 2016.

⁵ OESTREICH, G. “Problemas estruturais do absolutismo europeu”, in: HESPANHA, Antônio Manuel. **Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime: coletânea de textos**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 179 - 200.

⁶ Além do próprio texto de Oestreich, ver: VIANNA, A.M. “‘Absolutismo’: Os limites de uso de um conceito liberal”. *Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar*, Maringá, n.14, s. num., 2008. Disponível em <<http://www.urutagua.uem.br/014/14vianna.htm>>. Último acesso em 06/01/2020.

⁷ OESTREICH, G. *Op. cit.*, p. 184.

⁸ *Ibidem*, p. 186.

e fontes – refere-se ao questionamento do centralismo político que se atrelava ao *Absolutismo*. Nesta acepção, foi possível deslocar o eixo analítico centrado no Estado enquanto instituição que emanava poder para a investigação dos “elementos não absolutistas do absolutismo”, como “as relações locais, cidades, senhorios, forças, agremiações”⁹.

*

Em recente levantamento acerca do Museu Histórico de Estocolmo (*Historiska Museet*), Marta Spagen identificou que os elementos sámi presentes nas exposições eram apresentados de forma a corroborar uma imagem desses povos como nômades. Na exposição *Vikings*, por exemplo, enquanto as atividades nórdicas são apresentadas de forma colorida e como povo hospitaleiro, os sámi são mostrados como uma população difusa, ocupante de um vazio geográfico praticamente inóspito e envolvida em atividades ininteligíveis. Assim, os nortistas são considerados como um povo da natureza, inserido em uma paisagem coberta por neve, congelada e fria: “a irrevogável visão sulista sueca sobre o Norte”¹⁰.

Apesar da subsistência de mitos e estereótipos sobre os sámi, é inegável que a partir dos anos 1970 e 1980 houve considerável aumento na produção de estudos sobre essa população a partir de perspectivas “não-nórdicas”. A este respeito, pelo menos três fatores simultâneos podem ser resgatados em novas discussões. No cenário escandinavo, o fortalecimento do movimento sámi culminou, entre outros aspectos, na criação dos diversos Parlamentos Sámi. No cenário mundial, a expansão das agendas pós-coloniais afro-asiáticas, somadas ao surgimento do debate historiográfico sobre a História dos excluídos, gerou material considerável para o questionamento de uma “História nórdica” hermética, tornando insustentável a obliteração da presença sámi nessas narrativas. No mesmo período, termos como “arqueologia sámi”, “Idade do Ferro Sámi”, “Sápmi” e o próprio adjetivo “sámi” como substituto do termo depreciativo “lapão” passaram a figurar o glossário acadêmico¹¹.

⁹ *Ibidem*, p. 185.

¹⁰ SPAGEN, M. Without a trace? The sámi in the Swedish History Museum, *Nordisk Museologi*, v. 2, 2015, pp. 17 – 32, p. 24.

¹¹ Podemos citar os trabalhos de HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*; BROADBENT, *Op. cit.*; HILLERDAL, Carlotta; KARLSTRÖM, A.; OJALA, C.-G. (orgs.). **Archaeologies of “us” and “them”: debating history, heritage and indigeneity**, New York: Routledge, 2017 e OJALA, C.-G. **Sámi Prehistories. The Politics of Archaeology and Identity in Northernmost Europe.**, Doutorado [Arqueologia]. Uppsala Universitet, Uppsala, 2009.

No entanto, precisamos assinalar que essa proposta, ainda recente, é fruto das transformações sociais e historiográficas que ocorreram nos países nórdicos a partir dos anos 1990. Johan Höglund e Linda Andersson Burnett atrelaram a demora dos escandinavos em tratar do passado colonial e presente pós-colonial à posição atual que os países nórdicos têm, atualmente, enquanto baluarte da equidade, justiça e dos direitos da minoria e sua autoimagem: como povo pacífico, mediador e periférico no processo de colonização. Além disso, a última década do século XX viu emergir revisões sobre o passado colonial sueco no Atlântico¹² e na *Sápmi*¹³ que reavaliaram os impactos nas formas de conceber o mundo a partir da nova relação entre europeus e americanos. Dentre esses autores, Gunlög Fur é a historiadora de maior relevância no que se refere às formas de encontros coloniais e suas consequências para a história da Escandinávia¹⁴.

Os contatos entre as diferentes populações da Fenoescândia – sejam germânicos (noruegueses, dinamarqueses e suecos), fínicos (finlandeses) ou sámi – têm antiga datação e foram cruciais para o futuro relacionamento desses povos vizinhos. No entanto, entre os séculos XVI e XVII, o aumento da presença e do controle estatal sueco sobre os territórios e populações sámi por meio de novas políticas de ocupação da região, e da missionação luterana, gerou novas mudanças sociais, econômicas e legais de forma definitiva e irreversível¹⁵.

¹² HELLSTRÖM, J. A. “- åt alla christliga förvanter-”: en undersökning av kolonial förvaltning, religionsvård och samfundsliv på S:t Barthélemy under den svenska perioden 1784-1878 [“- a todos os parentes cristãos”: um estudo sobre administração colonial, cuidados religiosos e vida social em São Bartolomeu, durante o período sueco de 1784-1878]. Uppsala: Erene, 1987.; NOVÁKY, G. **Handelskompanier och kompanihandel; Svenska Afrikakompaniet 1649-1663: en studie i feodal handel** [Companhias comerciais e comércio: a Companhia Africana sueca: um estudo sobre o comércio feudal]. Uppsala: Uppsala University Press, 1990.

¹³ Dois grupos principais de autores se destacam: um, de origem sueca, como Lennart Lundmark, Gunlög Fur e Magnus Mörner e outro formado por pesquisadores de origem sámi, como Veli-Pekka Lehtola, Rauna Kuokkanen, Harald Gaski, May-Britt Öhman e Katarina Sikku. Ver discussão sobre essas historiografias em: FUR, G.; NAUM, M.; NORDIN, J. M. *Intersecting Worlds: New Sweden's Transatlantic Entanglements*. **Journal of Transnational American Studies**, 7(1), 2016.

¹⁴ A produção da professora da Linnaeus University, em Växjö (Suécia), é extensa. Citamos aqui alguns capítulos, artigos e livros publicados que consultamos: FUR, G. M. **Colonialism in the Margins: Cultural Encounters in New Sweden and Lapland** (The Atlantic World). Leiden: Brill Academic Publishers, 2006; _____. *Tillhör samerna den svenska historien? [Pertencem os sámi a História sueca?]*, **HumaNetten**, n. 22 (Outono), p. 1–10, 2008; _____. *Colonialism and Swedish History: Unthinkable Connections?* *in*: NAUM, Magdalena; NORDIN, Jonas. **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity Small Time Agents in a Global Arena**, New York: Springer, 2013; _____. *Concurrences as a Methodology for Discerning Concurrent Histories and What Reading for Concurrences Offers Postcolonial Studies*, ambos em: **Concurrent Imaginaries, Postcolonial worlds: Toward Revised Histories**. Leiden: Brill, 2017, p. 3–57. A sueca é, também, coautora e editora de: SVALASTOG, A. L.; FUR, G. (Orgs.). **Visions of Sápmi**, Røros: Arthub Publisher, 2015 e BRYDON, Diana; FUR, G.; FORSGREN, D (Orgs.), **Concurrent Imaginaries, Postcolonial Worlds: Toward Revised Histories**. Leiden: Brill, 2017.

¹⁵ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 229.

O caso específico da Suécia Moderna e sua relação com os sámi foi tema de um projeto temático da Universidade de Uppsala que buscou:

[...] examine how, when and why the collecting of Sámi objects took place during the early modern period, and to follow how these objects have moved between collections and collectors in the Nordic countries and elsewhere. Furthermore, the aim is to study the consequences and importance of the early modern collecting of Sámi material culture in today's society¹⁶.

Para isso, o projeto intitulado *Collecting Sápmi*, busca explicar por que, e mediante quais condições, os objetos sámi foram coletados no período moderno. A partir daí busca estabelecer a relação dessas coleções com outras de outros povos também em contato com os europeus (como o caso de diversos grupos indígenas de toda América, assim como na África e na Ásia). Por fim, esse projeto histórico-arqueológico propõe mensurar como esses movimentos da modernidade desembocaram nas noções de patrimônio e cultura sámi atuais¹⁷. Além disso, em 2019, foi realizado na Universidade de Estocolmo o congresso *The Global North*, que buscou fortalecer as discussões sobre o Norte pré-setecentista conectado às redes culturais, econômicas e políticas. Para o calendário de 2020, a *Society for the Advancement of Scandinavian Study* (SASS) organizará um congresso – centésimo primeiro encontro do grupo – em que a perspectiva dos emaranhamentos pós-coloniais, ênfase das últimas décadas de pesquisa, será tratada como o arcabouço teórico central de modo a escrutinar as relações de poder (passadas e presentes) e inserir os países escandinavos enquanto agentes do colonialismo¹⁸.

Desta maneira, a partir dessa nova postura historiográfica, buscamos relacionar a experiência política sueca durante o século XVII e o panorama histórico-cultural de coleta da vida material sámi – por meio do avanço sueco nas terras do Norte e da missionação luterana – à produção da *Lapponia* de Johannes Schefferus; figura proeminente da Universidade de Uppsala analisada por vasta bibliografia¹⁹. A partir da

¹⁶ OJALA, C.-G.; NORDIN, J. M. “Collecting Sápmi: Early modern collecting of Sámi material culture”. *Nordisk Museologi*, n. 2, n. 2015, p. 114.

¹⁷ *Ibidem*, p. 115.

¹⁸ De acordo com os organizadores do evento: “A few years after the 2017 centennial commemoration of the transfer of the Danish West Indian Islands to the United States, the SASS 2020 conference will be an opportunity to reflect if there is a noticeable shift in the understanding of the Scandinavian countries as part of coloniality, past and present. The conference’s approach to its location reflects recent historiographic thought that seeks to replace national histories with the recognition of shared, entangled, yet conflicted histories”. As informações do encontro anual do SASS estão disponíveis em: <https://scandinavianstudy.org/annual-meeting/sass-2020-puerto-rico/>. Último acesso em 27/12/2019.

¹⁹ Os textos que fazem menções e análises mais profundas sobre Johannes Schefferus e *Lapponia* são: CENTRAL ANTIKVIARIATET. **Katalog 56: Johannes Schefferus och fyra andra utländska lärda i**

análise dos trabalhos sobre o professor na última década, é possível identificar que sua *Lapponia* recebeu atenção considerável. A principal característica sublinhada nas análises foi a proposição de Schefferus como um marco na forma de se tratar dos sámi: há um “antes” e um “depois” de *Lapponia*.

O primeiro momento, anterior ao humanista, estaria marcado por referências pouco precisas e fantasiosas sobre os sámi que contribuíram para, conforme o estrasburguês, a necessidade de escrever um relato verídico sobre essas populações setentrionais. Já o segundo período, caracteriza-se pela “lapologia”, da qual a obra do professor é interpretada como a pioneira. Ou seja, a partir dos encontros culturais calcados nas propostas coloniais e missionárias (luteranas) na Suécia, os sámi passaram a interessar enquanto objeto antropológico. Assim, o texto de Schefferus teria sido escrito e impresso como forma de reivindicar o território da Sápmi e responder às ambições e curiosidades transnacionais do século XVII²⁰.

Publicada em folio pela primeira vez em 1673, na cidade de Frankfurt, *Lapponia* recebeu, ainda no século XVII, traduções para o inglês (1674), alemão (1675), francês (1678) e holandês (1682). No século XVIII, o texto recebeu outras três versões: duas inglesas (1704 e 1751) e uma holandesa (1716). Apesar dessas três novas edições, a maior parte das informações de *Lapponia* que circularam na Europa setecentista eram pequenos excertos aliados às imagens copiadas ou adaptadas (algumas coloridas) do texto. O estrasburguês foi, também, mencionado na famosa *Encyclopédie* editada por Denis Diderot e Jean d'Alembert, no entanto a citação não reforça seu status de autoridade no assunto. No artigo “Laponie”, o ilustrado Louis de Jacourt reconhece a existência do

Stormaktstidens Sverige [Catálogo 56: Johannes Schefferus e quatro outros estudiosos estrangeiros no Stormaktstiden sueco]. Stockholm, 2008, pp. 3 – 16. Disponível em: <http://www.centralant.se/Shefferus.htm> (acesso 14/06/2019); ANTILLA, T., **The Power of Antiquity: The Hyperborean Research Tradition in Early Modern Swedish Research on National Antiquity**, Oulu: University of Oulu, 2014; ELLENIUS, A. “Johannes Schefferus, Christina Minerva, and *Fortuna Audax*: A study in Political Emblematics” in: **The Emblem in Scandinavia and the Baltic**. Glasgow: Librairie Droz, 2006, pp. 75 – 102; ERIKSSON, Gunnar, **The Atlantic vision: Olaus Rudbeck and Baroque science**. Canton: Science History Publ., 1994; LINDKJØLEN, Hans. Johannes Schefferus og bogverket “Lapponia” utgitt 1673 [Johannes Schefferus e o livro “Lapponia” publicado em 1673] in: **Tromsø Museums Skrifter XXV (Festskrift til Örnulv Vorren)**. Tromsø Museum, Universitetet i Tromsø, 1994, pp. 23 – 35; SCHEFFER, Henrika. **Johannes Schefferus: en storman från 1600-talets Uppsala [Johannes Schefferus: um grande homem da Uppsala seiscentista]**. Uppsala: Wretmans Boktryckeri, 1918; STRÖMHOLM, Stig. “Johannes Schefferus: un strasbourgeois en Suède”, in: LIVET, G.; STRÖMHOLM, S. **L’Europe, L’Alsace et La France**. Strasbourg: Les éd. d’Alsace-Colmar, 1986, pp. 302 – 306; SVANBERG, Ingvar & HAAKAN Tunón (org.) **Samisk etnobiologi: människor, djur och växter i norr [Etnobiologia sami: humanos, animais e plantas]**. Nora: Nya Doxa, 2000, especialmente pp. 137 – 139, pp. 147 – 149, p. 162 e pp. 266 – 269.

²⁰ OJALA, C.-G.; NORDIN, J. M. *Op. cit.*, 2015, p. 134.

relato de Schefferus, mas o considera uma “história mal digerida”, especialmente se comparada com a versão de Voltaire sobre os povos do Norte²¹.

Além dos eruditos enciclopedistas, alguns viajantes franceses, em expedições à *Sápmi*, buscaram confirmar ou desmentir Schefferus. No próprio território sueco, a publicação *Lapônia ilustrada*, de Olof Rudbeck Jr., no mesmo volume que a edição inglesa de 1704 de *Lapponia*, reavaliava a narrativa de Schefferus. Outro sueco que, baseado em Schefferus, produziu seu próprio relato foi Carlos Lineu. Seu *Lachesis Lapponica*, publicado no início do século XIX (1811) circulou, assim como a obra de Schefferus no início do século XVIII, em textos breves e acessíveis a um público maior²². Já no final do século XIX, Gustaf von Düben partiu da análise de Schefferus para escrever sua etnografia sobre os sámi suecos em *Lapland and the Lapps* (1873). No entanto, assim como o estrasburguês duzentos anos antes, a maioria das informações que von Düben dispunha eram de segunda mão, especialmente Petrus Laestadius e Anders Fjellner²³.

Restrito aos estudos etnológicos dos séculos XIX e XX, o relato de Schefferus foi recuperado por Börn Collinder. Professor do departamento de línguas fino-úgricas da Universidade de Uppsala, Collinder, em seu *The Lapps* (1949), escreveu:

Apart from the remarkable *Muittalus samid birra*, written by the Lapp wolf-hunter, and translated into Danish, Swedish, English, and German, no broad survey of this subject has appeared in the English language since 1674, when Johannes Schefferus's learned compilation *Lapponia* was published [...] under the title *The History of Lapland*. It is the aim of the following pages to fill this gap²⁴.

Collinder, que assinalara a necessidade de se produzir uma nova descrição detalhada dos sámi, pouco dialoga com a obra de Schefferus ao longo das 231 páginas de seu volume.

²¹ “Saxon le grammairien qui fleurissoit sur la fin du xij siecle, est le premier qui ait parlé de ce pays & de ses habitans; mais comme le dit M. de Voltaire (dont le lecteur aimera mieux trouver ici les réflexions, que l'extrait de l'histoire mal digérée de Scheffer), ce n'est que dans le xvj siecle qu'on commença de connoître grossièrement la *Laponie*, dont les Russes, les Danois & les Suédois même n'avoient que de foibles notions” em: LOUIS CHEVALIER DE JAUCOURT. “Laponie” in MORRISSEY, R.; ROE, G. (eds). “Volume 9.” University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Autumn 2017 Edition), disponível em http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/extras/encpageturn.pl?V9/ENC_9-288.jpeg. Último acesso 14/01/2020. Agradeço o camarada de pesquisa em História Moderna, João Gilberto Walmsley Melato, que me apontou para a existência de um verbete sobre a Lapônia na *Encyclopédie*.

²² BURNETT, L. A. “Selling the Sami: Nordic Stereotypes and Participatory Media in Georgian Britain” in: HARVARD, J.; STADIUS, P. (orgs.). **Communicating the North: Media Structures and Images in the Making of the Nordic Region**. Farnham: Ashgate, 2013, p. 178.

²³ COLLINDER, B. **The Lapps**. New York: Princeton University Press, 1949, p. 229.

²⁴ *Idem*, p. IX.

No entanto, o professor sueco fez uma importante observação sobre o momento da produção de *Lapponia*:

Schefferus wrote *Lapponia* at the request of the Swedish authorities, and all the material available was put at his disposal. Clergymen who knew Lapland thoroughly were commanded to furnish him with detailed systematic descriptions, and it is not the least of Schefferus's merits that he quoted his informants on every page of his dissertation²⁵.

Pouco tempo depois de Collinder e sua nova descrição dos “lapões”, foi publicada *Lappland* (1956)²⁶, uma tradução sueca do trabalho de Schefferus, como oitavo volume da série *Acta Lapponica*, sob edição de Ernest Manker²⁷. Já nos anos 1970, uma edição fac-símile da versão inglesa de 1674 foi publicada em Estocolmo²⁸. Ambas as edições, em seus respectivos comentários críticos, endossam a narrativa semelhante à de Collinder sobre a encomenda do chanceler Gabriel de la Gardie. No entanto, a relação entre ambas as personalidades não deveria soar como novidade alguma, visto que o próprio Schefferus sublinhou sua devoção ao governante sueco²⁹. Nesse sentido, o panorama político de *Lapponia* foi, durante o século XX, simplificado ao fato de ter sido um trabalho requisitado.

Desse modo, percebemos que a ênfase conferida à obra esteve atrelada à análise de sua recepção e não, necessariamente, do texto, sendo que pouca atenção foi dada à dimensão retórica³⁰ e ao contexto histórico-linguístico do humanista. A partir

²⁵ *Idem*, p. 221.

²⁶ JOHANNES SCHEFFERUS. **Lappland**. Översättning från latinet av Henrik Sundin; granskad och bearbetning av John Granlund; utgiven: Ernst Manker [Lappland. Tradução de Henrik Sundin; revisão e adaptação de John Granlund; editado por Ernst Manker]. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1956. (*Acta Lapponica*, 8).

²⁷ Manker (1893–1972) foi um etnógrafo nascido Tjörn (Suécia) que dirigiu o *Etnografiska museet* [museu de etnografia] de Estocolmo. Grande estudioso das línguas sámi e muito conhecido por suas investigações sobre os tambores sámi. Entre seus trabalhos, destacam-se: **Die lappische Zaubertrommel: eine ethnologische Monographie**. Stockholm: Thule, vol. 1, 1938 e **Die lappische Zaubertrommel: eine ethnologische Monographie**. Stockholm: Thule, vol. 2, 1950. In: **SBL**, disponível em: <https://sok.riksarkivet.se/sbl/artikel/9025>, acesso em 21/02/2019.

²⁸ JOHANNES SCHEFFERUS. **The History of Lapland**. Stockholm: Bokförlaget Rediviva, 1971.

²⁹ Na versão latina de *Lapponia*, em sua dedicatória ao *rikskansler*, Schefferus finaliza: “Com máxima obediência e devotado espírito, para sempre, a vós dedicado”. O trecho intitula a seção 1.4 da dissertação.

³⁰ Entende-se retórica, aqui, como a apresentação de uma visão de mundo que, por meio do discurso, tem o objetivo de ensinar, agradar e comover. Desse modo, a “dimensão retórica” de *Lapponia* está conectada a um dispositivo de comunicação e organização do mundo que tinha como objetivo levar o leitor de Schefferus a crer em seu relato. Para estudos sobre introdutórios de retórica ver: BARTHES, R. *Rhétorique de l'image*. **Communications**, n. 4, 1964, pp. 40-51; REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 e TOYE, R. **Rhetoric: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

dessa discussão e da proposta de que a obra do professor estrasburguês “contribuiu de forma significativa para os debates sobre o progresso e destino dos indígenas e povos colonizados em todo o globo”³¹, propomos uma abordagem eclética, que sublinhe Schefferus como o construtor de uma nova camada conceitual sobre os sámi levando em consideração o contexto político (expansão e legitimação das ações suecas enquanto potência) e discursivo específico (referencial humanista e o discurso lapológico). Ao final dessa empreitada, esperamos contribuir com as reflexões sobre a formação e manutenção das estruturas políticas da Suécia setecentista (o chamado “processo de formação do Estado”) conectada à agência de personalidades como Johannes Schefferus e suas próprias fortunas.

Do ponto de vista teórico, propusemos uma abordagem contextual-conceitual, isto é, uma junção de duas tradições metodológicas: o *contextualismo linguístico* – conhecido, principalmente, pelos trabalhos de Quentin Skinner e John Pocock – e a *História dos conceitos*, pensada e divulgada pelo alemão Reinhart Koselleck. A partir dessa junção de ingleses e alemães, advogada por Melvin Richter, podemos examinar tanto os horizontes teóricos de Schefferus (a forma como ele interpretava e descrevia o mundo) quanto dos motivos – sejam eles os impulsos políticos ou a promoção, por parte do autor, de um estudo capaz de mover, informar e encantar o leitor – da escrita de *Lapponia*.

Dos britânicos utilizamos suas indicações sobre o *contexto linguístico* de Schefferus, isto é, procuramos investigar “o que o autor quis dizer” ao escrever *Lapponia*, levando em consideração que, para isso, precisamos extrapolar a análise textual e buscar elementos exteriores à fonte principal para, no fim, fornecer explicações plausíveis sobre o que o autor pretendeu ao escrever de determinado modo. Dos alemães, especialmente as contribuições de Reinhart Koselleck, partiremos de sua definição de conceito³² para, em uma análise sincrônica e diacrônica, compreender como Schefferus fundiu seus horizontes teóricos aos textos anteriores sobre o sámi para escrever *Lapponia*.

Ao tratar das origens do povo lapão, o humanista expõe sua tese central:

Negativamente, podemos sentenciar e concluir que eles não eram *suecos*, não havendo povo que fosse tão diferente, tanto na constituição do corporal e da

³¹ ANDERSSON, L. B. 2019, p. 157: “[Schefferus] made a significant contribution to debates on progress and the fate of indigenous and colonized peoples across the globe”.

³² KOSELLECK, R. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 10, 1992, pp. 134-148.

mente, assim como na língua e nos hábitos ou o que quer que seja considerado como característica de semelhança ou tendo a mesma origem. Ninguém pode pensar, também, que eles eram *russos* ou *moscovitas*; dado que [os lapões] diferem tanto destes quanto dos *suecos*. (...) Eles devem, então, descender de seus vizinhos, sejam os *noruegueses* de um lado ou os *finlandeses* do outro³³.

A passagem destacada é de extrema significância, pois nela, Schefferus fornece ao leitor os principais quesitos classificatórios que utilizou para descrever os sámi: suas formações físicas e psíquicas, hábitos e a línguas. A partir de uma descrição ambivalente desses habitantes, entre a diferença e a similaridade, Schefferus circunscreve os sámi à esfera de poder do rei sueco e especula sobre a origem dos lapões com o objetivo de separá-los dos suecos.

No primeiro capítulo, iniciamos com um levantamento das visões do Norte anteriores ao texto de Schefferus. Enfatizamos as publicações do humanista sueco Olaus Magnus (*Carta Marina e Historia de Gentibus septentrionalibus*, 1555) e sua recepção em textos como Antonio de Torquemada (*Jardín de las flores curiosas*, 1570). Cem anos depois da publicação de Magnus, a Europa tratava de uma Lapônia conhecida por seus bruxos e feiticeiros que, segundo a propaganda católica, teria participado dos confrontos militares durante a Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648). Buscando afirmar sua posição enquanto reino luterano consolidado, era impensável a possibilidade de associação dos suecos à magia e feitiçaria proveniente do Norte. Foi a partir disso que o humanista Johannes Schefferus recebeu a incumbência de escrever um relato sobre os habitantes da *Sápmi*. O texto recebeu, em uma década, traduções para diversas línguas europeias e é considerado o primeiro a tratar exclusivamente da geografia e formas de viver dos povos setentrionais. Assim, em pouco tempo, Schefferus tornou-se fonte importante de consulta para os diversos viajantes que visitaram a região, como Regnard Outhier e Carlos Lineu. Em seguida, para compreender as implicações políticas relacionadas ao projeto de construção e expansão de um potestado moderno em avanço, descrevi Johannes Schefferus como humano e humanista. Ou seja, buscamos inseri-lo seu tempo e ambiente

³³ JOHANNES SCHEFFERUS. **The History of Lapland wherein are shewed the original, manners, habits, marriages, conjurations, etc. of that people.** Oxford: George West and Amos Curtein, 1674, p. 16: “Negatively we may pass sentence, and conclude they were not *Swedes*, no People differing more both in constitution of body and mind, in language and habit, or whatever else is taken for a character of likeness, or having the same originall. Neither can any one think that they were ever *Russians* or *Moscovites*; seeing they differ as much from them, as from the *Swedes*. (...) They must then come from their Neighbours, either the *Norwegians* on the one side, or the *Finlanders* upon the other”. Os itálicos foram retirados do próprio texto.

intelectual, estabelecendo, portanto, suas conexões e visões de mundo para, no final, relacionar sua figura ao processo de fortalecimento do Estado sueco.

No capítulo dois promovemos um balanço das interpretações acerca do período, na História sueca, conhecido como *Stormaktstiden*. A partir daí evidenciamos alguns episódios – entre os séculos XVI e XVII – relacionados aos desafios e atritos internos enfrentados pela dinastia Vasa para a construção de instituições mais centralizadoras. Por fim, partimos para a investigação do momento expansionista sueco iniciado a partir da intervenção de Gustavo II Adolfo no conjunto de conflitos que denominamos Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648). Em meados do século XVII, a Suécia buscou firmar sua posição em territórios como a Calota Norte³⁴, territórios bálticos (Estônia e Livônia) e para a costa do Atlântico Norte (bacia do rio Delaware). Desse modo, nossa proposta é que a formação e a expansão desse Estado moderno fazem parte de um mesmo processo. Podemos demonstrar essa tangência se, em nossa análise, considerarmos tanto as disputas políticas internas (responsáveis por forjar a base política e constitucional do reino) quanto o processo de expansão territorial e envolvimento sueco em conflitos no continente ao longo do século XVII.

Quanto à cronologia utilizada, cabe, ainda, um alerta. Dada à natureza e restrição espacial do nosso trabalho, uma análise completa desse processo bidimensional de formação do Estado (e seus quase 200 anos), seria tanto infrutífera quanto pouco útil, visto que já existem trabalhos consolidados sobre o assunto. Além disso, não estamos preocupados em fornecer um enquadramento completo da “ascensão e queda” do império sueco, mas sim em fornecer uma descrição dos diferentes panoramas em que a Suécia esteve inserida, entre meados do século XVI e finais do XVII, e sua busca por reafirmação ou protagonismo político e cultural no cenário europeu.

No terceiro e último capítulo, procuramos circunscrever a historiografia recente que trata das relações pós-coloniais ao relato de Schefferus. Em seguida, tratamos da dimensão textual de *Lapponia* sublinhando os trechos e estratégias argumentativas utilizadas por Schefferus para construir, conceitualmente, os sámi como “outro”³⁵. Por se tratar de uma obra escrita por um europeu cristão sobre um povo considerado outro, *Lapponia* deve ser pensada de modo amplo, levando em consideração um contexto triplo:

³⁴ LÄHTEENMÄKI, M.; PIHLAJA, P. M. (ed.). **The North Calotte: perspectives on the Histories and cultures of Northernmost Europe**. Helsinki: Inari Kustannus-Puntsi, 2005 [Helsingin Yliopiston Historian Laitoksen julkaisu, Historian Laitos, 18].

³⁵ Esse exercício foi acompanhado de uma incursão teórica que promoveu uma abordagem metodológica eclética ao fundir a *História dos conceitos* e o *contextualismo linguístico* e sua relação com este trabalho.

o histórico, quando e porque a obra foi escrita; o narrativo, como se articulam as informações na obra; e o cultural, que tenta vincular a obra com o grupo a que ela era destinada³⁶. Desse modo, a *Lapponia* de Schefferus é, também, a materialização das ambições coloniais da Suécia na região: a sacralização do poder imperial do centro sobre a periferia³⁷. Assim, uma visão “eurocêntrica” parte das assertivas de que a História da Modernidade consistiria na transmissão das realizações ocidentais; e, em segundo lugar, da noção de autossuficiência da História europeia frente ao resto do mundo³⁸. No caso concreto da construção (que chamamos de) *eurocêntrica* dos sámi, referimo-nos às criações de uma identidade sámi a partir de narrativas europeias (suecas) em detrimento das indígenas e que, desde o século XVII, ofuscou qualquer possibilidade nativa de autodeterminação³⁹.

Resta-nos assinalar, apenas, algumas questões sobre a escolha de vocabulário: mesmo ciente da herança colonial existente, recorri ao uso de termos como “lapão” e “Lapônia” – hoje entendidos como depreciativos – pela necessidade de encontrar sinônimos para os termos autóctones, como “sámi” e “Sápmi”. O apelo ao uso dos primeiros termos se justifica, também, pela sua maior recorrência na língua portuguesa. No entanto, sempre que possível, optamos pelos termos locais, adaptando-os ao idioma português (propus o plural de “o sámi” como “os sámi”)⁴⁰.

Outros termos que merecem destaque são as palavras que escolhi para substituir “Johannes Schefferus” ao longo do texto. Recorri ao uso de adjetivos como “estrasburguês”, “filólogo”, “professor” e “humanista” com o único objetivo de evitar a repetição. Assim, mais do que tentar circunscrevê-lo a categorias atuais, busquei dar

³⁶ Semelhante à proposta de HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 288.

³⁷ Derivamos essa análise da visão Hegeliana, apontada por Enrique Dussel, de que a Europa possuiria o direito absoluto de ser o motor para o desenvolvimento do espírito do mundo. Ver: DUSSEL, E. Eurocentrism and Modernity (Introduction to the Frankfurt Lectures). **Boundary 2**, Vol. 20, No. 3, The Postmodernism Debate in Latin America (Autumn), 1993 p. 73.

³⁸ LENNOX, S. Beyond Eurocentrism. **The German Quarterly**, Vol. 78, No. 4, Focus on Film (Fall, 2005), p. 517

³⁹ Outras referências importantes para operacionalizarmos o conceito de eurocêntrico/eurocentrismo são o artigo de ALVARES, C. A Critique of Eurocentric Social Science and the Question of Alternatives. **Economic and Political Weekly**, Vol. 46, No. 22 (MAY 28-JUNE 3), 2011, pp. 72-81; as ressalvas feitas ao artigo por DESHPANDE, A. Eurocentric versus Indigenous. **Economic and Political Weekly**, Vol. 46, No. 30 (JULY 23-29), 2011, pp. 87-88 e os capítulos de PAGDEN, Anthony. “Europe: Conceptualizing a Continent” (pp. 1 – 32) e TULLY, J. “The Kantian Idea of Europe” (pp. 331 – 358) presentes no volume PAGDEN, Anthony (org.) **The Idea of Europe: From Antiquity to the European Union**. New York: Cambridge University Press, 2002.

⁴⁰ Agradeço a pesquisadora Tuire Liimatainen que, durante o curso de verão *An Introduction to Conceptual History*, sediado na Universidade de Helsinki, em 2019, chamou minha atenção para a necessidade de explicitar minhas escolhas de vocabulário.

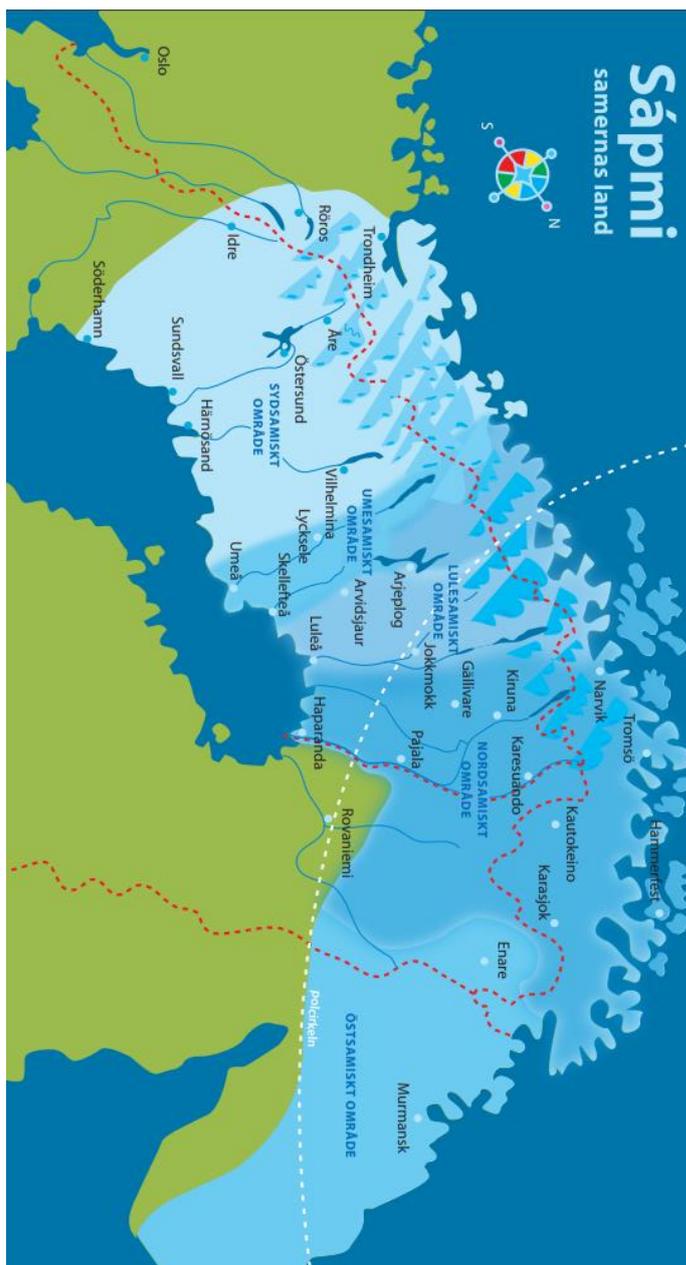
fluidez ao texto sem, necessariamente, me preocupar em qualificar esses atributos que conferi a Schefferus⁴¹.

Além disso, ressalto que os trechos citados foram todos traduzidos por mim, com exceção das referências em finlandês, traduzidas por Veli-Pekka Lehtola para o inglês⁴². A grafia foi mantida, no rodapé, em seu formato original e todas as menções à *Lapponia* – salvo indicação nas notas – foram extraídos da primeira versão britânica do texto⁴³.

⁴¹ Como exceção, destaco o termo “humanista”, discutido na página 53. Ver, em especial, a nota 120.

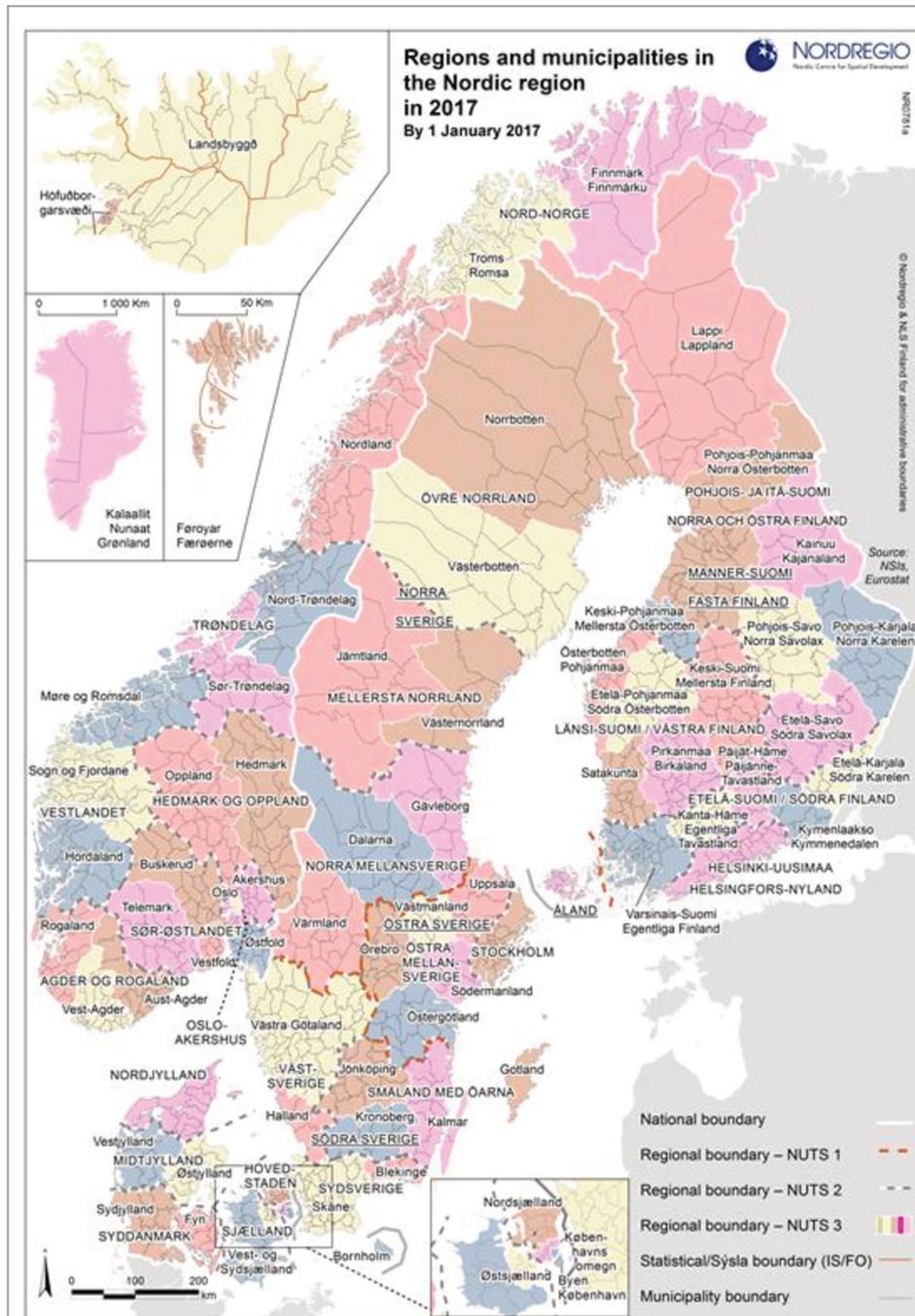
⁴² LEHTLOA, V.-P. “Sámi Histories, Colonialism, and Finland”. *Arctic Anthropology*, v. 52, n. 2, 2015, pp. 22 - 36.

⁴³ Para uma cronologia completa das traduções e versões da obra, ver anexo 2.



Mapa 1. *Sápmi*: a terra dos povos sámi⁴⁴

⁴⁴ Os mapas disponíveis que enfatizam a região da Sápmi são poucos ou incompletos. Para fins didáticos, o que optamos por utilizar, por exemplo, não indica a escala. No entanto, é importante não confundir a falta de informações com sua qualidade. Essa projeção é da autoria do centro de informações sámi (*Samiskt informationscentrum*), importante núcleo que visa à manutenção da História e cultura local. Além disso, do ponto de vista da inteligibilidade e da estética, foi o melhor que encontramos. Pode ser acessada em: <http://www.samer.se/karta>, última consulta em 27/02/2019.



Mapa 2. Regiões e municipalidades dos países nórdicos

CAPÍTULO 1

DA BARBÁRIE ÀS LETRAS: CONCEITUANDO O NORTE

1.1 O Norte como terra longínqua e perigosa

“Fugi, benjaminitas [...] Porque uma desgraça se ergue do norte, um desastre enorme”⁴⁵.

Descrito por Geoffrey Parker como a centúria do soldado⁴⁶, o século XVII europeu foi palco de um dos conflitos mais lembrados no mundo Ocidental: a Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648). Inserida em um contexto de crises⁴⁷, diversos potentados confessionais se envolveram na contenda ao longo dos anos. Em 1630, após a saída da fatigada Dinamarca – principal força Protestante até então – os suecos, liderados por Gustavo II Adolfo, desembarcaram na costa da Pomerânia para dar início a suas campanhas. Com as vitórias em Breitenfeld (1631) e rápido avanço contra as tropas imperiais e seus aliados, o “Leão do Norte” (ou “Leão da meia-noite”) tornou-se o novo símbolo de esperança Protestante. No entanto, na mesma medida em que foi descrito como salvador por seus aliados, o monarca sueco recebeu epítetos como o “rei da Neve do Norte”, o “monstro de Estocolmo”, “o tirano da Suécia”, “o selvagem do Norte” ou, ainda, “o novo Átila, ou prova do Anticristo”⁴⁸.

No entanto, é interessante notar que o tema da bruxaria e seu vínculo à região Norte, especificamente à Lapônia e Finlândia, têm datação mais antiga. Em algumas passagens de diferentes Sagas Islandesas⁴⁹, a bruxaria e feitiçaria são a principal característica atribuída aos habitantes dessas regiões. Na *Ynglinga Saga*, existem narrativas sobre o envolvimento dos reis Vanlandi e Agni com belas mulheres (bruxas) sámi que por vingança, acabam por rogar feitiços que levam à morte dos governantes.

⁴⁵ BJ, Jeremias 6:1. Existem, no mesmo livro, outras duas passagens que fazem referência a um Norte maligno: “E Iahweh me disse: Do Norte derramar-se-á a desgraça sobre todos os habitantes da terra” (Jr, 1:14) e “Fugi! Não fiquéis parados! Por que eu trago desgraça do Norte, ruína enorme” (Jr, 4:6).

⁴⁶PARKER, G. *La Revolución militar: inovación militar y apogeo de occidente 1500 – 1800*. Madrid: Alianza Ensayo, 2001, p. 25.

⁴⁷ Tratamos aqui, de forma geral, ao período de crise do século XVII descritas por: HAZARD, Paul. *A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015; PARKER, G. *Global Crisis: War, Climate Change and Catastrophe in the Seventeenth Century*, New Haven: Yale University Press, 2013 e SCHILLING, Heinz. *Early Modern European civilization and its Political and Cultural Dynamism*. The Menahem Stern Jerusalem Lectures. Lebanon: University Press of New England, 2008.

⁴⁸STADIUS, P. *Southern Perspectives on the North: Legends, Stereotypes, Images and Models*. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdańskiego, 2001, p.5.

⁴⁹ A maior parte das versões e traduções aqui utilizadas foi acessada em <<http://sagadb.org/>> que compila diversas edições e traduções de variadas Sagas Islandesas em sete idiomas contemporâneos e em Nórdico Antigo. Última data de acesso: 26/06/2018.

Além disso, existem diversas referências a mulheres de origem sámi que ganham poder e influenciam reis e príncipes graças à pura magia nas sagas. O caso de Haroldo Cabelos-Belos (NA. *Haraldr Hárfagri*), retratado na *Heimskringla*, também é interessante: o norueguês é vítima de um feitiço que transforma Snæfriðr, a filha do rei sami Svási, em sua única obsessão e a condição imposta para que Haroldo pudesse deitar-se com ela era o casamento. Outro exemplo, também da *Heimskringla*, seria o de Gunnhildr, treinada nas artes mágicas sami por dois exímios caçadores bruxos. Após encontrar a tropa de Eric Machado-Sangrento (NA. *Eiríkr Blóðøx*), planejaram uma emboscada para os caçadores, fugiram e se casaram⁵⁰.

Como aponta Mundal⁵¹, a insistência na descrição da feitiçaria como atividade sámi seria um artifício autoral que visava distanciar o passado pagão nórdico da era cristã atual. Sabemos que a relação simbiótica dos povos circulantes pela Fenoscândia variou entre a cooperação, coexistência e violência ocasional e, com a ascensão do Cristianismo, houve notável alteração no relacionamento entre esses diferentes grupos, sendo possível notar tais diferenças nos achados arqueológicos dessas regiões de contato. Embora o contato entre “pagãos” e “cristãos” fosse comum⁵², relatos como as Sagas e a *Historia Norwegiae* enfatizam o caráter estranho, negativo e demoníaco dos povos do Norte sem urgir por sua conversão.

A má reputação do Norte enquanto espaço incompatível para sustentar a vida parece ser o ponto central que associa a malícia aos *finnar*: à concepção de que a qualidade do espaço afeta as pessoas soma-se a ideia de um povo não civilizado, conectado com a terra e dotado de habilidades mágicas e idolatrias pagãs. A este exemplo, os noruegueses que visitavam *Jotunheim*⁵³ viajam para o Norte. Além disso, as noções de perigo, frio extremo, fome e longa escuridão invernal são associadas, nesses relatos nórdicos, ao Norte.

Retratados como usuários de roupas feitas de pele animal, habitantes de tendas e que tinham predileção por manteigas e gorduras animais (produtos trocados com os germânicos da região dada sua indisponibilidade nas terras setentrionais), a única

⁵⁰ Para a referência do feitiço de Snæfriðr, ver **Heimskringla**, vol. I, p. 75. O relato de Gunnhildr se encontra em **Heimskringla**, vol. II, pp. 78-79.

⁵¹ MUNDAL, E. “The perception of the Saamis and their religion in Old Norse sources”. In: PENTINKÄINEN, J. (ed.) **Shamanism and Northern Ecology**. Religion and Society vol. 36, 1996, p. 113.

⁵² Ver, MUNDAL, E. *Op. cit.*, pp. 102 – 103.

⁵³ Na Mitologia nórdica, o “Mundo dos Gigantes”. Ver: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica**. São Paulo: Hedra, 2015, pp. 273 – 274.

habilidade que aparece associada aos *fínicos* é, também, dada à condição das terras do Norte: esquiar. Na *Gesta Danorum*, por exemplo, *Saxo Grammaticus* emprega o nome *skritfínnss* (“esquiadores fínicos”) para descrever aquele povo. Na Saga de Santo Olavo, capítulo 82, há uma breve descrição do pequeno “Fin”⁵⁴:

Havia um homem do planalto⁵⁵ chamado Fiðr, o pequeno e alguns diziam que era de descendência lapônica⁵⁶. Era o menor e mais rápido de todos os homens, de forma que nenhum cavalo o alcançaria quando corria. Era, também, o homem mais habilidoso com esquis e o arco⁵⁷.

Nas ilhas britânicas, a produção anônima da *Geographia Universalis*, datada do século XIII d.C., narra os fínicos e lapões – exímios magos – como vendedores de cordões com nós para marinheiros⁵⁸. Mas, no final do século XVI, essas descrições passaram a figurar obras literárias: William Shakespeare (*Comedy of Errors*, 1594), Christopher Marlowe (*Faustus*, 1604) e John Milton (*Paradise Lost*, 1667) também fazem referência à feitiçaria proveniente da Lapônia. Além dessa presença em textos literários, a *Demonology* (1597) do Rei James VI Stuart da Escócia, também trata do fenômeno. No capítulo III do terceiro livro, durante o diálogo de Epistemon e Philomates lemos as explicações do motivo de diversos espíritos, denominados *incubi* e *succubi*, assombrarem as partes mais setentrionais e bárbaras do mundo⁵⁹:

P. Mas qual é a causa de ser esse tipo de abuso considerado mais comum em partes tão selvagens do mundo, como Lapônia e Finlândia ou em nossas ilhas do norte, Orkney e Shetland?

⁵⁴ Outras versões propõe a tradução do termo Fiðr para Fin que, além de seu nome, seria clara referência à sua origem.

⁵⁵ No Nórdico antigo Upplönd, conforme o *Skaldic Project* (<http://skaldic.abdn.ac.uk>), é uma região do planalto norueguês (condado de Opplanda). Último acesso em 25/02/2019.

⁵⁶ Pela falta de uma palavra em português que designe “habitante que provém da Lapônia”, e da necessidade de encontrarmos um termo de fácil uso, propomos essa tradução.

⁵⁷ “There is a man called Fiðr litli (the Small), a man from Upplönd, but some say that he was a Lapp by descent. He was the smallest of all men and the fastest runner of all men, so that no horse could catch him up when running. He was the most skilled of men with skis and the bow”. In: STURLUSON, Snorri. *Heimskringla Volume II*, Trad. Alison Finlay e Anthony Faulkes. Viking Society for Northern Research: Exeter, 2014, p. 77.

⁵⁸ MOYNE, E. **Raising the wind: the legend of Lapland and Finland wizards**. Newark: University of Delaware Press, 1981, pp. 14-15.

⁵⁹ NORMAND, L.; ROBERTS, G., **Witchcraft in early modern Scotland: James VI’s demonology and the North Berwick witches**, Exeter: University of Exeter Press, 2000, p. 412.

E. Porque onde o diabo encontra maior ignorância e barbárie, ali ele assalta mais violentamente, assim como eu dei a ti a razão pela qual existem mais bruxas mulheres do que homens⁶⁰.

Na Espanha católica – inimiga dos suecos durante a Guerra dos Trinta Anos – o Norte maravilhoso e seus habitantes aparecem no texto *Jardín de flores curiosas* (1570) do conhecido Antonio de Torquemada. O frade dominicano dedica diversos trechos à descrição dos fenômenos que ocorriam no Norte como feiticeiros, bruxas, necromantes, lobisomens, monstros marítimos⁶¹ e práticas da venda de ventos:

Todos das províncias da Biarmia, Scrifinia e Finamarca e outras que estão próximas a elas, segundo a fama comum, exercitam a arte da necromancia - principalmente os da Finlândia e da Lapônia [...] aos comerciantes que chegavam pelo mar às suas margens, quando tinham ventos opostos, costumavam vender prósperos [ventos] por dinheiro e mercadorias⁶².

O que o texto do humanista de Leão tem em comum com o tratado do rei escocês e com as peças dos dramaturgos britânicos é a referência a uma autoridade sobre o Norte: a *Historia de gentibus septentrionalibus*, do sueco católico Olaus Magnus. No caso de Torquemada, o apelo à autoridade é explícito:

Quero deixar tudo isso e concluir o que refere a este terra de que tratamos com o que alguns historiadores de nosso tempo escreveram [...] E melhor do que todos Olaus Magno, arcebispo upsaliense (a quem já mencionamos outras vezes) em uma crônica sobre as terras e natureza das coisas que estão ao Norte;

⁶⁰ “P. But what is the cause that this kind of abuse is thought to be most common in such wild parts of the world, as Lapland and Finland or in our north isles of Orkney and Shetland? E. Because where the devil finds greatest ignorance and barbarity there assails he grossliest, as I gave you the reason wherefore there was more witches of womenkind nor men”. Em: NORMAND, L.; ROBERTS, G. *Op. cit.*, p. 414.

⁶¹ RODRÍGUEZ, M.B. “Unknown and Barbarian: Scandinavia and the boundaries of civilization in Early Modern Spain”, in: JØRGENSEN, D.; LANGUN, V. **Visions of North in Premodern Europe**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 250.

⁶² “Todos los de las provincias de Biarmia, Scrifinia y Finmarquia y otras que están junto a ellas, según la fama común ejercitan esta arte de nigromancia, principalmente los de Finlandia y Laponia [...] a los negociantes que venían por la mar a sus riberas, cuando tenían vientos contrarios se los solían vender prósperos por dineros y mercaderías”. Em: ANTONIO DE TORQUEMADA. “Jardín de flores curiosas”. Editado por Enrique Suárez Figaredo. **Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento**, n. 16, 2012, p. 805. Disponível em: <https://parnaseo.uv.es/Lemir/Revista/Revista16/Revista16.html>. Último acesso em 10/12/2019. Esta edição, publicada em forma de artigo que atualizou a grafia para o espanhol moderno, faz referência ao exemplar Us0z/8309, da Biblioteca Nacional da Espanha, datado de 1570. Para outras ressalvas do editor, ver: FIGAREDO, E. S. Advertência. In: ANTONIO DE TORQUEMADA. *Op. cit.*, pp. 607 – 621.

e que, apesar de ter nascido e sido criado na mesma terra, também tinha que ter mais notícias de tudo o que ouviu nela [...] ⁶³.

Para os escritos dos britânicos, a relação com a *Historia* de Olaus Magnus é, ainda, alvo de debates. No entanto, se levarmos em consideração que a obra, além da impressão original (1555), recebeu traduções para o italiano, inglês, francês, holandês e seis versões resumidas ⁶⁴, torna-se plausível a tese de que o sueco fora lido por essas personalidades ⁶⁵.

Já conhecido por sua *Carta Marina* (1539), uma das representações geográficas pioneiras da península escandinava, Olaus Magnus (Su. *Olof Månsson*), complementou sua cosmografia ao publicar a *Historia de Gentibus Septentrionalibus* (1555). Escrita durante seu exílio na península itálica, foi o resultado acumulado de suas experiências itinerárias ao Norte da Escandinávia (entre 1519 – 1521), do contato com outros humanistas em sua estadia na Polônia – como Damião de Góis e Jacob Ziegler –, do convívio com elementos da Cúria papal em Roma e da companhia de seu irmão, Johannes Magnus. Esse último aspecto, na verdade, é central para compreendermos a dimensão retórico-política da obra de Olaus, assim como suas possíveis intenções ⁶⁶.

Leitor dos textos Antigos sobre o Norte e atento às referências bíblicas que, durante o Medievo, perpetuaram a visão de um Norte maligno - como a passagem em Jeremias 6:1 - o bispo sueco buscou descrever cada *miraculum* como um sinal do entendimento do trabalho divino. Mesmo a neve, o gelo e o frio intenso – fenômenos mais temidos do Norte – eram responsáveis pela manutenção da vida, seja para a fertilização

⁶³ [...] yo quiero dejar todo esto y concluir lo que toca a esta tierra de que tratamos con lo que algunos historiadores de nuestro tiempo han escrito [...] Y mejor que todos Olao Magno, arzobispo Upsalense (de quien habemos hecho mención otras veces) en una *Corónica* de las tierras y naturaleza de las cosas que están al Septentrión; el cual, aunque como nacido y criado en la mesma tierra había de tener mayor noticia de todo lo que oviese en ella [...]. Em: *Idem*, p. 793.

⁶⁴ “Introduction”, pp. lxx-lxxii in: OLAUS MAGNUS, *Op. cit.*, 1996.

⁶⁵ Esse balanço sobre a presença de Olaus em outros textos pode ser encontrado em “Introduction”, pp. p. lxxi in: OLAUS MAGNUS, *Op. cit.*, 1996 e. Sobre as apropriações de John Milton do texto de Olaus Magnus, ver: HANKINS, J. E. Milton and Olaus Magnus in: ALLEN, D. C. (ed.) **Studies in honor of T. W. Baldwin**. Urbana: University of Illinois Press, 1958, pp. 205 – 210. Julie Maxwell defende, ainda, que as *Historia* dos irmãos Magnus, assim como a *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus, foram fundamentais como canais de informações locais da região para William Shakespeare escrever sua peça *Hamlet*. Desse modo, não seria absurdo estender essa tese para a escrita de *Comedy of Errors*. Ver: Maxwell, J. “Counter-Reformation Versions of Saxo: A New Source for ‘Hamlet’?” **Renaissance Quarterly**, vol. 57, no. 2, 2004, pp. 518–560. No caso do regente escocês, a explicação reside no fato de que, por intermédio do dinamarquês Niels Hemmingsen, com quem manteve alguma relação durante o inverno de 1589-90, James VI entrou em contato com as discussões sobre bruxaria na Escandinávia. Ver: NORMAND, L.; ROBERTS, G. *Op. cit.*, p. 330.

⁶⁶ As peculiaridades e relações políticas das obras dos irmãos Magnus serão abordadas no capítulo 2 dessa dissertação.

do solo ou para fortificar os homens⁶⁷. Procurando atrelar os fenômenos do Norte com outras passagens bíblicas, como Jó 37:22⁶⁸ e o salmo 48:2-4⁶⁹, Olaus descreve um povo resiliente, dada a natureza frígida e árdua da região.

Ao descrever a *Biarmia*⁷⁰, a *Finnmark*, e seus habitantes, por exemplo, não fica claro a quem o autor se refere:

Na parte mais distante de Biarmia vivem certos povos, monstruosos e estranhos (...) [A Finnamarca] é uma região no norte da Noruega (...) que possui homens com corpos duros e grandes corações, acostumados a se defenderem vigorosamente contra o ataque de inimigos⁷¹.

Se cotejarmos esse relato com as produções imagéticas de Olaus – seja a *Carta Marina* ou a *Regnorum Aquilonarium descriptio* presente em sua *Historia* – percebemos certa inconsistência nas localizações dessas áreas se considerarmos que a primeira produção é mais antiga que o rascunho presente na segunda.

⁶⁷ JOHANNESON, K. **The Renaissance of the Goths in Sixteenth-century Sweden: Johannes and Olaus Magnus as Politicians and Historians**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991, p. 178.

⁶⁸ “(...) e do norte chega a claridade. Deus envolve-se em assombrosa majestade”. Notar que, na tradução do hebraico, conforme os exegetas, “claridade” (*zôhar*) tem relação com o termo “ouro” (*zahab*) in: BJ, p. 849 (nota f).

⁶⁹ “Taweh é grande e muito louvável na cidade do nosso Deus, a montanha sagrada, bela em altura, alegria da terra toda; o monte Sião, no longínquo Norte, cidade do grande rei: entre seus palácios, Deus se revelou fortaleza” in: BJ, pp. 911-912.

⁷⁰ Hoje conhecida como Península de Kola.

⁷¹ “In the farther part of Biarmia live a certain peoples, monstrous and strange (...) [Finnmark] is a region in the northern part of Norway (...) it possesses men with tough bodies and great hearts, who are accustomed to defend themselves vigorously against the assault of enemies.” Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 18.



Figura 1. Rascunho dos reinos do Norte, presente na *Historia* de Olaus Magnus⁷².



Figura 2. *Carta Marina* (1539) com recorte na Fenoescândia.

É interessante notar a existência de outra localidade, entre a *Finnmark* e a *Biarmia*, denominada *Scricfinnia* onde “(...) seus habitantes alcançam uma velocidade impressionante por meio de certas tábuas retas”⁷³. Dada à nomenclatura da região, poderíamos concluir que ela seria habitada apenas por populações fínicas. No entanto, a principal característica atribuída a esses habitantes – a habilidade de esquiar – é

⁷² A imagem recortada foi digitalizada pela *Nasjonalbiblioteket* (Biblioteca Nacional da Noruega) e se encontra disponível em: https://www.nb.no/items/URN:NBN:no-nb_digibok_2009042911001 (acesso em 06/06/2019) e <http://runeberg.org/olmagnus/0094.html> (acesso em 06/06/2019).

⁷³ “(...) its inhabitants achieve a wonderful speed by means of certain flat planks”. Em: OLAUS MAGNUS, *Op. cit.*, 1555, p. 22.

observada, também, em outros locais da *Carta Marina* e na descrição dos *lapps* no capítulo 25 do primeiro livro da *Historia*:

(...) com pranchas curvadas ou longas estacas presas às solas dos pés, movem-se sobre a neve nos vales e nas montanhas, seguindo um curso íngreme em seu sinuoso, mas calculado progresso. (...) Quando atravessam os picos das montanhas cobertas de neve, que até fazem em competição, têm uma velocidade e uma destreza que os outros dificilmente conseguem alcançar com o apoio de implementos mais planos e mais curtos sobre gelo liso e nivelado⁷⁴.

As diferenciações entre *lapps* e *finns* são mais visíveis quando Olaus trata das diferentes atividades econômicas empreendidas por essas populações:

A atividade desse povo (...) que habita os vazios do norte, concentra-se na caça e na pesca, e eles vivem das trocas com moscovitas. Os fínicos praticam a agricultura, a pesca e o corte de madeira (...)⁷⁵.

Para Olaus, o ambiente duro e perigoso era responsável por moldar o estilo de vida dos *lapps* e a caça era entendida como importante atividade para a garantia do alimento e das peles de animais, importante recurso de troca em contatos com os germânicos do sul ou moscovitas do leste (retratados, inclusive em diversos episódios nas Sagas). Sobre o comércio de peles, Olaus adiciona que “centenas de peles valiosas podem ser obtidas nessa região, mas mais por escambo do que pela oferta de um número grande de moedas”⁷⁶. O autor descreve, ainda, a existência de outros tributos pagos pelos *lapps* aos moscovitas e noruegueses, já que os habitantes do Norte “reconheceram a jurisdição desses senhores”⁷⁷. Outra vez, é interessante ressaltar o conteúdo político dessa afirmação. Após a saída da Suécia da União de Kalmar, Dinamarca e Noruega continuaram o acordo político. Desse modo, os domínios noruegueses são, por extensão, dos dinamarqueses. Porém, no trecho citado, Olaus suprime os dinamarqueses do relato,

⁷⁴ “(...) with curving planks or long stakes attached to the soles of their feet, move over the snow in valleys and on mountains, steering a headlong course in their winding but calculated progress. (...) when they traverse the peaks of snow-covered mountains, which they even do in competition, have a speed and nimbleness that others can hardly attain with the support of flatter and shorter implements on smooth, level ice.” Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 57-58.

⁷⁵ “The activity of these people (...) who inhabit the northern wastes is concentrated on hunting and fishing, and they live by bartering with muscovites. The Finns practise agriculture, fishing, and hewing wood (...)”. OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 199.

⁷⁶ “Hundreds of valuable furs can also be obtained in that region, but by barter rather than by offering a large number of coins”, em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 199.

⁷⁷ “They also pay the same sort of tribute to the king of Norway and to the prince of the Muscovites, since they acknowledge the jurisdiction of these lords”, em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, p. 202.

sendo possível interpretar essa ação como forma de encorajar os noruegueses à união com os suecos contra os tiranos dinamarqueses.

Além disso, Olaus aproveita-se de outra descrição para ressaltar as qualidades morais dos *lapps*: uma população abençoada, que “vive livre da discórdia civil, morando juntos sem inveja e compartilhando tudo em comum, alheios à enganação”⁷⁸. O humanista adiciona algumas imagens para sustentar sua argumentação. Olaus desenha a população da *Scricfinnia* em situação de caça⁷⁹: acompanhados por um animal que se assemelha a um cachorro, dois indivíduos portam arcos prontos para a descarga enquanto um terceiro carrega uma lança. Os três utilizam esquis para se locomover pela região. Ao fundo, é possível notar duas tendas – morada provisória do grupo. No entanto, apesar de ressaltar a habilidade dos sámi na arquearia, Olaus conclui que “essa raça é em grande parte de pequena estatura e compreensão limitada, já que eles não moram em cidades ou castelos, mas ou em aldeias, barracas ou vagões, ou nos desertos estéreis”⁸⁰.



Figura 3. O escambo entre *lapps* e moscovitas⁸¹.

A roupagem utilizada por esses habitantes, nas duas vinhetas, chama atenção do leitor. Conforme o humanista, dadas as condições climáticas, os “lapões selvagens se vestem com peles valiosas de diversos animais, não para exibição, mas por necessidade”⁸². A passagem possui caráter retórico, uma vez que podemos interpretá-la

⁷⁸ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 201.

⁷⁹ A mesma vinheta aparece duas vezes. Uma no livro 1 e uma no livro 4.

⁸⁰ “This race is mostly small in stature and of limited understanding, since they do not live in towns or castles, but either in villages, tents or wagons, or in the barren wastes”. Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996. 210.

⁸¹ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 201.

⁸² OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 200.

como uma forma de apreciar a simplicidade desse povo – diferentemente dos “sulistas” que não mediam esforços para obter esses itens sinônimos de luxo e realeza:

(...) essas pessoas que venho descrevendo são mais seguras habitando as florestas e os desertos vazios, onde refletem a beleza e a inocência da natureza, do que aquelas que vivem sob as leis de estados poderosos e com medo de penalidades⁸³.



Figura 4. A caça entre os *lapps*⁸⁴.

Além disso, o sueco usa a descrição das vestimentas como gancho para desmentir boatos sobre a selvageria dessa população ou como forma de instrução:

(...) Muitas pessoas acreditam que eles têm corpos peludos, como animais ou feras; isso talvez surja da ignorância ou do prazer que muitas pessoas levam em contar, de um modo que é inacreditável (...)⁸⁵.

Podemos considerar que parte do interesse do humanista em desmentir essas falácias se dava pelo projeto de cristianização dos *lapps*. O autor aponta esses indivíduos como obedientes e indica que um dos problemas para a dificuldade da manutenção do catolicismo na região seria a distância entre vilas e igrejas. Em outra vinheta, Olaus representa moradores da região – nas mesmas roupagens de peles – rumo à cerimônia batismal em uma igreja, carregando seus filhos nas costas:

⁸³ “(...) these people I have been depicting are safer inhabiting the forests and empty wastes, where they reflect the beauty and innocence of Nature, than those who live under the laws of powerful states and in fear of penalties”. Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 201.

⁸⁴ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 23.

⁸⁵ “(...) many folk rashly believe that they have hairy bodies, like animals or brute beasts; this perhaps arises from ignorance or from the pleasure that a great many people take in telling, in a way which is beyond belief (...)”. Ver: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 212.

(...) Aqueles que se entregaram à observância cristã são considerados muito obedientes, embora por causa da distância a que me referi, visitam suas igrejas batismais apenas uma ou duas vezes por ano (...) essas regiões não possuem trilhas e são cheias de perigos; os sacerdotes raramente podem entrar nessas regiões selvagens, e os bispos nunca⁸⁶.



Figura 5. *Lapps* rumo à igreja, com seus filhos nas costas⁸⁷.

Ao tratar da relação entre as populações de *lapps* e *finns* e o catolicismo há, novamente, uma separação. No capítulo 18 do livro 4, o humanista argumenta que a conversão ao Cristianismo, em território fínico, é datado do século XII graças ao poderio militar dos reis e à pregação de bispos da Suécia⁸⁸. Já no caso dos *lapps*, que viviam conforme as leis da natureza, deficientes de instrução⁸⁹, a fé cristã ainda era pouco professada. Sobre a demora da conversão desses povos do norte, Olaus buscou negar as afirmações de Ziegler, “mantenedor da loucura de Lutero⁹⁰” que atribuiu esse problema aos bispos católicos:

Por causa da perseguição **por parte de alguns grandes homens infectados por heresias**, os bispos dificilmente protegem o rebanho que haviam

⁸⁶ “(...) those who have yielded themselves to Christian observance are found to be very obedient, though because of the distance I have referred to they visit their baptismal churches only once or twice a year (...) these regions are trackless and full of perils, priests can seldom enter those wildernesses, and bishops never”. OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 219.

⁸⁷ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 219.

⁸⁸ “A Finlândia estava unida, por cerca de quatrocentos anos, aos vizinhos adoradores de Cristo pelo poder militar dos reis e pregação dos bispos da Suécia” [“Finland was united about four hundred years ago with the neighboring worshippers of Christ through the military might of the kings and preaching of bishops of Sweden”]. Em OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p.148.

⁸⁹ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 220.

⁹⁰ *Idem*, p. 221.

conquistado anteriormente por seu trabalho e ensino nas províncias do sul de suas dioceses⁹¹.

Seguindo as intenções de Olaus Magnus, é possível identificar que parte considerável das descrições sobre os *lapp* e *finns* empreendidas pelo católico relacionam-se ao tópico da religião. No capítulo 1 do primeiro livro, sobre a *Biarmia* e seus habitantes, Olaus relata o uso de magia como recurso bélico:

(...) Quando os habitantes da Biarmia planejam lutar, eles frequentemente trocam armas por magia, pois é seu costume dissolver o céu em tempestades de chuva com seus feitiços, para perturbar o aspecto alegre do ar com um aguaceiro miserável. (...) Esses povos são adoradores de ídolos (...) Através da feitiçaria de olhares, palavras ou algum outro dispositivo, eles mantêm as pessoas encantadas, de modo que elas perdem sua liberdade física e controle mental (...) ⁹².

No entanto, no livro 3, onde Olaus se debruça sobre as “adorações supersticiosas de demônios pelos povos do Norte”, ao mesclar seu relato com referências aos escritos de seu irmão, o bispo trata também dos antigos deuses godos⁹³ do templo de Uppsala e deixa claro que a preocupação com as divinações e formas de prever o futuro são práticas passadas entre a antiga população do local⁹⁴.

Apesar da ressalva feita, ao tratar do ducado da Finlândia, – “súdito do rei da Suécia (...) também esteve um dia encantado sob sua reverência por demônios”⁹⁵, Olaus utiliza tanto o termo *finn* quanto *lapp* ao se referir às práticas mágicas do Norte. Sobre as descrições de controles de elementos da natureza⁹⁶, Olaus chama atenção para os episódios de vendas de ventos, descritos pela primeira vez por *Saxo Grammaticus* e citadas por Jacob Ziegler. Diferente dos anteriores, Olaus identifica essa prática como

⁹¹ “Because of persecution by **certain great men infected by heresies** the bishops can scarcely protect the flock which they had earlier gained by their work and precept in the Southern provinces of their dioceses”. In: *Ibidem*, negrito nosso.

⁹² “(...) When the Biarmians plan to fight, they frequently exchange weapons for wizardry, for it is their custom to dissolve the sky into rain-storms with their spells, to upset the air’s joyful aspect with a miserable downpour. (...) These folk are idol-worshippers (...) Through witchcraft of eyes, words, or some other device, they hold people spellbound, so that they lose their physical freedom and mental control (...)”. Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 18, 1:1.

⁹³ Ou *götar* (Su.). Povo germânico que surgiu no século II a.C. defronte a Escandinávia. Retratados por Jordanes, ocuparam, assim como os suíones (*svear*, Su.), o território da atual Suécia. Ver: MOITA, S. T. “Godos”. In: LANGER, J. (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017, pp. 310 – 315.

⁹⁴ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 157.

⁹⁵ *Idem*, p. 148.

⁹⁶ *Idem*, p. 172.

pretérita e apenas produto da ficção⁹⁷. O assunto continuou a atrair a atenção de viajantes que buscavam desmentir o bispo (e condenar aqueles que acreditassem) nessas práticas⁹⁸. Em um primeiro momento, englobar os dois grupos como praticantes de magia parece ir contra a separação estabelecida pelo próprio autor de que os *finns* teriam sido convertidos à fé católica pelos reis suecos. No entanto, essa pode ter sido uma forma retórica de Olaus articular a urgência de uma nova ofensiva de Roma frente à inconstância religiosa dessas populações que voltavam a fazer uso de feitiços e outras práticas.

Com seu relato sobre as terras setentrionais, seus vastos recursos e seu povo resiliente e piedoso, Olaus Magnus, “(...) o primeiro a expor os charmes do inverno nortista (...)”⁹⁹, teria sido responsável por desmistificar o Norte como uma zona horrenda e frígida. Publicado para o público letrado, da costa do Mediterrâneo à Europa central, o trabalho de Olaus rogava por uma intervenção católica naquela região. No entanto, a intervenção não ocorreu e o Luteranismo – religião esposada por Gustavo Vasa – tomou forma mais sólida no reino. Mesmo derrotado e exilado, Olaus tornou-se fonte de consulta sobre a região escandinava. Apesar de seus objetivos, foi lido e referenciado por diversos personagens, como o já citado Torquemada, seu conterrâneo Miguel de Cervantes e o humanista norueguês Peder Claussøn Friis – autor de um novo relato sobre os povos do norte. Quando o trabalho de Friis, *Description of Norway*, fora publicado (1632), a Lapônia e a Finlândia, regiões em que a intrusão sueca já era documentada, eram regiões muito associadas à magia¹⁰⁰. Ainda durante a guerra, foram impressos panfletos que descreviam o alistamento de soldados sámi, escoceses, livônios, irlandeses e finlandeses nos batalhões suecos¹⁰¹.

⁹⁷ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 173.

⁹⁸ MOYNE, T. *Op. cit.*, pp. 17 – 20.

⁹⁹ HUNTFORD, R., **Two Planks and a Passion: The Dramatic History of Skiing**, London: Bloomsbury Publishing, 2013, p. 33.

¹⁰⁰ TALBOT, A. **The Great Ocean of Knowledge: The Influence of Travel Literature on the Work of John Locke**. Leiden: Brill, 2010, p. 50. HAZARD, P. **A crise de consciência europeia: 1680 -1715**. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2015, p. 176.

¹⁰¹ O primeiro texto que trata da relação entre a propaganda anti-sueca e a figura dos sámi como bruxos (citado pela maioria dos posteriores) é RYDVIING, H. “Gustav II Adolf och samerna” [“Gustavo II Adolfo e os sámi”], in: **Saga och sed: Kungl. Gustav Adolfs akademis årsbok : annales Academiae Regiae Gustavi Adolphi**, Uppsala: Kungl. Gustav Adolfs akademien, 2006, p. 15–27.



Figura 6. Panfleto “Uma ilustração dos maravilhosos povos encontrados na armada sueca”, ca. 1630¹⁰²

Além da imagem, lê-se:

Da Lapônia, Livônia e Escócia, como se sabe, O rei da Suécia lidera Soldados que creditam ao seu exército. Pois se pode provar que eles são fortes como aço e ferro, E imune a tiros e impulsos. Também não pode ser dito o suficiente de como eles resistem à geada e à fome¹⁰³.

O soldado identificado como “lapão” (*laplander*) é o que aparece com feições menos humanas. Descalço e amparado por uma criatura descrita como uma rena, o lapão não porta arma de fogo como o escocês ou um arco como o livônio. Já no trecho do panfleto, que descreve características comuns aos três povos, o texto associa a resiliência

¹⁰² “Abbildung der wunderseltzamen völker so sich vnder der schwedischen armada besinden” [Ilustração imagem dos povos extraordinários encontrados na armada sueca] in: BELLER, E.A. **Propaganda in Germany during the Thirty Years War**. Princeton: Princeton University Press, 1940, p. 29.

¹⁰³ A tradução do alemão para o inglês é de Elmer A. Beller. Para o texto completo e reprodução do panfleto, ver: BELLER, E.A. **Propaganda in Germany during the Thirty Years War**. Princeton: Princeton University Press, 1940, p. 28. A nossa tradução para português respeitou os espaçamentos da versão de Beller.

ao frio extremo e à fome como elementos fundamentais da fortitude desses povos¹⁰⁴. Os sámi também foram comparados a outros grupos de menor prestígio da Europa¹⁰⁵ como fizera Johan Ferdinand Körningh: católico, com anuência da rainha Cristina, excursionou à *Sápmi* com a intenção de mapear a possibilidade de cristianizar as populações locais. Em seu relato, descreve um transe xamânico e equipara um *lapp* (sámi) a um judeu¹⁰⁶. Há, também, o caso de outro panfleto da década de 1630, publicado em Estetino, que coloca lado a lado um soldado irlandês, um lapão e um finlandês:



Figura 7. Panfleto “o irlandês, o lapão e o finlandês”¹⁰⁷

Após o fim dos conflitos, os rumores sobre a utilização de soldados feiticeiros continuaram. O britânico Peter Heylyn, em seu *Microcosmus* (1657), atribuiu a Gustavo II Adolfo a convocação de três companhias lapônicas, proficientes nas artes mágicas, para as campanhas militares na Alemanha¹⁰⁸. Desse modo

¹⁰⁴ Do lado protestante, há um panfleto semelhante intitulado “Auß Lap vnd Liefflandt”. Para sua análise, ver: FOSTER, D. P. **Foreign heroes and catholic villains: radical protestant propaganda of the Thirty Years’ War (1618 - 1648)**, Doutorado [Línguas Modernas], University of Exeter, Exeter, 2012. pp. 162 – 164.

¹⁰⁵ FUR, G. M. **Colonialism in the Margins: Cultural Encounters in New Sweden and Lapland** (The Atlantic World). Leiden: Brill Academic Publishers, 2006, p. 38.

¹⁰⁶ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. **Hunters in Transition: An Outline of Early Sámi History**. Leiden: Brill, 2013, p. 345.

¹⁰⁷ A imagem é um recorte de um panfleto intitulado “Seltzames Gespräch, So in den Königl. Schwedischen Lager zwey frembde Nationen, alsz ein Lapländer mit einen Newen ankommenden Irländer, von den jetzigen Zustandt vnd Kriegswesen gehalten” de 1631. A imagem é citada em SVANBERG, I.; TYDÉN, M. **Tusen år av invandring: en svensk kulturhistoria** [Mil anos de imigração: uma História cultural sueca]. Stockholm: Dialogos, 1992, p. 114. Darren Paul Foster, em sua tese de doutorado, analisou outra versão desse panfleto, publicado em 1632. Ver: FOSTER, D. P. *Op. cit.*, p. 165.

¹⁰⁸ MOYNE, T. *Op. cit.*, p. 29.

A propaganda antissueca, durante e após a Guerra dos Trinta Anos, dentre outras coisas, acusava Gustavo Adolfo de usar soldados sámi, idólatras e magos, em seu exército. A alegação, muito difundida, trazia má reputação à imagem do monarca herói do protestantismo; e o fato de que durante essas guerras a propaganda foi usada pela primeira vez em larga escala, piorava a situação¹⁰⁹.

Com o desenrolar dos conflitos no continente, o reino sueco passou a experimentar uma posição de protagonismo no cenário político europeu, fruto das onerosas, porém bem-sucedidas, campanhas militares. Buscando afirmar sua posição enquanto reino luterano consolidado, era impensável a possibilidade de associação dos suecos com soldados feiticeiros provenientes do Norte em seus batalhões¹¹⁰.

Foi contra essas acusações de bruxaria e idolatria que o humanista protestante Johannes Schefferus escreveu uma de suas mais célebres obras¹¹¹. Interessado em oferecer uma “nova e verídica descrição”¹¹² das terras do Norte, a obra *Lapponia* buscou desmentir

(...) essas falsidades extravagantes, que costumam contar nas narrativas desses países do norte, não são tão indesculpáveis por serem mentiras, como foram contadas sem tentação, sendo a verdade real igualmente divertida e incrível¹¹³.

Em menos de dez anos de sua publicação em latim na cidade de Frankfurt, *Lapponia* recebeu traduções para línguas como inglês, alemão, francês e holandês. O texto de Schefferus foi o primeiro a tratar exclusivamente da geografia, dos costumes e maneiras de viver dos habitantes da Sápmi. Tornou-se importante fonte de consulta para viajantes posteriores e, até hoje, recebe muitas citações (especialmente por conta das imagens

¹⁰⁹ BALZAMO, E. “The Geopolitical Laplander”, *JNS*, vol. 8, n.2, 2014, p. 36 e HELM, Britta, **Were the Sámi Swedes?: Swedish scholarly ethnographic perspectives on the Sámi, 1555 to 1848**. Mestrado [História], Uppsala Universitet, Uppsala, 2013, p. 3.

¹¹⁰ OJALA, Carl-Gösta, **Sámi Prehistories. The Politics of Archaeology and Identity in Northernmost Europe.**, Doutorado [Arqueologia], Uppsala Universitet, Uppsala, 2009, p. 87.

¹¹¹ STRÖMHOLM, M. Johannes Schefferus: un strasbourgeois en Suède in: LIVET, G. (ed.) **L’Europe, l’Alsace et la France: problèmes intérieurs et relations internationales à l’époque moderne: études réunies en l’honneur du doyen Georges Livet pour son 70e anniversaire**. Strasbourg: Editions d’Alsace-Colmar, 1986, p. 305.

¹¹² Esses adjetivos constam no subtítulo original da obra: “Lapponia, Id est, Regionis Lapponum et gentis nova et verissima descriptio”. Ver: JOHANNES SCHEFFERUS. **Lapponia**. Frankfurt: Christiani Worlffi. 1673.

¹¹³ A citação consta no prefácio à primeira versão inglesa escrita por R. A. Bathrust. “(...) those extravagant falsehoods, which have commonly past in the narratives of these northern countries, are not so inexcusable for their being lies, as that they were told without temptation, the real truth being equally entertaining and incredible”. Ver: JOHANNES SCHEFFERUS. **The History of Lappland**. Oxford: George West and Amos Curtein, n.p.

contidas no texto)¹¹⁴. Desse modo, é uma fonte histórica fértil para assinalarmos a imagem criada e divulgada dos povos sámi no contexto da primeira Modernidade¹¹⁵. Além disso, o texto de Schefferus está permeado de implicações políticas relacionadas ao projeto de construção e expansão de um potentado moderno em avanço. Assim, para seguirmos nossa análise, precisamos conferir contornos humanos a Johannes Schefferus e inseri-lo em seu tempo e seu ambiente intelectual, estabelecendo, portanto, suas conexões e visões de mundo.

1.2 Johannes Schefferus: um estrasburguês entre hiperbóreos

Em 1648, durante as negociações de paz em Osnabruque e Vestfália, Johannes Schefferus, então com vinte e sete anos, desembarcava em solo sueco tendo Uppsala como destino. Por intermédio de um antigo professor, Johannes Henricus Boeclerius, recebeu um convite da rainha Cristina para integrar os quadros letrados do reino¹¹⁶. Educado nos centros humanistas de Estrasburgo e Leiden (onde lecionou por dois anos), era figura conhecida no continente antes de sua jornada até a Suécia. Já na universidade, fortaleceu sua reputação europeia e desenvolveu a maior parte de sua carreira universitária: dos convidados de Estrasburgo que foram a Uppsala, nenhum permaneceu por tanto tempo – e tão adaptado – quanto Schefferus. Enterrado na catedral de Uppsala em 1679, tem sem nome associado a uma constelação erudita da Universidade como um “dos maiores estudiosos da Uppsala seiscentista”¹¹⁷.

Em solo upsaliense, assumiu a cátedra de retórica da Faculdade de Artes¹¹⁸ e lavrou mais de oitenta trabalhos, sendo que 50 foram publicados. Durante a cerimônia de abdução da rainha Cristina, foi responsável por proferir um discurso¹¹⁹, sendo que pouco antes, havia recebido da própria rainha o dom de um colar de ouro (com a da “Minerva

¹¹⁴ LARSSON, T. P. “*Lapponias inflytande på texter som beskriver samisk religion mellan 1710 och 1735*” [A influência de *Laponia* em textos que descrevem a religião sámi entre 1710 e 1735]. **Svensk religions historisk årskrift**, vol. 7, 1998, pp. 147 – 164. Sobre Schefferus como fonte imagética para descrições sobre os sámi nas ilhas britânicas, ver: SJOHOLM, B. SJOHOLM, B. “Laponia”. **Harvard Review**, n. 29, 2005, p. 12 e TALBOT, A. *Op. cit.*, pp. 45 – 61.

¹¹⁵ OJALA, C-G. *Op. cit.*, p. 87.

¹¹⁶ FANT, E. M. **Minne öfver Joh. Schefferus, eloq. och polit. professor Skyttianus ... i Upsala [som vann belöningen uti Upfostrings-sälskapet den 1 nov. år 1781]**. Stockholm: 1782, p. 13.

¹¹⁷ STRÖMHOLM, M. *Op. cit.*, p. 302.

¹¹⁸ Em sueco, *Skytteanska professuren i statskap och vältalighet*. Título criado em nome de Johannes Skytte, importante nome da educação sueca do século XVII. Ele fora responsável pela implantação de escolas na Lapônia, além de – anteriormente – ter sido o tutor do jovem príncipe Gustavo II Adolfo. Schefferus, em novembro daquele ano, se casou com Regina Loccenia, filha de seu antecessor como *Skytteanska professuren*: o que pode nos ajudar a pensar em quais redes e relações Schefferus se inseriu para que ele pudesse alargar seu próprio capital social.

¹¹⁹ JOHANNES SCHEFFERUS. **Oratio Valedictoria, quam Christina Regina Abductionem**, 1654.

sueca”) e a promessa de uma pensão de mil *riksdaler*, paga em 1661. Três anos depois, recebeu a honraria de *juris naturae e gentium professoris*, além de uma soma de quinhentos *riksdaler*, do rei Carlos XI¹²⁰. Nomeado bibliotecário da Universidade e guardião de um museu, atribui-se, ainda, ao estrasburguês a fundação dos estudos de História da Literatura sueca¹²¹.

Apesar das diversas contribuições de Schefferus em Uppsala, a chegada do estrasburguês e seu assentamento na Suécia não podem ser interpretadas a partir de sua reputação enquanto letrado europeu. Na verdade, precisamos incluir nessa narrativa as profundas transformações que ocorriam na Suécia e, como consequência, no próprio ambiente universitário de Uppsala. Conforme Lockhart e Strömholm, apesar das vitórias suecas em campos de batalhas, as elites da Europa ocidental e central ainda viam a Escandinávia e a região báltica como periféricas em relação à cultura *mainstream* do continente. Mais do que generais estoicos e soldados habilidosos, os suecos careciam de homens das letras, como o próprio Schefferus¹²².

Durante o reino de Gustavo II Adolfo – após períodos de instabilidade e subseqüentes aberturas e fechamentos – a Universidade viveu dias melhores. O elevado investimento na instituição fez com que a entidade contasse com o estabelecimento de salários fixos para os professores e de bolsas de estudo. Outro bom exemplo, logo após sua Coroação em 1617, é a concessão de quatro títulos de doutor em teologia que foram creditados a estudantes pelo rei¹²³. Essa demanda por aumento nos investimentos na Universidade só foi possível graças ao fim das guerras no Báltico. Agora as circunstâncias internacionais e nacionais eram favoráveis para o fortalecimento da instituição. Uppsala não conheceria mais crises como aquelas dos anos de seu crescimento e, por um tempo, nem a Suécia.

A biblioteca da Universidade também ganhou corpo graças às campanhas militares de Gustavo Adolfo. Contando originalmente com o acervo da biblioteca da catedral de Uppsala, recebeu – posteriormente – os livros do monastério franciscano de Estocolmo, além de coleções de tomos provenientes do butim de guerra nos territórios germânicos, na Polônia e na Boêmia¹²⁴. Nos anos quarenta do século XVII, estima-se

¹²⁰ FANT, E. M. *Op. cit.*, p. 14.

¹²¹ SJOHOLM, B. *Op. cit.*, p. 9.

¹²² LOCKHART, P. D. **Sweden in the seventeenth century**. Palgrave: London, 2004, p. 87 e STRÖMHOLM, M. *Op. cit.* p. 303.

¹²³ LINDROTH, S. **A History of Uppsala University (1477 - 1977)**. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1976, pp. 34-35.

¹²⁴ *Idem*, p. 51.

que a biblioteca detinha mais de oito mil livros e mil manuscritos, sendo a maioria impressa em cidades e instituições importantes na Europa Continental.

Outro exemplo de objetos do continente trazidos para a coleção da Universidade em Uppsala é o Gabinete de curiosidades de Augsburgo. Doado pelo burgomestre da cidade alemã como agradecimento pela libertação do local pelas tropas de Gustavo II Adolfo, em 1630, é a materialização do lema “conhecimento requer poder”¹²⁵. Com mais de mil objetos, o gabinete emula, organiza e explica o mundo:

The cabinet’s form mimics the human body, composed of legs supporting the body, crowned by a head of shell, coral, and crystals. It contains bloodletting, shaving, and toilet articles to serve the body. Its clock, scientific instruments, chess set, playing cards, coins, and medals challenge the intellect, and its music box and octave virginal played the emotions¹²⁶.



Figura 8. O gabinete de Augsburgo, visão frontal¹²⁷

Em busca de sustentação para a nova posição sueca no cenário europeu, os humanistas de Uppsala voltaram seus esforços à coleta e inventário de antiguidades que,

¹²⁵ CEDERLUND, J. & NORRBY, M. **The Augsburg art cabinet**. Uppsala: Museum Gustavianum, 2003 p. 13.

¹²⁶ DE CUNZO, L. A. Borderland in the Middle: The Delaware Colony on the Atlantic Coast, in: NAUM, M.; NORDIN, J. M. (org.). **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity: Small Time Agents in a Global Arena**, New York: Springer, 2013, p. 195.

¹²⁷ Foto do museu Gustavianum (Universidade de Uppsala), em Uppsala. Disponível em: <<https://www.gustavianum.uu.se/collections/art-collection/exhibitions/the-augsburg-art-cabinet/>>. Último acesso em 10/12/2019.

amparados pela leitura de autores clássicos – principalmente Tácito e Jordanes – se tornaram evidência de um passado glorioso¹²⁸. No caso sueco, esse passado alternativo¹²⁹ foi denominado Goticismo. De acordo com Hans Helander, esse movimento historiográfico, que reivindicava a herança cultural de um povo ancestral guerreiro, cumpria dois propósitos: apresentar as glórias e os feitos heroicos de grandes nações, assim como, por meio da retórica, edificar as virtudes suecas¹³⁰.

Em outras regiões da Europa, essa busca por um passado glorioso – por meio do estudo e coleção de objetos antigos – não era novidade¹³¹. No próprio caso sueco, o apelo goticista datava de um episódio envolvendo o bispo católico Nicolaus Ragvaldi durante o Concílio da Basileia (1434). A partir dos argumentos de Ragvaldi, Johannes Magnus descreveu, em sua *Historia de omnibus Gothorum Sveonumque regibus*, os godos como um povo a ser imitado, graças à sua índole moral¹³². Com tom depreciativo para com os Estados vizinhos e concorrentes (principalmente a Dinamarca), ao mesmo tempo em que justificava as movimentações suecas no Báltico, o trabalho de Johannes Magnus recebeu uma tradução para o sueco em 1620, publicada por Ericus Schroderus. Conforme Kurt Johannesson, a corte Vasa fez uso da descrição dos godos levada a cabo por Johannes Magnus, com modificações, para travar suas próprias batalhas identitárias¹³³. Como exemplo, temos Petrus Marsilius e Henricus Mollerus. Autores de uma árvore genealógica da família Vasa, estabeleceram uma conexão entre reis da atual

¹²⁸ ROLING, B. Introduction in: ROLING, B.; SCHIRG, B.; BAUHAUS, S. H. **Apotheosis of the North: The Swedish Appropriation of Classical Antiquity around the Baltic Sea and Beyond (1650 to 1800)**. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2017, p. 4. Ver, também, INGEMARSDOTTER, Jenny, **Ramism, Rhetoric and Reform: An Intellectual Biography of Johan Skytte (1577 - 1645)**, Acta Universitatis Upsaliensis. Uppsala Studies in History of Ideas. 42, Uppsala Universitet, Uppsala, 2011, p. 99.

¹²⁹ ROLING, B. *Op. cit.*, pp. 6-8. Foi também Røling que cunhou o adjetivo “percepção alterada de Antiguidade” para se referir ao Goticismo como uma forma de se escrever História entre os suecos do *Stormaktstiden*. Ver, também, HERVA, V-P.; IKÄHEIMO, J., ENBUSKE, M.; OKKONEN, J. “Alternative Pasts and Colonial Engagements in the North: The Materiality and Meanings of the Pajala ‘Runestone’ (Vinsavaara Stone), Northern Sweden”. **Cambridge Archaeological Journal**, 2018, pp. 1 – 16.

¹³⁰ INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, p. 90. HELANDER, Hans, **Neo-Latin literature in Sweden in the period 1620-1720: stylistics, vocabulary and characteristic ideas**, Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis : Uppsala University Library, 2004, pp. 482-487.

¹³¹ Entre outros movimentos semelhantes, espalhados pela Europa, temos os poloneses (sármatas), os neerlandeses (batavos), os franceses (gauleses) e, no sul da atual Alemanha, há registro da reivindicação do passado gótico pelos suábios. Ver: NEVILLE, K. ‘Gothicism and Early Modern Historical Ethnography’. **Journal of the History of Ideas**, v. 70, n. 2, 2009, pp. 213 – 234.

¹³² *Idem*, p. 218.

¹³³ JOHANNESON, K. *Op. cit.*, p. 215.

dinastia com os últimos reis nativos da Suécia descritos por Johannes Magnus, de forma a atualizar a proposta do arcebispo exilado católico para a Suécia luterana¹³⁴.

No início do século XVII, o tema do goticismo, aliado a uma *eloquentia* humanista¹³⁵, fora disseminado por Johannes Skytte. Nascido como Johan Bengtsson Schröder¹³⁶, foi apontado tutor de Gustavo II Adolfo e, aos vinte e sete anos, nobilitado em razão de sua lealdade à Coroa. Durante sua carreira como professor na Universidade de Uppsala, lecionou eloquência e política e, em 1622, seu nome foi associado à cadeira da disciplina sob o título de *Skytteanska professuren*¹³⁷. Acionado como emissário em cortes estrangeiras, a fim de instilar a glória sueca da dinastia Vasa, o eloquente Skytte, norteado pelos princípios de Petrus Ramus, esteve engajado em questões relativas às utilidades e recompensas da educação¹³⁸. Durante seu período de atividade como conselheiro real (Su. *Kammaråd*), participou, da reformulação das estruturas político-administrativas do reino, enfatizando a necessidade de construir e manter novas escolas nos territórios do Norte¹³⁹.

Esse empenho nos assuntos educacionais – que lhe rendeu, em 1632, o posto de chanceler da recém-estabelecida Universidade de Dorpat¹⁴⁰ – tinha como um dos vetores a formulação de uma retórica que sublinhasse a identificação com a *fäderneslandet*¹⁴¹. Amparado pelos preceitos humanistas e pelo mecenato da dinastia

¹³⁴ *Idem*, p. 219.

¹³⁵ INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, p. 88.

¹³⁶ Em latim, assinava “Johannes Schroderus”. Depois de nobilitado, assinava “Johannes Schroderus Skytte” ou, ainda, “Johannes Skytte”. Conforme o genealogista Gabriel Anrep, os membros de sua família passaram a ser chamados de *Skytte af Duderhof*. Como exemplo, seu filho o Barão Bengt Skytte af Duderhof (1614–1683), foi um dos conselheiros do rei Carlos X Gustavo (r. 1654-1660). O levantamento genealógico se encontra em: ANREP, G. **Svenska adelns ättartaflor** [Dicionário genealógico da nobreza sueca]. Stockholm: Norstedt & söner. 1864, vol. 4, p.1. Para uma narrativa da carreira política de Bengty Skytte af Duderhof, ver: KARMAN, G. **A Seventeenth-Century Odyssey in East Central Europe: The life of Jakab Harsányi Nagy**. Leiden: Brill, 2016, pp. 145 – 150. Uma biografia resumida de Johannes Skytte se encontra no SBL em: <https://sok.riksarkivet.se/sbl/mobil/Artikel/6037>. Último acesso em: 13/01/2020.

¹³⁷ Sobre a cadeira de eloquência e política, criada em 1622, na Universidade de Uppsala, consultar: LEWIN, BARBO. **Johan Skytte och de skytteanska professorerna**. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1985. Sobre o projeto pedagógico de Skytte, além de INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, o artigo de Schmidt-Biggeman oferece um panorama interessante sobre o século XVII e as letras na Suécia. Em: SCHMIDT-BIGGEMANN, W. “Dynamics of knowledge in the seventeenth-century Swedish realm”. **Ajalooline Ajakiri**, 2010, vol. 3/4, n. 133/134, pp. 281-296.

¹³⁸ INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, p. 14.

¹³⁹ *Idem*, p. 19.

¹⁴⁰ Atual Tartu. Em 1632, a região fazia parte das possessões suecas no Báltico. O tema da expansão sueca no Báltico se encontra no capítulo 2 desta dissertação.

¹⁴¹ O conceito é a versão sueca de *patria* e estava, nos séculos XVI e XVII, vinculado ao sentimento de lealdade à Suécia. No entanto, é necessário um adendo, pois, nos séculos em questão, na Suécia, não há uma ênfase *territorial*. De acordo com Eng, sem fronteiras muito bem determinadas, essa “Suécia” tratava-se de um conglomerado de territórios díspares que possuíam suas próprias dinâmicas legais em relação a um governante (e Coroa) comum. Ver: ENG, T. **Det svenska väldet: Ett konglomerat av uttrycksformer och begrepp från Vasa till Bernadotte** [O Império sueco: um conglomerado de expressões e conceitos

Vasa, Skytte instalou em solo sueco a noção clássica de *patria* e, por meio da reivindicação de um passado gótico, utilizou um modo de pensamento bem estabelecido e entendido nos quatro cantos da Europa¹⁴². Além dos princípios estabelecidos por Skytte, morto em 1645, na segunda metade do século XVII o goticismo sueco ganhou novos contornos graças à fundação do Conselho de Antiguidades e aos trabalhos de figuras como Johannes Bureus e Georg Stiernhielm.

Bureus é um dos nomes ligados à tese da Suécia como terra dos “hiperbóreos”. Descritos por autores como Tácito e Jordanes como um povo proveniente do Norte, de índole piedosa e feliz, os hiperbóreos – descendentes de Magog, neto de Noé – foram interpretados como os ancestrais dos godos, que dominavam a região antes da ascensão dos gregos e romanos antigos¹⁴³. Em seu texto *Antiquitates Scanzianae*, Bureus argumentava a partir das runas nórdicas antigas que, na Escandinávia, houve um período glorioso, em que o mundo vivia em um estado intocado e muito sofisticado e que, por meio de uma profecia revelada pelo próprio ocultista, seria retomado pela vitória do “Leão do Norte” (Gustavo II Adolfo)¹⁴⁴. No entanto, com o desenrolar do conflito e eventual morte do monarca mencionado, suas propostas foram reelaboradas por alguns de seus seguidores, como Georg Stiernhielm.

Desvencilhando-se do conteúdo milenarista de Bureus, George Stiernhielm tratou dos hiperbóreos em seu *De Hyperboreis Dissertatio*. Diferente de seu mestre, aliou o impulso antiquarianista à leitura de textos em nórdico antigo (como os *Eddas*, a poesia escáldica e as Sagas Islandesas). Para sustentar suas investigações sobre as origens das línguas, citou tanto autores da Antiguidade, como Diodorus e Plínio, o Velho, quanto os trabalhos dos irmãos Magnus e Ericus Olai, publicados no século XVI. Åkerman descreve o polímata como figura central da filosofia que era fermentada em solo sueco:

“[...] he was not an isolated figure. He knew the physical doctrines of Averroes, the stoical doctrines of Lipsius and D'Espagnet, the universalism of Bacon, Alsted, and Gomenius. He could read Italian and he reflects thoughts found in Patrizzi, Bruno, and Campanella”¹⁴⁵.

dos Vasa aos Bernadotte]. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 2001, pp. 82-228 (notas pp. 440-445) e INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, pp. 37-40.

¹⁴² INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, p. 67 e p. 87.

¹⁴³ ANTILLA, T., **The Power of Antiquity: The Hyperborean Research Tradition in Early Modern Swedish Research on National Antiquity**, Oulu: University of Oulu, 2014, pp. 17-18.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 98.

¹⁴⁵ Em: ÅKERMAN, S. **Queen Christina of Sweden and her Circle: the transformation of a seventeenth-century philosophical libertine**. Leiden: Brill, 1991, pp. 95-96.

Assim, as origens dos argumentos de Stiernhielm precisam ser avaliadas do ponto de vista político: durante o final dos anos 1650 – época de que data o manuscrito de *De hyperborei dissertatio*¹⁴⁶ –, a Suécia se encontrava em franca expansão para o Báltico e, por meio do Tratado de Roskilde (1658), havia adquirido a província danonorueguesa de Trondheim¹⁴⁷. Além disso, Stiernhielm havia sido o preceptor dos filhos de Johannes Skytte (agora estabelecido como proeminente figura do Estado) e do príncipe infante. Desse modo, dado seu vínculo com a Coroa sueca, sua metodologia antiquarianista e linguística possuía um lado prático:

“The evidence suggests that the antiquaries were experts that helped the Crown to cement its power by providing data on delicate practical political issues such as the system of government, the origin and nature of its laws, and issues related to land ownership¹⁴⁸.”

Em 1666, Stiernhielm recebeu uma nova incumbência do rei Carlos XI: ser o diretor do *Antikvitetskollegiet*. O conselho reuniu diversos nomes de antiquarianistas instalados na Suécia a fim de continuar as investigações de manuscritos e objetos antigos com a intenção de “esclarecer os feitos do passado”¹⁴⁹. Além da coleta de materiais que confirmassem a antiguidade do reino sueco, a instituição se dedicou à tradução e edição de textos islandeses antigos (como as Sagas), ao estudo das genealogias, à História eclesiástica, aos antigos anais suecos e jurisprudências medievais. Composto por membros da Universidade de Uppsala, contou com nomes como Johan Axehielm, Magnus Celsius, Johan Hadorph, Olof Verelius, além do próprio Johannes Schefferus e seu sogro – o também forasteiro e seu antecessor como *skytteanska professuren* – Johannes Loccenius¹⁵⁰.

Schefferus, ativo no conselho e de grande prestígio continental, ao longo de seus anos em Uppsala, se envolveu em diversas disputas acadêmicas relacionadas ao uso e descrição das antiguidades suecas colecionadas pelo *Collegium*. Uma das contendas mais famosas foi com Olof Verelius, também membro da instituição, que, por meio da

¹⁴⁶ Apesar disso, o texto só foi publicado de forma póstuma, em 1685.

¹⁴⁷ O tratado pode ser consultado em: <<https://danmarkshistorien.dk/leksikon-og-kilder/vis/materiale/roskildefreden-1658/>>. Acesso em 10/12/2019.

¹⁴⁸ ANTILLA, T. *Op. cit.*, p. 117.

¹⁴⁹ KING, David, **Finding Atlantis: A True Story of Genius, Madness, and an Extraordinary Quest for a Lost World**, New York: Broadway Books, 2006, pp. 30-31.

¹⁵⁰ MEIJER, B. (ed.). **Nordisk familjebok: Kversationslexikon och realencyclopedi. Volume 1, A – Armati**. Stockholm: Iduns Kungl. Hofboktryckeri, 1904, pp. 1139-1140.

tradução e edição de algumas sagas¹⁵¹, disseminou a tese dos hiperbóreos para os círculos europeus¹⁵². O assunto que gerava desacordo era o templo da antiga cidade de Uppsala, descrito em textos como Adão de Bremen. Para o estrasburguês, que publicou suas conclusões em *Upsalia* (1666), a cidade antiga se localizava no mesmo local da atual¹⁵³, sem qualquer menção aos mitológicos hiperbóreos – eixo explicativo de Verelius.

A continuação desse imbróglio, amplamente descrito na historiografia¹⁵⁴, deu margem a um trabalho de crítica filológica e cronológica, por parte de Schefferus, sobre as afirmações do adversário. A situação se acentuou quando, em 1678, Verelius teve um suposto manuscrito recém-descoberto desmentido pela análise paleográfica de Schefferus¹⁵⁵. A essa altura, Verelius recebeu a ajuda de outro professor da Universidade, o anatomista e historiador Olof Rudbeck Sr. A relação do estrasburguês com um dos mais importantes acadêmicos de origem sueca já havia passado por turbulências quando Schefferus liderou, na Universidade, uma moção para a retirada do cargo de Rudbeck¹⁵⁶. Além disso, quando Rudbeck conduziu algumas escavações na região de *Gamla Uppsala*¹⁵⁷, Schefferus e outros membros do Conselho de Antiguidade questionaram seus métodos¹⁵⁸:

Schefferus's Upsalia, in other words, challenged the very basis of Rudbeck's work in progress. Initially the dispute was conducted in the usual scholarly fashion of debate and discussion. Schefferus pointed to his sources, which were mainly medieval textual references to the Old Uppsala temple¹⁵⁹.

¹⁵¹ As principais sagas editadas por Verelius foram as Saga de Gautrek (Na. *Gautreks saga*), a Saga de Hervarar e Heidrek (Na. *Hervarar saga ok Heiðreks*) e a Saga de Bósi e Herraud (Na. *Bósa saga ok Herrauds*).

¹⁵² ANTILLA, P. *Op. cit.*, p. 118.

¹⁵³ ELLENIUS, Allan. “Johannes Schefferus and Swedish Antiquity”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 20, n. 1/2, pp. 59–74, 1957, p. 63.

¹⁵⁴ As melhores sínteses se encontram em: ALKARP, M. **Det Gamla Uppsala: berättelser och & metamorfoser kring en alldeles särskild plats** [A Velha Uppsala: histórias e metamorfoses sobre um local especial]. Uppsala: Uppsala Universitet, Institutionen för arkeologi och antik historia. 2009, pp. 95–135;

ANTILLA, T. *Op. cit.*, pp. 130 – 136 e ELLENIUS, A. *Op. cit.*, pp. 62–65.

¹⁵⁵ ELLENIUS, A. *Op. cit.*, p. 65.

¹⁵⁶ LINDROTH, S. *Op. cit.*, 1976, p. 56.

¹⁵⁷ Em português, “Velha Uppsala”, localizada a cinco quilômetros da cidade de Uppsala (em Uplândia, Suécia central). Foi um cemitério, centro religioso e morada dos primeiros reis suecos, conhecido desde a Idade do Bronze. Durante o século XVII, com o crescimento do interesse antiquarianista, foi alvo de diversas escavações que comprovassem a ocupação de região pelos antigos godos. Para mais informações, ver: LANGER, J. *Gamla Uppsala*. In: LANGER, J. (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017, pp. 295 -297.

¹⁵⁸ ANTILLA, T. *Op. cit.*, p. 136.

¹⁵⁹ KING, D. *Op. cit.*, p. 154.

O que a revisão de Schefferus sobre o templo de Uppsala colocava em jogo era o projeto pessoal de Rudbeck. O sueco, em 1679, publicou o primeiro volume de sua *Atlant eller Manheim*. Conhecido como *Atlantica*, o livro tem como eixo argumentativo a proposição de que a Suécia seria o primeiro povoamento após o Dilúvio e, portanto, o berço de toda a civilização¹⁶⁰. Em continuação ao argumento do colega Olof Verelius, Rudbeck aventava que o templo da Velha Uppsala era, de fato, o templo apolíneo dos hiperbóreos¹⁶¹.

Os acalorados debates entre as figuras letradas de Uppsala terminaram, apenas, por intermédio do chanceler da Universidade, Magnus De la Gardie. Pouco tempo depois, Schefferus morre¹⁶². O breve relato dessas disputas sintetiza o fato de que Schefferus, apesar de ser membro do Conselho de Antiguidades, não pertenceu ao grupo de antiquarianistas e filólogos da “tradição hiperbórea”¹⁶³. O que se percebe, em publicações como *Upsalia*, é que Schefferus combatia tais especulações com, também, um estudo do mesmo material. Além disso, ele também criticava o uso da cronologia bíblica para escrever a História sueca¹⁶⁴.

Tero Antilla rastreou o desenvolvimento da “tradição hiperbórea” na Suécia e concluiu que ela era apenas parte de uma perspectiva mais ampla – o goticismo. Assim, se a identificação com os míticos herdeiros de Gog e Magog estava em disputa, a ancestralidade gótica, não¹⁶⁵. Os inúmeros atritos políticos com a Dinamarca, notadamente a Guerra da Escânia (1674-1679), apontam para um pano de fundo em que Schefferus, radicado e identificado como sueco, travava suas batalhas com pergaminhos, penas e tintas:

[...] [He] supported the *patria juris*, that is, the Swedish Crown. Thus, when appropriate, he used his expertise by constructing a fabulous Gothic past for political purposes. In this respect, Schefferus followed the Humanist ideal of good *historicus* being also an *orator* and *politicus*¹⁶⁶.

¹⁶⁰ ROLING, Bernd. “Introduction” in: ROLING, B.; SCHIRG, B.; BAUHAUS, S. H. (org.). **Apotheosis of the North: The Swedish Appropriation of Classical Antiquity around the Baltic Sea and Beyond (1650 to 1800)**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017, p. 2.

¹⁶¹ ELLENIUS, A. *Op. cit.*, p. 64.

¹⁶² “Schefferus [...] had received a copy straight from the press while he lay on his deathbed in March 1679, and had said, ‘God knows where he got all this he has written! I did not think Rudbeck was capable of such a work [...] For there is much craziness in it, too’”. Ver: KING, D. *Op. cit.*, Finding atlantis, p. 175.

¹⁶³ ANTTILA, T. *Op. cit.*, p. 132.

¹⁶⁴ ELLENIUS, A. *Op. cit.*, p. 71.

¹⁶⁵ ANTTILA, T. *Op. cit.*, p.138.

¹⁶⁶ ANTTILA, T. *Op. cit.*, p. 77.

Em *De antiquis verisque Regni Sveciae insignibus* (1678), encomendada em 1673 por Carlos XI, o estrasburguês refutava a reivindicação dinamarquesa ao brasão sueco das três Coroas (*tre kronor*)¹⁶⁷, mas também criticava a interpretação de Olof Verelius sobre o tema¹⁶⁸. Assim, o fato de Schefferus ter nascido em outra região e ser considerado por Rudbeck como um forasteiro, não deve apontar para o motivo das discordâncias de Schefferus com os upsalienses. Sua grande querela dizia respeito ao tratamento das antiguidades utilizadas nas investigações de seus nobres colegas.

1.3 Da filologia clássica à lapologia: Schefferus como um humanista tardio

Ao chegar à Suécia, Schefferus já era um nome conhecido na Europa. Assim, qualquer tentativa de compreender sua posição em Uppsala requer, como apontou Alan Ellenius, posicionar o estrasburguês em um contexto mais amplo, em que diferentes letrados discutiam seus métodos de erudição, seus trabalhos e trocavam informações¹⁶⁹. A participação de Schefferus em círculos letrados no continente e na própria Suécia nos indica sua participação como um “cidadão” da República das Letras¹⁷⁰. Suas cartas – em que indagava e respondia a seus colegas sobre trabalhos, indicava pupilos, tratava de assuntos políticos e reportava sobre seu bem estar e família com diferentes figuras da Europa – são uma das principais fontes para posicioná-lo nesse caleidoscópio de pessoas, livros e objetos que, por meio de massivas correspondências, questionou a onisciência dos Antigos autores e expandiu (cronológica e geograficamente) as visões sobre o mundo¹⁷¹.

Nascido e treinado em uma das “múltiplas capitais desse Estado imaginado”¹⁷², Schefferus a partir da *realphilologie* – campo difundido em Estrasburgo que sublinhava mais o conteúdo e objeto em discussão do que o lado linguístico – conduzia investigações em busca da *historia vera* atrelada às evidências materiais¹⁷³. Não por acaso, o estrasburguês era o proprietário de uma vasta coleção de objetos e *naturalia* em seu *Museo Schefferiano*. Excluindo seus tratados teóricos, como o *De stylo* (1653),

¹⁶⁷ LIDNROTH, S. *Svensk lärdomshistoria* [História intelectual da Suécia]. Stockholm: Norstedt, volume 2, 1975. ANTILLA, T. *Op. cit.*, p. 192.

¹⁶⁸ ELLENIUS, A. *Op. cit.*, pp. 69-70.

¹⁶⁹ *Idem*, p. 65.

¹⁷⁰ GRAFTON, A. "A Sketch Map of a Lost Continent: The Republic of Letters" in: IDEM. **Worlds Made by Words**. Harvard University Press, 2009, p. 9.

¹⁷¹ MIERT, D. van. What was the Republic of Letters? A brief introduction to a long history (1417 - 2008). **Groniek**, n. 204/205, 2016, p. 276.

¹⁷² GRAFTON, A. *Op. cit.*, p. 19.

¹⁷³ ELLENIUS, A. *Op. cit.*, pp. 65-66 e p.70.

em que buscou "contribuir com a dignidade, vigor e força do discurso"¹⁷⁴, produziu diversos comentários a textos gregos e latinos atrelando sua análise às fontes numismáticas, artísticas e arquitetônicas como o *De re vehiculari veterum* (1671).

Se voltarmos nossa atenção para um de seus primeiros trabalhos produzidos em solo sueco, o *De militia navali veterum* (1654), podemos reavaliar o esforço autoral de Schefferus. Seu texto é um estudo sobre a emblemática circunscrita às imagens da Fortuna e de Minerva e, por meio de uma alegoria naval, o estrasburguês comparava a deusa romana com a rainha sueca. A partir de um tópico já difundido na Suécia – Georg Stiernhielm, em seu *Heroisk Fägnesång* (1643) já comparava a regente sueca com Minerva – é interessante observamos que para desenvolver seus argumentos, Schefferus também se apoiou em trabalhos de outros “cidadãos” da República das Letras, como o batavo Marcus Zuerius Boxhornius, autor de *Emblemata politica* (1635), que havia conhecido durante sua estadia em Leiden e com quem trocara diversas cartas¹⁷⁵. Desse modo, ciente dos debates sobre emblemática, Schefferus produziu, além do relato, o frontispício de seu livro e longe de ser apenas uma repetição simples e ansiosa de um antigo tópico, o estrasburguês propôs sua variação em uma matéria com fortes conexões políticas¹⁷⁶. Portanto, percebemos aqui que o texto como um todo, fossem suas implicações políticas ou iconográficas, era a "expressão de um interesse mais amplo" do humanista: o de atrelar seus interesses e reflexões estéticas¹⁷⁷, filologia clássica e escrutínio das antiguidades à eloquência latina.

¹⁷⁴ STRÖMHOLM, M. *Op. cit.*, p. 304.

¹⁷⁵ **Bref till Johannes Schefferus** [Cartas à Johannes Schefferus]. Biblioteca da Universidade de Uppsala (UUBBA), signo G260.

¹⁷⁶ ELLENIUS, A. “Johannes Schefferus, Christina Minerva, and *Fortuna Audax*: A study in Political Emblems” in: **The Emblem in Scandinavia and the Baltic**. Glasgow: Librairie Droz, 2006, p. 77.

¹⁷⁷ Em 1669, Schefferus publicou seu famoso *De arte pingendi*, um tratado sobre pintura e estética a partir do mundo Clássico. Sobre ele (e uma breve biografia de Schefferus), ver: ELLENIUS, A. **De arte pingendi: latin art literature in seventeenth-century Sweden and its international background**. Uppsala & Stockholm: Almqvist och Wiksells boktryckeri AB, 1960.



Figura 9. Frontispício, de autoria de Schefferus, de seu *De militia navali*¹⁷⁸

Além disso, o professor foi apontado como o guardião da biblioteca de Uppsala e, em seu *Collegium seu de optimo librorum genere commentarius*, produziu uma espécie de lista de livros que recomendava para seus alunos. Dentre os mais variados temas, há uma pletora de textos de autores Antigos, como Sófocles, Homero, Platão, Virgílio e Aristóteles; mas também os trabalhos de autores contemporâneos, como o sogro Joannes Loccenius - um de seus preceptores nos estudos sobre antiguidades nórdicas e História da Suécia. Inspirado por trabalhos como *Rerum Suecicarum Historia* (1654) e *Antiquitates Sveo-Gothicae: cum hodiernis institutis comparatae* (1670), Schefferus se aventurou em investigações como *Tribus Orbibus aureis, nuper in Scania erutis e terra, Disquisitio antiquaria* (1675), *Suecia Literata* (1680, póstuma) e sua polêmica *Upsalia* (1666).

São essas dinâmicas culturais, sociais e políticas que permeiam o processo de composição de *Lapponia* (1674). Por encomenda de Gabriel de La Gardie, Schefferus produziu um relato sobre a vida dos povos do Norte durante o período de crescimento das

¹⁷⁸ JOHANNES SCHEFFERUS. *De militia navali veterum: libri quatuor ad Historiam Graecam Latinamque utiles*. Uppsala: Regius Typographus, 1654.

missões luteranas na região Norte e do incentivo, por parte da Coroa sueca, em ocupar aquele território. Sem ter viajado à Lapônia, o estrasburguês se valeu do relato de missionários, objetos sámi coletados e trazidos a Uppsala e do testemunho de alguns alunos de origem sámi que frequentaram a universidade.

Schefferus viveu e escreveu em um momento de transição entre o “paradigma livresco”, ou seja, a tradição herdada pelo Humanismo e o da valorização da observação e da abordagem experimental das academias científicas, como a *Royal Society* britânica, já em fins do século XVII¹⁷⁹. Ressaltamos o caráter *transitório* do professor, pois se considerarmos suas referências (conjunto de autores clássicos e humanistas lidos e citados), a erudição de Schefferus em grego e latim, sua participação ativa em círculos letrados – também livrescos – no cenário europeu e seus trabalhos anteriores, conseguimos melhor aproximá-lo desse paradigma livresco¹⁸⁰. No entanto, em alguns momentos de *Lapponia*, o autor se aproxima de uma abordagem mais experimental, para descrever alguns objetos sámi coletados e colecionados, ou a fauna e flora da *Sápmi*.

A partir das reflexões de Simon Schaffer e Steven Shapin sobre a bomba de ar de Boyle e o debate sobre o conhecimento que este travou com Hobbes, conclui-se que a abordagem experimental necessita, entre outras coisas, da aceitação de certas convenções discursivas e sociais assim como tem dependência direta com a produção e proteção de uma forma específica de organização social. Partindo dessa concepção, pode-se concluir que outras abordagens – como o “paradigma livresco” – também estão circunscritos a “jogos de linguagem”¹⁸¹ específicos.

Se aglutinarmos essa proposta com a perspectiva de Frank Lestringant – e dos próprios cosmógrafos do século XVI – Johannes Schefferus seria “um cosmógrafo de gabinete”: um “viajante não viajante”, semelhante aos “modernos” a partir das tradições

¹⁷⁹ Sobre a *Royal Society* britânica e sua abordagem, ver: SCHAFFER, S.; SHAPIN, S. **Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle and the Experimental Life**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2ª ed., 2011, esp. pp. 22 – 79 [Capítulo 2] e pp. 110 – 154 [Capítulo 4].

¹⁸⁰ Como aporte para a discussão de um paradigma livresco, nos valem de RODRIGUES, R. L. “Reflexões sobre o Humanismo português no alvorecer da época confessional”. **Revista Angelus Novus**, n. 2, 2011, p. 64. Já para o conceito de Humanismo, partimos da definição de Paul Oskar Kristeller: “a tendência geral de um período de vincular maior importância aos estudos clássicos e de considerar a antiguidade clássica como guia e padrão comum para as atividades culturais” in: KRISTELLER, P. O. **The Renaissance thought: the classic, scholastic and humanista strains**. New York: Harper & Brothers, 1961, p. 95.

¹⁸¹ Os próprios autores notam essa possibilidade, apesar de não citar exemplos. Já os “jogos de linguagem” são um empréstimo da teoria de Wittgenstein que Schaffer e Shapin fazem para explicar o estatuto experimental de Boyle em relação ao debate sobre o conhecimento travado com Hobbes. Ver: SCHAFFER, S.; SHAPIN, S. *Op. cit.*, pp. 22 – 24.

dos “antigos” (a herança humanista)¹⁸². Podemos, então, posicionar Schefferus como um “humanista tardio”: apesar de fazer usos da experimentação para compor seu relato, o estrasburguês permanece conectado à forma de viver, organizar e interpretar o mundo do Humanismo e, em certa medida, da República das Letras: com diferenças relevantes à abordagem de Boyle e seus pares “empiristas”¹⁸³.

Ao consultar a versão latina do texto, publicada em Frankfurt, no ano de 1673, o leitor se depara com uma lista de nomes de pessoas que Schefferus considera confiáveis para neles basear seu trabalho¹⁸⁴. Alguns exemplos são Paulo Jóvio, Adão de Bremen, Tácito, Procópio de Cesareia, Caspar Peucer, Olaus Niurenus, Damião de Góis, Hugo Grotius, Johannes e Olaus Magnus, Johannes Tornaeus, Olaus Worm¹⁸⁵, Saxo Gramático e os autores (anônimos) da Saga de Santo Olavo¹⁸⁶ e da Saga de Bosi e Herod¹⁸⁷. Há uma variedade de personalidades: figuras da Antiguidade Tardia e Medieval, humanistas dos séculos XVI - XVII, assim como pastores luteranos enviados ao Norte durante o século XVII e, até, dois indivíduos identificados como *Lappo*, possíveis estudantes em Uppsala de origem sámi, relatores particulares de Schefferus.

Preferimos os textos citados diretamente por Schefferus ao logo do relato para, em uma análise comparativa, estabelecer a intertextualidade da obra. Nossa proposta, então, é interpretar Schefferus como o construtor de uma nova camada do conceito “sámi” cruzando o seu relato com os outros disponíveis anteriormente. Para isso,

¹⁸² Por “cosmógrafo de gabinete”, Lestrigrant entende aquele que, a partir das fórmulas antigas – alheios aos perigos da viagem – produzem seus relatos cosmográficos. Ver: LESTRINGATN, F. **A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009, pp. 38 – 55.

¹⁸³ Traduzimos aqui o termo *experimentalists* utilizado por Schaffer e Shapin. Ver: SCHAFFER, S.; SHAPIN, S. *Op. cit.*, p. 24.

¹⁸⁴ *Nomina eorum, quorum fidem secuti sumus in concinnatione hujus operis*, ou, Nomes daqueles cuja confiança seguimos em unir a este trabalho. Em: JOHANNES SCHEFFERUS. **Lapponia id est, Regionis Lapponum Et Gentis Novaet Verissima Descriptio. In qua multa De origine, superstitione, sacris magicis, victu, cultu, negotiis Lapponum, item Animalium, metallorumque indole quae in terris eorum proveniunt, hactenus incognita Poroduntur, & eiconibus adjectis cum cura illustrantur**: Frankfurt, Christian Wolff, 1673, l. 22. A edição sueca de 1956 traduziu esse título como “Auktorer vilka följts vid utabetandet av detta verk”, ou, “Autores que foram acompanhados neste trabalho”. Em: JOHANNES SCHEFFERUS. **Lappland**. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1956. (*Acta Lapponica*, 8), p. 35.

¹⁸⁵ OLE WORM. **Museum Wormianum, seu, Historia rerum rariorum: tam naturalium, quam artificialium, tam domesticarum, quam exoticarum, quae Hafniae Danorum in aedibus authoris servantur**. Lugduni Batavorum: Apud Iohannem Elsevirium, 1655. Disponível em https://archive.org/details/gri_museumwormia00worm/page/n11 (acessado em 11/06/2019). É a cópia digitalizada do texto sob curadoria do Getty Research Institute (Los Angeles, EUA).

¹⁸⁶ A versão que consultamos foi SNORRI STURLUSON. **Heimskringla: Óláfr Haraldsson (The Saint)**, London: Viking Society For Northern Research, 2014.

¹⁸⁷ A versão consultada por Schefferus, provavelmente, foi a compilada por outro polímata, ativo no cenário upsaliense, Olof Verelius. Ver: OLOF VERELIUS. **Herrauds och Bosa Saga**, Uppsala, 1666. Para nossa leitura, consultamos o volume **Seven Viking Romances**, trad. Herman Pálsson e Paul Edwards Harmondsworth: Penguin Books, 1985, pp. 7 – 16 (“Introduction”) e pp. 199 – 227 (“Bosi and Herraud”).

buscamos rastrear a quais autores o filólogo se referia, e como o fazia. Sobre a análise conceitual-contextual desses escritos, precisamos acrescentar alguns adendos metodológicos, já que, apesar de semelhantes, produções como os de Olaus Magnus (*Historia de Gentibus Septentrionalibus* e *Carta Marina*), as Sagas, a *Historia Norwegiae* e a *Gesta Danorum*, possuem suas especificidades históricas. Isto é, apesar de citadas por Schefferus (e, em alguns casos, citadas por outros contemporâneos), precisamos levar em consideração as dinâmicas e tensões históricas específicas sob as quais cada fonte foi forjada.

No caso das Sagas, não podemos perder de vista que, enquanto gênero literário, e importante fonte de estudos históricos, o termo cobre uma ampla gama de relatos. Como definição inicial, propomos “sagas” como um conjunto de

[...] narrativas medievais que foram produzidas, em grande parte, entre 1150 e 1350, e que contam histórias do passado escandinavo. Um estilo de narrativa rápida, factual, objetiva, escrita em prosa e centrada em um indivíduo, em uma família ou, ainda, em uma região. Originalmente as sagas eram transmitidas oralmente, relacionados com a criação de identidades e de um passado em comum em relação a um território, região e mesmo, em diferentes graus, a famílias e linhagens¹⁸⁸.

Além disso, essa massa documental foi produto de uma forma única de cooperação entre os membros de clero e os chefes políticos locais. Na Islândia, local de composição desses textos, durante seu período de escrita, as lideranças políticas tinham algum controle da produção literária e os líderes

(...) também se viam como guardiões dos saberes tradicionais da Era pré-cristã, na forma de poesias escáldicas, contos heroicos, genealogias e lendas sobre seus ancestrais, principalmente se eles tiveram um papel importante na história da Noruega e Islândia¹⁸⁹.

¹⁸⁸ MIRANDA, Pablo Gomes de. **Guerra e Identidade: um estudo da marcialidade no Heimskringla**. Natal, Mestrado, UFRN, Natal, 2014, pp. 21 – 22. Para uma definição mais sistemática, preocupada em cotejar esse tipo de documentação com o período Medieval da Escandinávia, o leitor achará instrutiva as leituras de SAWYER, B.; SAWYER, P. “Icelandic Sagas” in: IDEM. **Medieval Scandinavia: From Conversion to Reformation, Circa 800-1500**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993, pp. 21-26 e O’DONOGHUE, H. “The Saga” in: **Old Norse-Icelandic Literature: a short introduction**, Oxford: Blackwell Publishing, 2004, pp. 22 – 60. Em português, uma leitura resumida do tema se encontra em: LANGER, Johnni (org.). *Op. cit.* p. 621 (e subseqüentes indicações).

¹⁸⁹ OLIVEIRA, A. A. de. **Imaginário e identidade na conversão da Islândia**. Mestrado, UFMA, São Luís, 2015, p. 24.

Desse modo as descrições sobre os sámi que ali lemos são produtos da “sociedade das sagas” e suas dinâmicas. Como exemplo, é possível destacarmos a preocupação em compilar as tradições orais anteriores em texto (exercício comum para a elaboração das Sagas) com o objetivo de fortalecimento de identidades cristãs, territorialidade e determinada marcialidade¹⁹⁰.

Encaramos problemas semelhantes ao lermos fontes como a *Gesta Danorum*. Para melhor compreendermos o que motivou a descrição de *Saxus Grammaticus* dos sámi, assim como a forma dessas caracterizações, precisamos inseri-lo no contexto político do reino danês e suas relações com a Igreja. Permeado por projeto de domínio do Mar Báltico – vinculado ao movimento das cruzadas – o século XIII dinamarquês viu florescer uma visão de seu passado glorioso a partir de linguagens imagéticas em um período de extrema tensão, e transição, entre poder da monarquia e o das entidades eclesiásticas¹⁹¹.

Outros documentos que precisaram ser desembaraçados de uma trama de citações confusas e imprecisas foram os textos da *Lappmarksplakat* (1673) e *Lappmarksplakatet* (1695). A maioria das citações historiográficas que se referem a ambas é vaga e não faz referência direta a nenhum dos dois textos, sendo que apenas a segunda emissão possui menção mais clara¹⁹². Enquanto documento oficial, a leitura e análise da *Lappmarksplakatet* (1695) nos ajuda a desvendar o tratamento jurídico a que os sámi (no texto “lapparne”¹⁹³) foram circunscritos.

Os documentos são decretos publicados durante o reinado de Carlos XI e contemporâneas ao lançamento da primeira edição da *Lapponia* e de toda a primeira onda de traduções do livro¹⁹⁴. A versão de 1673 instituiu um regulamento que descrevia as obrigações e direitos daqueles que ocupassem terras na *Sápmi*, com o objetivo de

¹⁹⁰ Como buscam investigar os trabalhos de Miranda e Oliveira citados acima.

¹⁹¹ O resgate feito por André Muceniecks, em **Saxo Grammaticus: Hierocratical Conceptions and Danish Hegemony in the Thirteenth Century**, Croydon (UK): ARC Humanities Press, 2017, foi basilar para conduzirmos esse inquérito.

¹⁹² A versão da *Lappmarksplakatet* (1695) consultada se encontra em PETRUS LÆSTADIUS. **Petrus Læstadius journaler: faksimiletext och kommentar. 2, Fortsättning av journalen öfver missionsresor i Lappmarken innefattande åren 1828-1832**. Umeå: Skytteanska Samfund, 1977, pp. 532-533. O texto que melhor elucida essas fontes é LUNDHOLM, Kjell. “Lappmarksplakat, nybyggare och kolonister: om jordens odling och befolkningens tillväxt” [“Lappmarksplakat, colonos e lavradores: sobre o cultivo da terra o crescimento populacional”], pp. 115–120 in: IDEM. **Norrbottnen i den svenska historien** [A Bótnia Setentrional na História sueca]. Luleå: Norrbottens museum 1993.

¹⁹³ PETRUS LÆSTADIUS, *Op. cit.*, p. 532.

¹⁹⁴ Por primeira onda, nos referimos aos textos publicados imediatamente após a edição de 1673. Para a lista dos textos, sua composição, local de publicação e idioma, consultar o anexo 2.

“acelerar a colonização das Lappmarks”¹⁹⁵. A atualização de 1695 retificava a concessão de benefícios, como a isenção de alguns impostos, e enfatizava a necessidade de estabelecer a agricultura e a pecuária como meios de vida. No entanto, como previsto no texto, os novos edifícios da região só poderiam ser construídos com o consentimento dos *lappby*¹⁹⁶.

O processo de cristianização e de recolhimento de objetos do cotidiano sámi foram fundamentais para a criação dos relatos sobre as populações locais, produzidos por oficiais do estado, clérigos e viajantes¹⁹⁷. Munido de peles de animais, tambores sagrados, colheres esculpidas a partir de chifres de renas, túnicas e *pulkas* recolhidos pelas missões suecas na Lapônia, Schefferus as descreve em diversas passagens de sua *Lapponia* e reforçava a construção discursiva e visual (já que a versão original de seu trabalho estava repleta de ilustrações do próprio punho) dos sámi como exóticos e peculiares. No entanto, vale notar que esse colecionismo sobre os habitantes da *Sápmi* tem datação do período tardo-medieval quando os povos sámi, assim como renas, tornaram-se parte de redes de troca de *commodities* entre os reinos escandinavos e o continente europeu¹⁹⁸.

O dinamarquês Ole Worm, conhecido por ser um dos tradutores das Sagas Medievais e popular colecionador, pode ser considerado o precursor de Schefferus¹⁹⁹. No frontispício de seu *Museu Wormianum*, publicado um ano após seu falecimento, vê-se uma inúmera quantidade de objetos, como um caiaque inuíte da Groelândia, carcaças de animais provenientes de regiões exóticas como tartarugas, tatus sul-americanos, animais marinhos, um urso, renas e um manequim com vestes, esquis e um tambor sámi.

¹⁹⁵ CRAMÉR, T. **Tusen år i Lappmarken**. p. 174.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 175. Corpo jurídico-administrativo que possuía o direito de tributação nas áreas colonizadas do Norte (Su. *skattemannrätt*).

¹⁹⁷ Essa discussão é aprofundada no capítulo seguinte da dissertação, esp. pp. 68-85.

¹⁹⁸ NORDIN, J. M.; OJALA, C-G. *Op. cit.*, p. 116.

¹⁹⁹ *Idem*, p. 116.



Figura 10. O Museu Wormiano²⁰⁰

Ao consultar o próprio *Museo Schefferiano*, encontramos uma peça intitulada *silicies numerorum specie rotundi reperiuntur in lotte maris & fluminum lapponiae*, que Schefferus utilizou para descrever os *seidrs*²⁰¹ lapões. Além disso, como o próprio professor aponta, o próprio chanceler De la Gardie fornecera tanto objetos sámi quanto relatos de missionários para que Schefferus compusesse seu relato²⁰². Dentre esses clérigos que circularam pela Sápmi²⁰³, podemos citar Samuel Rheen, Johannes Torneaus,

²⁰⁰ OLE WORM. *Museum Wormianum, seu, Historia rerum rariorum: tam naturalium, quam artificialium, tam domesticarum, quam exoticarum, quae Hafniae Danorum in aedibus authoris servantur*. Lugduni Batavorum: Apud Iohannem Elsevirium, 1655. Disponível em https://archive.org/details/gri_museumwormia00worm/page/n11 (acessado em 11/06/2019). É a cópia digitalizada do texto sob curadoria do Getty Research Institute (Los Angeles, EUA).

²⁰¹ A definição se encontra no glossário de termos recorrentes.

²⁰² Schefferus, ao descrever os tambores xamânicos sámi, postula: “But that you may the better understand the diversity of the drums, here are two represented to you, both which I had out of the Study of the Chancellour of the Kingdom.” [“Mas para que se entenda melhor a diversidade dos tambores, aqui estão representados dois, ambos os quais retirei do estúdio do chanceler de nosso reino.”] em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, 1674, p. 49. No final do relato, ao tratar das pedras, joias e pérolas da Lapônia, o humanista continua: “By diamonds he [Olaus Magnus] means transparent stones or chrystal, they are found big and little sticking up and down upon the rocks and craggs: some areas big as childrens’ heads, such as I saw the Illustrious Gabriel de la Gardie Chancellour of this kingdom have”. [“Ele [Olaus Magnus] se refere aos diamantes como pedras transparentes ou cristais, encontrados grandes e pequenos pendendo para cima e para baixo das pedras e rochedos: algumas áreas grandes como cabeças de crianças. Foram essas que vi sob a posse do ilustre Gabriel de la Gardie, chanceler deste reino.”] em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, 1674, p. 144.

²⁰³ Os textos de Rheen e Tunderus encontram-se na biblioteca nacional da Suécia com o título *Lapponia*.

Nicolaus Lundius, e Gabriel Tunderus. Samuel Rheen, pastor luterano de origem camponesa que atuou em Piteå (1641 – 1664), Jokkmokk (1666 – 1671) e como *rector* em Raena (1671 – 1680), descreveu a Cosmologia pré-Cristã, os costumes locais, além de incluir desenhos de um tambor xamânico e relatar o transe de um xamã. Suas descrições são referentes aos *Lule sámi* – habitantes da região de Jokkmokk, sua segunda sede pastoral. Foi o primeiro a ter seu material enviado a Schefferus em 1671²⁰⁴.

Johannes Torneaus, nascido em Torneå, serviu como vigário na congregação de Tornio por 41 anos e, patrocinado pelo Barão Gabriel Oxenstierna, viajava por diversas partes da Torne *lappmark* todos os anos. Um profundo conhecedor das crenças e língua dos sámi, foi responsável pela tradução de diversos livros religiosos como o *Manuale lapponicum* (1648). Além de tratar das crenças e práticas religiosas dos sámi, escreveu sobre o pastoralismo de renas e, baseado em textos bíblicos, contribuiu para a especulação sobre as origens dos sámi. Seu manuscrito, enviado a Schefferus em 1672, fora publicado em 1772 e em 1900, sob supervisão de K. B. Wiklund²⁰⁵, recebeu nova edição.

Nicolaus Lundius, um sámi *suequizado* da *Lappmark* de Piteå, era filho do primeiro religioso sueco de origem sámi. Foi aluno da Escola fundada por Johannes Skytte (*Skytteanska skola*) na vila de Lyckesele (*lappmark* de Umeå). Publicado em 1905, seu relato – que não deve ser subestimado, visto que entre os clérigos, era o que tinha (supostamente) o melhor conhecimento da língua local – faz referência aos sámi das *lappmarks* de Ume e Lule e contém referências ao xamanismo, cosmologia e sobre o modo de vida e da família sámi²⁰⁶.

Outro que destoa, como Lundius, é o relato de Gabriel Tunderus. De origem fínica, foi importante personagem na conversão dos sámi finlandeses. Estudou em Turku e Uppsala e fora responsável pelo trabalho missionário na *Kemi lappmark*. Confiscou

²⁰⁴ Editado e impresso no século XIX, o manuscrito do relato de Rheen consta na coleção denominada *Bibliotheca Delagardiana*, à qual Schefferus teve acesso na Universidade de Uppsala. Para a versão impressa do relato, ver: RHEEN, S. **En kortt relation om lapparnes lefwerne och sedher, wjldskiepellsser, sampt i många stycken grofwe wildfarellsser** [Um breve relato sobre a vida, costumes e superstições dos lapões, muitas vezes grandes selvagens]. Uppsala: Harald Wretman. 1897. A *Bibliotheca Delagardiana* encontra-se em UUBA, U280.

²⁰⁵ Karl Bernhard Wiklund (1868 – 1934) foi professor de linguística fino-úgrica da Universidade de Uppsala entre os anos de 1905 – 1933. Dentre suas publicações mais importantes sobre os sámi, destacam-se **Lule-lappisches Wörterbuch** [Dicionário de lule-sámi], 1890 e **Lärobok i lapska språket** [Livro sobre a língua lapã]. Uppsala: Lundequistska bokh., 1901 [1915]. Além deles, publicou em 1910 na *Studentföreningen Verdandis Smaaskrifter* uma monografia intitulada “*Om Lapparna i Sverige* [Sobre os lapões da Suécia]”.

²⁰⁶ NICOLAUS ANDREAS LUNDIUS. **Descptio Lapponiae**. Stockholm: Kongl. boktryckeriet, P.A. Norstedt & söner, 1905. Sobre a trajetória do autor, ver: KULONEN, U.-M.; SEURUJÄRVI-KARI, I.; PULKKINEN, R. **The Saami: A Cultural Encyclopaedia**. Helsinki: Finnish Literature Society, Finland, 2005, p. 209

diversos tambores xamânicos e fez uso de punições violentas para erradicar o paganismo das vilas de sua pastoral. Seu relato, *En kort underrättelse om the österbothnische lappar* (1773), reeditado em 1905, contém informações únicas sobre o culto (e caça) ao urso²⁰⁷.

Dado seu ineditismo, profundidade e a divulgação continental significativa, podemos considerar Schefferus como o primeiro “lapologista”: um não-sámi que se dedicou ao estudo sistemático das populações Sámi e fínicas e produziu um relato sobre elas²⁰⁸. O termo é uma construção historiográfica e é utilizado para descrever um nicho não científico, portanto datado, de estudos sobre os Sámi. Em *The Saami – a cultural encyclopaedia*, a definição da lapologia fundada por Johannes Schefferus é de um tipo de pesquisa sem valor científico intrínseco, em que os objetivos são políticos e religiosos. Konsta Kaikkonen endossa essa definição ao adicionar que:

The roots of these views were based on nationalistic and partly colonialist ideals: early theories of cultural evolution, exoticism and romanticism, and mostly Lutheran Christian standpoints in terms of religion and morality, flowed through all lappological research²⁰⁹.

A adesão completa a essa proposta nos parece um pouco perigosa, pois há certa imprecisão em qualificar termos como “científico”. É preciso lembrar que em meados do século XVII, os estatutos científicos – especialmente os voltados para as (hoje conhecidas como) ciências humanas estavam em construção. Dessa forma, falar em preocupação “científica” nos parece anacrônico, uma vez que essa preocupação emerge dos estudos atuais e não do século XVII. Só poderíamos falar em ciência se levarmos em consideração que, durante os séculos XVI e XVII, o elemento maravilhoso era, na verdade, uma categoria central de investigação²¹⁰. Stuart Clark, ao tratar da relação entre ciência e demonologia, nos alerta:

[...] we are faced with the artificiality of bringing the modern notion that there is a difference of kind between the "scientific" and the "occult" to the

²⁰⁷ GABRIEL TUDERUS. *En kort underrättelse om the österbottnische lappar: som under Kiemi Gebiet lyda* [Um breve relato sobre os lapões da Ostrobótnia: conhecida como área de Kiemi]. Stockholm: Kongl. boktryckeriet, P.A. Norstedt & söner, 1905. Para as informações biográficas de Tuderus, ver: KULONEN, U.-M.; SEURUJÄRVI-KARI, I.; PULKKINEN, R. *Op. cit.*, p. 418 e JOY, Francis, *The History of Lapland and the case of the sami noaidi drum figures reversed*, *Folklore. Electronic Journal of Folklore*, v. 47, 2011, p. 119.

²⁰⁸ É interessante notar que, em finlandês, há um vocábulo para definir um indivíduo obcecado pela Lapônia: *lapinhullu*. Ver: KAIKKONEN, K. *Op. cit.*, p. 4.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 6.

²¹⁰ CLARK, S. “The scientific status of demonology”. In VICKERS, Brian (ed.). *Occult & Scientific Mentalities in the Renaissance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 355.

investigation of what were simply differences of degree between varying conceptions of nature²¹¹.

Dessa forma, além de apontarmos o contexto político e religioso que permeia o relato, podemos sublinhar os empreendimentos intelectuais do período, que tinham como principal foco debater e descobrir a *origem* dos povos sámi, a partir de balizas conhecidas por autores semelhantes à Schefferus, como a filologia e a teorização a partir das escrituras Bíblicas. Ou seja, a forma como Schefferus e seus contemporâneos, como Olof Rudbeck Sênior e Junior²¹², compreendiam o mundo e, em certo sentido, “faziam ciência”, estava plenamente integrada aos elementos religiosos e sobrenaturais²¹³.

Konsta Kaikkonen, em sua recente dissertação de mestrado, ao descrever a dificuldade de seu trabalho, fez uma analogia ao ato de se comer uma sopa utilizando um garfo²¹⁴; uma anaoliga que, guardadas as devidas proporções, descreve dificuldades semelhantes ao nosso trabalho. Nós, *outsiders* do mundo sámi, lidamos, também, com fontes escritas por não-sámi. Dessa forma, podemos parecer mais próximos dos “lapologistas” do que de estudos mais arejados sobre a cultura sámi. Troy Storfjell, interessado em posicionar os estudos sámi nos Estados Unidos e Canadá, advoga pela necessidade de um envolvimento responsável, para além das fronteiras institucionais:

Sami studies in North America also find themselves developing in the context of already extant Sami studies programs in the Nordic region. In recent years, these have come to be dominated by ethnic Sami scholars, who have thus appropriated the field of Lappology as a space from which to contest imperial narratives of appropriation. We must carefully evaluate our connections with

²¹¹ *Idem*, p. 356.

²¹² Olof Olai Rudbeck, ou, Olof Rudbeck, o novo (1660 – 1740) foi, também, professor na Universidade de Uppsala. Principalmente interessado em Medicina e em História Natural, é conhecido por ter sido o preceptor de Carlos Lineu (1707-1778). Em 1695, viajou à Lapônia e, mais tarde, publicou o que ficou conhecido como **Nora Samolad eller det upplyste Lapland** [O país sámi do Norte, ou Lapônia esclarecida] (1701). Em 1704, para a nova tradução inglesa da **Lapponia** de Schefferus, o texto citado de Rudbeck Jr. foi acrescentado como apêndice. Ver: JOHANNES SCHEFFERUS. **The History of Lappland**. London: Printed for The Newborough, 1704.

²¹³ Sobre o tema da Ciência na Modernidade e sua relação com o Ocultismo e Sobrenatural, indicamos CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna**. Tradução. São Paulo: Edusp, 2006, pp.207 – 218, “Bruxaria e Ciência” e pp.383-403, “A bruxaria e a revolução científica” e WEBSTER, Charles. **From Paracelsus to Newton: Magic and the Making of Modern Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. O capítulo de PORTER, R. “The scientific revolution: a spoke in the wheel?” in: PORTER, ROY; TEICH, MIKULÁŠ. **Revolution in History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, pp. 290-316 traz, ainda, reflexão e resgate historiográfico interessante para se pensar a proposta de “Revoluções Científicas” durante a Modernidade.

²¹⁴ “To grasp a more truthful and holistic picture of the Saami who lived between two religions from the seventeenth century and onwards, I would have to try and reconstruct lost ideals, thoughts, beliefs and actions of people who lived in a distant past and in a completely different cultural and environmental setting from my own”. Em: KAIKKONEN, K. *Op. cit.*, p. 5.

our Sami colleagues in the Nordic region bearing in mind questions of agency and authority as well as the problematics of the power inherent in representation (...) Sami studies here are thus part of a larger Scandinavian or Nordic whole as our institutional structure mirrors and arises out of the history of the Nordic colonization of Sápmi²¹⁵.

Seguindo essa linha, pretendemos contribuir não com a lapologia em si, mas sim com uma investigação de como Schefferus contribuiu, conceitualmente, para a construção desse paradigma. Assim, ao propormos um resgate conceitual do “ser sámi”, não abrimos mão de uma análise que sublinhe as tensões e relações de forças – políticas, religiosas, econômicas e sociais – envolvidas no processo do contato. Como evidência, lembramos o fato de que, até o século XIX, qualquer definição ou descrição teórica sobre os sámi foi levada a cabo por forasteiros; ou seja, a *etnicidade* sámi foi forjada pelo contato e, portanto, por ambos os atores envolvidos, mas edificada ao longo do tempo, a partir de posições assimétricas.

1.4 Obsequentissime devoto animo, perpetuum addictus²¹⁶: Schefferus e o Estado sueco

Na esteira dos estudos que trataram dos elementos “não absolutistas”, sublinhando as diversas disputas forais das dinâmicas políticas locais, podemos conduzir uma análise mais específica dos processos de centralização do poder na Suécia. Partindo das reflexões da “Nova História Política”, podemos realçar a contribuições das diversas elites do poder. Wolfgang Reinhard é quem propõe esse conceito como base para sua interpretação da construção das engrenagens estatais²¹⁷. De forma sintética, podemos explicar elites do poder como os agentes e membros da classe dominante²¹⁸ que possuem interesse nessas engrenagens e a capacidade de afetar sua natureza. O alemão apresenta um modelo interpretativo eclético para a velha problemática baseado em três níveis teóricos: o micro, o meso e o macro.

²¹⁵ STORFJELL, T. Mapping a Space for Sámi Studies in North America. *Scandinavian Studies*, v. 75, n. 2, 2003 pp. 160-161 (The People of Eight Seasons: The Sámi and Their Changing).

²¹⁶ “Com máxima obediência e devotado espírito, para sempre, a vós dedicado”. É a tradução do fechamento da dedicatória de Johannes Schefferus ao *rikskansler* Magnus Gabriel de La Gardie na versão latina de *Lapponia*.

²¹⁷ REINHARD, W. “Introduction: Power Elites, State Servants, Ruling Classes, and the Growth of State Power”. in: IDEM (Org.). *Power Elites and State Building*, New York: Oxford University Press, 1996, pp. 1 – 18.

²¹⁸ Reinhard resgata Marx para explicar o conceito, e o define como o grupo detentor dos meios produtivos *ou*, pelo menos, detentores do poder econômico em uma dada sociedade.

O nível micro é aquele formado pelas relações pessoais vinculadas às elites do poder e às dinastias locais. A eliminação dos rivais iniciais, outras famílias da alta nobreza e a Igreja era um importante primeiro passo para o estabelecimento do monopólio do poder próprio²¹⁹. Assim, essas dinastias criavam um interesse contínuo no estabelecimento do poder. A ideia de “perpetuação dinástica” era mais forte que a do próprio indivíduo. Para confirmar sua hipótese, Reinhard descreve a figura do primeiro-ministro “favorito” que surge nessa sociedade tomando como exemplo o cardeal Richelieu, detentor de um cargo público de prestígio elevado, pois atuava a serviço do rei. Ao tratar desses servidores do Estado (*leading servants*), Reinhard, no entanto, ofusca o papel de agência individual, mesmo conferindo protagonismo ao nível micro, já que considera que esses personagens agiam exclusivamente por interesses e valores *políticos* vinculado ao próprio centro político-administrativo.

O nível meso é aquele relativo à relação entre a guerra, os servidores do Estado e o próprio Estado. Um Estado de Guerra (*War State*) expande sua administração e cobrança de impostos com o intuito de bancar as guerras. Essencialmente, o Estado Moderno é um Estado de Guerra, uma vez que a habilidade das elites do poder em controlar e explorar a guerra, a religião e o patriotismo como forma de expansão de seu poder²²⁰ torna-se peso decisivo na balança política dos séculos XVI e XVII²²¹. Com todas as mudanças de armas, táticas e fortalezas, as proporções das guerras (e sua duração) aumentaram, assim como a necessidade de um maior orçamento. Sendo assim, torna-se necessária uma relação simbiótica entre o Estado e capital que formava um ciclo: o aumento da extração de recursos e do aparato estatal aumentava o poder estatal que, por sua vez, era gerado pela própria guerra.

Do crescimento político gerado, em parte, pela guerra, surge a necessidade de uma legitimidade adicional. A religião cumpriu esse papel, uma vez que o Estado Absolutista estava longe de ser neutro nos aspectos políticos, já que uma das forças fundamentais desse Estado era sua intolerância²²². Reinhard identifica três vantagens para o Estado em adquirir controle sobre a Igreja: o monopólio político, o reforço da identidade nacional e territorial e a contribuição da disciplina e unificação para o nivelamento

²¹⁹ REINHARD, W. *Op. cit.*, p. 7.

²²⁰ *Ibidem*, p. 9.

²²¹ *Ibidem*, p. 7.

²²² *Ibidem*, p. 11.

político. Sendo assim, a Igreja teve seu papel político alterado após a Reforma, e transformou-se em um instrumento de obediência, controle e de extração de recursos²²³.

Por fim, o nível macro é responsável por tratar da relação entre as classes dominantes e a(s) sociedade(s). Partindo da análise de casos específicos, a cidade (e a burguesia) cumpriu papel fundamental na construção do Estado, que tinha a maioria de seus recursos extraídos da produção rural. A relação estabelecida entre o Estado e essas classes dominantes, então, é a integração da economia rural ao mercado, uma vez que um Estado Moderno (e de Guerra) não poderia sobreviver sob a lógica da economia de subsistência, pois precisa – cada vez mais – aumentar sua fatia na extração de recursos. E, como consequência, Reinhard observa que o crescimento do poder estatal ao longo do tempo foi acompanhado por revoltas populares que contavam, em muitas ocasiões, com participação da própria nobreza.

Em conclusão, Reinhard enxerga esse Estado (e os atritos referentes à sua construção) como um fenômeno unicamente europeu, que tem origem nas rivalidades geo-históricas plurais de poderes rivais, sendo o aumento do poder para interesse próprio seu motor. Assim, as condições particulares da Europa, como as tradições políticas e culturais, aliadas ao desenvolvimento rural e urbano da economia, providenciaram, além de obstáculos para seu próprio desenvolvimento, os meios para o crescimento do poder estatal, que foi apoiado por ímpetus ideológicos, nesse primeiro momento de teor confessional.

Após essa breve apresentação da perspectiva de Wolfgang Reinhard, é preciso pontuar algumas críticas à sua abordagem. Enquanto trabalho historiográfico, essa leitura pode ser circunscrita aos estudos que fazem uso do “paradigma de confessionalização”²²⁴. Heinz Schilling, colega de Reinhard e importante contribuinte

²²³*Ibidem*, p.12.

²²⁴ Para leituras que levem em consideração o percurso historiográfico que culminou no “paradigma da confessionalização”, ver: BRADY JR., T. A. “Confessionalization: The career of a concept”. In: HEADLEY, J. M.; HILLERBRAND, H.J.; PAPALAS, A. J. (orgs.). **Confessionalization in Europe, 1555 - 1700: Essays in Honor and Memory of Bodo Nischan**. London: Routledge. 2004, pp. 1 – 20; SCHILLING, H. “Confessionalization: Historical and Scholarly Perspectives of a Comparative and Interdisciplinary Paradigm” in: HEADLEY, J. M.; HILLERBRAND, H.J.; PAPALAS, A. J. (orgs.). *Op. cit.*, pp. 21 – 36. Em português, abordagens críticas sobre o “paradigma” podem ser encontrados em: RODRIGUES, R. L. Os processos de confessionalização e sua importância para a compreensão da história do Ocidente na primeira modernidade (1530-1650). **Tempo** [online]. 2017, vol.23, n.1, pp.1-21. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2017v230101> e PAIVA, J. P. O Estado na Igreja e a Igreja no Estado: contaminações, dependências e dissidência entre o Estado e a Igreja em Portugal (1495-1640). **Revista Portuguesa de História**, t. XL (2008/2009), 2009, pp. 385-386.

dessa formulação teórica, explica que as pesquisas sobre a confessionalização (alemão *Konfessionalisierung*) da Europa cedo-moderna

not only concerned with the formation of the modern confessional churches as institutions or with the confessions as religious cultural systems, clearly distinct in doctrine, spirituality, ritual, and popular culture. Rather, at issue is a process of change and formation, directed by religious and ecclesiastical forces, which embraced all areas of public and private life and which fundamentally molded the profile of modern Europe²²⁵.

Schilling oferece ao leitor a tese de que a “Época Confessional”²²⁶ seria um estágio preliminar da Modernidade, ou como escreve, um *Vorsattelzeit der Moderne*²²⁷. Para isso, o autor se inspira nas proposições de Reinhart Koselleck que entende os séculos XVIII e XIX como um momento em que houve uma aceleração do tempo histórico que resultou no estabelecimento de uma nova relação humana com a História e com a concepção de tempo. Koselleck batiza esse período como *Sattelzeit* e, em sua tese afirma que:

(...) na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir de momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então²²⁸.

Ao se valer dessa noção, Schilling aponta, portanto, para a possibilidade de interpretarmos o período em que os processos de confessionalização se desenrolam – os séculos XVI e XVII – como um período que antecipa *Sattelzeit* koselleckiano.

No entanto – e aqui inserimos nossa primeira crítica –, não é difícil apontar o viés teleológico dessa interpretação. Ao estabelecer um período de “pré-Modernidade”, Schilling parece ter analisado a Época Confessional a partir dos resultados desses processos. Nosso argumento sobre a visão teleológica do alemão pode ser estendido a

²²⁵ SCHILLING, H. “Confessionalization: Historical and Scholarly Perspectives of a Comparative and Interdisciplinary Paradigm” in: HEADLEY, J. M.; HILLERBRAND, H.J.; PAPALAS, A. J. (orgs) *Op. cit.*, p. 28.

²²⁶ Tomado de empréstimo de Wolfgang Reinhard, Rodrigues utiliza do termo “como referência ao período (de meados do século XVI até fins do XVII) no qual predominou essa disposição geral para a delimitação confessional que, todavia, ganhou contornos próprios em cada situação concreta”. Ver: RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, 2011, p. 60.

²²⁷ SCHILLING, H. *Op. cit.* 2004, p. 29.

²²⁸ KOSELLECK, R. **O Futuro Passado: contribuição à uma semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 314.

partir do que o próprio autor escreveu. Ao tratar do polo dialético da confessionalização, isto é, a secularização, Schilling propõe:

Only the tension between the spiritual and the secular empowered the societal and cultural dynamic characteristic of Latin Europe. Only the basically dualistic structure of the sacred and the secular guarantees for both sides the possibility of independent action. (...) In retrospect one might say that Europe was “programmed” to secularization and to intellectual as well as political autonomy, or – to use the terms of Max Weber – to rationality and modernity²²⁹.

Wolfgang Reinhard, em suas investigações, entendeu o elemento religioso como o responsável por solucionar o problema sobre o controle das antigas autonomias locais, já que as estruturas administrativas existentes não conseguiam impor o disciplinamento²³⁰. Ao enfatizar esses processos confessionais como sintoma da Modernidade a partir de uma abordagem macro-histórica e dependente de esquemas herméticos, a interpretação de Reinhard ofusca tanto o quadro heterogêneo existente nas diferentes confissões do período quanto seu principal componente: a religião²³¹. Vistas por seus formuladores como grandes vantagens metodológicas do “paradigma confessional”, essa ênfase esquemática, no fim, acaba por criar uma proposta definitivamente coesa. No entanto, como aponta Thomas Brady Jr., diferente do sociólogo, preocupado com a análise conceitual em termos de seu funcionamento lógico, o historiador trata de conceitos a partir de sua utilidade²³². Dessa forma, a proposta mecânica de Reinhard, apesar de se completar enquanto teoria, sufocou a possibilidade de um escrutínio dos modos e práticas religiosas que, de forma geral, diferenciam tais confissões²³³.

²²⁹ SCHILLING, H. *Op. cit.*, 2004, p. 28.

²³⁰ RODRIGUES, R. L. **Entre o dito e o maldito: Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530 - 1685**, Doutorado [História], Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 409.

²³¹ RODRIGUES, R. L. “Reflexões sobre o Humanismo português no alvorecer da época confessional”. **Revista Angelus Novus**, nº 2, 2011, p. 58. John O’Malley, apesar de endossar algumas das posturas de Reinhard, propõe que o autor, de fato, deixou escapar o elemento religioso em: O’MALLEY, J. A. **Trent and all that: Renaming Catholicism in the Early Modern Era**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2004, pp. 138-139. Sobre o cuidado com a ênfase na proximidade entre os processos católicos e protestantes em: PAIVA, J. P. *Op. cit.*, 2009.

²³² BRADY JR., T. A. Confessionalization: The career of a concept. In: HEADLEY, J. M.; HILLERBRAND, H.J.; PAPALAS, A. J. (orgs.). *Op. cit.*, p. 19.

²³³ RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, 2012, p. 441. Como contrapartida à ênfase macro-histórica do “paradigma confessionalista”, podemos citar os trabalhos de Adriano Prospero e José Pedro Paiva que, a partir de perspectivas mais matizadas sobre a relação entre religião, política e os múltiplos agentes, ofereceram

Além disso, a forma com Reinhard propõe a relação entre Igreja e Estado é passível de críticas. Em uma abordagem unidirecional e Estado-centrada, a narrativa de que a religião fora instrumentalizada pelos príncipes europeus reflete, na verdade, um olhar de nossa época sobre o Passado²³⁴. Saindo da lógica mecanicista para a especificidade dos fenômenos, não nos parece que havia, necessariamente, uma frieza por parte das Coroas (especificamente a sueca) em utilizar a instituição religiosa como um meio de fortalecimento de seu projeto político. Em outras palavras, a aderência pelo movimento da reforma luterana é uma questão teológica que tem importância efetiva, além da esfera política.

Além disso, a ênfase nas *elites* ofusca a interiorização das diferentes doutrinas e normas durante a “Época Confessional” pelos indivíduos envolvidos nesse processo. Se lembrarmos que, na Europa cedo-moderna, “a religião era relevante para o indivíduo e sociedade, para a política e instituições, assim como para a ciência, cultura e, de fato, as esferas econômicas e comerciais”²³⁵, não podemos ignorar as agências sociais múltiplas: se o elemento religioso é central, tanto governantes (ou *elites do poder*, para usarmos da nomenclatura que apresentamos no início) quanto governados se envolveram nesses processos. O historiador português Pedro José Paiva nos alerta que essa interpretação desconsidera o que investigações históricas comprovam: se, por um lado, há uma maior intervenção do Estado na Igreja, o juízo inverso também existiu. Além disso, essa leitura parece ignorar as raízes, anteriores à “Época Confessional”, do entrelaçamento e sobreposição dessas duas esferas, em que, mesmo cercada de divergências e conflitos, a intromissão do Estado na Igreja durante a Modernidade teve, como contraposição, o emaranhamento da Igreja no Estado²³⁶.

Apesar das considerações anteriores sobre a teoria de Reinhard, não podemos ignorar sua contribuição para os estudos sobre Estado, materializada na coletânea *Power Elites and State Building*. A partir dela propomos uma análise modular dos níveis macro, meso e micro que nos auxilie no processo de construção das “intenções textuais”²³⁷ de Schefferus. Para isso, porém, o subsídio de Reinhard não é suficiente já que, como

esclarecimentos úteis. Ver: PROSPERI, A. **Tribunais da consciência: inquisidores, confessores, missionários**. São Paulo: Edusp, 2013, em especial pp. 241 – 245 e PAIVA, J. P. *Op. cit.*, 2009.

²³⁴ RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, 2012, p. 387.

²³⁵ SCHILLING, H. *Op. cit.*, 2004, p. 26: “(...) religion was relevant for the individual and for society, for politics and institutions as much as for science, culture, indeed for the economic and commercial spheres”.

²³⁶ PAIVA, J. P. *Op. cit.*, pp. 387-394. Como o próprio autor aponta, precisamos, ao propor análises históricas sobre os processos de confessionalização, levar em consideração “O Estado na Igreja e a Igreja no Estado” (título do artigo aqui citado).

²³⁷ O tema das intenções textuais e sua relação com esta pesquisa se encontram no capítulo 3 (seção 3.2).

ressaltamos há pouco, o caráter da agência pessoal foi suprimido pelo alemão. Em um volume recente sobre a “Era do grande poder sueco” a partir de um viés político (isto é, da edificação do Estado), Petri Karonen traçou o panorama das análises, sobre o caso sueco, que não consideraram o aspecto micro, ou o que o autor denomina de “manifestações concretas do fenômeno”²³⁸:

The broad outlines and structural development have already been well researched at the macro level especially with regard to political events and war history. The basic problem of the current picture is that state building is usually seen as an institutional process that develops inexorably, following its own internal logic. The role of persons at different levels of society in initiating and realizing the process of state building has largely remained uninvestigated²³⁹.

De forma sucinta, a proposta do autor, conforme sua introdução, é propor uma análise que sublinhe, portanto, a agência pessoal e o lado prático dos indivíduos enquanto agentes nesse processo político²⁴⁰. Em sua tese de doutorado Jenny Ingemarsdotter oferece a seu leitor uma biografia intelectual de Johannes Skytte²⁴¹ em que a autora, por meio de uma análise contextual, conectou as reformas administrativas do século XVII ao programa filosófico-pedagógico do humanista em questão, vinculando a agência pessoal “micro” – proposições e expectativas de Skytte – ao processo “macro” tratado em exaustão pela historiografia.

The *exemplum* of Johan Skytte himself, however, also points toward the formation of a new professional category in the Swedish society (...). This category is the professional administrator or civil servant, who may be characterized not only by his loyalty to his patron (usually the king), but also by his well-rounded, yet sophisticated, education and his personal dedication to his mission as a state official, whether he was placed in the Treasury or sent abroad on legations to defend the reputation of his native country and his king²⁴².

Desse modo, buscamos elucidar uma das formas levadas a cabo, durante o século XVII, de conferir legitimidade a um ascendente império e sua busca pelo estabelecimento de

²³⁸ KARONEN, P.; MARKO, H. “Approaches and Perspectives” in: KARONEN, P.; MARKO, H. (org.). **Personal Agency at the Swedish Age of Greatness 1560-1720**, Helsinki: Finnish Literature Society / SKS, 2017, p. 19.

²³⁹ *Ibidem*.

²⁴⁰ KARONEN, P.; MARKO, H. *Op. cit.*, p. 13.

²⁴¹ INGEMARSDOTTER, J. *Op. cit.*, 2011.

²⁴² *Idem*, pp. 270-71.

fronteiras culturais ao conectarmos a esfera macro (dinâmicas de centralização do Estado) à micro (os horizontes e fortunas de Johannes Schefferus).

A inspiração em um trabalho sobre Skytte não pode ser surpresa já que, como vimos, Schefferus fora nomeado *Skytteanska proffesuren*²⁴³. Assim, o que as leituras de Ingermarsdotter e Karonen acrescentam para o nosso trabalho é a possibilidade de estabelecermos conexões entre um nível micro que leva em consideração o elemento *pessoal*, nem sempre explorado por Reinhard, a uma leitura estrutural/macro. Essa interpretação “de dentro para fora”, por sua vez, nos ajuda a compreender Schefferus – detentor de capital cultural²⁴⁴ – como o responsável por legitimar o discurso das elites do poder sobre os Sámi principalmente para fora da Suécia que, como já apontamos, aspirava ao status de força continental. O empréstimo do conceito de Bourdieu nos parece válido visto que Schefferus, por ser um professor universitário que participava de algumas redes de relacionamento com outros colegas de ofício, seria recebido por esse público. Seu posto como importante professor de uma universidade de relevância naquele contexto regional, sua habilidade de escrita e eloquência e seu gosto pela arte e literatura, ajudaria na solidificação e manutenção de um capital simbólico²⁴⁵.

²⁴³ Ver nota 147 para bibliografia.

²⁴⁴ Para o contexto da Suécia setecentista, Charlotte Borgerud, em sua recente dissertação de mestrado, fez uso da “teoria dos capitais” para analisar as redes sociais e de interesse estabelecidas pelos professores em Uppsala. Ver: BORGERUD, C. **Earning by Learning?: Professors, Networks and Capital at Uppsala University during the late 17th and early 18th centuries**, Mestrado [História], Uppsala Universitet, Uppsala, 2015.

²⁴⁵ Para operacionalizarmos o conceito de “capital cultural” de Bourdieu, utilizamos, além do trabalho de Borgerud (ver nota 238): BOURDIEU, P. “The forms of capital”. In RICHARDSON, J. (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, pp. 241-258 e BOURDIEU, P. “Os três estados do capital cultural”. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.73-79.

CAPÍTULO 2

STORMAKTSTIDEN: A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DE UM IMPÉRIO E SUAS NOVAS FRONTEIRAS CULTURAIS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII

Ambição e fanatismo religioso/levaram os suecos à guerra [...] Jamais a retornar, a Era do grande poder sueco chegou ao fim²⁴⁶.

2.1. “A era do grande poder”: um problema historiográfico

Na historiografia que trata da experiência política sueca na virada do século XVI para o XVII, muitos estudos partem da avaliação de uma região pobre e escassa – do ponto de vista econômico, populacional e cultural – para questionar como o *Stormaktstiden* teria sido possível²⁴⁷. Essas projeções são feitas a partir da observação do século XVI sueco: uma monarquia recém-separada da União de Kalmar²⁴⁸ que se debatia para conseguir criar e manter instituições independentes de rivais mais fortes ao longo do Báltico (principalmente a Dinamarca); uma vasta extensão territorial timidamente povoada; apenas uma saída portuária significativa (Älvsborg) e nenhuma cidade, além da pequena Estocolmo, que valia ser mencionada, apesar do potencial natural existente (água e depósitos de ferro e cobre) para o desenvolvimento de uma indústria que pudesse sustentar a economia local.

Se no início da dinastia Vasa as dificuldades encontradas por Gustavo I foram inúmeras, no próprio século XVII, com a ascensão de Gustavo Adolfo em 1611-12, o panorama não parece ser muito diferente. O conde Waldeck de Brandemburgo, em visita à Suécia, assim descreveu sua população: “os suecos são um povo faminto, portanto

²⁴⁶ SABATON. Ruina Imperii. In: IDEM. **Carolus Rex**. Donzdorf: Nuclear Blast, 2012. 2 CD. Faixas 11 e 22: “Ambition och en strikt religion/ Drev svensken ut i krig [...] /Aldrig, aldrig, aldrig återvända/ Svea stormaktstid till ända”.

²⁴⁷ A definição de *Stormaktstiden* se encontra no glossário de termos recorrentes. Precisamos salientar o quanto essa interpretação, que se estabeleceu no início do século XX, calcada no campo da História Econômica e “Velha História Política”, é problemática. Seu principal equívoco, talvez, seja o teor de suas narrativas: ao estabelecer uma comparação entre o século XVI sueco e o desenrolar histórico do *Stormaktstiden*, o eixo que parece guiar a explanação é o *final* da História. Em suma, não podemos nos esquecer da importância desses estudos para a inauguração do debate sobre “o grande poder sueco”, mas precisamos apontar o problema de que essa onda historiográfica partia da observação do Futuro para encarar o Passado.

²⁴⁸ Para um resumo dos desdobramentos da União, ver: SAWYER, B.; SAWYER, T. **Medieval Scandinavia: from conversion to Reformation circa 800 – 1500**. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 71 – 79, 1993. Para textos que avaliem a efetividade política dessa união e seu desmanche: GUSTAFSSON, H. “A state that failed?”. **Scandinavian Journal of History**, 31:3-4, pp. 205-220, 2006 e IMSEN, S. The Union of Calmar – Nordic Great Power or Norther German outpost? *in*: OCKER, C., *et. al.* **Politics and Reformations: Communities, Politics, Nations, and Empires**. Leiden: Brill, pp. 471 – 489, 2007. Por fim, para o conceito heurístico de monarquia compósita, consultar: ELLIOTT, John H. “A Europe of composite monarchies”. **Past & Present**, n. 137, 1992, pp. 48-71.

perigoso e de coração duro”²⁴⁹. A população continuava pequena, as cidades insignificantes e, do ponto de vista cultural “a Suécia ainda era bárbara”²⁵⁰. No entanto, foi a partir desse período que se operaram mudanças nos recursos do reino: o aumento das rendas da Coroa possibilitou, com capital estrangeiro, um novo desenvolvimento das indústrias metalúrgicas que, por sua vez, garantiram a existência de uma indústria bélica nacional. Além disso, a sistemática exploração dos portos Bálticos e dos territórios adquiridos até então formava o grosso da receita interna. Igualmente, havia a necessidade de dinheiro estrangeiro para financiar a política estrangeira sueca. Assim, as interpretações sobre o fenômeno político sueco a partir de 1523 (ascensão de Gustavo I Vasa) tiveram como eixo explicativo as diversas lutas para conseguir financiar as pretensões do novo potentado europeu²⁵¹.

O primeiro grupo de historiadores a se destacar são os que entendem a experiência sueca a partir de questões políticas. Autores como Nils Ahnlund e Günter Barudio apontam essa expansão como resultado de uma ação defensiva em relação à sua independência da Dinamarca e à necessidade de se aliar ou lutar contra o ascendente Estado moscovita. Já Ingvar Andersson, Artur Attman e Sven Svensson – um segundo grupo interpretativo – propõem uma explicação que entende o plano econômico como fundamental. Para eles, a expansão sueca partiu de uma tentativa de ganhar mercados externos no Báltico. O controle das rotas marítimas entre o Grão-Principado de Moscou e a Europa, além da capacidade de cobrar taxas, substituindo a decadente Hansa, viabilizou o surgimento de um império empreendedor e explorador.

Situado no intermédio dos grupos anteriores, sobretudo na controvérsia sobre a guerra como fim ou meio expansionista, o britânico Michael Roberts é quem internacionaliza, no século XX, o debate sobre o contexto sueco. A crítica ao primeiro grupo surge a partir de sua demonstração de que, até os anos 1660, – quando o território do império estava consolidado – a política externa do reino não era exclusivamente defensiva²⁵². Já para a segunda tendência, Roberts argumenta que o modelo *Svensson-Attman* só poderia funcionar a partir de 1651, quando Axel Oxenstierna estabelece que se o objetivo do reino fosse obter o monopólio comercial no Báltico, deveria, também, ser

²⁴⁹ ROBERTS, M. **The Swedish Imperial Experience (1560 – 1718)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 [1979], p. 43.

²⁵⁰ *Ibidem*.

²⁵¹ *Idem*, p. 42.

²⁵² *Idem*, p. 20.

executado em frotas próprias. Assim, o motor econômico identificado por esses historiadores surgiu como resposta para a necessidade de guerra após a paz em Vestfália.

A explicação de Roberts parece aglutinar as duas propostas anteriores: o britânico entende que o elemento essencial da defesa do Estado sueco é sua própria expansão em resposta aos desafios externos. No entanto, ela seria resultado de uma ação estatal na qual o empreendedorismo privado não possuía lugar. Graças ao empreendimento de Gustav Vasa e seus herdeiros o Estado se formou. Seguindo essa interpretação, a Suécia tornou-se império por necessidade, jamais por acidente. Assim, o *dominium maris Baltici*²⁵³ significaria, na verdade, negar o uso das águas do Báltico às frotas inimigas e hostis e não necessariamente o controle territorial da costa e portos²⁵⁴. Ou seja, na visão de Roberts, as decisões que levaram a Suécia ao caminho imperial eram majoritariamente do rei. Avaliada como conservadora por endossar o papel da necessidade de defesa e a habilidade dos governantes suecos em organizar um novo modelo, a obra de Roberts tornou-se mais próxima de um clássico do que ultrapassada²⁵⁵.

Podemos identificar, ainda, trabalhos que fizeram uso da interpretação do materialismo histórico para explicar o fenômeno sueco. Jan Lindegren entende a Suécia como um “estado militar” formado para a guerra como pretexto para submeter as ordens mais baixas da sociedade. “A característica essencial da estrutura política [sueca] era que a Coroa, o conselho e até o *Riksdag* eram representantes de uma variação – centralizada e concentrada – do poder da classe feudal”²⁵⁶. Nessa perspectiva, partilhada pelo britânico Perry Anderson, o Estado, na figura da Coroa e nobreza, e sociedade eram parte de um sistema em que a luta pelo excedente produtivo era a força motriz por trás das guerras. Dessa forma, a guerra tornara-se a forma mais legítima de toda a exploração²⁵⁷.

Durante a década de 80 do século XVII, o sistema de controle – capitaneado pela figura do rei – estaria maduro. O “Absolutismo” sueco seria, então, o produto político gerado pela manutenção de um exército permanente alojado por toda a extensão do reino, pelo aumento do poder fiscal e administrativo dos *landshövdingar* (governadores de

²⁵³ Calcada em três pilares (o controle do estreito na Dinamarca; o fortalecimento naval e estender sua jurisdição para a costa báltica) podemos defini-la como um conjunto de conflitos entre Dinamarca e Suécia pelo controle do Báltico e suas costas; ver: OLESEN, J. E. ‘Dominium Maris Baltici. Kampen om Østersøen 1625–1643’, *Militært Tidsskrift*, 6 (1984), pp. 212–28.

²⁵⁴ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1979, pp. 16 – 18.

²⁵⁵ O britânico foi, sem dúvidas, quem mais escreveu sobre o tema. Nas referências bibliográficas, citamos os principais de seus textos. GLETE, J. **War and the State in Early Modern Europe: Spain, the Dutch Republic and Sweden as Fiscal-Military States**, London; New York: Routledge, 2002, p. 176.

²⁵⁶ LINDEGREN, J. The Swedish ‘military state’, 1560 – 1720. *Scandinavian Journal of History*, 10:4, 1985, p. 308.

²⁵⁷ *Idem*, p. 330. Consultar, também, ANDERSON, P. *Op. cit.*, pp. 19-20 e pp. 189-209.

condados), pela subordinação da Igreja Luterana à Coroa (por meio da Lei Eclesiástica de 1686) e, por fim, pela instituição das cortes jurídicas locais. O grande problema dessa fórmula esquematizada é, para nós, inicialmente, conceitual: Paul Lockhart define essa forma de governo com o estabelecimento da Supremacia Real²⁵⁸, ou seja, a implantação do Absolutismo seria o resultado das manobras políticas do rei Carlos XI como o meio para um fim: a revisão da máquina burocrática. Apoiado pelas ordens mais baixas após os desastres militares daquela década, o rei transformou o “Conselho” em “Conselho Real”, além de limitar a ação da alta nobreza que participava desse jogo com o objetivo de sobreviver enquanto ordem²⁵⁹. Como exemplo desse endurecimento governamental, Roberts cita a *Kassationsakt* de 1689 que proibia aos súditos questionar tanto as ações, quanto intenções, régias. Além disso, o autor escreve:

“Karl XI [...] truly believed that God had entrusted the welfare of Sweden and its inhabitants to his care, and that it was his duty to work together with all the constituent elements of Swedish society to promote that welfare”²⁶⁰.

Essa argumentação, no entanto, nos parece contraditória. Para sustentar seu *status* de potência imperial havia a necessidade de revitalizar o processo de barganha com grupos específicos, já que para a taxaçoão aos súditos para financiar suas dinâmicas, o governante precisava do consentimento das quatro ordens. O *Riksdag* – convocado várias vezes – continuou como principal arena política na segunda metade do século²⁶¹, assim:

The autocratic regime of Karl XI thus meant the renewal of the traditional alliance between king and peasantry, and though the king claimed to rule by the grace of God he still chose to hear the Diet on important issues²⁶².

Desta maneira, o que podemos concluir é que o processo histórico que se desenrola nos anos 1680, durante a regência de Carlos XI, foi um esforço em busca de maior concentração do poder, na esfera régia, amparado pelas leis do reino. De acordo com o próprio Lockhart, o movimento era simplesmente pelo uso das prerrogativas tradicionais – ancoradas na Lei de Terra de Magnus Eriksson – por Carlos XI²⁶³. No fim,

²⁵⁸ LOCKHART, P. D. **Sweden in the Seventeenth Century** (European History in Perspective). Houndmills: Palgrave MacMillan, 2004, p. 124.

²⁵⁹ *Idem*, pp. 124 – 130.

²⁶⁰ *Idem*, pp. 125 – 126.

²⁶¹ HALLENBERG, M.; HOLM, J.; JOHANSSON, D. “Organization, Legitimation, Participation”, **Scandinavian Journal of History**, 33:3, 2008, 260.

²⁶² *Idem*, p. 261.

²⁶³ LOCKHART, P. D. *Op. cit.*, p. 125.

assim como o sistema *Svensson-Attman*, o que a avaliação materialista de Lindegren parece ignorar são os componentes político-ideológico e culturais do contexto de acirramento das dinâmicas confessionais na Europa cedo-moderna e o medo real ou imaginado de uma derrota sueca para seus piores inimigos²⁶⁴. Assim, se torna necessário entendermos o processo de expansão territorial (pela guerra) como o gerador do ganho comercial e do aumento do controle social (por meio de taxações e conscrição militar, por exemplo) e não o contrário²⁶⁵.

As críticas ao trabalho de Lindegren não invalidam sua análise. Pelo contrário: a partir desse trabalho podemos mapear outras reflexões sobre o surgimento e a manutenção²⁶⁶ das dinâmicas centralizadoras da Suécia durante os séculos XVII e XVIII. Robert Frost, por exemplo, retoma o debate silenciado sobre a “Revolução Militar” lançado décadas atrás pelo mesmo Michael Roberts. Comparando os diferentes atores das Guerras do Norte (Suécia, Brandemburgo, Rússia, Polônia-Lituânia e Dinamarca), o escocês buscou entender como as guerras eram lutadas a partir de uma análise das diferentes formas que os Estados do nordeste da Europa encontraram para lidar com as novas demandas dos conflitos que emergiram entre 1558 – 1721. Em suma, as mudanças políticas e sociais, dos atores envolvidos nesses conflitos do Norte, eram frutos das novas demandas da guerra²⁶⁷.

A partir de uma reavaliação da historiografia sueca, entre o desejo pela segurança territorial e a ânsia pelo controle das rotas comerciais do Báltico, Frost alerta-nos para um questionamento esquecido: como foram criadas as bases econômica e social para bancar e tolerar as contínuas ações militares?²⁶⁸ A habilidade sueca estava vinculada à capacidade de extrair recursos pelo consentimento de diversos setores da sociedade no *Riksdag*. Como exemplo, podemos citar as taxações extraordinárias que Jan Lindegren

²⁶⁴ *Idem*, p. 40.

²⁶⁵ *Idem*, p. 40.

²⁶⁶ O “fim”, ou seja, a “ruína do Império” também é alvo das mesmas investigações. No entanto, para nós, o foco cronológico está entre a secessão sueca da União de Kalmar (1520) e o apogeu territorial sueco (década de 1680, aproximadamente).

²⁶⁷ FROST, R. I. **The northern wars: war, state, and society in northeastern Europe, 1558-1721**, Harlow: Longman, p. 18, 2000. Frost endossa seu argumento utilizando os hussardos poloneses da batalha de Varsóvia como exemplo. Vistos pela historiografia ocidental, que não leva em consideração a própria História polonesa, como uma forma retrógrada das artes militares, o encontro entre poloneses e suecos – modernos combatentes – só teria um final: a vitória dos escandinavos. No entanto, o escocês argumenta que, da mesma forma que os regimentos móveis suecos e prussianos, os hussardos eram uma resposta às mudanças sociais polonesas do período.

²⁶⁸ FROST, R. I. *Op. cit.*, pp. 116-17.

analisa²⁶⁹. A força motriz do Estado militar sueco seria, então, um sistema único de recompensa, com títulos ou terras, aos oficiais do exército e aos administradores do Estado. Surgia um “novo grupo com influência política dentro das elites sociais suecas com um interesse direto na manutenção da guerra”²⁷⁰. Ainda para Frost, que faz uma análise do impacto socioeconômico e sua relação direta com a guerra, o imperativo militar sueco foi possível, pois:

The principal factors in the development of this new military state were the price inflation which steadily undermined rentier incomes, the general poverty of the mass of the Swedish nobility, the poorly-monetarised economy, the existence of plausible external threats, and the Reformation land settlement.²⁷¹

A novidade sueca foi a capacidade de um reino relativamente pobre manter um exército nacional de dimensões consideráveis por um longo período de tempo e em atividade *fora* de solo pátrio. Aliando os desejos nobres de domínio com algum grau de ascensão de não nobres talentosos, o que possibilitou o *Stormaktstiden* não foi a retórica de Gustavo Adolfo, Axel Oxenstierna ou qualquer outro regente, mas os interesses internos nas fortunas de guerra.

Paralelo à asserção de Frost (amplamente citada em seu trabalho), Jan Glete propõe outros horizontes para o “Estado militar” sueco. Embora entendida como uma interpretação mais arejada da experiência imperial sueca, Glete mantém, da mesma forma que Roberts, o mesmo eixo narrativo: a dinastia Vasa²⁷². Em sua interpretação, a família real era o centro de um sistema de manutenção da força militar. No entanto, dois problemas surgem a partir do sistema criado por Gustavo I. Para o sueco, a linhagem de Gustavo I é o exemplo mais impressionante, em longo prazo, da habilidade fiscal-militar empenhada por uma casa real europeia. Entre 1523 e 1718, dez governantes de seis gerações diferentes combinaram inovações tecnológicas, políticas e administrativas para a montagem de um sistema que permitisse sua permanência no poder²⁷³. O autor avalia o período entre 1520 – 1660 como um processo contínuo e coerente na formação de um

²⁶⁹ LINDEGREN, J. *Op. cit.*, p. 324. O “sistema de exploração” era adaptável às capacidades campestres. O historiador argumenta que havia ajustes das responsabilidades de taxações extraordinárias ou pela avaliação de impostos *per capita* ou pela isenção (mais ou menos) temporária de algumas obrigações devido à doença, guerra, incêndio ou alguma colheita ruim. Ou seja, existiam espaços de disputas e de concessões dos diversos grupos envolvidos no processo. Ver também HALLENBERG et al. *Op cit.*

²⁷⁰ FROST, R. I. *Op. cit.*, p. 126.

²⁷¹ *Idem*, p. 127.

²⁷² *Idem*, p. 177.

²⁷³ *Idem*, pp. 181 – 189.

Estado dominado por atividades de venda da proteção por uma dinastia inovadora e ambiciosa que, a partir de negociações e interações com as elites do poder, entrou para a História como um dos poucos Estados europeus que teve a habilidade de levantar e organizar recursos escassos para a guerra sem gerar um colapso dos mecanismos de agregação de interesse político.

Em texto recente, Erik Thomson elaborou uma síntese crítica da proposta historiográfica do “Estado-militar” sueco²⁷⁴. Esse modelo explicativo, de fácil uso para a História Comparada²⁷⁵, tende, segundo o estadunidense, a entender o processo da construção do Estado como racionalizado, onde instituições extraem os recursos da sociedade enquanto fazem uso ideológico do aparato civil e religioso para legitimar o governo e persuadir os súditos a participarem desse processo²⁷⁶. Como exemplo, temos a proposta de Michael Roberts sobre a relação da monarquia com outras instituições políticas como o *Råd* e o *Riksdag*:

[...] The Vasas were too self-confident and too imperious to be easily turned aside from their purposes, once they had made up their minds [...] The share of [the] Council and Riksdag in the whole [state] affair war was to provide the king with absolution-in-advance if his measures turn out ill²⁷⁷.

Ou seja, a explicação, inaugurada por Roberts e perpetuada nas historiografias sueca e internacional sobre o *Stortmaktstiden*, tende a reduzir a cultura e a religião a apenas meios sociais de controle; além de sufocar questões vinculadas às disputas políticas e outros atritos sociais, reservando toda ação política à monarquia.

Cientes da problemática lançada por Thomson, voltamo-nos para a interpretação de Hallenberg *et al.*, que nos parece mais fértil, pois considera a consolidação do Estado sueco a partir de um processo contínuo (1523-1680) que envolveu a organização e uso de recursos limitados, a legitimação do governante (sua justificativa da política e seus fins ideológicos) e a participação dos súditos em atividades do Estado²⁷⁸. A existência de múltiplos vetores no processo de construção do Estado fora notada pelo próprio Jan Lindegren que, de forma tímida, argumenta pela necessidade de

²⁷⁴ THOMSON, E. “Beyond the Military State: Sweden’s Great Power Period in Recent Historiography”. *History Compass*, 9, 2011, pp. 269-283.

²⁷⁵ O próprio texto de Jan Glete sobre Estados-militares é uma proposta comparada entre as experiências espanhola, holandesa e sueca.

²⁷⁶ THOMSON, E. *Op. cit.*, p. 277.

²⁷⁷ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1979, pp. 78 – 79.

²⁷⁸ HALLENBERG *et al.*, *Op. cit.*, p. 262.

enfatazarmos as mudanças no próprio Estado, levando em conta conflitos entre diferentes doutrinas e/ou facções políticas. Os escritos posteriores, citados aqui, para nós, dão continuidade a essa interpretação de forma mais aprofundada como temática central. Em outras palavras, a chave para a continuidade seria a negociação: os membros da família Vasa criam e organizam as instituições reais somente com o apoio de grupos como a nobreza, campesinato e burguesia que – por sua vez – concedem apoio a fim de conquistar suas próprias fortunas²⁷⁹.

De tal modo, a construção de outra perspectiva sobre a experiência política sueca dos séculos XVI e XVII (que se estende até as primeiras décadas do XVIII) passa pela reconsideração das lógicas do processo de formação do Estado a partir das mudanças na sua forma de organização dos recursos, dos mecanismos de legitimação do governo em termos de crenças e valores, da participação de diferentes agentes em atividades ligadas ao Estado²⁸⁰ e conseqüentemente da intensidade das interações entre governante e governados. De certa forma, o que a proposta de Hallenberg *et al.* parece salientar é que havia uma necessidade de agregar valor à política para criar consenso entre governantes e governados e justificar uma maior extração de recursos (naturais, financeiros e humanos).

2.2. Da União de Kalmar ao protagonismo em Vestfália

Entre os reinados de Gustavo Vasa (1523 – 1540) e seu primeiro sucessor, Érico XVI (1560 – 1568), período de consolidação dinástica²⁸¹, os principais empecilhos enfrentados foram as disputas domésticas envolvendo a secessão com a Dinamarca, o pagamento de apoiadores externos, como Lübeck, opositores à Coroa tríplice de Kalmar e a querela com a Igreja católica. A secessão do reino sueco da União de Kalmar e a subsequente eleição de Gustavo Eriksson Vasa ao trono dá a tônica de um período instável em que

(...) os conflitos intra-oligárquicos eram permanentes, existindo uma situação de quase anarquia no país e de multiplicidade de interesses que convergiam e divergiam sobre a possibilidade de uma união e o papel do rei²⁸².

²⁷⁹ HALLENBERG *et al.*, *Op. cit.*, p. 249.

²⁸⁰ HALLENBERG *et al.*, *Op. cit.*, p. 257.

²⁸¹ Ver HALLENBERG *et al.*, *Op. cit.*, p. 251.

²⁸² SABOYA, A. N. de. Ascensão e queda da União de Kalmar, **Revista História e Cultura**, v. 3, n. 1, 2014, p. 364.

Dentro desses conflitos, o Massacre de Estocolmo de 1521 é o melhor exemplo dessa conjuntura: Cristiano II pulverizou parte da oposição ao mesmo tempo em que removeu os principais rivais políticos de Gustavo Eriksson. A ação do dinamarquês se tornou a principal arma de propaganda contra a dinastia Oldemburgo. A partir de 1521, outras rebeliões tomaram forma e o nobre sueco avançou em território e apoio: a nobreza regional, por exemplo, passou a apoiar o jovem Vasa, o que trouxe tanto bônus quanto ônus. Segundo Roberts, naquele contexto político em que a monarquia era eletiva, se o apoio aristocrático era o principal vetor que tornou Gustavo regente em 1521 e rei em 1523, o mesmo grupo seria capaz de transformá-lo em peça descartável do jogo político²⁸³.

Nessa primeira fase de formação do Estado sueco, o principal objetivo de Gustavo Vasa²⁸⁴ – e seu filho Érico, que assume após a morte de seu pai como Érico XIV – era assegurar o poder régio que, anteriormente, competia com as *elites do poder* mais ou menos independentes como a nobreza, o clero e alguns camponeses²⁸⁵. Para conseguir essa organização, o primeiro monarca sueco se valeu da criação de uma rede local para mobilizar a extração de recursos (via impostos²⁸⁶) e, também, apoio político para controlar eventuais oposições²⁸⁷.

A expansão interna da Suécia estava calcada na formação de um exército fixo em torno do *utskrivning* (recrutamento e treinamento sistematizado)²⁸⁸, na dissolução de milícias camponesas e na ascensão de organizações locais de supervisão e administração das atividades econômicas como as minas, fazendas, estaleiros e moinhos: surgia a figura

²⁸³ ROBERTS, M. **The Early Vasas: A History of Sweden 1523-1611**, Cambridge: Cambridge University Press, 1986, pp. 20 – 24.

²⁸⁴ Michael Roberts, em seu **The Early Vasas**, dedica boa parte do livro (pp. 25 – 198) para explorar os desafios do novo rei tanto internos (seu estabelecimento enquanto monarca legítimo), quanto externos (garantir a soberania da Suécia).

²⁸⁵ HALLENBERG, M. *et. al.*, *Op. cit.*, p. 251. Seguimos, aqui, de perto as pontuações historiográficas. No entanto, é preciso notar que há certo grau teleológico nesta análise. Primeiro, pois Gustavo Vasa e Érico, enquanto agentes, não tinham, necessariamente, como horizonte, a “formação” do Estado sueco, uma vez que essa noção só pode ser enunciada pelo historiador: aquele que, graças à distância temporal, conhece todo o desenrolar histórico narrado. Em segundo lugar, as “elites do poder” é, também, uma classificação posterior, ancorada no *fim* do processo. Elas são, na verdade, os corpos políticos plurais existentes naquele contexto. Nesse sentido, precisamos atentar mais nas formas com que o poder civil experimentou a centralização na figura do rei – que ocorreu, também, em outras localidades da Europa – do que na proposição de uma narrativa sobre a formação, por etapas, de um Estado centralizado.

²⁸⁶ Glete argumenta que os impostos serviam como formas de se vender a proteção enquanto *commodity*, ou seja, coleta-se o imposto com a prerrogativa para a proteção dos súditos das inseguranças que dominaram as décadas anteriores (e posteriores) da Suécia. Ver: GLETE, J. *Op. cit.*, p. 185.

²⁸⁷ Um dos exemplos seria a rebelião camponesa de Småland em 1542 que, apesar de sufocada pela recém-formada força militar, colocou em pauta a necessidade de alguma interação entre rei e demais grupos políticos.

²⁸⁸ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 140.

do meirinho (Su. *fogdar*) e dos secretários e escriturários, geralmente sacristãos ou membros da baixa nobreza, que se reportavam diretamente ao rei. Assim, o resultado dessas mudanças internas, somado ao colapso da União de Kalmar e os subsequentes enfrentamentos entre suecos e dinamarqueses pela soberania regional, foi a consolidação territorial da Suécia e o início do processo de expansão externa²⁸⁹.

O legado dos primeiros Vasa seria, então, uma organização político-administrativa que abriu uma grande variedade de interações em níveis locais e centrais²⁹⁰. Assim, nesse período dos “primeiros Vasa”, o processo de centralização nas formas da vivência política estava atrelado, principalmente, à atividade da Coroa. No entanto, considerar que o epicentro é a Coroa não significa atrelar importante papel à capacidade de negociação entre os representantes locais e o rei. Conforme Jan Glete, o rei Gustavo I mostrou habilidade incomum em utilizar qualquer oportunidade para aumentar sua base política, militar, administrativa e econômica²⁹¹. Caberia a seus herdeiros administrar o cofre abastecido e a estabilidade adquirida por seu pai.

O *Riksdag* (Assembleia dos Estados da Suécia), instaurado em 1527, na perspectiva de Hallenberg et. al., torna-se a principal arena política para barganha e acordos políticos. O enraizamento dessa instituição ajudou no fortalecimento da legitimação régia por meio da negociação política e do debate intermitente sobre necessidade de proteção contra ameaças externas²⁹². Foi nessa mesma contexto que, em 1544, o Pacto Sucessório (*Västerås Arvföreningen*) foi aprovado²⁹³. Outro importante documento para compreendermos as disputas internas que se desenrolariam nas décadas seguintes, foi o Testamento de Gustavo Vasa. Aos olhos do pai, o documento era a fonte de fortalecimento e apoio fraternal que consolidaria sua dinastia. No entanto, tornou-se, menos de uma década depois, o ponto central de discordância e de atrito familiar²⁹⁴. Após sucessivas crises políticas, geradas por dissabores familiares, com a nobreza e pelas

²⁸⁹ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 187 e KENT, N. *Op. cit.*, 2008, p. 49.

²⁹⁰ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 254.

²⁹¹ GLETE, J. *Op. cit.*, p. 184.

²⁹² Esse desafio externo é visto por boa parte da Historiografia como o principal objetivo de todos os regentes da família Vasa. Lockhart classifica essa política como a “esquizofrenia defensiva” Vasa. Roberts, por sua vez, admite que boa parte da agenda sueca era de uma “expansão defensiva”, mas escreve que, na década de 1540, as relações externas pautadas em defesa são, na verdade, contra um perigo imaginário. Ver: ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 127.

²⁹³ O Pacto Sucessório garantiu a hereditariedade do trono para o primogênito e feudos, também hereditários, para a prole de Gustavo Vasa, numa tentativa de evitar futuras contendas fraternais pelo trono do reino emergente.

²⁹⁴ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 195 e LOCKHART, P. D. *Op. cit.*, p. 9. Reflexões recentes apontam para o papel retórico-político que o Testamento teve na tentativa de legitimar as ações dos herdeiros de Gustavo Vasa como João III e Carlos IX.

guerras com a Polônia-Lituânia e Dinamarca, os meio-irmãos de Érico XIV, regente do reino e filho mais velho do falecido Gustavo I, assim como parte da aristocracia, arquitetaram uma conspiração política²⁹⁵. Rendido em 1567, o trono fora ocupado pelo irmão mais velho, grão-duque da Finlândia João (corado como João III). Destronado e doente, Érico viveu outros nove anos encarcerado.

a. *Globus cruciger* em disputa: Gustavo Vasa e os irmãos Magnus

Durante o período que passou aprisionado no castelo de Örbyhus, ponto médio entre os assentamentos de Gävle e Uppsala, o “rei renascentista” teria traduzido o texto de autoria do arcebispo católico Johannes Magnus (Su. Johan Månsson) intitulado *Historia de omnibus Gothorum Sveonomque regibus*²⁹⁶. O contexto de escrita do livro é peça fundamental dos atritos político-religiosos entre o monarca em ascensão e os irmãos católicos, especialmente por conta da secessão com o papado romano²⁹⁷.

Educado na Igreja e professor de famílias nobres, o último arcebispo católico sueco antes da adoção da reforma de viés Luterano, Johannes Magnus, entrou para a corte com a ascensão dos Sture e tornou-se emissário régio na Cúria de Leão X²⁹⁸. Falecido em 1544, teve suas obras complementadas e impressas pelo irmão, Olaus, entre 1547 e 1554²⁹⁹. Em sua *Historia Gothorum*, a partir da leitura de textos como a *Getica* de

²⁹⁵ Se considerarmos que a grande parte dos inimigos de Érico foram mortos, a suas ordens, antes do *Riksdag* de Uppsala, o levante contra o rei viria, então, dos únicos adversários históricos ainda vivos (e com capital político para tal ação), i.e., seus próprios irmãos.

²⁹⁶ A alcunha de “rei renascentista” foi dada a Érico XIV por Michael Roberts dado seu conhecimento de línguas clássicas e modernas (latim, grego, hebraico, francês, espanhol, italiano, alemão e finlandês); seu interesse por História, Geografia, Artes e Guerra: “He took the profession of kingship with proper seriousness”. Ver: ROBERTS, M. *Op. cit.* 1986, pp. 199-200 e STADIN, K. “Introduction”, in STADIN, K. (ed.). **Society, towns and masculinity: Aspects of early modern society in the Baltic area**. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, pp. 4–13, 2001. Sobre a tradução do trabalho de Magnus, Kurt Johannesson relata que o manuscrito, produzido no cárcere, fora confiscado pelo irmão Carlos, duque da Sudermânia (futuro Carlos IX) e, em 1697, consumido em um incêndio no castelo de Estocolmo: JOHANNESON, K. *Op. cit.*, p. 220. Johan Nordström argumenta, ainda, que durante o período em que buscava uma esposa, Érico XIV enviou uma cópia da *Historia* para a corte de Elizabete, assim como um pedido de casamento. Ver: NORDSTRÖM, J. **De yverbörnes ö**. Stockholm: A. Bonnier, 1934, p. 66.

²⁹⁷ Em 2018, foi publicada uma edição, em dois volumes, *fac-símile*: MAGNUS, J. **Goternas och svearnas historia**. Stockholm: Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien. 2 vols. 2018. Para uma descrição do livro e uma análise de seu papel político, consultar: NILSSON, A. H. "Johannes Magnus' Historia de omnibus Gothorum Sueonomque regibus and Gostagus the Tyrant" in: STEINER-WEBER, A.; RÖMER, F. **Acta Conventus Neo-Latini Vindobonensis: Proceedings of the Sixteenth International Congress of Neo-Latin Studies (Vienna 2015)**. Leiden: Brill, pp. 511 – 520, 2018 (Acta Conventus Neo-Latini, Volume: 16).

²⁹⁸ JOHANNESON, K. **The Renaissance of the Goths in Sixteenth-century Sweden: Johannes and Olaus Magnus as Politicians and Historians**, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991, pp. 4-6.

²⁹⁹ MUCENIECKS, A. S. Reações à reforma luterana no Norte: as diversas faces da heresia e heterodoxia na História de Gentibus Septentrionalibus, de Olaus Magnus (XVIs), **PLURA, Revista de Estudos de Religião.**, v. 8, n. 2, 2017, p. 26.

Jordanes e a *Gesta Danorum* de *Saxo Grammaticus*, Johannes construiu a imagem dos suecos enquanto sucessores dos godos da Antiguidade. Alguns anos depois, Olaus, em seu relato sobre a História e Geografia dos povos do Norte, também argumentava em favor da antiguidade do povo sueco, graças à sua ancestralidade gótica.



Figura 11. Joias da Coroa sueca: a chave, o cetro, a Coroa e a orbe de Érico XIV³⁰⁰

As interpretações históricas do século XIX de autores como Henrik Schück³⁰¹ construíram a imagem de Johannes Magnus como oposta a Olaus Petri – luterano do século XVI a quem se credita a fundação da historiografia moderna no território escandinavo. Enquanto o arcebispo foi tratado como sinônimo de meias verdades e portador de uma capacidade imaginativa que poria em xeque o conteúdo de suas afirmações, Olaus Petri teve sua imagem atrelada a características como a razão e a veracidade, ou seja, Petri seria o epítome da Idade Moderna e do Renascimento escandinavo em detrimento de uma figura “Medieval” como Johannes Magnus³⁰². Dada

³⁰⁰ Foto do *Kungliga Slotten*. Disponível em: <<https://www.kungligaslotten.se/urarkivet/riksregalierna/2018-02-20-erik-xivs-riksregalier.html>>. Acesso: 25/11/2019.

³⁰¹ (1855 – 1947). Foi um historiador sueco, professor e reitor da Universidade de Uppsala. Dentre outros livros, publicou *Svensk Literaturhistoria: Medeltiden och reformationen* [História da Literatura sueca: A Idade Média e a Reforma]. Stockholm: Hugo Gebers Förlag, 1890.

³⁰² JOHANNESON, K. *Op. cit.*, pp. 224-225.

à continuidade dessa interpretação de Schück, Johannes tornou-se, para muitos, mera anedota na História da Literatura sueca: pouco lido, dado à inacessibilidade dos originais, mas muito citado como trabalho fantasioso; uma crônica latina extensa e entediante.

Olaus Magnus, de forma oposta às leituras sobre seu irmão, foi redescoberto por Hans Hildebrand e outros historiadores nacionalistas do século XIX que passaram a interpretar a obra do humanista católico como ingênua, porém pioneira, ao descrever um povo europeu em seu *habitat* natural e como um empreendimento cheio de tesouros mal organizados³⁰³. Hjalmar Grape – que se dedicou por três décadas ao estudo sobre Olaus Magnus – propunha a compreensão do humanista como a materialização, ambígua, da ingenuidade e do catolicismo temperamental aliado ao intelectual que uniu observações e descrições poéticas em um trabalho mais genuíno e patriota do que seu irmão mais velho.

Atualmente, a perspectiva da ingenuidade autoral de Olaus ainda reverbera. A *Carta Marina*, por exemplo, revisitada por diversos estudiosos, tornou-se sinônimo da “cartografia fantástica” que marcou a primeira Modernidade e aparece em diversos textos, hoje, relacionados com o tema da Suécia entre os séculos XVI e XVIII³⁰⁴. Sua *Historia* também recebeu juízos parecidos:

Olaus Magnus's stories about witchcraft, dragons, and sea monsters in the North - **more ingeniously than maliciously** recorded - helped feed the appetite for demonology that was growing in the sixteenth and seventeenth centuries across Europe³⁰⁵.

Para nós, o grande problema dessa perspectiva é que ela ignora as dimensões retóricas, visões historiográficas e intenções autorais de Olaus em sua *Historia*. Além disso, essa leitura minimiza obras como as de Olaus graças a uma leitura da Modernidade como *objetiva*. Em suma, por ser “fantasioso”, o relato de Olaus não pertenceria à

³⁰³ *Idem*, p. 227.

³⁰⁴ A *Carta Marina* estampa a capa dos livros de SCHNAKENBOURG, E.; MAILLEFER, J-M. **La Scandinavie à l'époque moderne (fin XVe – début XIXe siècle)** e os dois volumes de MOBERG, W. **A History of the Swedish people, volume two: from Renaissance to Revolution**, além de ser alvo constante de estudos artísticos e estilísticos sobre Cartografia, Ciência e Modernidade como o volume BALZAMO, E.; KAISER, R. **Olaus Magnus: Die Wunder des Nordens**. Frankfurt am Main: Eichborn, 2006 e MIEKKAVARA, L. “Unknown Europe: The mapping of the Northern countries by Olaus Magnus in 1539”. **Belgeo**, 3-4, 2008, p. 307-324.

³⁰⁵ SJOHOLM, B. Things to Be Marveled at Rather than Examined. **The Antioch Review**, Vol. 62, No. 2, All Essay Issue: "The Real O. J. Story", 2004, 248. Negrito nosso.

Modernidade³⁰⁶. Analisada já em 1951 por John Granlund, e endossada por Kurt Johannesson nos anos 1980, como uma obra de tom sóbrio, exposição factual, interrompida em alguns trechos por uma explosão de raiva contra os inimigos do autor e de sua nação, a *Historia* aparece como rico relato histórico e das riquezas naturais da Escandinávia que ganhou notoriedade graças “às descrições de maravilhas e localidades exóticas para os europeus de centro e sul, bem como os diversos costumes dos povos do norte ali descritos”³⁰⁷.

Dada à impossibilidade de se trabalhar com a obra completa - seja por sua extensão ou pela proliferação de material sobre os escritos de Olaus - é importante salientarmos que, em nossa análise, Magnus não será encarado apenas como um sábio ou colecionador, mas como importante peça em que diferentes projetos político-religiosos se chocam no recém-independente reino da Suécia. A introdução do Luteranismo no reino, e os subsequentes imbróglis, culminaram no exílio dos irmãos Magnus.

A Reforma Luterana na Suécia marcou duas rupturas significativas, a nível religioso e político, processos que, apesar de suas especificidades constituintes, não podem ser dissociados entre si. Em adição às transformações específicas no campo religioso, a sistemática administrativa sueca medieval de submissão aos reis daneses e sujeição parcial ao papado, deu lugar ao governo de monarcas empenhados no fortalecimento do poder régio, procurando para tanto suprimir outros pilares de resistência³⁰⁸.

Antes da ascensão de Gustavo Vasa ao trono, Johannes Magnus desfrutava de importante posição política tanto no reino sueco, onde os bispos tinham influência direta nas principais decisões do reino³⁰⁹, quanto na Sé católica. Em 1523, Magnus foi nomeado embaixador papal de Adriano VI com a tarefa de investigar o avanço do Luteranismo em sua terra natal. Personagem central na criação do mito historiográfico do Massacre de Estocolmo (1520), o irmão mais velho de Olaus viu, em poucos anos, o declínio de seu poder na corte de Gustavo Vasa, uma vez que com o avanço do Luteranismo, a “propaganda régia consequentemente continuou a tratar os bispos como

³⁰⁶ Valemo-nos, aqui, das ressalvas de Stuart Clark sobre o *status* da Demonologia na época moderna e sua crítica à historiografia que entendia esse fenômeno como descolado das estruturas de pensamento cedomodernas, ou seja, puramente como devaneio ou acientífico. Ver, CLARK, STUART. “The scientific status of demonology”. In VICKERS, Brian (ed.). **Occult & Scientific Mentalities in the Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 355.

³⁰⁷ MUCENIECKS, A. S. *Op. cit.*, p. 26.

³⁰⁸ *Idem*, p. 24.

³⁰⁹ JOHANNESSON, *Op. cit.*, p. 50.

traidores, ávidos por poder, raiz de todo o mal no Presente e Passado”³¹⁰. Em 1534, os irmãos Magnus encontravam-se novamente em Danzig, importante centro de informações do Báltico. De lá, a dupla buscou angariar apoio a fim de retornar ao solo pátrio. Sem sucesso, o retorno tornava-se uma incerteza³¹¹.

Em solo estrangeiro, Johannes tentava restaurar sua posição diante de Gustavo Vasa fornecendo diversos relatos sobre os potenciais perigos que o reino corria. Ao mesmo tempo, o arcebispo redigiu uma carta aos habitantes da Bótnia Setentrional repleta de descrições gráficas sobre a punição divina aos pecadores, descrevendo um cenário apocalíptico em que o reino se encontrava pelos instrumentos satânicos mascarados pelo Luteranismo. Com o sonho de uma volta triunfal ao reino cada vez mais distante, os irmãos Magnus investiram em suas relações com Roma. Em 1537, instalados na península itálica, o principal objetivo dos suecos tornou-se a participação dos círculos eclesiásticos de cardeais e do papa. Um ano depois, em Veneza, os irmãos suecos teriam encontrado um velho amigo pela segunda vez: Damião de Góis que, em 1532, já havia publicado sua *Legatio magni Indorum imperatoris Presbyteri Ioannis* e dedicado à seção referente à Lapônia ao arcebispo de Uppsala³¹².

Thomas Earle investigou as razões de Góis, em 1540, ter composto sua *Deploratio Lapiannae*, um breve tratado sobre os povos da Lapônia, reimpresso em diversas edições (até 1640, foram 11 apenas em latim) que confirmam seu consumo e leitura no período³¹³. É importante notar que a *Deploratio* foi produzida para ser lidar após outro texto de sua autoria: o *Fides, Religio, Moresque Aethiopum* – relato que tratava dos etíopes cristãos. A partir da *Deploratio* e da sabida amizade entre Johannes Magnus e Damião de Góis, podemos estabelecer algumas ligações entre o português, os irmãos suecos e suas intenções textuais³¹⁴.

O ponto central nos parece ser a necessidade de angariar apoio aos habitantes cristãos de regiões periféricas do catolicismo. A partir do contato com terceiros que

³¹⁰ *Idem*, p. 26.

³¹¹ *Idem*, p. 35.

³¹² A versão consultada foi a tradução de Thomas Earle que se encontra em: EARLE, Thomas. Damião de Góis, *Deploratio Lapiannae Gentis. Text and Translation*, **Humanitas**, v. 58, p. 347–387, 2006.

³¹³ *Idem*, p. 347.

³¹⁴ Sobre o *Fides* ver, especialmente, HIRSCH, Elizabeth. **Damião de Góis The Life and Thought of a Portuguese Humanist, 1502–1574**, pp. 129 – 190 e RODRIGUES, R. L. **Entre o dito e o maldito: Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530 - 1685**, Doutorado [História], Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pp. 465 – 490. Sobre a amizade de Góis e Magnus, ver EARLE, T. *Op. cit.*, pp. 348 – 349.

conhecem as dinâmicas locais – seja Zaga Zabo³¹⁵ no caso etíope, ou os irmãos Magnus no caso da Lapônia – Góis advogou, em seus relatos, pela intervenção da cúria romana nessas regiões. Por ser mais conhecido (e ouvido) na Europa meridional e nos círculos católicos que a dupla sueca, o português seria, então, uma espécie de locutor das palavras dos irmãos nortistas, leais ao papa, que, sem sucesso, arquivaram uma petição ao sumo pontífice sobre a necessidade de avançar o catolicismo em regiões como a Lapônia³¹⁶. Nas palavras do próprio Góis, a queixa de Johannes Magnus:

(...) não se refere à privação [que sofreu] de seu arcebispado e patrimônio, mas sim ao fato de que ele não possui a força, o auxílio e os meios para curar as feridas da Lapônia, trazê-la para o jugo de Cristo e uni-la à Igreja Romana³¹⁷.

Damião de Góis, que provavelmente nunca viajou as terras do Norte³¹⁸, descreveu, com certa simpatia, o destino dos lapões “que rejeitavam o Cristianismo graças à exploração dura de mestres cristãos”³¹⁹. O humanista luso, favorável a um afrouxamento dogmático da Igreja Romana, teria convencido seu protetor, Erasmo de Roterdam, a dedicar um volume aos povos do Norte. Morto antes de completar a tarefa, o batavo escreveu sobre os gentios do Norte:

Alguns homens bons, ávidos em promover a religião, queixam-se de que os lapões, um povo simples e ignorante da Cítia do Norte, são mantidos sob o poder de não sei quais príncipes cristãos, mas sob um jugo humano tão duro que o doce jugo de Cristo não pode seja colocado sobre eles. Assim, despidos de bens externos, eles não são enriquecidos pelos evangelhos³²⁰.

³¹⁵ Ou Saga za Ab, foi um bispo cristão etíope enviado à corte de D. João III entre 1527-1533. Foi interlocutor de Damião de Góis e escreveu, em um português simples, a última parte anexada ao *Fides*, em que o etíope descrevia a fé, costumes e religião de seus conterrâneos. Ver: RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, pp. 471 – 484.

³¹⁶ JOHANNESON, K. *Op. cit.*, p. 353 e HIRSCH, E. *Op. cit.* p. 29.

³¹⁷ EARLE, T. *Op. cit.* p. 359.

³¹⁸ AUBIN, J. **Le Latin et l’astrolabe**, 2 vols. Lisbon: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1996, vol. I, pp. 256-259 e pp. 284-292. Nesse ensaio, originalmente publicado como AUBIN, Jean. “Damião de Góis et l’archevêque d’Upsal”, in MARTINS, José V. de Pina Martins; BATAILON, Marcel (ed.). **Damião de Góis humaniste européen**, Braga: Barbosa & Xavier, 1982, pp. 245-330, o francês atesta que Damião de Góis não viajou e, na verdade, seu relato “empírico” é baseado na *Schondia* de Jacob Ziegler.

³¹⁹ HIRSCH, E. *Op. cit.*, pp. 72-73.

³²⁰ Valemos-nos aqui da tradução em inglês, publicada em HIRSCH, E. *Op. cit.*, p. 74, do texto latino de Erasmo: “Some good men eager to promote religion complain that the Lapps, a simple and ignorant people of Northern Scythia, are kept under the power of, I do not know which Christian princes, but under such a hard human yoke that the sweet yoke of Christ cannot be laid upon them. Thus, stripped of external goods, they are not enriched by the gospels”. O texto latino consultado por Hirsch se encontra em *Eclesiastae siue de Ratione Concionandi* em LECLERC, J. **Opera omnia Desiderii Erasmi Roterodami recognouit Ioannes Clericus**. Leyden, vol. 5, 1704, p. 813.

Desse modo, se levarmos em consideração a leitura goesiana do humanismo de Erasmo, a *Deploratio* seria um manifesto em favor da observação:

Góis era o humanista viajado, treinado nos contatos comerciais da feitoria portuguesa de Antuérpia num momento em que o trânsito por regiões luteranas ainda não era vedado aos lusitanos, o humanista que se interessava por etíopes e por lapões; essa abertura para diferentes culturas e pontos de vista determinou nesse funcionário de D. João III um olhar que só poderia ser favorável aos apelos erasmianos em prol da concórdia³²¹.

Com propósito de chamar atenção do papa à necessidade de melhorar a condição do Cristianismo na Lapônia, já que os “lapões” eram explorados sem a contrapartida da evangelização³²², Damião de Góis rogava ao sumo pontífice que o apelo fosse feito tanto a católicos quanto protestantes, pois “apesar de alguns terem divergido da igreja romana, eles ainda creem no filho de Deus e no Salvador³²³. Da mesma forma que advogava pela aceitação da Igreja Etíope à comunidade cristã do Ocidente, Góis clamava por uma resolução para o povo da Lapônia, “pois uma falsa religião previne essas pobres criaturas de se tornarem parte do rebanho de Cristo”³²⁴.

Com objetivos diferentes do português, os irmãos Magnus buscavam legitimar a autoridade da Santa Sé para reformar a estrutura das igrejas nórdicas e combater o avanço luterano³²⁵. Nesse sentido, a impressão e publicação de seus trabalhos, capitaneada por Olaus, era sua última investida. A *Historia Gothorum* de Johannes elenca uma série de modelos morais e políticos prescritos tanto para a nobreza do reino – principal audiência do arcebispo – quanto para os comuns. No entanto, a principal audiência esperada era a do próprio rei Gustavo Vasa: encarado como *tyrannus usurpationis*, além de herético imoral por ter aderido à fé luterana, os escritos do

³²¹ RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, p. 490.

³²² OLIVEIRA JÚNIOR, Carlos Mauro de. Um humanista ‘além-fronteiras’: um estudo sobre Damião de Góis. *Antítese*, v. 10, n. 20 jun/dez, p. 1006, 2017.

³²³ O trecho faz parte da tradução de Elizabeth Hirsh de um texto de Góis citado como “Admonition” que é, na verdade, a primeira edição da *Deploratio*, publicada como apêndice em: GÓIS, Damião de. **Legatio magni Indorum imperatoris Presbyteri Ioannis**. Antwerp: Joannes Graphaeus, 1532, p. 292 in HIRSCH, E. *Op. cit.*, p. 146. A proposta goesiana, então, escreve Rodrigues, “visava a uma pluralidade de interlocutores, numa dinâmica dialógica. Esses interlocutores, por sua vez, eram justamente os mais importantes no conturbado quadro vivido pela Europa das décadas de 1530 e 1540”. Ver: RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, p. 487.

³²⁴ EARLE, T. *Op. cit.*, p. 359.

³²⁵ JOHANNESON, K. *Op. cit.*, pp. 103 – 169.

arcebispo exilado seriam uma forma de alertar o monarca sobre os perigos da adesão ao Luteranismo, como a derrubada da moral sueca³²⁶.

Seguindo os passos de seu irmão, buscando reconhecimento como seu herdeiro intelectual e de seu trabalho, Olaus publica em 1555 sua *Historia de Gentibus Septentrionalibus* em que abundam referências aos heréticos não por razões teológicas, mas sim morais. Inspirado na construção do passado gótico e heroico de Johannes, Olaus direciona toda sua fúria e desprezo aos luteranos³²⁷. Aos descrever os habitantes do norte da península, torna os sámi exemplo (com ressalvas). De acordo com o católico, eles viviam numa era dourada, afastada do sul da Escandinávia, região tomada pela heresia:

[eles são] tranquilos (...) para o resto do mundo lá fora (...) não são atormentados pelo perigo de mentir (...) [eles] obtêm o que desejam em um estado agradável de serenidade (...) [e] vivem livres da desordem civil, morando juntos sem inveja e compartilhando tudo em comum, inconscientes do engano. Eles nunca entram em guerra contra seus vizinhos imediatos ou contra tribos distantes, a menos que tenham sido incitados por uma injustiça grosseira³²⁸.

Kurt Johannesson propõe que a *Carta Marina*, publicada em Veneza – maior mercado de livros da época – em 1539, tinha da mesma forma que a *Deploratio* de Damião de Góis, o objetivo de relatar ao papa quão vasto era o território que havia sido afastado da “verdadeira fé”³²⁹. A criação de Olaus era uma das primeiras que representava a geografia de sua terra natal, seguindo o mesmo tom político da *Historia* de Johannes Magnus: unir Suécia e Noruega frente à Dinamarca. Além disso, o mapa materializava a visão do bispo sobre a fronteira da Igreja católica na Suécia: ao leste, os cismáticos moscovitas, ao sul, os heréticos luteranos e ao norte, os rústicos e afortunados pagãos – potenciais convertidos.

Ao publicar sua *Historia*, Olaus tornou-se o primeiro autor-viajante a tratar da Escandinávia Subártica³³⁰. Unindo princípios da retórica humanista, o ateliê renascentista e a oficina de imprensa, Magnus escreveu sobre as maravilhas do Norte a

³²⁶ *Idem*, p. 81 e 131. Sobre “Gostagus tirano”, ver: NILSSON, A. H. *Op. cit.* pp. 511 – 520.

³²⁷ *Idem*. *Op. cit.* p. 187.

³²⁸ “[they are] tranquil (...) to the rest of the world outside (...) not troubled by this hazard of deceit for (...) [they] obtain what they wish in a pleasant state of serenity [...] [and] live free from civil disord, dwelling together without envy and sharing everything in common, unaware of deception. They never wage war against either their immediate neighbours or against far-off tribes, unless they have been roused by a gross injustice.” Em: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, pp. 201-202.

³²⁹ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1991, p. xxxi.

³³⁰ SJOHOLM, B. *Op. cit.*, p. 248.

partir de algumas observações e encontros pessoais. O resultado é uma obra, amparada por diversas ilustrações, que resgatava a História Natural à moda de Plínio, além de coletar e divulgar as inúmeras *mirabilia* existentes no Norte e que pudesse competir com as diversas terras exóticas de que se tinham notícias no período.

Quando Olaus termina sua descrição do cenário, o humanista passa a relatar sobre os povos da região e a maior parte de seu texto concentra-se no povo da Suécia. Os dinamarqueses aparecem, apenas, como inimigos armados, usurpadores e guerreiros derrotados³³¹. Já os povos sámi e fínicos, habitante de um Norte ao mesmo tempo assustador e maravilhoso, receberam alguma atenção em trechos da obra. No *post scriptum* da *Deploratio*, Damião de Góis empreende um relato sobre a região denominada *Lappia* – ou “terra imprópria” – dado o frio excessivo e inadequação da terra para a colheita. Conforme Earle³³² e Aubin³³³, o português dificilmente viajou ao norte da península escandinava e os episódios descritos no texto como a baixa estatura dos sámi, sua habilidade com o arco e flecha, a descrição de caçadores que utilizavam peles animais ao invés de roupas e o estilo de vida migratório são elementos que aparecem, também, em Olaus Magnus, já que esse conhecimento, provavelmente, é fruto de diálogos entre os humanistas.

Se considerarmos o teor político-religioso dos trabalhos de Damião de Góis e dos irmãos Magnus, que tratavam os “lapões” como cristãos em potencial, é possível encontrarmos um julgamento moral do Luteranismo instaurado na Suécia, com o objetivo de mostrar aos leitores, do Norte ou do Sul da Europa, como o novo credo falhou na cristianização desses povos. Na mesma esteira, podemos considerar as descrições de práticas mágicas feitas por Olaus, conhecidas em toda a Europa e de fama duradoura aos habitantes da *Sápmi*, como parte da propaganda política empreendida pelo humanista³³⁴. Ao enumerar tais características negativas dos *lapps*, Olaus salientava o contraste entre as antigas virtudes cristãs, enraizadas nos reinos góticos, e as posteriores depravações graças à instauração do Luteranismo no reino. Já o texto de seu irmão, seria seminal para as justificativas de relevância histórica que os letrados suecos criariam no século XVII.

³³¹ SJOHOLM, B. *Op. cit.*, p. 251.

³³² EARLE, T. *Op. cit.*, p. 365.

³³³ A versão que consultamos se encontra em AUBIN, J. **Le Latin et l’astrolabe**, Lisbon: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, v. 1, p.237-307, 1996. Originalmente, esse texto foi publicado em AUBIN, J. “Damião de Góis et l’archiêveque D’Upsal”, in: BATAILLON, Marcel. **Damião de Góis humaniste européen**, J. Touzot: Paris, 1982, pp. 245 – 330.

³³⁴ JOHANNESON, K. *Op. cit.*, p. 182. O tema das práticas mágicas descritas por Olaus será tratado no capítulo três.

Como fonte para essas interpretações, a *Historia* de Johannes tornou-se peça fundamental da propaganda Vasa, pois, “acima de tudo, veio de um dos adversários de Gustavo (...). O velho arcebispo podia ser um papista, fugitivo e um exilado”, mas “não havia deixado de ser patriota”³³⁵.

b. A Suécia seiscentista: dos conflitos internos para as expansões territoriais

Após uma série de conflitos entre os filhos de Gustavo Vasa, em 1599, Carlos IX assume como regente da Suécia. Seu principal desafio político interno, após assegurar a hereditariedade do trono a seu filho, foi lidar com a demanda da nobreza por uma maior participação no governo. Assim, o *Riksdag* surgira no século XVII como a principal instituição de poder alinhado ao monarca. A assembleia dos estados foi a maior realização em agregação de interesse político do período e, apesar de ter sido criado no século XVI, tornou-se regular no XVII e a principal arena política dos membros da família Vasa³³⁶. Solidificado pelo rei, com o objetivo de centralizar a economia e legitimar as ações da dinastia, funcionou por um acordo de proteção entre os estados participantes do parlamento que, por sua vez, buscavam proteção, estabilidade política e social, além de suas próprias fortunas³³⁷.

No campo internacional, com o envolvimento sueco nas turbulentas disputas dinásticas em Moscou, encerradas com ratificação do Tratado de Viborg (1609), a querela das ramificações Vasa – entre suecos e poloneses – atingiu solo russo e, nos campos de batalha, os poloneses derrotam os suecos que viram a deposição do czar e a eleição do sobrinho neto de Carlos IX – Wladislaw Vasa – como novo governante moscovita. Na mesma época em que a aventura sueca na Rússia chegava a um final conturbado, os ânimos anti-suecos, nutridos pelos dinamarqueses, voltaram a ferver e se concretizaram com a declaração de guerra, em janeiro de 1611. A chamada Guerra de Kalmar (1611 – 1614) foi produto da política externa agressiva tanto de Carlos IX quanto de Cristiano IV que, por conta das disputas constitucionais domésticas, se interessava pela reintegração da antiga união dos reinos escandinavos.

Além disso, os recentes sucessos suecos – que praticavam comércio com os russos nas rotas Bálticas – desafiavam o *dominium maris* dos dinamarqueses. A questão do Ártico, resolvida em Teusina entre russos e suecos, também incomodava os

³³⁵ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 153.

³³⁶ GLETE, J. *Op. cit.*, pp. 192 – 193.

³³⁷ *Ibidem.*

dinamarqueses que viram a invasão de seus domínios com o aumento da política de colonização empreendida pela Coroa sueca³³⁸. Antigas rixas regionais não resolvidas como a questão do uso das três Coroas no brasão dinamarquês, a nova tentativa sueca em fechar Narva para o comércio forasteiro e as campanhas carolinas na Livônia, aumentavam o clima de tensão entre os Estados. Coroado em 1608 como “rei dos lapões das terras do Norte”³³⁹, Cristiano IV pressionava seu conselho por uma declaração de guerra, pelo menos, desde 1603.

Dessa forma, o projeto externo de Carlos foi fruto de suas políticas arrojadas em solo doméstico e internacional, além da tentativa de controlar as rotas de comércio com a Rússia. O produto final fora a introdução da Suécia numa rede de conflitos sem as condições efetivas de resolvê-los. Para Roberts, a ruína da política carolina tem como explicação a própria ganância do rei, “que não aceitava nenhum ponto de vista além do seu”³⁴⁰. À medida que o rei envelhecia, o Råd, com a entrada de Axel Oxenstierna em 1609, iniciou seu processo de remontagem. Com sua morte em 30 de outubro de 1611, o que sobrou da Suécia era uma sociedade exaurida por cinquenta anos de guerra, um regime político desacreditado, um herdeiro de dezessete anos e uma Coroa que trocara seu *status* de credora para o de devedora³⁴¹:

The burden of war had all but bankrupted the state and had led to peasant unrest of which the savage Finnish Club War in the 1590s had merely been the most violent. During the Kalmar War, after which Sweden had to pay the massive ransom for Älvsborg, law and order in parts of Sweden all but collapsed³⁴².

A carta de Coroação de Gustavo Adolfo (1611) – maior exigência para o reconhecimento do herdeiro de Carlos IX – foi mais restritiva do que qualquer outra assinada pelos Vasa anteriores e foi responsável pela restauração do Råd enquanto órgão constitucional. Na concepção de Roberts, o que pode aparentar para o leitor como uma vitória da aristocracia sobre o rei é, na verdade, o início de um período de cooperação entre Coroa e alta nobreza desconhecido desde 1560³⁴³. Lockhart enxerga Gustavo Adolfo como o responsável por reunir a nobreza e os comuns ao seu redor, mesmo com os altos custos da governança. Assim, o sucesso do rei foi o de governar por consenso

³³⁸ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, p. 448.

³³⁹ *Idem*, pp. 450 – 451.

³⁴⁰ *Idem*, p. 458.

³⁴¹ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, pp. 460 – 465.

³⁴² FROST, R. I. *Op. cit.*, p. 116.

³⁴³ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1986, pp. 463 – 464.

genuíno integrando Råd, *Riksdag*, a administração e o *establishment* militar em um esforço comum. Para essa explicação, a figura do chanceler Axel Oxenstierna, apontado em 1612, foi fundamental para conferir a estabilidade que faltara em governos anteriores³⁴⁴.

Surgiria, então, o Estado militar: uma nova aliança entre rei e nobreza para canalizar os recursos bélicos que “retirou dos camponeses o seu espaço para ações independentes”³⁴⁵. O início dessa política, capitaneado por Gustavo Adolfo – rei general – e Axel Oxenstierna – o burocrata do Estado – seria marcado pelo equilíbrio de poder entre a Coroa e os estados gerais. Com a morte do rei em Lützen, o equilíbrio de forças dos estados gerais chega ao fim e a balança pendeu para o lado da aristocracia, como representante dos corpos constituídos. A assinatura da Forma de Governo de 1634, já na regência, é fundamental nesse contexto, pois se por um lado tentou assegurar o funcionamento da máquina estatal e de guerra da Suécia, por outro manifestou o protagonismo da aristocracia na organização dessa máquina. Assim, a Constituição de 1634 era a somatória de vinte anos de reformas burocráticas produzidas na regência de Gustavo com suporte das elites – especialmente do Råd. Para Lockhart, é ela que marca o início da profissionalização estatal na Suécia, pois prevê a criação de cargos oficiais colegiados fixos em Estocolmo, assim como a consonância entre administração central e local e o poder de autoridade para o cargo e não para o indivíduo³⁴⁶. Há, a partir de 1634, uma mudança importante de ênfase nesses segmentos administrativos, do nascimento para a competência.

Axel Oxenstierna continuou como a figura mais poderosa do Estado escandinavo e foi responsável por retomar as propostas expansionistas de Gustavo Adolfo. Inicialmente pautado nos princípios de *satisfactio* (compensação territorial) e *assecuratio* (garantia de segurança contra os Habsburgos no Báltico), percebemos aqui uma mudança na interpretação sobre a política externa sueca: até o tratado de Vestfália, a historiografia entende a ação internacional dos Vasa como *defensiva*. Com o fim da Guerra dos Trinta Anos, pelos esforços de Johan Oxenstierna e Johan Adler Salvis, com a Suécia tendo obtido cinco milhões de *Reichstaler*, a Pomerânia ocidental, Stettin, Wollin, Wismar, Rügen, Bremen e Verden. Desse modo, sua estratégia passou a ser *ofensiva*: havia a necessidade de conquistar e garantir algo proveniente do conflito. O

³⁴⁴ ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1979, pp. 20 – 25.

³⁴⁵ HALLENBERG, M. *et al. Op. cit.*, p. 259.

³⁴⁶ LOCKHART, P. D. *Op. cit.*, pp. 58 – 60.

resultado final não era o que as elites envolvidas no processo trouxeram para a mesa de negociações, mas foi um triunfo visto que as garantias do tratado elevaram o país à categoria de potência Báltica e uma importante peça no tabuleiro político europeu no pós-guerra³⁴⁷.

A partir de 1650, após uma nova série de conflitos entre os Estados que circundavam o Báltico – principalmente Polônia, Rússia e Dinamarca –, a vitória diplomática foi sueca. Com o *status quo ante bellum* garantido, a Suécia dominava o Báltico enquanto Polônia e Dinamarca tornaram-se os grandes perdedores – tanto política quanto territorialmente³⁴⁸. Com o avanço sueco, iniciou-se o processo de *suequização*³⁴⁹ dessas regiões. No entanto, as diferenças linguísticas, de costumes, de instrumentos de justiça e instituições administrativas causavam dificuldades para a implantação de medidas que servissem ao interesse de Estocolmo³⁵⁰. No caso Báltico, duas argumentações emergiram sobre o que fazer com as novas províncias suecas: incorporação política total, que reduziria os privilégios da nobreza báltica, ou a manutenção dessas possessões fora do reino. No fim, nenhuma delas foi totalmente anexada, visto alguns, como Oxenstierna, temerem “que os nobres do Báltico reduziriam sua liberdade de ação como líderes do governo se fosse permitida sua entrada no *Riksdag*”³⁵¹.

Fora da Suécia própria³⁵², uma segunda Universidade sueca foi instalada em Dorpat em 1632³⁵³. Além disso, a região recebeu uma corte suprema (1623) e uma academia escolar (1640). Já o território finlandês, parte fundamental da mobilização dos recursos, era, ao mesmo tempo, fator de (des)integração das pretensões suecas: integrante, pois sustentava materialmente o ímpeto militar da Suécia seiscentista; desagregante, pois o controle da população local era difícil, por exemplo, com a possibilidade (e aumento)

³⁴⁷ A versão consultada do Tratado de Vestfália se encontra em http://avalon.law.yale.edu/17th_century/westphal.asp. Último acesso: 26/02/2019.

³⁴⁸ NORTH, M. **The Baltic**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2015, p. 122.

³⁴⁹ Fazemos, aqui, um neologismo ancorada em autores anglófonos que empregam o verbo “*to swedify*” para descrever esse tipo de integração cultural durante os entraves políticos da Suécia nos séculos XVI – XVIII.

³⁵⁰ KNUT, K. “Economic growth and trade”. In KOURI, E.; OLESEN, J. (org.). **The Cambridge History of Scandinavia**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2, 2016, p. 191.

³⁵¹ RIAN, Ø. “Centre and periphery” In KOURI, E.; OLESEN, J. (org.), **The Cambridge History of Scandinavia**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2, 2016, p. 408.

³⁵² Designa o território da Suécia, sem considerar as regiões ocupadas durante o período colonial (os territórios do Báltico e da Finlândia).

³⁵³ Dorpat é o nome sueco para a cidade de Tartu, na Estônia. A primeira universidade sueca estava localizada em Uppsala.

de fuga para os outros lados da fronteira (Rússia e Noruega)³⁵⁴. Devido à diversidade existente nas regiões em que a Suécia passou a exercer maior controle, Michael Roberts comparou as experiências político-culturais dos suecos à dos espanhóis³⁵⁵.

No caso dos territórios dinamarqueses adquiridos com os Tratados de Bromsebrö (1648) e Roskilde (1658):

Swedish law took effect rapidly, and the inhabitants of these provinces, whose dialect did not differ very much from the Swedish language, easily learned to follow sermons preached in Swedish and to grasp the meaning of documents read to them in that language³⁵⁶.

Dessas regiões, a que impôs maiores dificuldade ao avanço sueco foi a Escânia, *län* que fazia parte das possessões dinamarquesas desde a conquista capitaneada pelo rei Valdemar Atterdag no século XIV³⁵⁷. Em regiões limítrofes à Escânia como a Blecíngia e a Halândia, aos suecos também enfrentavam dificuldades:

(...) the problems presented by collective regional pride were perhaps the worst. In these former Danish lands – [...] which some of the most important Danish aristocratic families called home – loyalty to the old motherland persisted³⁵⁸.

Assim como as nobrezas bálticas, entre 1657 – 1660 e, depois, 1675 – 1679, a população local rebelou-se contra seu novo reino. Eino Jutikkala aponta que, além de fisicamente restritos, os escanos precisaram ter seu espírito conquistado. Uma das estratégias adotadas para essa conquista foi a fundação da terceira instituição de ensino superior do reino sueco em 1668. Instalada em Lund, a nova Universidade recebeu letrados convidados do continente, como o jurista Samuel Pufendorf, e foi importante no processo de solidificação das letras suecas na efervescente região³⁵⁹.

³⁵⁴ *Idem*, p. 196.

³⁵⁵ O britânico chega intitula a Suécia como a “Espanha Luterana”. Aqui, ele se refere aos processos de integração política e cultural (e suas subsequentes resistências) levadas a cabo pelos suecos durante todo o século XVII. Ver: ROBERTS, M. *Op. cit.*, 1979, p. 64.

³⁵⁶ JUTIKKALA, E. “The integration policies of Sweden and Denmark”, *Scandinavian Studies*, v. 45, n. 3 1973, p. 196.

³⁵⁷ AMBRIUS, J. *Skånes Historia i årtal: från 550 till 1720* [História da Escânia ao longo dos anos: de 550 até 1720]. Malmö: Strömbergs Bokförlag, 1995.

³⁵⁸ LOCKHART, P. D. *Op. cit.*, p. 108.

³⁵⁹ JUTIKKALA, E. *Op. Cit.*, p. 198. Sobre a fundação da Universidade e seu papel na consolidação da Escânia como parte da Suécia, ver: EDGREN, L. *Historia och historiker: Om Lunds universitet genom 350 år* [História e historiadores: A Universidade de Lund ao longo de 350 anos]. Lund: Historiska institutionen, Lunds Universitet. 2018.

2.3. As expansões territoriais da Suécia para a *Sápmi* e para o Atlântico

Refletido pelas águas do lago Mälaren, um dos maiores da Suécia e importante rota aquática que, no século XVII, conectava Estocolmo a Uppsala, o palácio Skokloster³⁶⁰ teve sua construção iniciada em 1654. Inspirado na arquitetura de um castelo bávaro, a maior construção residencial com exceção do *Tre Kronor* em Estocolmo, foi

(...) founded on the principles of the Renaissance: geometric harmony, classicism and science [...]. The four towers indicate the compass points and symbolise the four elements. The towers are adorned with armillary globes emphasising the castle's cosmological as well as scientific position—the castle was built as a reflection of the harmony of the spheres mapped through the strenuous efforts of science³⁶¹.

O palácio é, do ponto de vista material e metafórico, um microcosmo: construído com materiais provenientes de diferentes regiões da Suécia e da Europa – por mãos de indivíduos locais e estrangeiros – foi preenchido por artefatos, pinturas, móveis e tomos dos (ou sobre os) quatro cantos do globo.

Atualmente, o turista que se deslocar até a mansão nobiliárquica, mesmerizado pela quantidade de decorações, objetos e pinturas, pode não dar a devida atenção a uma das principais decorações do castelo, feita pela dupla de artesãos H. Zauch e J.A. Anthoni: o retrato dos quatro cantos do mundo no teto do salão de jantar³⁶². O trabalho em estuco e de cores vibrantes apresenta, em cinco alegorias, “a visão de mundo do período cedo-moderno em seu esplendor barroco”³⁶³.

³⁶⁰ Sobre o castelo, ver: BERGSTRÖM, C. (ed.) **Skokloster during 350 years**. Stockholm: Byggförlaget, 2017; KYLSBERG, B. **A glimpse of the world: Non-European in Skokloster Castle**. Linköping: Skoklosterstudier 37, 2006. Para uma biografia do dono da propriedade e sua relação com o solar à beira do Mälaren: EIMER, G. **Carl Gustaf Wrangel som byggherre i Pommern och i Sverige: Ett bidrag till stormaktstidens konsthistoria** [Carl Gustaf Wrangel como construtor na Pomerânia e na Suécia: uma contribuição para a História da Arte durante a Era do grande poder]. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1961 e LOSMAN, A. **Carl Gustaf Wrangel och Europa: Studier i kulturförbindelser kring en 1600-tals magnat** [Carl Gustaf Wrangel e Europa: Estudos em relações culturais em torno de um magnata do século XVII]. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1980.

³⁶¹ NORDIN, J. M. NORDIN, N. There and Back again: A Study of Travelling Material Culture in New and Old Sweden. NAUM, M.; NORDIN, J. M. (eds.) *Op. cit.*, 2013, p. 222.

³⁶² LOSMAN, A. Skokloster – Europe and the World in a Swedish Castle, in: LOSMAN, A.; REVERA, M. (eds.) **The age of New Sweden**. Stockholm: Livrustkammaren, 1988, p. 88.

³⁶³ NORDIN, J. “The centre of the world: The material construction of Eurocentric domination and hybridity in a Scandinavian 17th-century context”. **Journal of Material Culture**. 18(2), p. 192.



Figura 12. Vista do castelo Skokloster do lago Mälaren

No centro do teto, há uma alegoria: a batalha entre um indivíduo e um dragão que retoma o mito de Apolo e Píton. Conforme a interpretação de Arne Losman, a alegoria corresponderia ao próprio rei Carlos XI e ao ímpeto imperial sueco para representar-se como centro do mundo³⁶⁴. Rodeado por essa cena estão quatro medalhões – um para cada continente conhecido naquele período – em que figuras femininas incorporam ou encenam atributos de cada região:

Accompanying the figure of Europe are a pair of compasses, musical instruments, a vaulted and ruined stone house and various sets of arms – symbols of the noble arts of architecture, music and warfare. [...]. Asia, sporting a turban, appears alongside a resting camel. America, diagonally opposite side to Europe, is an almost naked, wreathed figure, accompanied by an armadillo [...]³⁶⁵

Por último, a mulher “África”, carregando um guarda sol – numa tentativa de conseguir abrigo – está sentada observando a figura de um crocodilo³⁶⁶.

³⁶⁴ LOSMAN, A. *Op. cit.*, p. 88.

³⁶⁵ NORDIN, *Op. cit.*, p. 192.

³⁶⁶ Apesar de o medalhão africano ter sido descrito por Jonas Nordin, preferimos não incluí-lo no trecho citado devido a uma diferença interpretativa. O arqueólogo sueco defende que a mulher africana está sentada em um rinoceronte: “The woman depicting Africa is riding a rhinoceros and holding a parasol, seeking shelter from the merciless African sun”, em: NORDIN, *Op. cit.*, p. 192.



Figura 13. Medalhão “África” no teto do salão de jantar do Skokloster³⁶⁷

Podemos, então, aproximar esse castelo à própria experiência de expansão sueca durante o século XVII. Paralelo ao avanço do domínio sueco no Báltico, com o desenrolar da Guerra dos Trinta Anos, os suecos, ainda como uma semiperiferia cultural e econômica da Europa, argumentavam que uma aventura na América era fundamental para as pretensões futuras da nova potência militar do velho continente. Entre os principais motivos estavam o potencial enriquecimento, a aquisição de novas terras, a oportunidade de capitanear uma missão cristã (de matriz luterana), além dos possíveis ataques às posses de outros potentados europeus e da participação no comércio atlântico³⁶⁸.

Em 1637, um ano antes da chegada e ocupação no Delaware, em uma parceria com proeminentes figuras do comércio atlântico holandês, como Louis de Geer, era fundada a Companhia do Sul (Su. *Södre Compagniet*) que seria responsável pela criação e manutenção de assentamentos na América e canais comerciais. Em uma parceria semelhante, em 1649, os suecos e holandeses fundaram a Companhia Africana Sueca (Su. *Svenska Afrikanska Kompaniet*), a primeira empreitada lucrativa sueca no Atlântico, que, ao longo da Costa do Ouro (Gana), comercializava escravos e ouro. No mesmo período,

³⁶⁷ Foto de Holger Elgaard, 2013. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Skokloster_Kungssalen_tak_Afrika_2013.jpg#filelinks>. Acesso: 21/11/2019.

³⁶⁸ Sobre a Suécia no Atlântico, ver: EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. Sweden in the Delaware Valley: Everyday Life and Material Culture in New Sweden e DE CUNZO, L. A. Borderland in the Middle: The Delaware Colony on the Atlantic Coast, in: NAUM, M.; NORDIN, J. M. **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity: Small Time Agents in a Global Arena**. New York: Springer, 2013, pp. 169-188 e pp. 189 – 208.

ao longo do Mediterrâneo, os suecos, em busca de produtos como o sal, travaram encontros com os otomanos em locais como Constantinopla e Algiers³⁶⁹. Por fim, durante a segunda metade do século XVII, os suecos passaram a intervir de forma mais ativa na região Norte. Contestada por outros potentados em ascendência como a Noruega e a Rússia³⁷⁰, o domínio da *Sápmi* e seus depósitos de cobre, ferro e prata abria um horizonte de expectativa aos suecos: o fornecimento de recursos minerais importantes para sua entrada no “sistema-mundo”³⁷¹.

Apesar das diferentes intensidades de cada experiência expansionista sueca – a ocupação do Delaware, por exemplo, chegou ao fim em 1655, após capitulação dos holandeses – essas tentativas de estabelecimento de colônias nas diferentes regiões do globo tiveram seu impacto materiais, além de impregnadas de práticas e retóricas partilhadas por outros protagonistas coloniais europeus³⁷². Como exemplo, temos os escritos de Johan Risingh, um dos governantes suecos da *Nova Suecia*, que “enfaticava a relação entre os domínios suecos na América e no Báltico como veículos para o controle das rotas comerciais internacionais centradas na Europa Setentrional”³⁷³.

a. Suécia, *Sápmi* e Delaware: mundos em intersecção

Do ponto de vista do Estado sueco, a Lapônia faz parte de seu domínio desde o Tratado de Teusina, datado de 1598. O acordo entre Rússia e Suécia reconheceu a região ártica da Escandinávia como fronteira entre os dois territórios. No início do século XVII, em um contexto de fortalecimento jurídico e administrativo na Lapônia, tanto de dinamarqueses quanto de suecos a Paz de Knaröd (1613), que resolveu uma série de tensões acumuladas entre os antigos membros da União de Kalmar, consolidou a posição dinamarquesa na costa da *Sápmi* e possibilitou o avanço de seu projeto de *Dominium*

³⁶⁹ O encontro entre suecos e otomanos é descrito em: ÖSTLUND, J. The Barbary Coast and Ottoman Slavery in the Swedish Early Modern Imagination, in: NAUM, M.; EKENGREN, F. **Facing Otherness in Early Modern Sweden: Travel, Migration and Material Transformations, 1500 – 1800**. Woodbridge: The Boydell Press, 2018, pp. 307 – 326.

³⁷⁰ LINDMARK, D. *Op. cit.*, p. 131.

³⁷¹ NAUM, M. 'Between Utopia and Dystopia: Colonial Ambivalence and Early Modern Perception of Sápmi', **Itinerario: International Journal on the History of European Expansion and Global Interaction**, vol. 40, no. 3, 2016, p. 491. Sobre a entrada da Suécia no “sistema-mundo”, ver: WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**. Berkeley: University of California Press, 2011, p. 101.

³⁷² PAGDEN, A. **European encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism**. New Haven: Yale University Press, 1993 e FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 88.

³⁷³ FUR, G. *Op. Cit.*, 2006, p. 93.

*maris*³⁷⁴. Todo esse debate e reivindicação entre as Coroas pelo direito de taxar os sámi evidenciam que a região era, de fato, considerada um ganho econômico.

Daniel Lindmark identifica que a ocupação daquele território se deu pela necessidade de usufruir dos recursos naturais e minerais ali disponíveis e do estabelecimento de fronteiras em uma região contestada tanto pela Dinamarca-Noruega quanto pela Rússia:

It was in the interests of the Swedish government to control the area (...) in the course of the 17th and 18th century, the (...) Sápmi was measured, surveyed, and mapped, divided into provinces, parishes and tax lands³⁷⁵.

Assim, a Sápmi estava inserida em diferentes redes econômicas relacionadas aos Estados emergentes da região. No lado sueco, por exemplo, a maior parte dos contatos comerciais era feita por mercadores profissionais nos assentamentos de inverno sámi. A principal busca era, como no Medievo, por peles exóticas da região. Em troca, os sámi adquiriam grãos, farinha, pão, manteiga e objetos de ferro³⁷⁶.

A esfera jurídica é outro elemento que se alterou quando a Sápmi foi circunscrita às autoridades estatais europeias. Korpijaakko-Labba³⁷⁷ investigou o conceito sámi sobre direito ao uso de recursos (terra e água, principalmente), assim como a forma com que os sámi entendiam o sistema legal sueco estabelecido entre 1639 e 1734. Para a pesquisadora, as terras sámi são taxáveis e se aproximariam da noção de direito à propriedade no período. A autora argumenta, ainda, que as mesmas leis – estipuladas pela *Magnus Landslag* de 1442 – foram aplicadas a casos de invasão de terras taxáveis tanto entre fazendeiros suecos como para as propriedades sámi. No século XVII, a regulamentação estatal aumentou e os canais não oficiais eram estancados para garantir a ação da Coroa³⁷⁸. A instituição de um imposto fundiário (Su. *Skattejord*), em que o

³⁷⁴ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 262.

³⁷⁵ LINDMARK, D. *Op. cit.*, p. 133.

³⁷⁶ HANSEN, L. I., OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 237.

³⁷⁷ KORPIJAAKKO-LABBA, K. **Om samernas rättsliga ställning i Sverige-Finland: en rättshistorisk utredning av markanvändningsförhållanden och -rättigheter i Västerbottens lappmark före mitten av 1700-talet** [Sobre o status dos sámi na Suécia-Finlândia: uma investigação sobre história legal das condições de uso da terra e direitos na *Lappmark* de Västerbotten antes de c. 1700]. Helsinki: Juristförbundets förlag 1994. Em inglês, há o texto de Siv Rasmussen que faz um balanço das atividades missionárias na Finamarca e na região de Torneå entre os finais do século XVI e todo o século XVII. Ver: RASMUSSEM, S. “Churches in Finnmark County and Torne Region in the Early Modern Period”. in: BERG, H. von S. H.; BERGESEN, R. H.; KRISTIANSEN, R. E. (org.). **The Protracted Reformation in Northern Norway. Vol. 2: Towards a Protestant North.**, Hannover: Wehrhan Verlag, 2016, pp. 47–79.

³⁷⁸ As atividades comerciais fora dos mercados estabelecidos eram delitos passíveis de execução cf. FUR, 2006, p. 52.

montante era devido diretamente ao Estado, tornou-se forte indicação de posse da terra, o que é uma diferença essencial se compararmos com outras localidades³⁷⁹.

Se nos tribunais, em casos relativos à propriedade sámi os suecos se mostravam respeitosos, nas minas de prata e cobre, estabelecidas entre 1630 e 1670, em Nasafjäll, e Jukkasjärvi, o tratamento com os locais gerou uma situação conflituosa. Ao mesmo tempo em que a Coroa incentivava a ocupação da região por suecos, oferecendo isenção de impostos e do alistamento militar, os sámi eram o coração da logística mineradora, uma vez que todo o transporte de madeira para as minas e de minérios para as casas de fundição eram feitos no inverno por trenós puxados por renas. Cada sámi da região devia três anos de serviço para as minas³⁸⁰.

Além do apelo às cortes para reportar abusos cometidos por membros da Coroa, os sámi contavam com a ameaça de mudança para a Noruega como uma forma de negociar com os suecos. Esse tipo de cominação só faz sentido se lembrarmos que as disputas fronteiriças pela Sápmi se estendem até a metade do século XVIII. Portanto, ameaçar a mudança de território significa a diminuição da soberania sueca em detrimento de um maior domínio dinamarquês.

Com efeito inicial lento, as ações mineradoras, principalmente nos depósitos de prata, não se mostraram o sucesso econômico que se esperava³⁸¹. Assim, o maior ganho para a Coroa continuava sendo representado pelos mercados e pelo comércio com os sámi. Instituídos durante o reinado de Carlos IX e controlados por interventores suecos na Sápmi, os mercados tornaram-se o principal espaço físico para o encontro entre suecos, fínicos e sámi. Estabelecidos em antigos pontos que celebravam o contato entre os locais e os *birkarla*, além de criar uma nova dinâmica comercial, os mercados³⁸² ganhavam uma função civilizadora, uma vez que instituições como igrejas, escolas e cortes judiciais eram estabelecidas na região. É interessante notar que, de algum modo, essas ações foram efetivas, visto que até hoje, muitas das localidades inauguradas no século XVII são centros urbanos.

³⁷⁹ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 284.

³⁸⁰ FUR, G. **Colonialism in the margins: cultural encounters in New Sweden and Lapland**. Leiden: Brill, 2006, p. 62; HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 292.

³⁸¹ KENT, N. *Op. cit.*, p. 223.

³⁸² O vilarejo de Jokkmokk, por exemplo, recebe, desde 1605, o *Jokkmokks marknad* – a feira de inverno do local – que atraía curiosos e comerciantes interessados nos itens sámi. A leitura de PETERSON, R. **The Winter Festival in Jokkmokk: A development from trading place to sami tourism event**, Östersund: Working Paper, 2003 pode ser instrutiva para aqueles que queiram ler mais sobre os aspectos históricos do mercado estabelecido no pequeno vilarejo citado.

A Cristianização dos povos sámi, processo iniciado no período Medieval, pela Igreja católica, recebeu novos contornos a partir do século XVI tanto pela Reforma iniciada por Gustavo Vasa quanto pelas estratégias adotadas pelos clérigos para a continuidade do projeto. O trabalho de missionação foi importante para enfraquecer a base coletiva de identificação que os ritos sámi ofereciam àquela população. Ao sistema de aplicação da lei sueca interessava, principalmente, a regulação das atividades sexuais e religiosas dos sámi: dos pastores, juízes e meirinhos esperava-se a cooperação no empenho em modificar o estilo de vida local nas esferas doméstica e coletiva de adoração³⁸³.

A introdução do Cristianismo de matriz Luterana, de forma sistemática, causou o colapso dos sistemas autônomos, sociais e religiosos dos sámi. No entanto, uma análise que se pretenda sofisticada, deve levar em consideração não o *sumiço* dessas práticas, mas sim suas *ressignificações* pelo contato cultural. Como inspiração, podemos tomar o exemplo de historiadores como Thomas DuBois, Sæbjørg Walaker Nordeide e Neil Price que investigaram as relações tecidas entre as religiões pré-cristãs das populações que circulavam pela região (fínicos, nórdicos e sámi), assim como o Cristianismo, introduzido por volta do século VI d.C, como produto de encontros culturais³⁸⁴. Durante a primeira Modernidade (entre os séculos XVI e XVII), esse contato entre diferentes cosmologias fez com que os sámi

(...) developed a pragmatic and ritual strategies that put them in a position to fulfill the minimum requirements [to be Christian], while continuing their own religious practices in (...) sámi context³⁸⁵.

Assim, mesmo proibidos, os exercícios religiosos sámi adquiriram novo status naquela sociedade; não, necessariamente, pela nova convicção cristã, mas pelo medo da punição por autoridades³⁸⁶.

Para entender essas estratégias, o conceito de *zona de mediação cultural* – enquanto uma série de “(...) mecanismos de recorte, seleção e apropriação de repertórios simbólicos operantes (...) capaz de criar seu espaço dentro da sociedade, reproduzindo a

³⁸³ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 75.

³⁸⁴ DUBOIS, T. **Nordic Religions in the Viking Age**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999; NORDEIDE, S. W. **The Viking Age as Period of Religious Transformation: The Christianization of Norway from AD 560 – 1150/1200**. Turnhout: Brepols, 2011, esp. pp. 66 - 70; PRICE, N. **The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia**, Uppsala: Aun 31, 2002.

³⁸⁵ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 319.

³⁸⁶ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 77 e 82.

alteridade”³⁸⁷ – pode nos ajudar a ler as concorrências existentes nos escritos produzidos por suecos sobre a religião e religiosidade sámi, uma vez que a maioria das fontes indica um entendimento e seletividade, por parte dos sámi, em seus intercâmbios com o estado sueco³⁸⁸.

No início do século XVII, diversos indivíduos sámi foram levados a Uppsala para adquirir treinamento escolar. Os projetos religiosos e educacionais foram estruturados a partir da noção de que o trabalho missionário seria mais efetivo se fosse feito por alguém que falasse a língua e conhecesse os costumes locais, assim como deveria ser direcionado à comunidade jovem da Lapônia em uma tentativa de romper com a “influência dos velhos sábios”.

Desse modo, a educação – promovida *in loco* ou no sul do país – era vista como importante instrumento para o avanço do estado sueco³⁸⁹. A primeira escola para meninos sámi foi construída em Piteå em 1614. Em 1632, em Lycksele, Johannes Skytte, preceptor de Gustavo Adolfo e pioneiro da cadeira de retórica da Universidade de Uppsala, fundou uma escola com o objetivo de erradicar os ritos xamânicos sami – vistos como um dos grandes inimigos da unidade nacional buscada³⁹⁰.

Daniel Lindmark, que estende sua análise até o século XVIII, defende que o processo de cristianização/aculturação foi fortalecido pela promulgação da *Instrução de 1735*, que comparava os professores dessas missões a Deus – aqueles que tudo viam. Enquanto ferramenta de conquista, a educação colocaria os estudantes

in an ambivalent *in-between* position, between colonisers and the colonised, whereby their education and status would levitate, the students above the general native population (...) ³⁹¹.

Neste sentido, a domesticação dos corpos pelo isolamento espacial, a divisão do tempo escolar e a tentativa de transformação espiritual, seriam os elementos criadores de um

³⁸⁷ MARCUSSI, A. A. Estratégias de mediação simbólica em um calundu colonial. *Revista de História*, v. 155, p. 122, 2006. A definição de “zona de contato cultural”, proposta por Marie Louise Pratt também nos auxilia, elas são “(...) espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação (...)”. Ver: PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 27.

³⁸⁸ RYDVIING, H. **The end of drum-time: religious change among the Lule Saami, 1670’s-1740’s**, Uppsala: Almqvist & Wiksell International, 1993, p. 68.

³⁸⁹ Um dos exemplos materiais desse contato é aldeia paroquial de Luleå – atual patrimônio da UNESCO.

³⁹⁰ INGEMARSDOTTER, J. **Ramism, Rhetoric and Reform: An Intellectual Biography of Johan Skytte (1577 - 1645)**. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis. Uppsala Studies in History of Ideas. 42, pp. 256 – 260, 2011.

³⁹¹ LINDMARK, D. *Op. cit.*, p. 136.

“outro” reformado e reconhecido que agiria como mediador cultural entre os suecos e os sami não convertidos pela transmissão – e incorporação – de normas de obediência e submissão de acordo com os interesses metropolitanos³⁹².

No entanto, como já apontamos, não podemos entender esse processo como de via única. Estudos recentes, como os do próprio Lindmark, fazem referência às resistências cotidianas das populações autóctones. Os trabalhos de Karin Granqvist³⁹³, assim como a dissertação de mestrado de Einar Axelsson³⁹⁴ são importantes, pois nos lembram de que nem todas as tentativas de controle, por parte da Coroa, necessariamente impactaram a sociedade sámi, já que o colonizado não recebe de maneira passiva a ação metropolitana, sendo capaz, em um cenário de hibridismo cultural, de criar formas de resistência no cotidiano. Granqvist nos mostra, em outra esfera do domínio sueco, como os sami lidavam e faziam uso das ações judiciais nas cortes³⁹⁵.

Analisando os casos criminais e civis do distrito de *Jukkasjärvi*, a autora argumenta que, embora seja a minoria dos casos registrados (41 de 243), os crimes sexuais e contra a religião são os que mais chamam atenção, já que o delator costumava ser um clérigo luterano que, como um pastor, observava e congregava seu rebanho. Nos casos de crimes sexuais, em que os acusados eram homens e mulheres solteiros, a pena comum para a fornicação era “o castigo físico, se os acusados não possuísem os meios econômicos para pagar sua fiança”³⁹⁶. Já nos casos contra a fé luterana, as vítimas eram acusadas por praticar cerimônias como o *yoik*, pelo uso de seus tambores, idolatria e de adaptar os ritos cristãos. Todos os acusados homens, que exerciam o papel de xamã, eram vistos como malignos, em contrapartida, as poucas acusadas mulheres eram vistas como usuárias benignas daqueles instrumentos³⁹⁷.

³⁹² *Idem*, p. 136.

³⁹³ GRANQVIST, Karin, Confrontation and conciliation: the sami, the crown and the court in seventeenth-century Swedish Lapland, *Acta Borealia: A Nordic Journal of Circumpolar Societies*, v. 21, n. 2, p. 99–116, 2004; GRANQVIST, Karin, *Samerna, staten och rätten i Torne lappmark under 1600-talet. Makt, diskurs och representation (The Sami, the State and the Court in Torne Lappmark during the Seventeenth Century: Power, Discourse and Representation)*, Skrifter från Institutionen för historiska studier 8, Umeå Universitetet, Umeå, 2004.

³⁹⁴ AXELSSON, E. *Samerna och statsmakten: Vardagligt motstånd och kulturell hybriditet i Torne lappmark under perioden 1639 – 1732* [Os sámi e poder estatal: resistência cotidiana e hibridismo cultural na Lapmarca de Tornea durante o período de 1639 a 1732], Mestrado [História], Umeå Universitetet, Umeå, 2015.

³⁹⁵ GRANQVIST, K. *Op. cit.*, 2004, p. 14.

³⁹⁶ *Idem*, p. 4.

³⁹⁷ Sobre os processos envolvendo a bruxaria na Suécia, especialmente, os homens sámi, ver: MAXWELL-STUART, P.G. *Witchcraft in Europe and the New World, 1400-1800*. New York: Palgrave, 2001, p. 80. Sobre a bruxaria na Suécia, como um todo, ver: ANKARALOO, B.; HENNINGSEN, G. *Early Modern European Witchcraft: Centres And Peripheries*. Oxford: Oxford University Press, 1990 e SÖRLIN, P. *Wicked Arts: Witchcraft and Magic Trials in Southern Sweden, 1635 – 1754*. Leiden: Brill, 1999.

Os casos de roubo, assassinato, débitos, invasão e de herança, que formam 85 dos processos, foram resolvidos de maneira diferente. Muitos desses casos foram delatados pelos próprios sámi: no lugar da execução, pena prevista para alguns dos crimes, buscavam compensação material – uma espécie de conciliação – que também servia como sinal público de que as partes não seriam mais inimigas³⁹⁸. A partir dessa análise, Granqvist conclui que, diferente dos casos *contra* os sami, as contendas judiciais iniciadas pelos sámi tratavam de assuntos da vida cotidiana³⁹⁹, com objetivos e desfechos completamente diferentes dos primeiros.

Podemos, então, separar a aproximação entre a Suécia e a Sápmi em três períodos: o primeiro, em que houve a ênfase em anexação territorial e controle econômico/fiscal (1550-1635); um segundo, de maior interesse nas atividades mineradoras (1635 – 1673); e, por fim, as políticas colonizadoras que visaram o aumento da população sueca na região (1673 – 1749). De forma geral, podemos concluir que um dos principais resultados desses processos foi o desenvolvimento de estratégias e adaptações das populações locais frente às mudanças jurídicas e religiosas. Como exemplo, podemos citar as novas especializações econômicas – como a prática nômade de pastoreio de renas – e os apelos, em cortes, por parte dos sámi em defesa de seus interesses.

Quanto às práticas religiosas autóctones, Håkan Rydving argumenta que, na Sápmi, não ocorre o crepúsculo da religião local, mas sim o “fim do período do tambor”: quando a prática *aberta* de ritos locais foi proibida e perseguida, sendo realocada à esfera do *segredo*⁴⁰⁰. No entanto, precisamos observar que existiam diferentes práticas culturais, religiosas ou econômicas – apesar de alguma semelhança – em distintas partes do território da Sápmi. Assim, precisamos levar em consideração que os impactos do contato cultural (principalmente dos séculos XVI e XVII) na vida sámi não são iguais para todas as áreas. O que mudou, também, foram as próprias adaptações elaboradas pelos sámi:

What sort of strategies the Sámi adopted seems to a large degree to have been influenced by which trade networks they were involved in. At the same time, economic changes brought about changes on the social level. (...) The

³⁹⁸ SANDMO, E. **Voldsamfunnets undergang. Om disiplineringen av Norge på 1600-tallet** [A queda da comunidade violenta. Sobre a disciplina na Noruega do século XVII]. Oslo: Universitetsforlaget, 1999, p. 231.

³⁹⁹ GRANQVIST, K. *Op. cit.*, p. 15.

⁴⁰⁰ RYDVING, H. *Op. cit.*, 1993, p. 76.

missionary offensive also led to serious weakening of the collective basis of identification that religious rites represented⁴⁰¹.

Portanto, cada *lappmark* presenciou um processo diferente, resultado tanto cronológico (período em que a colonização se intensifica) quanto das populações que se envolveram com as missões religiosas (ações luteranas suecas ou dano-norueguesas e o avanço ortodoxo russo). Circunscrito à *Lule lappmark*, Håkan Rydving analisou processos de mudanças que ocorreram na religião sámi graças à introdução do Cristianismo entre os anos de 1687 e 1753⁴⁰². Do ponto de vista simbólico, a principal mudança identificada por Rydving refere-se à passagem do *Goabdesájgge* (LSa. “período do tambor”) para “o tempo em que se precisava esconder o uso do tambor”. Em outras *lappmarks*, varridas por ações semelhantes ao caso de *Lule*, as cronologias são outras⁴⁰³.

Nessa busca por compreensão e inserção do outro, houve a proliferação de uma massa documental, escrita por clérigos, oficiais do Estado e viajantes (suecos ou estrangeiros), que durante suas experiências e testemunhos na *Sápmi*, compilaram relato sobre as populações que lá viviam⁴⁰⁴. Após a publicação das obras de Olaus Magnus – tanto a *Carta Marina* quanto sua *Historia* – e com o aumento dos interesses pela região, dada a efervescência econômica e política na Escandinávia entre os séculos XVI e XVII, outras representações geográficas da *Sápmi*, como os trabalhos dos holandeses Jan Huyghen van Linschoten (1594) e Simon van Salingen (1601), surgiram e se tornaram conhecidas. O caso de van Salingen, sua *Lappia par Norwegie* é especialmente interessante, pois o cartógrafo holandês foi patrocinado pelo monarca dinamarquês Cristiano IV que, em troca, esperava solidificar suas reivindicações territoriais sobre a região e, conseqüentemente, promover sua ocupação e exploração⁴⁰⁵.

Com teor político semelhante ao de van Salingen, o sueco Anders Bure publicou sua *Laponiæ, Bothniæ, Cajaniaeqve Regni Sveciæ provincialium septentrionalium nova delineatio* (1611). Comumente conhecida como *Laponia*, chama

⁴⁰¹ *Idem*, p. 231.

⁴⁰² Para o autor, a partir desse recorte temporal, podemos concluir que houve um processo de mudança religiosa significativo em que a significância dos ritos autóctones definiu frente a um trabalho de missão e domínio estrutural. Ver: RYDNING, H. *Op. cit.*, especialmente pp. 1 – 53 (“Introduction”) e pp. 157 – 166 (“Conclusion”).

⁴⁰³ Cf. RYDNING, H. *Op. cit.*, p. 34, os outros exemplos são: Kemi lappmark (1670), em Piteå (1690) e em Umeå (1720).

⁴⁰⁴ NAUM, M. *Op. cit.*, 2016, p. 490.

⁴⁰⁵ Para o caso do mapeamento da região da calota do Norte por suecos, ver: OJALA, C-G.; NORDIN, J.M. “Mapping Land and People in the North: Early Modern Colonial Expansion, Exploitation, and Knowledge”. *Scandinavian Studies*, volume 91, Number 1-2, Spring/Summer 2019, pp. 98-133.

atenção pela dedicatória ao recém-Coroado Gustavo II Adolfo⁴⁰⁶. Além dessa publicação, o cartógrafo viu o lançamento de *Sueciae adiacentiumque regnorum Typus* (1613) do holandês Adrianus Venus Aurelius – também dedicada ao regente sueco – antes da impressão de sua *Orbis Arctoi nova et accurate Delineatio* (1626).

Dada a importância e público atingido pelas descrições (cartográficas e narrativas) de Olaus Magnus, Edward Lynam afirma que até meados de 1630, é possível encontrar traços da *Carta Marina* nos mapas posteriores⁴⁰⁷. Essas publicações do século XVII, da mesma forma que a peça do sueco católico, aliaram os limites geográficos às populações que habitavam aquela região. Olaus Magnus desenhou rios, montanhas, ativos econômicos – como minerais disponíveis, centros comerciais (denominados *emporium maxima*⁴⁰⁸) – e pontos de referência religiosos como as *pedras dos pagãos*. Além disso, povoou a região com diferentes criaturas e seus habitantes – sejam eles godos (suecos, dinamarqueses e noruegueses), sámi, fínicos ou moscovitas. Já nas publicações do XVII, as criaturas e povos foram suprimidos em detrimento de uma descrição mais específica do relevo, florestas e assentamentos ao longo do continente.

Outro mapa do século XVII que se preocupa em elaborar uma descrição com uma quantidade menor de escalas cosmográficas é da autoria do próprio Johannes Schefferus. Com foco na *Sápmi*, o mapa, se comparado com as produções citadas do período, é menos rico em detalhes. No entanto, diferente dos mapas anteriores, a carta de Schefferus é anexa a um relato que descreve tanto os elementos naturais quanto as populações que ali vivem, amparadas por desenhos produzidos pelo professor⁴⁰⁹.

Além das produções cartográficas e relatos de missionários que circulavam pela região Norte, os regentes da Suécia também mostravam contínuo interesse pelos sámi. Durante seu reinado, Carlos XI viajou à Torneå. Lá, um dos governantes locais presenteou o rei com um boneco sámi de madeira, em seu *ackja*, puxado por uma rena⁴¹⁰. Além dessas peças centrais, a réplica de um habitante da *Sápmi* contava com alguns adereços como colheres feitas a partir dos ossos de uapitis, um cachimbo e itens que poderiam ser adquiridos em mercados sazonais ou cidades costeiras do Norte.

⁴⁰⁶ No quadrante superior direito lê-se: *Illvstrissimo Principi Ac Domino Dno Gvstavo Adolpho Refni Sueciae. Principi Haereditario Magno Dvci Finlandia. Nec non Esthoniae Wesmanniacive Dvci. Domino Svo Clementissimo, Hanc Septentrionalivm Regionym Tarvlam Svemisse Offert dedicatque.*

⁴⁰⁷ LYNAM, E. **The Carta marina of Olaus Magnus, Venice 1539 & Rome 1572.**, Jenkintown: Tall Tree Library, 1949, p. 39.

⁴⁰⁸ Plural para *emporium maximum* (latim).

⁴⁰⁹ Todas as versões consultadas da obra contam com a representação cartográfica.

⁴¹⁰ Atualmente é parte do acervo do *Livrskammaren* (Arsenal Real Sueco) e pode ser consultado no anexo.

Apesar das ressalvas quanto à sua validade, para nós, esses relatos em que a Sápmi é situada entre a terra perigosa/remota e o lugar maravilhoso/próximo são fundamentais, uma vez que Schefferus utilizou esse material para compor seu relato e, por fim, reverberou diversas dessas construções. O exotismo – grotesco na mesma medida que sedutor – contribuiu para a formação da geografia imaginada da *Sápmi*: a partir dos fenômenos naturais, como aurora boreal e o sol da meia-noite, ou das expressões culturais locais com seus artefatos, renas, ritos xamânicos, nomadismo e *yoiks*⁴¹¹, especulava-se sobre a humanidade dos sámi. Assim, a Lapônia tornou-se a justaposição geográfica da civilização e barbárie⁴¹².

Outra região que passou a fazer parte da vida sueca na primeira Modernidade foi o continente americano. Após a criação da *Södra Compagniet*, duas embarcações – Kalmare Nyckel e Fågel Grip – zarparam de Gotemburgo rumo ao Atlântico Norte e, em maio de 1638, aportaram na bacia do Delaware, região onde os assentamentos da *Nova Suecia* foram erguidos⁴¹³. Além das mesmas lógicas e necessidades materiais, podemos estabelecer um paralelo entre a experiência sueca no Norte e no Atlântico, principalmente por conta dos encontros culturais estabelecidos em cada região: se, no Norte, os suecos forjaram novos relacionamentos com os povos sámi, já – de certa forma, conhecidos e descritos – na América, o contato com os lenapes e susquehannocks era novidade e seus estilos de vida demandavam algum entendimento por parte dos europeus⁴¹⁴.

⁴¹¹ NAUM, M. *Op. cit.*, 2016, p. 498.

⁴¹² No século XVIII, a materialização dessa visão seria a proposta taxonômica de Carlos Lineu que considerava os sámi como *homo monstruosus*.

⁴¹³ Para uma descrição histórica da Nova Suécia, o leitor achará instrutiva a leitura de: RUHNBRO, R. **Det Nya Sverige i landet Amerika: ett stormaktsäventyr 1638-1655 [A Nova Suécia no território da América: a aventura de uma superpotência, 1638-1655]**. Höganäs: Wiken, 1988; HOFFECKER, C.E. *et al*, **New Sweden in America**, Newark: University of Delaware Press, 1995; WESLAGER, C. A., **New Sweden on the Delaware, 1638-1655**. Wilmington: Middle Atlantic Press, 1988; ÅBERG, Alf. **The people of New Sweden: Our colony on the Delaware River, 1638-1655**, Stockholm: Natur och kultur, 1988; Há, ainda, publicações mais recentes como FUR, G. *Op. cit.*, 2006, pp. 88 – 170 e NAUM, M.; EKEGREN, F. *Op. cit.* 2018, pp. 169 – 242.

⁴¹⁴ Sobre os lenapes, ver: KRAFT, H.C.; KRAFT, J. T. **The Indians of Lenapehoking**. South Orange: Seton Hall University Museum. 1986. Sobre seu grupo rival, os susquehannas, ver: KENT, B. C. **Susquehanna's Indians**. Harrisburg: The Pennsylvania Historical and Museum Commission, 1984.

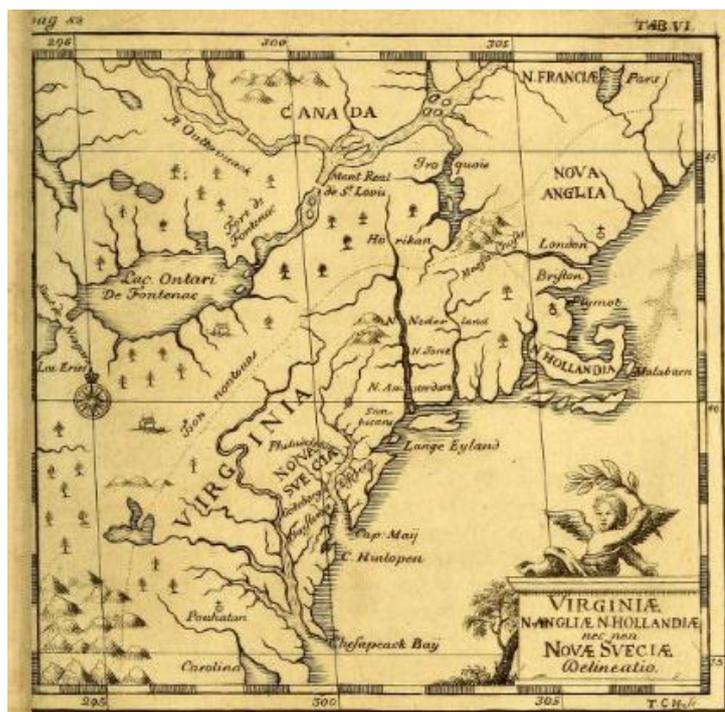


Figura 14. Mapa da colônia de Nova Suécia⁴¹⁵

Assim, como ponto comum, temos a produção de relatos cobertos por práticas e retóricas partilhadas por outros protagonistas coloniais europeus. Com semelhanças no conteúdo desses relatos, aventureiros e missionários comparavam os nativos da América que conheceram (ou dos quais ouviram falar) com os sámi. Há, também, os escritos de personagens como Johan Risingh⁴¹⁶ e Peter Lindeström⁴¹⁷. O último escreveu:

These savages of Nova Svecia, (...) are (...) called savage(s) (...) on account of their idolatry and religious delusion. They are a kind of people of brownish color, quick, skillful in working with their hands, willing, clever and ready to learn and grasp a thing. [...] To sum up, these Indians are people of various qualities and more inclined towards bad than towards good. [...] (...) their work consists in neatly working [the object] by drawing, painting and glazing.

⁴¹⁵ HOLM, T. C. **Kort beskrifning om provincien Nya Sverige uti America: som nu förtjden af the Engelske kallas Pensylvania**. Stockholm: Kongl. boktr., 1702. Exemplar digitalizado pela John Carter Brown Library. Disponível em: < <https://archive.org/details/kortbeskrifningo00holm>>. Acesso em 21/11/2019.

⁴¹⁶ Foi o governador da colônia da Nova Suécia entre 1653-1655. Seu diário foi traduzido e analisado em: DAHLGREN, S.; NORMAN, H. **The rise and fall of New Sweden: Governor Johan Risingh's journal 1654-1655 in its historical context**, Uppsala: Bohuslänningen, 1988.

⁴¹⁷ Entre os anos de 1653-1656, esteve na bacia do Delaware. A partir de seu diário, publicou o texto conhecido como **Geographia Americae** que pode ser encontrado em inglês em: LINDESTROM, P. M. **Geographia Americae: with an account of the Delaware Indians : based on surveys and notes made in 1654-1656**. Philadelphia: Swedish Colonial Society 1925.

They also make very neat tobacco pipes, with the pipe bowls decorated with all kinds of birds and animals, beautifully painted and glazed (...)⁴¹⁸.

James Symonds chama atenção para a criação de uma gramática da alteridade em que emprego do adjetivo selvagem (Su. *vilde*) descrevia tanto os nativos americanos quanto os sámi⁴¹⁹. Inserido nessa gramática da alteridade, especular sobre a “selvageria” era forma de provar a doutrina bíblica da queda. No entanto, é interessante notarmos a existência de duas subcategorias contidas nesse epíteto: o “nobre selvagem” e o “ignóbil bárbaro”, sendo que o segundo compartilhava os mesmos vícios europeus, sem seus possíveis benefícios⁴²⁰. Assim, a partir da reiteração por parte dos suecos de que esses selvagens – no Norte ou no Delaware – não viviam de forma e em locais específicos, não tinham período de alimentação regular, tinham parte dos corpos descobertos e não mantinham nenhum rei ou governo⁴²¹, o processo de construção eurocêntrico sobre o sámi é concorrente a outros encontros:

Taken together these [...] geographically scattered enterprises clearly indicate imperialistic aspirations in seventeenth-century Sweden. [...] commercial interest, and the striving for political and military power and control, went hand in hand with thirst for knowledge, and a desire to explore and map God's creation⁴²².

⁴¹⁸ SNICKARE, M. “The King's Tomahawk: On the Display of the Other in Seventeenth-Century Sweden”, *Konsthistorisk tidskrift*, 80:2, 2011, p. 126. A tradução – do sueco para o inglês – é do autor do artigo. Os trechos marcados por [...] são do texto original, enquanto que as marcações em (...) são minhas.

⁴¹⁹ SYMONDS, J. Colonial encounters of the Nordic kind, p. 310 in: NAUM, M.; NORDIN, J. *Op. cit.*, 2013.

⁴²⁰ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 33.

⁴²¹ *Idem*, p. 30.

⁴²² SNICKARE, M. *Op. cit.*, p. 125.



Figura 15. Amuleto lenapes com o crânio de um lobo⁴²³



Figura 16. Tambor sámi de tipo oval e seu martelo⁴²⁴

Desse modo, Nova Suécia e a *Sápmi* tornaram-se arena de negociação, tradução e elaboração cultural⁴²⁵. Descritas como locais entre o maravilhoso e o horripilante – da mesma forma que seus habitantes – esses espaços coloniais cumpriam importante função retórica para justificar o imperativo colonial, mas manter a

⁴²³ Encontra-se na coleção do castelo Skokloster sob o número de catálogo 6209. A foto é de autoria do acervo, disponível em: <<http://emuseumplus.lsh.se/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=27935&viewType=detailView>>. Acesso: 22/11/2019.

⁴²⁴ Item pertence à coleção do Skokloster sob o número 13722. A foto é do próprio museu, em: <<http://emuseumplus.lsh.se/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=34796&viewType=detailView>>. Acesso: 22/11/2019.

⁴²⁵ EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. *Op. Cit.*, p. 178.

diferenciação entre o “europeu” e o “outro”⁴²⁶. Como parte desse processo, o fluxo de objetos – e suas apropriações – foi seminal para a criação da identidade sueca, seja em solo americano, ou europeu. Ao descrever a vida dos colonos suecos às margens do Delaware, Fur, Naum e Nordin apontam que, na vida cotidiana, esses indivíduos se encontravam entre a manutenção do “ser sueco” em território americano e a noção de que seus modos de vida eram diferentes de seus contemporâneos que ficaram em solo europeu⁴²⁷. Segundo os autores, nesse emaranhado de contatos em solo americano:

The various degrees of assimilating new cultural norms (from dutch, germans, africans, native-americans) and colonial attitudes and a concurrent redefinition of identities characterized the lives of swedes and finns⁴²⁸.

Itens como cachimbos, cintos *wampum*, pele de animais americanos eram enviados para a Europa como presentes e curiosidades e sustentavam a formação da imagem sobre os nativos do Delaware⁴²⁹. Na *Sápmi*, podemos identificar um processo semelhante, já que objetos sámi – como seus esquis e tambores – passaram a ser incorporados às imagens europeias sobre essa região como utensílios colecionáveis que reforçavam o exótico⁴³⁰. Não podemos, portanto, descartar o interesse europeu simultâneo em artefatos vindos de locais “exóticos”, seja a América ou a Sápmi. Exuberantes e labirínticos, esses museus e gabinetes de curiosidade evocavam a imagem de um mundo enigmático e aberto, assim como mediavam o jogo de criação de identidades. Colecionados e organizados como um microcosmo que refletiva o macro – a criação divina – plantas, animais, e artefatos humanos conectavam Estocolmo às regiões mais distantes⁴³¹. Na esteira de um período em que a Europa buscava concretizar sua própria definição, um machado *tomahawk*, ou um par de esquis sámi, tornaram-se mediadores do processo de invenção do outro e, conseqüentemente, de reafirmação do “eu”.

De volta à mansão de Wrangel – e apesar de o colecionismo de itens “exóticos” não ser uma exclusividade sueca⁴³² – o palácio nos serve de exemplo como

⁴²⁶ NAUM, M. “How It Would Be to Walk On the New World with Feet from the Old”: Facing Otherness in Colonial America. In: EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. *Op. Cit.*, p. 247.

⁴²⁷ FUR, G.; NAUM, M.; NORDIN, J. New Sweden’s Transatlantic Entanglements. **Journal of Transnational American Studies**. Volume 7, Issue 1, 2016, p.4.

⁴²⁸ *Ibidem*, p. 5.

⁴²⁹ EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. *Op. Cit.*, p. 179.

⁴³⁰ FUR, G.; NAUM, M.; NORDIN, J. *Op. Cit.*, 2016, p. 10.

⁴³¹ SNICKARE, M. *Op. cit.*, p. 127.

⁴³² FRANÇOZO, M. de C. **De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidades de Nassau**. Campinas: Edunicamp, 2014.

espaço da elaboração e criação de identidades a partir dos objetos colecionados e exibidos naquele solar nobiliárquico⁴³³. Com itens de diversas partes do mundo, o Skokloster tornou-se um espaço de intersecção dos continentes; um “castelo de curiosidades”. Ali, sob o olhar da América, África, Ásia e Europa, o marechal veterano – servindo bebidas como chocolate, café e chá – entretinha a si e seus convidados com sua coleção de cachimbos, armaduras, peles de animais, pinturas e animais entalhados dos quatro cantos do mundo⁴³⁴. Assim, o Skokloster era como um microcosmo das pretensões imperiais de uma Suécia em ascensão: um teatro colonial⁴³⁵.

No quarto andar, ala leste, próximo ao arsenal do castelo, encontra-se a biblioteca de Wrangel. Seus quase três mil livros, registrados em 1676, são fruto do butim militar sueco durante as campanhas no continente Europeu. Naquele cômodo voltado para o Mälaren, projetado para receber a maior quantidade de luz matutina possível, tomos escritos em diversas línguas europeias – as principais são latim e alemão, mas existem livros em francês, italiano e espanhol – versam sobre temas como teologia, arquitetura, história e as edições mais recentes do *Theatrum Europaeum*⁴³⁶. Além disso, grande parte do acervo é dedicado a relatos de viagem sobre o mundo fora da Europa como *La historia del mundo nuovo* (1565) e *Rerum per octennium in Brasilia* (1647)⁴³⁷. No entanto, uma obra, colocada ao lado dos relatos sobre o Novo Mundo, chama a atenção. Tratava de um verdadeiro “novo mundo descoberto”: as terras do Norte. No frontispício do volume lê-se *Lapponia*, de Johannes Schefferus⁴³⁸.

⁴³³ DE CUNZO, L. A. Borderland in the Middle: The Delaware Colony on the Atlantic Coast in: NAUM, M.; NORDIN, J. M. (eds.) *Op. cit.*, 2013, p. 196.

⁴³⁴ NORDIN, N. There and Back again: A Study of Travelling Material Culture in New and Old Sweden. NAUM, M.; NORDIN, J. M. (eds.) *Op. cit.*, 2013, p. 213.

⁴³⁵ ERIKSDOTTER, G.; NORDIN, J. . “Being on the inside, forgetting to look out. The need for a historical archaeology of global relevance”. **Current Swedish Archaeology**, 2011 (19), p. 157.

⁴³⁶ LOSMAN, A. *Op. cit.*, p. 97.

⁴³⁷ NORDIN, J. “The centre of the world: The material construction of Eurocentric domination and hybridity in a Scandinavian 17th-century context”. **Journal of Material Culture**, n. 18(2), 2013, p. 200.

⁴³⁸ NORDIN, J. Tactile Relations: Material Entanglement between Sweden and its Colonies, in: NAUM, M.; EKEGREN, F. *Op. cit.*, p. 97.

CAPÍTULO 3

JOHANNES SCHEFFERUS E *LAPPONIA*: UMA ANÁLISE (COM)TEXTUAL DA OBRA

“[...] nós os chamamos de selvagens porque seus modos diferem dos nossos, que pensamos ser a perfeição da civilidade: eles pensam o mesmo deles”⁴³⁹.

3.1. Colonização ou ocupação sueca? Um debate atual

Os estudos sobre o *Stormaktstiden* sueco – sua expansão, as viagens de explorações e as redes de trocas estabelecidas entre Europa, América e África – não discutiram o fenômeno do colonialismo e da expansão interior do império por muito tempo. O uso do conceito para descrever a ocupação do Norte é, ainda, alvo de debates. A recente *Cambridge History of Scandinavia*, cujo segundo volume (1520 – 1870) foi publicado em 2016, tratou em seu décimo quarto capítulo dos “impérios coloniais escandinavos”⁴⁴⁰. Após resgatar as incursões *vikings* (mais como recurso retórico do que com intenções de qualificação “colonial” para as empreitadas daqueles povos), o autor trata das relações estabelecidas entre suecos e dinamarqueses na América, África e Ásia durante o século XVII. No entanto, a Sápmi – área geográfica circunscrita à própria Fenoscândia – não foi citada.

Apesar de reconhecer a semelhança de que as terras tradicionais sámi passaram a ser ocupadas e exploradas por estados poderosos que dividiram a área⁴⁴¹, o relatório da SOU de 1986 classificou como impossível interpretar a “influência sueca sobre as tradicionais áreas sámi com o que se chama convencionalmente de

⁴³⁹ BENJAMIN FRANKLIN. “Remarks concerning the savages of North America”, in SMYTH, A. H. (ed.) **The life and writings collected and edited with a life and introduction**. New York: Macmillan, X, 1905-1907, pp. 97-104: “[...] savages we call them, because their manners differ from ours, which we think the Perfection of Civility: they think the same of theirs”.

⁴⁴⁰ GØBEL, Erik. “Colonial empires”. In KOURI, E.; OLESEN, Jens (org.). **The Cambridge History of Scandinavia**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2, pp. 279 – 309, 2016.

⁴⁴¹ “Likheten består i att samernas traditionella bosättningsomraden blivit exploaterade av mäktiga stater som efter hand delat omradet mellan sig” [“A similaridade consiste em que a área de assentamento tradicional sámi foi explorada por estados poderosos que gradualmente dividiram a área entre si”]. In: SUÉCIA, **Statens Offentliga Utredningar: Samernas folkrättsliga ställning** [Investigações Públicas do Governo: A posição do povo sámi sob o direito internacional]. Stockholm: Justitiedepartementet, 1986, p. 163.

colonialismo”⁴⁴². Como argumento, o relatório cita o não distanciamento da metrópole e a virtual conexão entre suecos e sámi datadas, pelo menos, do século I d.C.⁴⁴³. Esse tipo de posicionamento é fruto de uma interpretação *strictu sensu*⁴⁴⁴ que estipula a colonização como um

(...) effort at controlling from a geographically distant home a new political organization that had been created by invasion or settlement. [...] Successful colonization would lead to the establishment of institutions which determined the use of resources and imposed the cultural values of the colonizing group⁴⁴⁵.

As leituras sobre o passado colonial sueco são ambivalentes. Se seguirmos essa lógica, a comparação das experiências ibéricas, bretãs e holandesas com a sueca nos induz à leitura histórica de que esses episódios foram atípicos ou acontecimentos periféricos. Desse modo, o que se perpetua, por exemplo, é a imagem do sueco como “bom colonizador” ainda em voga⁴⁴⁶.

Os anos 1990 e 2000, na esteira dos debates pós-coloniais⁴⁴⁷, viram tornar esforço historiográfico a compreensão da Suécia como agente nessas experiências europeias e mensurar o rescaldo dessa participação na Modernidade⁴⁴⁸. Dentre os casos estudados, ressaltaram-se as tentativas suecas em fazer parte do tráfico atlântico de escravos, sua breve experiência administrativa no Caribe e a intrusão à Sápmi:

⁴⁴² “Sammanfattningsvis är det var uppfattning att det är omöjligt att jämföra det svenska inflytandet över de traditionella samiska bosättningsområdena med vad som vanligen kallas kolonialism.” [“Portanto, é impossível igualar a influência sueca sobre as áreas tradicionais de assentamento Sami com o que é comumente chamado de colonialismo”.] in: **SOU**, p. 164.

⁴⁴³ Em um dos trechos do relatório, se lê: “Samerna har under lang tid levt sida vid sida med svenskarna” [“sámis e suecos têm vivido lado a lado desde muito tempo”], in: **SOU**, p. 163.

⁴⁴⁴ Um dos principais exemplos – e primeiros trabalhos sobre o tema – é a monografia: GÖTHE, Gustaf, **Om Umeå lappmarks svenska kolonisation: från mitten av 1500-talet till omkr. 1750** [Sobre a colonização sueca da Lapmarca de Umeå: c. 1500 – c. 1750], Almqvist & Wiksell, Uppsala, 1929.

⁴⁴⁵ FUR, Gunlog, **Colonialism in the Margins: Cultural Encounters in New Sweden and Lapland**, Leiden: Brill, 2006, p. 6.

⁴⁴⁶ Estamos, aqui, diante de um problema relativo à memória histórica, sobretudo sobre a permanência, nas narrativas fictícias ou históricas sobre a colônia da *Nya Sverige* [Nova Suécia], instalada na região do Rio Delaware. Ver: LEHTOLA, V-P. *Op. cit.*, 2015, p. 24 e FUR, G. “Colonialism and Swedish History: Unthinkable Connections?” in: M. Naum and J.M. Nordin (eds.), **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity: Small Time Agents in a Global Arena**, New York: Springer, 2011, pp. 17 – 36.

⁴⁴⁷ Entendemos como “pós-colonial” o escrutínio crítico e/ou subversivo das relações coloniais em que sua escrita, de alguma forma, resistiu às perspectivas europeias com mudança de significações e poder. Adaptamos de BOEHMER, E. **Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 3.

⁴⁴⁸ GHOSE, Sheila. “Other Europes” in: PODDAR, Prem; PATKE, Rajeev S.; JENSEN, Lars. **A Historical Companion to Postcolonial Literatures – Continental Europe and its Empires**, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, p. 408.

The Swedish state also employed colonising methods to expand its mainland territory and secure its borders. The state, early centralised, used the Church, educational institutions and military means to ‘Swedify’ and subdue local opposition and assimilate ethnic minorities. [...] The northern land of the nomadic, aboriginal Sami people [...] was similarly actively claimed from the 1600s onwards by the Swedish state in collaboration with the Church⁴⁴⁹.

Apesar da existente e considerável produção de conhecimento sobre os sámi, em poucos casos esses povos eram associados à História da Suécia, o que sugeria os sámi como irrelevantes para as narrativas de crescimento e mudança da nação sueca⁴⁵⁰. A partir da concepção de História que abrisse espaço para o entendimento do colonialismo como um processo de agências⁴⁵¹ múltiplas, em que “colonizados” e “colonizadores” criam um espaço de significação mútua, surgiu o debate das áreas de colonização como lugares de encontros coloniais: onde novas categorias de pessoas e identidades eram criadas⁴⁵².

Dentro dessa zona de contato⁴⁵³ estabeleciam-se as tentativas das autoridades suecas em controlar e supervisionar as experiências culturais do povo Sámi, assim como os diferentes mecanismos de resistência utilizados por eles. Desse modo, esses encontros culturais – que chamamos aqui de coloniais – possibilitaram um terreno comum fértil para formas de agir criadas por ambos os lados no processo do contato em que “ambos os lados tiveram que lidar com pessoas que não partilhavam de seus valores e entendimentos sobre o modo próprio de executar tarefas”⁴⁵⁴. Fur, ao se referir ao encontro dos europeus com os indígenas do rio Delaware, nos adverte:

“Both peoples arrived at the riverside encounter with their own expectations, drawing from their own cultural stories in their attempts to control, handle, and understand all the implications of their meeting”⁴⁵⁵.

⁴⁴⁹ *Idem*, p. 419.

⁴⁵⁰ “(...) att samerna inte på något självklart sätt ansågs relevanta för berättelserna om den svenska nationens framväxt och förändring.” [“os sámi não eram considerados, de maneira nenhuma, relevantes para as Histórias de emergência e mudança da nação sueca”.] in: FUR, G. “Tillhör samerna den svenska historien?” [“Os sámi pertencem à História sueca?”], **HumaNetten**, n. 22 (Outono), p. 1–10, 2008.

⁴⁵¹ A perspectiva do “centro” (ou dos “colonizadores”) ainda domina. Porém, o que as reflexões aliadas à etnohistória e, às vezes, ao olhar pós-colonial propuseram foi enfatizar a agência histórica desses povos (ditos “colonizados”).

⁴⁵² NAUM, Magdalena; NORDIN, Jonas M., “Situating Scandinavia Colonialism” in: IDEM, **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity**, New York: Springer, 2013, p. 12.

⁴⁵³ PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999, esp. pp. 17 – 38.

⁴⁵⁴ WHITE, R. *Op. cit.*, p. 50.

⁴⁵⁵ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 5.

O principal problema apontado pelos estudiosos das relações entre os suecos e sami (ou outros povos “colonizados”) reside no tratamento das fontes, visto que todo o material escrito de que dispomos – relatos de clérigos, exploradores, ou trabalhos de letrados como Schefferus – foi produzido por metropolitanos. Dessa forma, a análise deve ser cuidadosa, já que “a maior parte do cenário foi filtrado pelas mentes e penas, às vezes hostis, de observadores externos”⁴⁵⁶. Uma proposta teórico-metodológica útil para contextualizarmos esse tipo de documentação produzida em relações coloniais é a leitura por *concorrências*. Forjada por acadêmicos inseridos nos mesmos debates pós-coloniais, o termo é polissêmico. Em sentido estreito, pode ser compreendido como “existir de forma simultânea”, mas, pode significar também a “igual jurisdição/autoridade”⁴⁵⁷. Para nosso trabalho, precisamos considerar ambos os significados, visto que essas leituras podem nos oferecer uma forma de ponderar tanto as diferenças quanto similaridades.

A primeira acepção trata-se de um aumento do recorte, ou seja, precisamos enxergar o colonialismo sueco inserido em uma escala maior. Portanto, uma proposta de estudo que leve em consideração tanto as relações suecos-sámi quanto as suecos-lenapes, como proposto por Gunlög Fur, nos parece mais fértil, pois é possível estabelecermos um paralelo sobre as ações coloniais empregadas pelos europeus em relação a esses dois grupos indígenas e as respostas encontradas pelos “colonizados” para essas dinâmicas. Além disso, a partir desse olhar mais amplo, torna-se mais claro que esse processo de expansão ultramarina sueca andou lado a lado com a ocupação da Sápmi e dos territórios bálticos, ou seja, todas essas ações, mesmo com suas diferenças, fazem parte do mesmo projeto imperial⁴⁵⁸.

Analisar outros casos de encontros culturais do mesmo período, como os portugueses e indígenas de terras brasílicas, espanhóis e mesoamericanos, franceses e algonquinos na região dos Grandes Lagos e até portugueses e chineses⁴⁵⁹, é outra forma

⁴⁵⁶ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 13.

⁴⁵⁷ FUR, G. “What Reading for Concurrences Offers Postcolonial Studies”, in: BRYDON, D.; FORSGREN, P.; FUR, G. (org.). **Concurrent Imaginaries, Postcolonial Worlds: Toward Revisited Histories**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2017, p. 16.

⁴⁵⁸ Podemos falar em impérios ou lógica imperial para o século XVII. Anthony Pagden argumenta que há, até o século XVIII, três sentidos para império: uma organização limitada e independente, um território que abarca mais de uma comunidade política e a soberania de um. Em outras palavras, “um domínio composto de diferentes Estados submetidos em que a vontade legislativa de um único governante era inquestionável”. In: PAGDEN, A. **Lords of all the world**, New Haven & London: Yale University Press, 1995, pp. 15-16.

⁴⁵⁹ A inspiração, aqui, é tributária das reflexões de Serge Gruzinski em seu **A águia e o dragão**. No caso dos nativos da América com os sámi, lembramos-nos das semelhantes tópicos entre os relatos criados a partir da mediação cultural, como o uso do termo *vilde* (selvagem) para descrever tanto os nativos do Delaware, quanto os da Sápmi. Sobre o paralelo entre a relação Europa-Ásia e suecos-sámi, nos interessa valorizar a anterioridade dos contatos entre as populações envolvidas. Conforme o francês: “(...) à diferença das

complementar de pensarmos as relações entre suecos e sámi e os relatos produzidos por esse choque. Lehtola é cauteloso e considera a proposta de comparação do caso suecos-sámi com outros encontros culturais – especialmente grupos indígenas – como, no mínimo, complicada, pois não podemos importar outro contexto em busca de uma explicação das tensões que se desenrolaram na Sápmi. Nessa mesma esteira, Janne Enbuske nos alerta para o perigo de um paralelo direto com outras experiências coloniais:

Theories of European colonial power were transferred to Lapland and used for creating perspectives on the past of the victimized population, which did not necessarily have anything to do with the actual historical development of Lapland, however. Theoretical scrutiny began to produce its own history⁴⁶⁰.

No entanto, se bem qualificada, essa comparação será muito útil, pois, a partir do momento em que assinalarmos as diferenças desses processos. Lehtola, por exemplo, assinala que “as estruturas do desempenho colonial e da subjugação parecem ser bastante semelhantes em todos os lugares”⁴⁶¹. Além disso, a comparação é válida, pois:

Nobody can deny that the Sámi have been considered a different people and group compared to other populations, and that the traditional Sámi social patterns, cultures and languages have largely yielded to Nordic states. The values, which the construction of Nordic societies and related administrative decisions have been based on, have been values of Nordic majority populations⁴⁶².

Precisamos, então entender o colonialismo calcado em uma noção etnocêntrica de superioridade de um grupo social que implica e inclui uma noção de hierarquia cultural⁴⁶³, como um fenômeno multifacetado que, na realidade, não pode ser descrito a partir de uma explicação geral que englobe todos os eventos históricos a ela

sociedades ameríndias, que se edificaram sem relação de nenhum tipo com o resto do globo, existiram contatos bastante antigos entre o mundo chinês e o Mediterrâneo (através da famosa rota da seda)” em: GRUZINSKI, S. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**. Companhia das Letras: São Paulo, 2015, pp. 25.

⁴⁶⁰ENBUSKE, M. **Asutuksen ja maankäytön historia keskisessä Lapissa ja Enontekiöllä 1900-luvun Alkuun** [The History of Settlement and Land Use in Central Lapland and Enontekiö till the Beginning of the 20th Century]. Helsinki: Oikeusministeriö, 2006, pp. 216 – 219. O trecho citado foi traduzido por Lehtola e se encontra em LEHTOLA, Veli-Pekka. “Sámi Histories, Colonialism, and Finland”. **Artic Anthropology**, v. 52, n. 2, 2015, p. 26.

⁴⁶¹LEHTOLA, Veli-Pekka. *Op. cit.*, 2015, p. 27.

⁴⁶²VALKONEN, S. **Politiinen saamelaisuus** [Political Sámi identity]. Tampere: Vastapaino, 2008, p. 25 *apud* LEHTOLA, Veli-Pekka. *Op. cit.*, 2015, p. 28.

⁴⁶³NAUM, N; NORDIN, J. *Op. cit.*, 2010, pp. 10-12.

conectados. Assim, propomos uma leitura comparativa: analisar os encontros entre suecos e sámi ou suecos e lenapes nos oferece dois panoramas de conflitos e seus efeitos sociais, religiosos, linguísticos e culturais que as relações assimétricas, estabelecidas⁴⁶⁴ em diferentes regiões, tiveram e/ou tem, se considerarmos que, até hoje, diversas dessas questões não foram resolvidas. Como exemplo, podemos citar a questão da territorialidade e posse fundiária Sámi: reflexo de um relacionamento desigual em que um lado decidia o estatuto jurídico do outro grupo, o estilo de vida “original” das populações caçadoras, vinculada à migração sazonal, tornou-se sedentário.⁴⁶⁵ Ou seja, a implantação do modelo sueco de propriedade tornou as justificativas e noções sámi (anteriores) insuficientes para o contínuo usufruto das terras. Enquanto traço consistente com as características de um colonialismo sueco, essas fissuras estão, até hoje, em disputa e constante reivindicação.

O segundo sentido metodológico da leitura por *concorrências* busca ponderar as diferentes narrativas sobre os encontros culturais. Aqui, ler por *concorrências* significa compreender que nesses encontros coloniais, existem múltiplos legados culturais e linguísticos em diálogo⁴⁶⁶. Precisamos reconhecer que:

Even though samis rarely penned their own reflections on their contemporary world and events, it should not stop historians from assuming that there was reflection and agency and to search for traces in old and new sources⁴⁶⁷.

Desse modo, as narrativas “colonizadora” e “colonizada” são duas jurisdições que *concorrem* e existem em esferas diferentes que, apesar de interligadas pelo contato cultural, não estão necessariamente sobrepostas ou organizadas de forma hierárquica – apesar das forças assimétricas desses encontros. Não há, então, uma verdade sobre essa História, mas muitas, o que nos revela uma complexa rede de relações muitas vezes esquecidas (e apagadas!), em que apenas a última “camada narrativa” – nesse caso, a europeia – foi, ao longo do tempo, evocada como verdade.

Seguindo essa proposta, investigar a mudança dessas relações de poder que desembocaram no fortalecimento da narrativa europeia (sueca) em detrimento da sámi (ou lenapes) se mostra importante, pois são essas comutações, desenroladas ao longo do

⁴⁶⁴ LEHTOLA, Veli-Pekka. *Op. cit.*, 2015, p. 35.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, p. 25.

⁴⁶⁶ TSING, Anna Lowenhaupt. “*Adat/Indigenous: Indigeneity in Motion*,” in GLUCK, Carol; TSING, Anna. **Words in Motion: Toward a Global Lexicon**, Durham NC & London: Duke University Press, 2009, p. 40.

⁴⁶⁷ FUR, G. *Op. cit.*, 2017, pp. 40 – 41.

século XVII, que se conectam nos séculos seguintes (XVIII e XIX) com o rompimento da base fundiária nativa e da capacidade dos povos autóctones de autodeterminação⁴⁶⁸. Além disso, quando traçamos comparações, não podemos esquecer que “a intensidade dos choques e suas repercussões diferem segundo os locais e os parceiros. O abalo não é o mesmo no México e na China” ou na Sápmi, “embora cada lado convoque seres e forças que nada havia preparado para o confronto”⁴⁶⁹.

Há, por fim, o problema das fontes geradas nesses encontros coloniais. No caso sueco, em que o *corpus documental* é formado por relatos de corte ou de pastores religiosos – futuramente utilizados por Schefferus para sua *Lapponia* -, precisamos notar que são lacunares e enviesadas, pois os eventos são reduzidos à continuação conhecida, projetando as interpretações e silêncios dos envolvidos para tornar compreensível e aceitável um passado problemático⁴⁷⁰. Não se trata, então, apenas da compreensão do “ser sueco” a partir da tradução do “ser sámi”, mas sim de duas cosmologias distintas que, no contato, geraram estratégias de socialização e de resistência de ambas as partes. Se compararmos os relatos produzidos sobre os habitantes da América, no século XVI, com os da Sápmi, no século XVII, veremos que ambos repercutem as reações de elites vencidas, cristianizadas e ocidentalizadas. Se retomarmos Gruzinski:

Não existe fato histórico bruto, tampouco cultura pura ou narrativa original. Mas pode-se tentar encontrar, sob a camada das certezas, dos clichês e dos não ditos acumulados pela história, o que a penetração [de europeus em território de *outros*] representou, ao menos para a parte europeia⁴⁷¹.

Assim, encarar a presença sueca na Lapônia como expressão do colonialismo é assumir que esse relacionamento, vinculado à cristianização, educação dos locais e

⁴⁶⁸ De acordo com Gunlög Fur, a perda da autodeterminação e da base fundiária nativa são fenômenos que nos permitem classificar esse processo como colonial. No entanto, durante o século XVII, era impossível para os atores históricos ali envolvidos prever a situação alcançada trezentos anos depois. (Ver: FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 262). Sobre a autodeterminação sámi, ver: MULK, I-M. Conflicts Over the Repatriation of Sami Cultural Heritage in Sweden, *Acta Borealia*, 26:2, 2009, pp. 194-215, DOI: 10.1080/08003830903372092; SILVÉN, E. Contested Sami Heritage: Drums and sieidis on the Move. *National Museums and the Negotiation of Difficult Pasts Conference Proceedings from EuNaMuS, Identity Politics, the Uses of the Past and the European Citizen*, Brussels 26-27, January 2012. Linköping University Electronic Press, pp. 173 – 183. Por fim, o *International Journal on Minority and Group Rights*, Vol. 8, No. 2/3, Special Issue on Sami Rights in Finland, Norway, Russia and Sweden 2001 possui três reflexões de interesse: BRODERSTAD, Else Grete. Political Autonomy and Integration of Authority: The Understanding of Saami Self-Determination. pp. 151-175; FØLLESDAL, A. On Saami Claims to Land and Water, pp. 103-106 e ASBJØRN, Eide. Legal and Normative Bases for Saami Claims to Land in the Nordic, pp. 127-149.

⁴⁶⁹ GRUZINSKI, S. *Op. cit.*, p. 41.

⁴⁷⁰ *Idem*, p. 61.

⁴⁷¹ *Idem*, p. 69.

ocupação do território, possui caráter assimétrico. Além disso, essa leitura e retira o verniz “bom colonizador” da Suécia no processo de forja da modernidade perpetuado nas explicações históricas ao longo dos anos e desnaturaliza-se uma História nacional “suequizada” que promove a ocupação das terras da Sápmi pelos suecos do sul como herança geo-histórica ao enfatizar que esse fenômeno, materializado nos encontros culturais, modificou a vida dos “colonizados” e “colonizadores”⁴⁷².

3.2. O “lapão” como um conceito

No início da pesquisa, para mensurar as (des)continuidades de Schefferus em relação a obras como os textos escritos pelos humanistas católicos Damião de Góis e Olaus Magnus - principalmente no que dizia respeito à imagem dos povos sámi – e as formas pelas quais o texto associava-se às dinâmicas centralizadoras da monarquia sueca, propus interpretar o texto do professor upsaliense a partir do aporte conceitual das *representações*. Enquanto exercício teórico para construção dessa dissertação, foi importante para revisitar o próprio domínio da História Cultural, suas abordagens e possíveis críticas.

Se conseguimos traçar um histórico mais ou menos preciso da origem desse domínio – a partir das obras de Jacob Buckhardt e Johan Huizinga; dos departamentos de Sociologia espalhados pela Alemanha interessados no estudo do *Kulturwissenschaft*; ou ainda da ligação genealógica com a História da Arte de Gombrich, Panofsky, Warburg e outros⁴⁷³ – defini-la, após décadas de florescimento e consolidação, é tarefa mais complexa. O domínio, enquanto área de trabalho, é polissêmico e isso se reflete nas próprias balizas conceituais utilizadas por diferentes estudiosos.

Tomemos o exemplo das *representações*: enquanto conceito também polissêmico, quantas representações são possíveis de elencar em um mesmo recorte? Além disso, como seria possível escolher aquelas pertinentes a meu estudo sem comprometer outras formas igualmente válidas? Em certo sentido, as novidades trazidas pela Nova História Cultural – filha da Nova História – seja em relação aos métodos, abordagens ou objetos, foram também geradoras de seus problemas. A definição de

⁴⁷² LEHTOLA, V-P. *Op. cit.*, 2015, p. 32. Como indicação de leitura sobre as relações assimétricas e o verniz de “bom colonizador” indicamos os textos de FUR, G. “Colonialism and Swedish History” e de LINDMARK, Daniel. “Colonial encounters in Early Modern Sápmi”, ambos em: NAUM, M.; NORDIN, J. M. *Op. cit.*, 2011.

⁴⁷³ BURKE, Peter. “A Grande Tradição” in: **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

cultura, por exemplo, dada sua amplitude, pode fazer com que esferas como o social, o político ou o econômico fiquem alijadas⁴⁷⁴.

Dessa forma, enquanto abordagem justificável na História Cultural, tomar as representações como fio condutor pode fazer com que o historiador abra mão de abordagens mais objetivas relacionadas, principalmente, à História Social. Assim, não podemos pretender que o estudo de uma sociedade seja feito *exclusivamente* pelas maneiras como ela se vê. Desse modo, investigar as representações é parte da problemática histórica, mas precisamos olhar para as tensões sociais, políticas e econômicas que implicam nas formas como uma sociedade se concebe. Exemplifico a partir da proposta de nossa pesquisa: estudar o “lapão”, enquanto conceito/representação, em uma perspectiva histórica, depende da avaliação das tensões sociais entre suecos e sámi. Para acessarmos a produção de Schefferus, precisamos compreender as tensões sociais entre Suécia e Sápmi no século XVII – nomeadamente os processos paralelos de colonização, exploração, cristianização e disciplinamento. Se tomarmos por empréstimo as reflexões de Gombrich relativas à arte e à representação, precisamos ter em mente que a forma de uma representação não pode estar divorciada da sua finalidade e das exigências da sociedade⁴⁷⁵, ou seja, “(...) jamais poderia ser autossuficiente num sentido absoluto. Seu significado provém de uma hierarquia de contextos, que vão do pessoal e universal ao institucional e particular”⁴⁷⁶. A explicação de Edward P. Thompson sobre cultura nos fornece uma forma de não relegar as ditas “esferas duras”:

“(...) cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa (...) assume a forma de um ‘sistema’”⁴⁷⁷.

Peter Burke, em uma breve reflexão sobre as possibilidades e limites desse campo, lembrou-nos de que “(...) fundadores têm êxito precisamente por que significam

⁴⁷⁴ Sobre a definição de cultura e seus usos na historiografia, ver: BONNELL, V. E.; HUNT, L. (ed.) **Beyond the Cultural Turn: New Directions in the Study of Society and Culture**. Berkeley: University of California Press, 1999; EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Edição: 2ª. São Paulo: Editora Unesp, 2011 e HUNT, L. **La storia culturale nell’età globale**. Pisa: Edizione ETS, 2010.

⁴⁷⁵ GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 78.

⁴⁷⁶ MAKOWIECHY, S. “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 57, p. 2-25, jan. 2003, p. 11. Sabemos que Gombrich trata da arte, mas podemos transportar para texto/discurso, uma vez que a diferença aqui (de representação) parece ser o suporte.

⁴⁷⁷ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 17.

muitas coisas para muitas pessoas”⁴⁷⁸. Se guardarmos as devidas proporções, podemos considerar a própria abordagem do *mundo como representação* como um exemplo disso⁴⁷⁹. A ressalva frente a esse aporte teórico e, em sentido mais amplo, às abordagens da História Cultural não tem como finalidade invalidar suas reflexões. Aqui, o objetivo é refletir sobre uma possível hemorragia conceitual das representações. Como identificou Ricœur, precisamos ter certa parcimônia com essa noção, pois se corre o risco de “significar demais”, aproximando-se da noção de “visão de mundo” que antecede a de mentalidade⁴⁸⁰.

Entre as alternativas metodológicas ao *mundo como representação*, proponho tanto o *contextualismo linguístico*, da “Escola de Cambridge”, quanto a *História dos conceitos* alemã. Interessados em escrever uma História do pensamento político, os britânicos de Cambridge, a partir da análise das ideias e sua materialização enquanto ação/performance concreta de um autor, opuseram-se tanto a um grupo de “textualistas” anteriores que analisavam textos políticos “clássicos” a partir de uma chave filológica quanto aos “contextualistas sociológicos” - inspirados pelo marxismo,⁴⁸¹ que entendiam as ideias como produtos da base material existente. O debate que surge das proposições do paradigma de análise de Cambridge é internacional e multidisciplinar, provocando reflexões nos campos da História, Filosofia, Ciência Política e Crítica Literária⁴⁸². Deste grupo prolífico destacam-se Quentin Skinner – que formalizou e defendeu o método – e John Pocock, produtor de importantes ensaios teóricos dessa abordagem.

A partir de autores como Robin George Collingwood e Ludwig Wittgenstein, Skinner propõe que o historiador deve situar a fonte em questão no contexto de convenções linguísticas e sociais que governam o tratamento dos temas e problemas dos quais o documento se ocupa para, então, recuperar as intenções de seu autor. Valendo-se da perspectiva de John Langshaw Austin, Skinner propõe três dimensões dos atos de fala:

⁴⁷⁸ BURKE, P. *Op. cit.*, p. 100.

⁴⁷⁹ Para nós, a promoção do ‘mundo como representação’ a uma posição chave na historiografia parece não ter sido acompanhada de uma reflexão mais profunda sobre suas muitas significações.

⁴⁸⁰ RICŒUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**, Campinas: Editora da Unicamp, 2018 [7ª reimpressão], p. 240.

⁴⁸¹ Em sua entrevista para Maria Lúcia Pallares-Burke, Skinner não rejeita o “marxismo em bloco”. No entanto, o contextualista elenca dois motivos para não ter adotado esse “valioso instrumento crítico”: o primeiro está ligado à teoria da ideologia, que considera as crenças religiosas, por exemplo, como produtos de circunstâncias sociais. O segundo motivo é a inadequação dessa filosofia que parece operar numa chave metodológica que busca o “verdadeiro-falso”. Skinner, ainda, classifica como “positivista” a abordagem de Christopher Hill e outros historiadores. Ver PALLARES-BURKE, M. L. G. “Quentin Skinner” in: **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, pp. 315-318.

⁴⁸² JASMIN, M.G. “História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, n. 57, 2005, p. 28.

a locucionária, a perlocucionária e a ilocucionária. A primeira corresponde às proposições do/no ato de escrita, ou como escreve Skinner, *of saying*. A segunda diz respeito aos efeitos produzidos pela fala de um autor (e que, inclusive, estão fora de seu alcance)⁴⁸³. Por fim, a terceira é a que pretende desvendar o que um autor pretendia ao escrever de determinada forma (*in saying*).

É nessa esfera, negligenciada por outras correntes interpretativas, que se pode acessar “o que o autor quis dizer”. Porém, é importante ressaltar que os motivos que levaram determinado autor a escrever algo não são acessíveis para nós. Para, de alguma forma, reconstruirmos o contexto linguístico em que determinado autor se insere, não podemos pensar o texto isolado das circunstâncias em que surgiu. Em entrevista a Maria Pallares Burke, Skinner recorda que foi ao arquivo buscar elementos, como cartas, que pudessem ajudar no resgate do contexto político de John Locke⁴⁸⁴. Ou seja, precisamos buscar outros elementos – exteriores ao texto que se analisa – para compreendermos melhor as intenções de um autor *in saying*.

Entendendo a linguagem como o conjunto de retóricas, vocabulários e gramáticas para além do idioma, Pocock trata da necessidade de diferenciar o que o autor fez do que ele poderia ter feito. Interessado no caráter derivado da intenção autoral e no significado dos textos pelas linguagens empregadas, o historiador neozelandês advoga pela mudança da História do “pensamento político” para a do “discurso político”, ou seja, de uma História que considere a interação entre *langue e parole*, os atos de discurso e o contexto de emissão desses atos. Nesse sentido, o contexto linguístico seria o ponto de partida para conferir ao ato de fala um sentido histórico⁴⁸⁵, sendo o objeto do historiador:

(...) um indivíduo que tem algo a dizer *sobre e no interior* de uma situação altamente específica e, sob certos aspectos, sem precedentes, mas cuja enunciação seja orientada e restringida pelas regras ou convenções das várias linguagens disponíveis para seu uso⁴⁸⁶.

Skinner, ao longo de suas publicações e debates polêmicos, colecionou uma quantidade significativa de adjetivos recebidos de seus críticos, como positivista,

⁴⁸³ Existem, nesse nível, ações indiretas de um ato de fala, uma vez que cada autor (1) expropria/faz uso da linguagem de outros e (2) inova/atua sobre a linguagem que, por sua vez, pode ser usada por outros “expropriadores-inovadores”.

⁴⁸⁴ Ver PALLARES-BURKE, M. L. G. *Op. cit.*, p. 310.

⁴⁸⁵ POCOOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 64.

⁴⁸⁶ *Ibidem*, p. 77.

materialista, idealista e pós-moderno. Podemos sintetizar as críticas em três categorias: a primeira, ligada ao eixo teórico e epistemológico, fundada na proposta do autor de que o passado deve ser estudado em seus próprios termos, rendeu ao britânico o rótulo de subjetivista e positivista. Na segunda categoria, encontram-se as críticas relacionadas ao intencionalismo textual. Autores como Derrida, Sidman, Foucault e Barthes propuseram um “novo textualismo”, uma vez que “nunca saberíamos ao certo o que um autor quis dizer/fazer ao escrever o que escreveu”⁴⁸⁷. Ricoeur, na esteira dos críticos de Skinner, propõe que apenas o texto “sobrevive”⁴⁸⁸. Mark Bevir acrescenta que tanto autores quanto leitores atribuem significados aos textos, assim, no discurso escrito, intenção e significado deixam de coincidir, o que faria Skinner perder de vista, por exemplo, a história dos efeitos produzidos nos leitores pelos atos locucionários – uma dimensão diacrônica do documento em análise.

O terceiro grupo de críticas classifica o esforço de Skinner como sem sentido histórico, visto que a narrativa final acabaria por se submeter aos critérios de objetividades⁴⁸⁹. Francis Oakley critica a visão de Skinner por entendê-la como “muito teórica”. Amparado por Arthur Lovejoy e Clive Staples Lewis, Oakley defende que o que se entende como “contexto”, na verdade, são dois conceitos em operação, o transversal – que se refere ao ambiente onde surgiu uma ideia – e o longitudinal, que mapeia o desenvolvimento de uma ideia dada sua historicidade⁴⁹⁰.

Após críticas, Skinner, contradizendo suas propostas iniciais, propôs que a metodologia contextualista se preocupasse em analisar os documentos nas dimensões do (con)texto e de sua intertextura. No entanto, se o método inovou ao refutar as explicações mecanicistas anteriores, ele parece falhar ao não perceber o quão próximos estamos das estruturas de pensamento⁴⁹¹ e redes nas quais estamos inseridos, *i.e.*, o próprio “contexto” *skinneriano*. Tal ambiguidade parece refletir uma noção muito estreita vinculada ao

⁴⁸⁷ SILVA, R. O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o Debate Metodológico Contemporâneo, **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 2, 2010, p. 316.

⁴⁸⁸ RICOEUR, P. “The Model of the Text: Meaningful Action Considered as a Text”, in RABINOWE, P. SULLIVAN, W. (eds.), **Interpretative Social Science: A Reader**. Berkeley, University of California Press, 1979, p. 78.

⁴⁸⁹ SILVA, R., *Op. cit.*, p. 326.

⁴⁹⁰ GRZYBOWSKI, L. G. “Uma ‘Terceira Via’ para o Estudo das Idéias Políticas: A Vorstellungsgeschichte como resposta aos problemas colocados pela Cambridge School of the History of Political Thought”, **Diálogos Mediterrâneos**, no. 3, 2012, p. 154.

⁴⁹¹ Referimos-nos aqui às reflexões do professor Hilário Franco Júnior sobre imaginário e mentalidades. Ver: FRANCO JR, H. “O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: Reflexões sobre mentalidade e imaginário”. In IDEM. **Os três dedos de Adão: Ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 2010, pp. 49-91.

universo linguístico dos fatos políticos, visto que se privilegia o que foi escrito. Em outras palavras, o contextualismo parece perder de vista que nem sempre há um debate impresso, o que não significa dizer que tais expressões são menos políticas.

Questionada pelos anglófonos, a História dos Conceitos, desenvolvida na Universidade de Bielefeld, sobrepôs História Intelectual e História Social e, da mesma forma que os britânicos, buscou historicizar a linguagem política. Partindo de Otto Brunner e sua crítica à importação de conceitos inexistentes para o mundo medieval, em *Land and lordship*, bem como dos referenciais de Hans-Georg Gadamer, intelectuais como Erich Rothacker, Joachim Ritter, Werner Conze, Reinhardt Koselleck e Hans Robert Jauss, debateram a interpretação hegeliana da História do Espírito, a História das Ideias empreendida por Wilhelm Dilthey e a visão de que ideias são elementos constantes.

Entendendo *conceito* como um produto da sedimentação de uma palavra e suas circunstâncias político-sociais, a *Begriffsgeschichte* “busca estabelecer uma correlação entre conceitos políticos e sociais e a [des]continuidade das estruturas (...)”⁴⁹². Com certa direção contextualista, a História dos Conceitos difere da formulação de Skinner por ser diacrônica, à medida que compreende as continuidades e mudanças não limitadas às linguagens articuladas, pois entende que existem elementos “pré-linguísticos”, da mesma forma que nem todo o acontecimento se situa nessa articulação⁴⁹³. Nesse sentido, a *Begriffsgeschichte* faz uso de linguagens específicas em situações específicas (para entender quando os conceitos são elaborados), o que abre a possibilidade para mapear momentos de transformações.

Melvin Richter⁴⁹⁴ enumera as contribuições do *Geschichtliche Grundbegriffe* (GG), obra que consolidou a História dos Conceitos alemã. A primeira seria o oferecimento de descrições de conceitos-chave e suas transformações. A segunda seria o combate ao anacronismo, visto que se busca compreender o passado a partir dos seus próprios termos. Por último, o GG permite uma análise, no curso temporal, dos usos pretéritos e atuais dos conceitos. Skinner, no entanto, criticou as propostas de Koselleck posto que, em sua acepção, não seria possível fazer uma História dos Conceitos, já que apenas sua utilização em argumentos seria rastreável. O alemão, por sua vez, valendo-se

⁴⁹² NETO, D. P.; COSTA, M. A. “História dos Conceitos, História dos discursos”, *Sacrilegens*, no. 1, v. 4, 2012, p. 158.

⁴⁹³ JASMIN, M. G. *Op. cit.*, p. 33.

⁴⁹⁴ RICHTER, M. “Reconstructing the History of political languages”, *History and Theory*, vol. 29, n. 1, 1990, pp. 38 – 70.

da premissa de que os significados se alteram no curso temporal⁴⁹⁵, argumentou que não são os conceitos que possuem História e sim sua recepção. Seguindo os passos de Koselleck, o conceito atende uma experiência empírica específica, ou seja, depende da situação histórica e, por isso, seria único; expresso uma única vez⁴⁹⁶. Assim, o que se busca é compreender os conceitos empregados no(s) discurso(s) para entender o(s) momento(s) de fala.

Embora pareçam antagônicas, Richter propõe que uma aproximação entre as propostas bretãs e germânicas seria revigorante para ambos. Por exemplo, inserir a História Social na definição do contexto intelectual nos ajuda a responder a perguntas vinculadas ao contexto histórico e a recepção – uma vez que a audiência é parte fundamental para compreendermos a mensagem do autor – seria uma forma de os ingleses expandirem suas unidades de análises (restritas a teóricos individuais ou escolas de pensamento) para escalas maiores. Já os alemães poderiam fazer uso das técnicas de identificação de linguagens políticas de Pocock para mapear as principais linguagens políticas e sociais usadas nas regiões germânicas⁴⁹⁷.

Dadas as exposições sobre as duas abordagens com problemáticas semelhantes, resta-nos articulá-las com nosso objeto de estudo. As propostas de Skinner e Pocock nos ajudaram a pensar o caso de Schefferus, uma vez que situá-lo enquanto humanista e possível adepto da “República das letras” – assim como resgatar as tensões políticas da Suécia no século XVII – é imprescindível para compreendermos a tessitura do texto. Desse modo, tornou-se viável executar o rastreamento das dimensões políticas tanto de Schefferus e suas fontes (pastores luteranos, relatos anteriores, cultura material e alguns Sámi cristianizados), quanto da própria experiência sueca enquanto império nos anos 1660 – 1710.

Entendido como o resultado de um processo de teorização, o conceito, conforme Koselleck, é formado a partir de critérios seletivos, em um emaranhado de perguntas e repostas, e depende da situação histórica em que foi cunhado, pois responde a uma experiência empírica específica⁴⁹⁸. É nesse sentido que propomos a contribuição de Schefferus: enquanto produto do contato cultural, o relato do professor trata da origem dos lapões com o objetivo de separá-los dos suecos. Desse modo, apesar de serem

⁴⁹⁵ JASMIN, M. G. *Op. cit.*, p. 32.

⁴⁹⁶ KOSELLECK, R. “Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos”, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 138.

⁴⁹⁷ RICHTER, M. *Op. cit.*, pp. 66-68.

⁴⁹⁸ KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 1992, pp. 134-148.

considerados “outros”, os habitantes da *Sápmi* são descritos como súditos do mesmo rei e precisam, portanto, estar circunscritos à sua esfera de poder. Assim, ao acatarmos as propostas de Richter, em uma abordagem eclética levando em consideração tanto Koselleck quanto a “Escola de Cambridge”, torna-se possível uma investigação sobre a construção de uma nova camada conceitual sobre os sámi e a Lapônia, inserida em um contexto político (expansão e legitimação das ações suecas enquanto potência) e discursivo específico (referencial humanista e o discurso lapológico).

3.3. Esquis, arcos e tambores: a *Lapponia* de Johannes Schefferus

Até aqui, apresentamos a conjuntura cultural (para quem o relato se destinava) e histórica (momento de produção) do que Cristina Pompa apresenta como o contexto triplo de um relato⁴⁹⁹. Após a análise empreendida nos capítulos anteriores, esta seção aborda o contexto narrativo (ou textual), de modo a esmiuçar a maneira como Schefferus articulou sua bagagem humanista às informações e materiais que recebeu para construir conceitualmente, em seu relato, os “lapões”.

François Hartog propõe um percurso semelhante ao de Pompa quando menciona a dimensão vertical do texto. Desenvolvida entre um narrador-criador e um destinatário-leitor, para o autor se torna necessário “reunir as regras através das quais se opera a fabricação do outro”⁵⁰⁰ da narrativa para percebermos como ela cria e traduz o outro. Desse modo, a análise de *Lapponia*, como outros relatos produzidos por europeus:

(...) volta-se, sobretudo, para a reconstituição da dinâmica interna à própria cultura ocidental, onde a construção intelectual da humanidade ‘outra’ se deu entre a cosmologia medieval, o humanismo renascentista e a *realpolitik* colonial⁵⁰¹.

Além dos relatos missionários e cultura material dos sámi, Schefferus buscou sustentação histórica, em autores antigos, para escrever seu texto. No prefácio à primeira edição de *Lapponia*, Schefferus cita Tácito, Adão de Bremen, *Saxo Grammaticus*, Damião de Góes e os irmãos Olaus e Johannes Magnus como nomes confiáveis para basear seu trabalho⁵⁰². É interessante notar, ainda, que esses textos cumprem papéis

⁴⁹⁹ POMPA, C. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 29.

⁵⁰⁰ HARTOG, F. *Op. cit.*, p. 288

⁵⁰¹ POMPA, C. *Op. cit.*, p. 25.

⁵⁰² JOHANNES SCHEFFERUS. **Lapponia id est, Regionis Lapponum Et Gentis Novaet Verissima Descriptio**. Frankfurt: Christian Wolff, 1673, s.p. A lista foi colocada após o prefácio.

diferentes na escrita de Schefferus. Olaus Magnus, em especial, é tratado por Schefferus com desconfiança: com exceção das descrições do espaço da Lapônia, um dos principais comentários do estrasburguês sobre as informações do sueco é de que “Olaus Magnus está errado”⁵⁰³.

Lapponia é um texto que une percepções terceiras sobre o “outro” e assinalar essa dimensão significa pensar Schefferus e seu relato a partir de um processo de apropriação, isto é, como o professor leu e fez uso desse conjunto de textos para organizar a sua narrativa⁵⁰⁴. Seguindo essa proposta de inspiração *gadameriana*⁵⁰⁵, a apropriação textual está balizada “por fatores bastante marcados, que se explicam somente a partir da teia de relações sociais e históricas à qual ele [o autor/apropriador] se encontrava ligado”⁵⁰⁶. Munido desses textos, Schefferus trouxe novos elementos que possibilitaram a execução de um processo criativo que abriu caminho para novas reflexões e ações. Desse modo, se a historiografia mais recente propõe investigar o impacto dos encontros coloniais, tanto para os metropolitanos quanto para os colonizados⁵⁰⁷, sublinhar o contexto narrativo de *Lapponia* é válido, pois revela como um cosmógrafo antigo – alheio aos perigos das jornadas em um mundo diferente – ao tratar dos sámi, percebia e se inseria tanto nos movimentos de ocupação territorial e aculturação do outro quanto na relação com os textos anteriores.

A partir da separação utilizada por Schefferus, dividi a seção em quatro tópicos: a descrição (1) espacial e territorial da *Sápmi*, (2) a constituição física e psíquica dos lapões, (3) o estilo de vida dos habitantes locais e, por fim, (4) sobre a religião – antiga e atual – dos povos setentrionais. Para a análise proposta, preferi aglutinar os capítulos que tratavam do território da Lapônia primeiro – como a montagem de um cenário – para, em seguida, tratar de seus habitantes. A escolha não me pareceu ruim, já que, apesar de o texto seguir uma lógica entre essas separações, alguns capítulos se encontram em momentos diferentes do livro, o que dificultaria a forma de apresentação final.

⁵⁰³ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, 1674, p. 89.

⁵⁰⁴ RODRIGUES, R. L. **Entre o dito e o maldito: Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530 - 1685**. Doutorado [História], Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 459.

⁵⁰⁵ GADAMER, H-G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 559-566 e pp. 621-661. (Pensamento Humano, 15).

⁵⁰⁶ RODRIGUES, R. L. *Op. cit.*, p. 489.

⁵⁰⁷ SYMONDS, J. *Op. cit.*, pp. 314-315.

a. Lapônia: um território ambivalente

Diferente das descrições antigas e medievais – como as de Tácito, *Historia Norwegiae* e das Sagas – na Modernidade, o território da *Sápmi* passou a ser testemunhado, vivido e descrito por exploradores suecos e forasteiros, missionários luteranos e oficiais da Coroa sueca. Para iniciar sua obra, Schefferus trata da situação da Lapônia. Para isso, faz uma revisão de como outros autores descreveram a região. Dentre as descrições anteriores, o professor discorda da forma como os irmãos Magnus – e seu colega Damião de Góes – posicionaram e descreveram a região:

“(…) Acredito que a Lapônia é a mesma que, inicialmente, foi chamada pelos habitantes de Biarmia e pelos forasteiros de Scritfinnia. Depois mudando o nome por alguns motivos (...) passou a ser Lappia ou Lapponia; que começa em Jamtia e Angermannia, abrange todas as Bótnias e, por fim, termina nas extremidades de Carelia e Finlândia, de modo a compreender todo a porção do norte até o oceano principal, o mar branco e o lago Ladek. (...) Os Antigos parecem não ter entendido tão bem; nem mesmo Johan. e Olaus Magnus, que (...) tornaram Scritfinnia e Biarmia diferentes países da Lapônia. Assim, também Damianus Goes, que, o que quer que soubesse da Lapônia, (...) diz que se estende a regiões desconhecidas, porque não sabia quem vivia mais longe em direção ao Mar do Norte”⁵⁰⁸.

Em reflexão recente sobre as percepções cedo-modernas da Lapônia, Magdalena Naum nos chama atenção para o fato do texto de Schefferus propagar uma visão ambivalente da região: ao tratar dos fenômenos como o sol da meia noite e da aurora boreal ou das descrições das pessoas que lá habitavam, a região tornou-se, ao mesmo tempo, horripilante e sedutora⁵⁰⁹. O inverno, por exemplo, “insuportável para aqueles que não foram criados nele”⁵¹⁰, era o período do ano em que habitantes nativos

⁵⁰⁸ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 2: “(...) I think rather that Lapland is the same that was first by the inhabitants called Biarmia, by strangers Scritfinnia, then changing the name for some of the reasons here produced, it came to be Lappia or Lapponia; which beginning from Jamtia and Angermannia, goes all about each Bothnia, and at length ends in the extremities of Carelia and Finland, so as to comprehend all the whole tract from the North even to the main Ocean, the white Sea, and the Lake Ladek (...) the Antients seem not to have so well understood; nor indeed Johan. and Ol. Magnus, who in those parts have made Scritfinnia and Biarmia different Countries from Lapland. So also Damianus Goes, who, whatever he knew of Lapland, (...) says it extends itself to unknown Regions, because he knew not who lived further towards the North Sea”.

⁵⁰⁹ NAUM, 20016. P. 498 e pp. 506 – 507.

⁵¹⁰ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 8.

“(...) Aproveitam esta vantagem, (...) eles podem viajar com mais segurança durante a noite; pois a luz da lua refletida na neve ilumina todos os campos, para que possam discernir e evitar poços, precipícios e bestas selvagens, que de outro modo os incomodariam: tão conveniente são os caminhos para qualquer jornada, pois duas renas puxam uma carga maior sobre a neve pisada”⁵¹¹.

Após descrever os habitantes da Lapônia e seus modos (capítulos 5 ao 28; serão explorados nas próximas seções), o autor sublinha outras coisas extraordinárias. Dentre elas estão as bestas selvagens e as renas, citadas no trecho anterior como, respectivamente, problema e solução para as viagens no inverno, iluminadas pela lua. Ao relatar sobre fauna e flora lapônica, Schefferus evoca suas autoridades (já apresentadas ao leitor) e não faz nenhum tipo de ponderação do que foi escrito anteriormente, com exceção do engano de alguns autores quanto ao cervo e a rena: “qualquer um que ver ambas as bestas (como eu em diversas ocasiões) perceberá tamanha diferença que irá se questionar se é possível alguém se enganar”⁵¹².

Imagens de renas atreladas ao Norte da Fenoescândia tornaram-se mais comuns ao longo do século XVI. Tanto na *Historia* quanto na *Carta Marina* de Olaus Magnus, renas povoam, lado a lado com os habitantes, o distante Norte. Antes do arcebispo sueco, mapas como o *Borgia* e a *Carte marine de l’ocean Atlantique Nord-Est* (1413) associavam a região ao animal. De acordo com Dolly Jorgensen, esses mapas, seguidos de suas ilustrações, conectavam o Norte e sua fauna ao enfatizar as características únicas da região. Reconhecido por Schefferus como único animal doméstico dos habitantes do Norte, a rena, animal exclusivo da região passa a ser associada aos próprios habitantes, haja vista sua importância para a manutenção da vida humana seja no transporte ou na produção de leite. Do ponto de vista visual, a rena aparece como forma de atestar a descrição de Schefferus e consta em três ilustrações sobre as formas de locomoção na Lapônia⁵¹³. Além delas, no frontispício da obra, o leitor se

⁵¹¹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 8: “(...) make this advantage, (...) they can travel the more securely in the night; for the light of the Moon reflected from the snow, enlightens all the fields, that they can discern and avoid any pits, precipices and wild Beasts, that they would otherwise annoy them: so convenient are the ways for any journey, that two rein deer will draw a greater load over the trodden snow”.

⁵¹² *Ibidem*, p. 133: “whoever fees both Beasts (as I have often) will perceive such difference, that he will wonder how any one should mistake”.

⁵¹³ O desenho do animal se encontra na página 131. Já as descrições sobre os transportes, e seus respectivos desenhos, se encontram nas páginas 83, 108 e 125 da versão inglesa de 1674.

depara com a carcaça de um animal que, após ser morto, limpo e aberto, serviu de suporte para a escrita do título do livro, como um estandarte.

Diferente da rena, domesticada e fundamental para os afazeres dos locais, Schefferus trata de uma pletora de bestas selvagens: esquilos, lontras, texugos e raposas que fornecem as tão valiosas peles comercializadas nos mercados sazonais. Além deles, o autor cita espécies mais perigosas como o urso (que recebe atenção no capítulo sobre a caça ritual), o lobo e o carcaju⁵¹⁴. Dividindo o espaço com os habitantes da região, esses animais também endossavam o dualismo sobre a Lapônia:

Wild animals on early modern maps of Scandinavia are posted in the Far North, away from the populated areas except those inhabited by Sami. The biocultural association claimed (...) that the North away from European civilization is an ideal home for wild animals and wild men⁵¹⁵.

⁵¹⁴ Nome científico *Gulo gulo* (Linnaeus, 1758). Conhecido também por glutão.

⁵¹⁵ JØRGENSEN, D. Beastly belonging in the Premodern North in: JØRGENSEN, D.; LANGUM, V. **Visions of North in Premodern Europe**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 200.

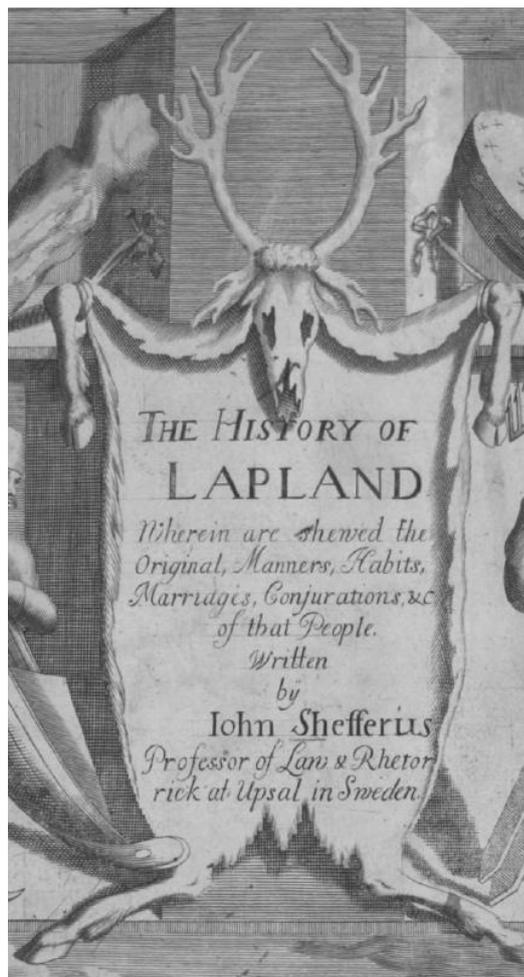


Figura 17. Frontispício de *Lapponia*, com ênfase na carcaça

Além da descrição das fronteiras naturais e da indicação (*hic sunt*) de animais que habitam o local, Schefferus conta que, sobre “essa distante Lapônia (...) propomos tratar aqui apenas daquela parte que é sujeita ao governo dos suecos; e este é um vasto país”⁵¹⁶. O trecho, é interessante, pois, além de reforçar o dualismo que descrevemos até aqui, relaciona-se ao contexto de produção da obra. Não pretendo negar a distância considerável entre Uppsala e as regiões descritas pelo professor (afinal, o território da Suécia própria é o quinto maior da Europa), nem desconsiderar o tempo de viagem, no século XVII entre esses locais. No entanto, se considerarmos o prefácio à primeira edição⁵¹⁷ britânica da obra, R. A. Bathrurst chama atenção do leitor para o fato de que, na

⁵¹⁶ “But this distant Lapland those that are curious may enquire at their leisure, we purpose to treat here only of that which is subject to the Government of the Swedes; and this is a vast Country”. Em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 5.

⁵¹⁷ Para a relação cronológica das publicações de *Lapponia*, ver anexo 2.

verdade, é na Lapônia e “não na América que foi descoberto um Novo Mundo”⁵¹⁸. Aqui, podemos identificar uma das intenções para a escrita da obra: responder às ambições e curiosidades⁵¹⁹ – e seu crescente mercado – em um período de experimentação, coleção e teorização sobre o continente americano. A partir disso, o exótico foi deslocado para o velho mundo, tornando-se “próximo” em comparação a uma América mais “distante”.

Em outro trecho próximo, o autor adiciona que “A maior parte da Lapônia (...) a porção Sul e o interior pertencem ao reino da Suécia”⁵²⁰. Em seguida, ele divide os domínios da Coroa em seis regiões, visíveis no mapa apresentado antes do texto, e as nomeia⁵²¹. Somados, esses dois trechos nos indicam um dos motivos da composição do relato sobre os nortistas: a reivindicação do território, preterido por outros potentados da região (especialmente Rússia e Dinamarca/Noruega), pelos suecos. Assim, apesar de “distante”, ao citar as divisões administrativas criadas pelos suecos e a aventura de dois matemáticos a serviço do rei Carlos IX que, em 1600, confirmaram as extensões territoriais da região e as respectivas latitudes e longitudes dos principais assentamentos⁵²², Schefferus torna a região “próxima”, integrada ao potentado que lhe patrocina.

No capítulo 12⁵²³, Schefferus adiciona outras provas e comentários sobre a proximidade entre os nortistas e os suecos. Inicialmente, recorre às Sagas de reis da Noruega para balizar os primeiros contatos entre suecos e sámi no final do século IX d.C. Em seguida, o estrasburguês continua a narrar as tentativas de conquistas de Ladulås, até incluir na narrativa os *birkarla*⁵²⁴: uma população lavradora e mercadora que ocupava as regiões atuais de Torneå, Luleå e Piteå e que, segundo Schefferus, desfrutava do monopólio da troca e taxaço dos habitantes da *Sápmi* na região do Golfo da Bótnia já no

⁵¹⁸ “(...) but here it is indeed, where, rather than in America, We have a new World discovered” in: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. iv. Identificamos, por conjectura, que o termo “then”, na verdade, se refere ao contemporâneo “than”.

⁵¹⁹ BURNETT, L. A. ‘Translating Swedish Colonialism: Johannes Schefferus' Lapponia in Britain c. 1674-1800’. *Scandinavian Studies*, v. 91, no. 1-2, 2019, p. 134.

⁵²⁰ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 10: “The greatest part of Lapland, (...) the Southern and inland Country, belongs all to the Kingdom of Sweden”.

⁵²¹ *Angermandlandslapmark, Umalappmark, Pithalappmark, Lulalappmark, Tornalappmark, Kiemilappmark.*

⁵²² JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 5. A tabela com as posições se encontra na p. 6.

⁵²³ *Ibidem*, pp. 60 – 64.

⁵²⁴ Aparecem pela primeira vez em documentos escritos em 1328 no Tälje-Stadgan: legislação promulgada durante o reino de Magnus Eriksson. Foi incorporada à Lei de Terra (*Landslag*) e regulava, entre outras coisas, impostos, funcionamento da corte, comércio e até festas e casamentos.

final do século XIII d.C.⁵²⁵. A partir dos *birkarla* Schefferus passa a argumentar a favor da conquista da Lapônia pelos suecos, seguidos pelos noruegueses e moscovitas⁵²⁶.

Em seguida, Schefferus trata das provisões de Gustavo Vasa, que assumiu o trono em 1520, e foi responsável pelas mudanças administrativas que regulavam a relação entre os sámi, os *birkarla* e a Coroa⁵²⁷. No fim, o rei corta a ligação intermediária entre os *birkarla* e os sámi para taxar diretamente os habitantes do Norte. Em seguida, Schefferus relata o acordo firmado entre moscovitas e suecos em Teusina (1595)⁵²⁸, dando ganho de causa ao seu reino:

(...) no ano de 1595, os moscovitas, por uma Liga, entregaram sua parte, mas os suecos sempre possuíram os locais montanhosos e mais próximos [desde] a época de *Ladulaus*, por aproximadamente quatrocentos anos, e exerceram sua autoridade sobre eles [sámi]⁵²⁹.

Schefferus continua a utilizar a tributação como o principal ato associado à conquista do território sámi. No entanto, ao descrever a relação dos lapões com outros potentados da região, garante que apesar dos nortistas pagarem tributos à Dinamarca e ao ducado da Moscóvia, não o faziam “como súditos desses príncipes, mas por terem recebido várias vantagens de seus domínios na caça e pesca”⁵³⁰. Aqui, em mais uma passagem, o autor procura diferenciar as relações estabelecidas pelos potentados nórdicos para legitimar o avanço sueco.

O último assunto que chama atenção nos capítulos que Schefferus dedica à situação geográfica da Lapônia é o potencial econômico de algumas atividades descritas. Magdalena Naum apontou que, entre os séculos XVI e XVIII, uma projeção do Norte como ‘utopia pastoral’ tornou-se tópica comum. Para a autora, foi justamente esse formato retórico que embasou os projetos coloniais na *Sápmi*. Como exemplo, temos Johan Graan que insistia na possibilidade de se ocupar as terras para a produção

⁵²⁵ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 62.

⁵²⁶ “(...) it is manifest the Swedes were the first Conquerours of Lapland, but afterwards the Norwegians and Moscovites following their example”. *Ibidem*, p. 62.

⁵²⁷ ENBUSKE, M. Lapland's Taxation as a Reflection of “Otherness” in the Swedish Realm in the 17th and 18th Centuries: Colonialism, or a Priority Right of the Sami People? In: NAUM, Magdalena; EKEGREN, Fredrik [org]. *Op. cit.*, p. 230.

⁵²⁸ Iniciou o processo de definição da fronteira entre a atual Suécia e Rússia, apesar de ter sido firmada apenas em 1611 em Stolbova.

⁵²⁹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 62: “(...) in the year 1595, the *Moscovites*, by a League, delivered up their part, but the *Swedes* alwaies possessed the mountainous and more neighbouring places from *Ladulaus*'s time, for near four hundred years, and exercised their authority over them”.

⁵³⁰ *Ibidem*, p. 67: “as Subjects to these Princes, but upon the account of their receiving several advantages from their Dominions in their hunting and fishing”.

alimentar⁵³¹. No entanto, ainda em uma perspectiva ambivalente, Schefferus, contemporâneo ao relato de Johan Graan (a *Lappmarksplakatet* é do mesmo ano que a versão latina de *Lapponia*) refuta a tese anterior sobre a qualidade agricultável do solo:

Olaus Petrus diz que a parte sul, situada sob o mesmo clima e influência dos céus, é capaz de produzir qualquer grão como a própria Bótnia ocidental [...] A Terra é pedregosa, arenosa, irregular, invadida em alguns lugares com sarças e espinhos, e em outros nada além de montanhas, pântanos, fungos e águas paradas, que não são as qualidades que geralmente recomendam a terra para agricultura⁵³².

Apesar impugnar a visão agricultável das terras do Norte, Schefferus enfatiza o potencial do solo para o pastoreio de renas (dada a facilidade de crescimento de gramíneas e herbáceas) e de caça de animais selvagens, comuns nas florestas e matas da *Sápmi*:

(...) não procede que toda a terra rica em grama seja igualmente capaz de produzir bom milho. No entanto, [...] a terra oferece muita grama, e é tão boa que seu rebanho engorda muito mais barato e mais cedo com ela [...] Existem muitos bosques e florestas grandes [...] Neste país, inverno e verão têm um número incrível de todos os tipos de animais selvagens, especialmente os de menor porte, que são suficientes não apenas para uso próprio, mas para promover um grande **comércio** com os vizinhos. Eles também têm aves de todos os tipos (...) [e] peixes em tal abundância que uma grande parte dos nativos é inteiramente alimentada por eles⁵³³.

Ao sublinhar a abundância de caça, Schefferus conecta essa atividade, em parte, com o comércio de peles em mercados sazonais, apresentados no capítulo 14. Intitulado “das feiras e costumes de escambo dos lapões”, o capítulo faz uma rápida descrição das feiras, mercados e cortes “estabelecidas no mesmo local” como uma arena

⁵³¹ NAUM, M. ‘Between Utopia and Dystopia: Early Modern Perception of Sápmi’. *Itinerario*, v.40, n.3, p. 500.

⁵³² JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 9: “*Ol. Petrus* saies of the Southern part, lying under the same climate and influence of the Heavens with *Bothnia*, that ’tis as apt to bear any grain as the Western *Bothnia* it self, [...] the Land is stony, sandy, uneven, overrun in some places with briars and thornes, and in others nothing but hills, moores, fennes and standing waters, which are not the qualities that usually commend Land for agriculture”.

⁵³³ *Idem*, p. 9: “it doth not follow that all Land which yields much grass should be equally capable of bearing good corn. Yet [...] the Land afford plenty of grass, and that so good that their Cattel are fatned much cheaper and sooner with it [...] There are many large Woods and Forests [...] This Country Winter and Summer hath an incredible number of all kinds of wild beasts, especially the lesser sorts, which suffice not only for their own use, but to drive a great trade with their neighbours. They have Birds also of all sorts very many, (...) Fish in such abundance that a great part of the Natives are entirely fed by them”. O negrito é de nossa autoria.

em que os governadores estabelecidos pela Coroa recebiam os impostos das populações locais⁵³⁴. Além das peles de animais, o humanista arrola outros produtos lapônicos – como botas, sapatos, queijos de rena – a serem trocados por prata, patacas, tecidos de linho e lã, cobre, sal, milho, enxofre, facas, agulhas e pregos.

Outro recurso econômico proveniente das terras nortista são os “metais” descritos por Schefferus no capítulo 32. Apesar de Olaus Magnus apontar, em sua *Carta Marina*, para fontes de cobre, ouro, ferro e prata, Schefferus afirma que nenhum dos antigos atestava certeza quanto à existência de metais na região⁵³⁵. O humanista cita as duas minas descobertas na região durante a década de 1630: Nasafjäll (Piteå) e Kiedlkievasi (Kedkkevare, Luhla-Lapmark). O capítulo é curto e faz um breve apanhado dos nomes envolvidos na descoberta e manutenção das minas. Além disso, Schefferus narra o caso de um ataque dinamarquês a uma casa de fundição sueca durante a guerra sueco-danesa (1658). Apesar da pouca descrição, tanto do potencial econômico quanto da destruição das minas, o capítulo é importante, pois aponta para as projeções coloniais⁵³⁶ estabelecidas para a região. Segundo Nordin, a mineração na *Sápmi*, já na época de Schefferus, fazia parte da

(...) mercantilist world view in overrating the value of precious metals and in the firm belief in the importance of a strong state or royal support for industry and trade. [They](...) would have managed without royal support in the form of privileges, charters or direct state enterprise⁵³⁷.

Após essas considerações sobre o espaço da *Sápmi*, o professor passa a descrever os atributos físicos e psíquicos dos sámi, bem como seu estilo de vida. Da mesma forma que o ambiente, os habitantes do Norte foram descritos entre os vícios e as virtudes. Sabendo da separação étnica proposta por Schefferus ao discutir a origem *outra* dos lapões, nos resta avaliar em quais momentos a construção negativa ou positiva dos sámi foi empregada em seu texto, já que esse foi um importante artifício para o autor distanciar ou aproximar os sámi dos suecos⁵³⁸.

⁵³⁴ *Ibidem*, p. 70.

⁵³⁵ *Ibidem*, p. 144.

⁵³⁶ NORDIN, J. M. Embodied colonialism: the cultural meaning of silver in a Swedish colonial context in the 17th century. *Post-Medieval Archaeology*, 46 (1), pp. 143–65, 2012; NORDIN, J.M. “Metals of metabolism: the construction of industrial space and the commodification of early modern Sápmi”, in LEONE, M. P.; KNAUF, J. E. (ed.) *Historical Archaeologies of Capitalism*. New York: Springer, pp. 249–72, 2015.

⁵³⁷ NORDIN, J. M., *Op. cit.*, 2015, p. 268.

⁵³⁸ HELM, B. *Op. cit.*, p. 30.

b. “Sobre o espírito e os corpos dos lapões”

O primeiro aspecto sublinhado por Schefferus é a baixa estatura dos lapões. Aqui, é interessante notar que o autor cita o explorador holandês Isaac Vossius para desmenti-lo e, como contrapartida, oferece o argumento do contato com habitantes de origem sámi:

É quase peculiar a esse povo serem todos de baixa estatura [...] o erudito Isaac Vossius [...] acrescenta que eles são um povo deformado: mas, na verdade, sua característica e proporção são boas o suficiente [...] Nem precisamos contestar isso, já que na Suécia os vemos todos os dias entre nós e não podemos observar nenhum defeito ou deformidade por Lomenius injustamente atribuído a eles⁵³⁹.

O estrasburguês atribui ao frio o motivo dos lapões serem pequenos, pois “seca sua umidade e os tornam esguios”⁵⁴⁰. No entanto, é o mesmo ambiente que confere saúde aos habitantes do Norte, pois “dissipa os vapores venenosos”⁵⁴¹. Além disso, os autóctones foram descritos como belos, fortes e vigorosos, sendo que alguns atingem idades como 70, 80 e 90 anos. Apesar desses elogios, Schefferus descreve uma população dotada de características pouco atraentes e negativas, se comparadas com os europeus. Como observado por Britta Helm:

Though he does not provide a description of Swedes – only a hint at them having blonde hair – one can see that this description depicts the Sámi as being very different than Swedes. [...] Through this description and his declaration of “no People differing more”, Schefferus wants to make it very clear that the Sámi are physically opposite to Swedes⁵⁴².

Ao continuar sua descrição dos lapões, o professor passa a narrar seus atributos psíquicos que, como os seus corpos e ambiente, alternam entre a bondade e a maldade. O primeiro ponto observado é a entrega desses povos às superstições e magias. Para Schefferus, essa seria uma condição óbvia, pois “eles vivem nas matas junto com

⁵³⁹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 12: “It is almost peculiar to this People to be all of them of low stature [...] the learned Isaac Vossius [...] adds that they are a deformed People: but in truth their feature and proportion is good enough [...] Nor need we dispute of this, since in Sweden, we see them every day among us, and can observe no defect in any kind, or deformity, by Lomenius unjustly ascribed to them”.

⁵⁴⁰ *Ibidem*, p. 12: “(...) for the cold that prevents their growing tall, dries up likewise their moisture, and makes them apt to be slender”.

⁵⁴¹ *Ibidem*, p. 124.

⁵⁴² HELM, B. *Op. cit.*, p. 19.

animais selvagens”⁵⁴³. Se somarmos essa condição ao fato de que “não há cidades na Lapônia”⁵⁴⁴, podemos perceber que o estrasburguês aponta o lapão como bárbaro, distante do sueco, uma vez que, como nos lembra Anthony Pagden, a condição civil – antitético da barbárie – estava atrelada à cidade⁵⁴⁵.

Apesar de não empregar em nenhum dos trechos citados termos como “selvagem” ou “bárbaro”, ao tratar da língua e do modo de comunicação dos sámi o autor deixa claro que eles “mantém pouca correspondência uns com os outros” e que suas relações comerciais acabaram afetadas pela rudeza da língua:

(...) porque eles tinham uma linguagem bastante diferente dos outros, e tão peculiar a si mesmos, que não conseguiam entender os vizinhos, nem serem entendidos por eles; de modo que, mais do que suas maneiras, foi a barbárie e a aspereza de seus discursos que os fizeram usar essa forma boba de permutar⁵⁴⁶.

A partir do argumento da diferença linguística, central nos diferentes processos de encontro entre o ‘europeu’ e o ‘outro’⁵⁴⁷, Schefferus resgata uma das características centrais do “bárbaro”: a incapacidade de comunicação na língua do centro cultural⁵⁴⁸. Assim, valendo-se da distância linguística, Schefferus mantém a *Sápmi* e seus habitantes como novidade e distância em relação aos suecos.

Dada a natureza outra dos lapões, Schefferus, em diversas passagens do texto, recorreu a analogias e comparações para tornar suas explicações inteligíveis ao público europeu⁵⁴⁹. A partir de uma análise filológica, o autor apresenta as declinações da língua lapônica e as compara ao finlandês. Seu objetivo, aqui, é o de retomar o tema da origem dos sámi e, apesar de sua semelhança com os povos fínicos:

⁵⁴³ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 13: “they live in Woods among wild Beasts”.

⁵⁴⁴ *Ibidem*, p. 15.

⁵⁴⁵ PAGDEN, A. **La caída del hombre natural**. Madrid: Alianza Editorial, p. 36.

⁵⁴⁶ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 68: “(...) because they had a language quite different from others, and so peculiar to themselves, (...) they could neither understand, nor be understood of their neighbors; so that it was rather the barbarism, and roughness of their speech, then manners, that made them use this dumb way of traffiking [...]”.

⁵⁴⁷ PAGDEN, A. **European encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism**. New Haven: Yale University Press, 1993, p. 120.

⁵⁴⁸ SMITH, I. **Race and Rhetoric in the Renaissance: barbarian errors**. New York: Palgrave Macmillan, 2009., p. 8. Sobre o tema da barbárie a origem da linguagem, ver, também, ROSSI, P. **Os sinais do tempo**, pp. 241 – 328, em esp. pp. 241-247 e pp. 300 – 306.

⁵⁴⁹ HODGEN, M. T. **Early Anthropology in the 16th and 17th Centuries**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1964. p. 387.

concluimos que não se trata de uma miscelânea ou coleção de fragmentos latinos, alemães, suecos e afins, nem como um discurso peculiar, completamente diferente deles. Originou-se dos finlandeses, ainda que, com o decorrer do tempo, talvez poucos deles [finlandeses] a compreendam⁵⁵⁰.

Ainda em comparação aos finlandeses, o professor escreve que, além das diferenças no vocabulário, os fínicos, por terem sido conquistados e manter comércio com outros povos, perderam o modo de sua fala, enquanto os sámi, mais isolados do contato com outros, ainda mantêm suas formas específicas de pronúncia, “sendo impossível expressar seus vocábulos em letras, pois eles regurgitam todas as suas palavras”⁵⁵¹. Mesmo reconhecendo a diversidade linguística local⁵⁵², o letrado classifica um dos dialetos como o mais rústico e desagradável de todos. Novamente conectando a incoerência dos idiomas locais, Schefferus afirma que seus falantes - os *luhlenses* (habitantes da *lappmark* de Luleå) - “tanto nos seus hábitos, quanto na forma de falar são, de longe, os mais rústicos e desajeitados de todos os lapões”⁵⁵³.

A outra estratégia comparativa empregada pelo estrasburguês na descrição das línguas sámi é com os termos “tártaros”⁵⁵⁴. A argumentação é interessante, pois, ao tratar das origens dos habitantes do Norte, Schefferus procurou refutar teorias anteriores que comparavam os dois povos. De acordo com o autor, “é certo que os lapões não têm sua origem nos russos, ou nos tártaros como outros pensam”⁵⁵⁵. Para embasar sua afirmação, o professor fornece uma tabela que compara alguns termos de ambas as línguas (além de um glossário no vernáculo da edição lida). A partir daí, conclui:

Outros pensam que essas são as relíquias daquela língua trazida para a Lapônia, que supõem não serem outra senão a dos tártaros. Mas essa afirmação é tão

⁵⁵⁰ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 78: “we conclude it to be not a miscellany or collection of Latin, German, Swedish scraps, and the like, neither as a peculiar speech, different from them altogether, but Such as originally took its rise from the Finlanders, tho time has brought it to pass that perhaps few of them understand it”.

⁵⁵¹ *Idem*, p. 78: “(...) the Laplanders have a peculiar way of pronouncing words, according to which it is impossible to express them in letters, for they do mouth out all their words”. Fizemos algumas adaptações no trecho para melhor coesão textual.

⁵⁵² *Idem*, p. 77.

⁵⁵³ *Idem*, p. 76: “as well in their life and manners, as in their way of speaking, are far the most rustick and clownish of all the Laplanders”.

⁵⁵⁴ *Idem*, p. 75.

⁵⁵⁵ *Idem*, p. 21: “it is certain the *Laplanders* never came originally from the *Russians*, nor as others think from the *Tartars*”.

falsa quanto pode aparecer na vasta diferença entre essas línguas, na qual não há uma palavra que signifique a mesma coisa nos dois idiomas⁵⁵⁶.

O recurso à comparação, como tentativa de negar as conexões entre lapões e tártaros pode ser interpretado como uma forma de apresentar uma escala de alteridade: os sámi ainda eram diferentes, mas menos distantes dos suecos do que os povos das hordas douradas, também descritos como bárbaros e conhecidos por sua belicosidade e pelo uso de cavalos⁵⁵⁷.

Para o estrasburguês o ensino de sueco – e, portanto, a substituição das línguas locais pela do Estado em expansão – era uma necessidade. Schefferus explicou que “a razão pela qual *Gustavus Adolphus* fundou escolas foi porque ele viu que os lapões pouco prosperavam com os sacerdotes suecos pregando em língua estrangeira, como até então”⁵⁵⁸. Desse modo, o ensino de sueco era a primeira parte de uma justificativa moral para ocupar as terras do Norte: a conversão religiosa dos autóctones e sua transformação, já que, além dos resquícios de paganismo, o autor identifica diversos vícios e falhas morais.

Entre elas, o professor cita a propensão ao ciúme, dada sua fraqueza mental; a preguiça, herança do contato com os finlandeses; e a teimosia, sendo que “por mais bárbaros que sejam, não hesitam em preferir a si mesmos, no quesito sabedoria, do que o mais engenhosamente educado nas Artes e Letras”⁵⁵⁹. Outra característica negativa que chama a atenção é a capacidade de barganha extrema e de trapaça dos lapões. A partir de Damião de Góes, Schefferus argumenta que eles eram honestos e inocentes e que, graças às experiências ruins, em contato com os povos vizinhos, passaram a ser cautelosos. Depois, o humanista cita o missionário Samuel Rheen, que descreveu as trapaças dos nativos:

⁵⁵⁶ *Idem*, p. 75: “Others think that these are the relicts of that Language which they first brought into *Lapland*, which they suppose to be no other but that of the *Tartars*. But how false this is, may appear from the vast difference between those Tongues, in which there is not one word that signifies the same thing in both Languages”.

⁵⁵⁷ Sobre os tártaros, ONON, U. **The Secret History of the Mongols: The Life and Times of Chinggis Khan**. Abingdon: RoutledgeCurzon Press, 2001, p. 282; KLYASHTORNY, S. **The History of the Tatars since Ancient Times**. Vol 1. 2017; ZAKIEV, M. Z. **Origin of Türks and Tatars**. Moscow, Publishing house Insan, 2002; CHESHIRE, H. T. The Great Tartar Invasion of Europe. **The Slavonic Review**. Vol. 5, No. 13 (Jun., 1926), pp. 89-105. Mantemos as grafias (apesar de diferentes), de cada trabalho.

⁵⁵⁸ JOHANNES SCHEFFERUS, *Op. cit.*, p. 27: “The reason why *Gustavus Adolphus* founded Schools, was chiefly because he saw the *Lapländers* profited very little under the Swedish Priests preaching in a foreign language, as they had hitherto done”.

⁵⁵⁹ *Idem*, p. 14: “however barbarous they are, doubt not to prefer themselves in point of wisdom, to those that are most ingenuously educated in Arts and Letters”.

Quanto à sua maneira de negociar, eles eram antigos, muito fiéis e justos em todas as suas pechinchas, embora *Damianus à Goes* pareça notar alguma astúcia neles, e diz que eles eram muito espertos em todas as suas trocas. *Sam. Rheen*, em termos simples, chama-os de trapaceiros, e diz que eles eram tão enganosos, que alguém que não conhecia todos os seus truques, dificilmente poderia escapar de uma trapaça deles. Assim, podemos supor que enquanto os outros lidam de maneira justa com eles, [os lapões] são confiáveis e fiéis, mas depois de um tempo descobrindo como os outros o serviram, entendendo como haviam sido enganados anteriormente, aprenderam a enganar os outros (...)⁵⁶⁰.

O argumento de Schefferus é interessante pois, sem especificar esses “outros”, o professor tenta retirar a culpa dos desvios morais tanto dos sámi quanto, propriamente, dos suecos. Como um todo, seu argumento parece ser o de que esse povo nativo e honesto, ao longo dos contatos com diversos europeus, tornou-se imoral, da mesma forma que os habitantes do resto do continente⁵⁶¹. Diante do espelho da alteridade, em outra ambivalência, o lapão é aproximado dos europeus: a trapaça, artifício imoral, não deve ser reproduzida; no entanto, só foi estabelecida no Norte graças ao contato com quem já era imoral e corrupto.

No entanto, a principal característica psíquica que Schefferus confere aos lapões é sua covardia, já que esses povos se assustam “à vista de um homem estranho, ou navio”⁵⁶². De forma mais específica, os habitantes do Norte abominam a guerra que, o que, segundo o autor, é resultado de uma dieta pobre que “não fornece os bons espíritos para o combate”. Sobre isso, o humanista adiciona:

[...] portanto, eles são inúteis na guerra, e os suecos que recrutam homens em todas as outras províncias não encontram nenhum nesta, como aparece nos antigos registros e catálogos de todos os soldados que já foram listados pelos antigos reis. Então, isso é fictício, e mais um abuso do que história. Alguns relataram que Gust. Adolphus tinha várias companhias da Lapônia em seus exércitos; mas foram forçados a encontrar alguma desculpa para as muitas

⁵⁶⁰ *Idem*, p. 72: “As for their way of dealing they were of old in all their bargains very faithfull and just, tho *Damianus à Goes* seems to note some craftiness in them, and saies they were very cunning in all their tradings. [...] *Sam Rheen* in plain terms call them cheats, and says they were so deceitful, that one that did not know all their tricks, could hardly escape being over-reached by them. So that we may suppose that as long as others dealt fairly with them, so long they were trusty and faithfull, but in after times coming to learn how others had served them, by understanding how they had been cheated formerly, they themselves learned to deceive others. But of this we have spoken before: and this thing may serve to give us some light into their customs in trafficking.”.

⁵⁶¹ HELM, B. *Op. cit.*, p. 33.

⁵⁶² JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 13: “(...) they are beyond all imagination fearfull and mean spirited, being frighted at the very sight of a strange man, or ship”.

derrotas, que, para a maravilha do mundo, o príncipe mais vitorioso infligiu em seus poderosos e numerosos inimigos; e fingir que essas vitórias foram obtidas com a ajuda dos Lapões e da Magia⁵⁶³.

Negar o caráter belicoso dos sámi é uma das tarefas fundamentais de Schefferus e tem duas vias: a primeira é derrubar a ideia formada sobre essas populações, durante o século XVII, atreladas ao seu engajamento nos batalhões suecos durante a campanha de Gustavo II Adolfo em terras germânicas⁵⁶⁴. O segundo motivo, presente no texto, é a exaltação da vitória exclusivamente sueca frente a seus numerosos e poderosos inimigos. No entanto, após refutar as declarações anteriores “not only to the nature of the People, but to public testimonies and writings”⁵⁶⁵, Schefferus reconhece que os habitantes da região “[...] helping themselves herein, by conjuration and magick”, o que confere uma espécie de contradição: os lapões não participaram da guerra por conta de sua *covardia* e não por *desconhecerem* as práticas mágicas⁵⁶⁶.

c. O estilo de vida dos lapões

Após a apresentação física e psíquica dos sámi, o estrasburguês passa a tratar do estilo de vida desses habitantes. Os quatro temas discutidos por Schefferus são: habitações, vestimentas, alimentação e objetos dos nortistas. Conforme Helm, todas essas descrições auxiliaram na construção da identidade sámi pelo professor⁵⁶⁷. A relação estabelecida entre o ambiente e as características físicas e psíquicas foi estendida ao estilo de vida local. Desse modo, as formas de viver desses habitantes também oscilam entre o aspecto negativo e duro do ambiente e a engenhosidade dos autóctones.

Entre natureza e cultura⁵⁶⁸, o ato de comer - a seleção de alimentos, preparos e outros assuntos relacionados – figura como assunto passível de ser aprofundado –

⁵⁶³ *Ibidem*: “[...] wherefore they are useless in war, and the Swedes who raise men in all the other Provinces, find none in this, as it appears from the ancient Records and Catalogues of all the Souldiers that ever were listed by former Kings. So that ’tis fictitious, and rather an abuse than history, which some have reported, that Gust. Adolphus had several Companies of Laplanders in his Armies; but they were forc’t to find out some excuse for those many defeats, which to the wonder of the World that most victorious Prince gave his powerfull and numerous Enemies; and pretend that those Victories were obtained by the help of the Laplanders and Magic”.

⁵⁶⁴ Ver capítulo 1, seção 1.

⁵⁶⁵ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 13.

⁵⁶⁶ Sobre a ambivalência das religiões – a antiga e o Cristianismo – dos lapões, ver seção 3.3.d.

⁵⁶⁷ HELM, B. *Op. cit.*, p. 35.

⁵⁶⁸ ROSSI, P. **Comer: Necessidade, desejo, obsessão**. São Paulo: Ed. da Unesp, p. 30, 2014. Como apontado por Claude Fischler, há uma gramática culinária que faz parte da alimentação e do espaço social dessa manifestação cultural; compreender o que se julga como comestível, os modos de fazer, os espaços culinários, rituais de consumo e o gosto se tornou um caminho para entendermos diferentes sociedades. Ver: FISCHLER, C. **L’Homnivore: le goût, la cuisine et le corps**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1993.

enquanto objeto de estudo da História - por seu caráter exótico. Os hábitos alimentares enquanto *thôma*⁵⁶⁹ é ferramenta da alteridade e, a partir dele, se faz o processo de tradução cultural e da alteridade. Tanto a “bebida dos deuses”, citada por Gonçalo Hernandez de Oviedo, o “caium picante” descrito por Jean de Léry⁵⁷⁰ ou as tantas especiarias e modos de preparos apresentados por Marco Polo são, para os interessados no tema, terrenos férteis para discutirmos a caracterização recebida por essas práticas alimentares.

Schefferus dedica um dos capítulos à dieta dos “lapões”. No entanto, há dois capítulos posteriores – um sobre a caça e um sobre armamentos – que podem ser analisados em conjunto, afinal, uma dieta com carne pressupõe a caça e esta, por fim, requer aparatos para abater as presas. O professor de Uppsala descreve a atividade da caça como um trabalho masculino que possui conotação religiosa, desmentindo Olaus Magnus, que credita às mulheres, também, a tarefa da caça. O bispo errou, pois teria seguido à risca as leituras de textos mais antigos como Procópio (de Cesareia) e Tácito: “pois tudo o que dizem sobre os Fermi e Scritfinni está longe de ser verdade para os lapões”⁵⁷¹.

A caça ao urso é tratada de modo ímpar, pois era feita “com as maiores cerimônias e superstições”. A primeira dela é a localização do animal, feita pelo caçador e seus colegas, após consultar um “tocador de tambor” que “consulta se a caça será próspera ou não”⁵⁷². Após encontrar o animal e abatê-lo,

[eles] cantam em sinal de vitória: *Kittulis pourra, Kittulis ii skada tekamis soubbi iælla zaiiti*, isto é, (...) agradecem ao urso por ter vindo, não lhes causando nenhum dano nem lhes quebrando as armas [...]. Após a celebração da vitória, eles arrastam o Urso para fora [...] colocando-o em um trenó, arrastam-no com o auxílio de renas para o abrigo onde ele deve ser fervido, cantando *Ii paha talki oggio, ii paha talka pharonis*, isto é, eles imploram ao Urso que ele não levante tempestades contra eles, nem machuque os que o mataram⁵⁷³.

⁵⁶⁹ HARTOG, F. *Op. cit.*, 2014.

⁵⁷⁰ JEAN DE LÉRY. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

⁵⁷¹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 94: “for whatsoever they say concerning the Fermi and Scritfinni, is so far from being true of the Laplanders”.

⁵⁷²“(...) the best drummer among them, and by his beating consults whether the hunting will be prosperous or no (...)”, em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 95.

⁵⁷³ *Idem*, p. 96: “[they] sing in token of victory thus, *Kittulis pourra, Kittulis ii skada tekamis soubbi iælla zaiiti*, that is, (...) *thank the Bear for coming, and doing them no harm in not breaking their weapons* [...]. After celebration of their victory, they drag the Bear out [...] putting him upon a sledge, they draw him with Rain-deers to the Hut where he is to be boiled, singing *Ii paha talki oggio, ii paha talka pharonis*, that is, *they beseech the Bear that he would not raise tempests against them, or any way hurt them that killed him*”.

Ao trazerem o ganho para casa, os caçadores adentram o espaço pela porta dos fundos “da qual se servem para trazer suas provisões, em especial as presas apanhadas na caça [...] e pela qual nenhuma mulher pode passar”⁵⁷⁴.

De acordo com o arqueólogo Noel Broadbent, a cabana – ou *goahte* – era o centro cósmico dos sámi, ambiente seguro em contraste com a natureza e seus perigos. Além de serem protegidas por diversas deidades sámi, era o local para celebrar a caça enquanto ritual. No caso específico do urso, narrada por Schefferus com mais detalhes, a cerimônia conectava os sámi à terra, entendida como vivia e repleta de significados míticos e cosmológicos. Considerado o “mestre de todos os animais da floresta”, o urso é o segundo animal mais presente nos tambores xamânicos e, a partir da perspectiva sámi, é dotado de características humanoides. A carne do animal, consumida por todos os membros da família, nutria física e espiritualmente os indivíduos de forma a renovar seus laços sociais com os deuses e com a natureza. A pele era usada para casacos e o sangue como amuleto de proteção, pintado nas portas da cabana⁵⁷⁵.

Ao tratar dos equipamentos de caça, Schefferus narra o uso de arcos e armas de fogo empregados nessa atividade. Além dos armamentos, o professor descreve os esquís utilizados pelos habitantes do norte:

Esta é a maneira de utilizá-los: eles têm em suas mãos um longo cajado que, no final, possui um pedaço grande e redondo de madeira, para impedir que ele penetre profundamente a neve; com isso eles se lançam muito rápido. Este modo de correr eles não utilizam apenas em terreno plano e uniforme, mas também nos mais acidentados e não há morro ou rocha tão íngreme que eles, com movimentos sinuosos, indo e voltando, não possam finalmente escalar⁵⁷⁶.

Na descrição desse objeto, atrelado às populações sámi desde os relatos da Antiguidade, o estrasburguês aponta discordância com as dimensões oferecidas por Olaus Magnus: “porque eu [Schefferus] tenho um par que é menos amplo e menor”⁵⁷⁷. Além do arcebispo sueco, o autor discorda de *Frisius* e Olaus Worm que, assim como Magnus, não atentaram para o fato de que um pé deve ser maior do que o outro. Para suprir os erros pictográficos

⁵⁷⁴ *Idem*, p. 84: “through which they use to bring in their provisions, and especially the prey they took in hunting (...) unlawfull for any woman to pass”.

⁵⁷⁵ BROADBENT, N. *Op. cit.*, p. 181-82.

⁵⁷⁶ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 100: “The way of going in them is this: they have in their hand a long staff, at the end of which is a large round piece of wood fasten’d, to keep it from going deep into the Snow, and with this they thrust themselves along very swiftly. This way of running they not only use in plain and even, but in the most rugged grounds, and there is no Hill or Rock so steep, but with winding and turning they can at last come up to the top”.

⁵⁷⁷ *Idem*, p. 98

cometidos por anteriores (o professor diz que Johannes Frisius “fez mal em fornecer uma imagem”⁵⁷⁸ e que Worm não era o culpado, mas sim o desenhista), Schefferus apresenta seu próprio desenho:



Figura 18. Sámi em um esqui, conforme Schefferus⁵⁷⁹

Sobre os alimentos e diferentes preparos, o autor escreve que cada região tem suas preferências, no entanto, classifica todos os habitantes como “abomináveis glutões quando conseguem carne o suficiente; e também resistentes para suportar, quando forçados, a mais apertada fome”⁵⁸⁰. Em seguida, a partir do relato de Samuel Rheen, o estrasburguês atesta que os lapões “primeiro agradecem a Deus e, depois, exortam uns aos outros à fé e à caridade, dando a mão direita, que é um símbolo de união e irmandade”⁵⁸¹. Se, outra vez, levarmos em consideração que um dos grandes esforços de *Lapponia* é apresentar a região - mesmo habitada por pessoas diferentes dos suecos – inserida nas estruturas e projetos coloniais suecos (Estado e Igreja, por exemplo), descrever uma cena de agradecimento a Deus, amparado por um relato missionário, torna os sámi próximos da cristandade, validando o projeto missionário desenvolvido. Quanto às bebidas, Schefferus aponta que os locais desconhecem a cerveja, mas bebem vinho por

⁵⁷⁸ *Idem*, p. 99.

⁵⁷⁹ *Idem*, p. 100.

⁵⁸⁰ *Idem*, p. 93: “And it is farther observable that they are abominable gluttons when they can get meat enough; and yet hardy too to endure the most pinching hunger when they are forc’t”.

⁵⁸¹ *Idem*, p. 93: “first give God thanks, and then they mutually exhort one another to Faith and Charity, taking each other by the right hand, which is a symbol of their unity and brotherhood”.

prazer. Além do álcool, outro produto trazido até a Lapônia de grande admiração entre os sámi é o tabaco⁵⁸².

Associado por Pierre de Lancre como um produto que acalmava as dores da fome e proporcionava momentos de viagens espirituais imaginárias, a planta americana tornou-se sinônimo de natureza diabólica e bruxaria⁵⁸³. Desse modo, apesar de Schefferus não fazer nenhum uso explícito de termos pejorativos ao tratar do tabaco, é possível interpretar a predileção dos sámi pela planta como forma de associá-los a figuras transgressoras conhecidas do público europeu, como as bruxas. Ainda nas descrições de viajantes à Lapônia do século XVII, o tabaco também é narrado como fundamental e, se lembrarmos do presente recebido pelo rei Carlos XI em Torneå, o cachimbo (e o fumo) tornaram-se parte do estereótipo sobre os lapões⁵⁸⁴.

Como um todo, as descrições alimentares enfatizam características negativas, inclusive vinculadas a um dos pecados capitais, como a glotonaria⁵⁸⁵. No entanto, apesar da explícita classificação dos sámi como outro, tanto o consumo excessivo de vinho, quanto o uso de tabaco são descritos por Schefferus como fruto da relação dos locais com noruegueses; desse modo, não foram os suecos que tornaram os sámi excessivos bebedores e fumantes⁵⁸⁶. A associação com pecados capitais aparece, também, na descrição das formas de habitação dos locais. Devido ao fato de dividirem a mesma cabana, sem distinção de idade, sexo ou condição, a luxúria imoderada era outro problema moral dos lapões. Além disso, Schefferus nota que no inverno ou no verão, esses habitantes dormem nus, cobertos apenas por peles de animais⁵⁸⁷. Gunlög Fur argumenta que a ênfase simbólica do nudismo só é entendida se a antítese selvagem x civilizado for resgatada. Ao comparar o caso de descrições das sociedades americanas com as de Schefferus, a pesquisadora conclui que esse artifício é significativo na manutenção da diferença entre um estado civilizado (sueco) e as distantes terras americanas ou do Norte.

⁵⁸² *Idem*, p. 70.

⁵⁸³ GAMES, A. **Witchcraft in Early North America**. Rowman & Littlefield Publishers: Lanham, p. 34, 2010. Sobre o tabaco e de Lancre, ver DICKSON, A. **Panacea or precious bane: tobacco in sixteenth-century literature**. New York: New York Public Library, 1954.

⁵⁸⁴ NORDIN, J. M.; OJALA, C-G. Collecting, connecting, constructing: Early modern commodification and globalization of Sámi material culture. **Journal of Material Culture**, v. 23, n. 1, p. 16, 2018. A imagem se encontra no **anexo 2**.

⁵⁸⁵ HELM, B. *Op. cit.*, p. 50.

⁵⁸⁶ Conforme Matthew Romaniello, no século XVII, o tabaco ainda era visto como negativo, associado, majoritariamente ao público masculino jovem e aventureiro, como piratas, estudantes e soldados. Ver: ROMANIELLO, Matthew P. Who should smoke? Tobacco and the Humoral body in Early Modern England., **Social History of Alcohol and Drugs**, v. 27, n. 2 (Summer), pp. 156–157, 2013.

⁵⁸⁷ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 90.

Além disso, o nudismo seria uma forma de indicar o caráter degenerado dessas populações, como prova do aspecto bíblico da doutrina da queda⁵⁸⁸.

Um segundo aspecto das habitações sámi que sublinha o barbarismo dos povos locais é seu caráter móvel:

Os lapões não têm casas como os outros povos do Norte, tendo o costume de perambular de um lado para o outro e, assim, às vezes em um lugar e às vezes em outro, montam suas pequenas cabanas para o seguinte uso: como não possuem habitação certa, mas tendo consumido todos os peixes e animais de um lugar, eles marcham para outro, carregando seus galpões ou tendas com eles⁵⁸⁹.

Somado ao fato dos lapões não se organizarem em cidades (já mencionado nesse capítulo), tratar da mobilidade habitacional dos habitantes da *Sápmi* torna-se uma forma de diferenciá-los dos suecos, dado seu nomadismo. A partir disso, Schefferus cita o edito de 1602, assinado por Carlos IX, como uma das estratégias encontradas pela Coroa para tornar esses habitantes sedentários. Assim, da mesma forma que o narrado sobre a implantação das judicaturas, mercados e igrejas, o avanço sueco no Norte fez com que os lapões vivessem sob maior disciplina⁵⁹⁰. Ou seja, o autor, outra vez, advoga pela intervenção do Estado sueco nas terras setentrionais.

Ao tratar das roupas diárias, um dos principais motes do texto aparece: “Olaus Magnus estava engando”⁵⁹¹. Além de desmentir o arcebispo sueco, Schefferus disserta sobre a monstruosidade dos sámi e garante que isso foi fruto de um mal-entendido sobre as roupas dos locais:

A fábula dos homens peludos deriva de suas vestimentas peludas; que espécie de monstros ocorre existir em outros países não posso dizer, mas acho que os ciclopes com um olho na testa por Adamus Bremensis devem ser colocados, aqui, na conta da fama, porque eles [sámi] tinham apenas um buraco em seu chapéu através do qual eles olhavam. Parecendo com o resto do corpo peludo, esse buraco aparentava ser um olho⁵⁹².

⁵⁸⁸ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 33.

⁵⁸⁹ *Idem*, p. 80: “The Laplanders have not any houses like other Northern People, it having bin their custom to wander up and down, and so, sometimes in one place and sometimes in another, to set up small sheds for their present use: so that they had no certain habitations, but having eaten and consumed the fish and beasts in one place, they march to another, carrying their sheds or tents with them”.

⁵⁹⁰ *Idem*, p. 66.

⁵⁹¹ *Idem*, p. 90.

⁵⁹² *Idem*, p. 89: “The fable of hairy men to be railed from their hairy Garments, which fort of monfters whether there be in other Countries I cannot tell, but I find the Cyclops's with one eye in their forehead by Adamus Bremenfis to be placed here upon the fame account, becaufe they had only a hole in their cap

Seguindo as indicações de Johannes Torneaus, o humanista garante que o couro de rena, utilizado para casacos, luvas, sandálias e sapatos é o que torna os sámi peludos à vista, pois o pelo do animal está sempre voltada para fora⁵⁹³. Nesse aspecto, é interessante notar como Schefferus concorda com Olaus Magnus que, em 1555, escreveu:

(...) Muitas pessoas acreditam que eles têm corpos peludos, como animais ou feras; isso talvez surja da ignorância ou do prazer que muitas pessoas levam em contar, de um modo que é inacreditável (...)⁵⁹⁴.

Em algumas das ilustrações de sua *Historia*, como a do capítulo oito do livro quatro, Olaus Magnus tornou visível a diferença entre as roupas sámi (peludas) e de outros habitantes do Norte, presentes em outras vinhetas do tomo.



Figura 19. Uma roda de dança dos habitantes do Norte⁵⁹⁵

through which they looked, all the rest of their body seeming hairy, and therefore this hole they feigned to be an eye”.

⁵⁹³ *Idem*, p. 88.

⁵⁹⁴ “(...) many folk rashly believe that they have hairy bodies, like animals or brute beasts; this perhaps arises from ignorance or from the pleasure that a great many people take in telling, in a way which is beyond belief (...)”. Ver: OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 212.

⁵⁹⁵ OLAUS MAGNUS, *Op. cit.*, 1996, p. 206. Nessa – assim como em outras vinhetas – é possível perceber os casacos peludos



Figura 20. Vinheta de Olaus que retrata uma disputa entre noruegueses⁵⁹⁶

Schefferus, por sua vez, não oferece nenhuma representação gráfica que sublinhe a diferença do vestuário, mas trata dos chapéus dos nativos feitos com diferentes peles de animais, dependendo da condição social de cada um⁵⁹⁷. Novamente, se retornarmos ao frontispício de *Lapponia*, podemos identificar um indivíduo trajando um chapéu que é, na verdade, um pássaro. Além disso, se atentarmos ao par de esquis que ele carrega, podemos concluir que a imagem indica um habitante da região.



Figura 21. Recorte do frontispício de *Lapponia*.

⁵⁹⁶ OLAUS MAGNUS, *Op. cit.*, 1996, p. 252.

⁵⁹⁷ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 157.

Ao descrever as vestimentas sámi, Schefferus recorre à comparação para facilitar o entendimento de seu leitor: o autor compara o chapéu sámi às toucas de dormir dos europeus⁵⁹⁸. Para além dessa tentativa de tornar o lapão mais inteligível, as narrativas sobre as roupas utilizadas pelos locais, apesar de ressaltar a diferença e especificidade, não são acompanhadas de juízos morais negativos, mas sim atreladas ao gelado e difícil ambiente que esses indivíduos habitam⁵⁹⁹.

Teor semelhante é identificado nos relatos sobre os artesanatos e utensílios sámi, última categoria sobre o estilo de vida local. Conhecidos a partir do termo genérico *duodji* (LSa), esses artefatos tornaram-se importantes marcadores da identidade sámi em contato com outros povos⁶⁰⁰. De todos os objetos e hábitos descritos por Schefferus, seus utensílios foram os únicos que não receberam descrições negativas. De acordo com Helm, este seria um indício de que o professor admirava o artesanato dos nortistas e, possivelmente, teria tido contato com alguns deles durante as feiras de Uppsala⁶⁰¹. O humanista descreve, também, alguns objetos e os desenha⁶⁰². Além disso, o autor atesta possuir dois instrumentos de tecelagem sámi⁶⁰³ e um trenó:

denominada *Pulca*, é feito na forma de meio barco, tendo a proa cerca de um palmo de largura aumentado, com um orifício para passar um cordão para prendê-lo a uma rena e a popa feita de uma tábua plana: o corpo é constituído por muitas, que são presas com estacas de madeira (...), são convexos e redondos, para que possam deslizar por qualquer caminho e ser facilmente arrastados sobre a neve. Esta descrição concorda com o trenó que eu tenho e com o Testemunho de Herberstenius, Olaus Magnus e Johannes Tornæu⁶⁰⁴.

Do ponto de vista imagético, o trenó ocupa espaço importante em *Lapponia* e na associação material da região. No frontispício da obra, o indivíduo à esquerda da carcaça da rena segura um desse meio de transporte e, no quadrante inferior da imagem, é possível ver um carpinteiro terminando de construir um novo. Em outra ocasião, ao

⁵⁹⁸ *Idem*, p. 88.

⁵⁹⁹ HELM, B. *Op. cit.*, p. 45.

⁶⁰⁰ SUNNA, H. **Duodji árbi Arvet: handicraft in the sámi culture**. Luleå: Luleå Grafiska, 2006, p. 5. Para outras descrições de artefatos sámi, ver: KENT, N. *Op. cit.*, pp. 161 – 166.

⁶⁰¹ HELM, B. *Op. cit.*, p. 52.

⁶⁰² JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 102.

⁶⁰³ *Idem*, p.102.

⁶⁰⁴ *Idem*, p. 101: “call’d *Pulca* being made in the fashion of half a boat, having the prou about a span broad turned up, with a hole in it to run a cord thro to fasten it to a Rain-deer, and the poupe of one flat board: the body is built of many, which are fasten’d with wooden pegs (...) [they] are convex and round, that they may roul any way, and more easily be drawn over the Snow. This description agrees with that sledg which I have, and the Testimony of Herberstenius, Olaus Magnus, and Johannes Tornæus”.

longo do texto, Schefferus desenha um indivíduo, montando em seu trenó, sendo puxado por uma rena⁶⁰⁵. O tema invernal e do trenó puxado pela rena foi introduzido nos relatos sobre a região por Olaus Magnus, no entanto Schefferus foi o responsável por difundi-lo⁶⁰⁶.

Durante o inverno, nos jardins reais, era possível andar em um trenó puxado por renas da região Norte e o próprio rei possuía uma criação desses animais, administrada por um sámi⁶⁰⁷. Anos antes, durante a Coroação de Érico XVI, há o relato da presença de renas e habitantes sámi na cerimônia. Nesse sentido, podemos interpretar a rena e o trenó como características vinculadas ao Norte e que, enquanto mediadores culturais, conectavam Estocolmo às regiões mais distantes do império, materializando as ambições dos escandinavos e edificando uma visão sobre os lapões⁶⁰⁸. Havia, também, uma importância prática no uso de trenós na região. Os sámi se tornaram o coração da logística mineradora⁶⁰⁹, uma vez que todo o transporte de madeira para as minas e de minérios para as casas de fundição era feito, no inverno, por trenós.

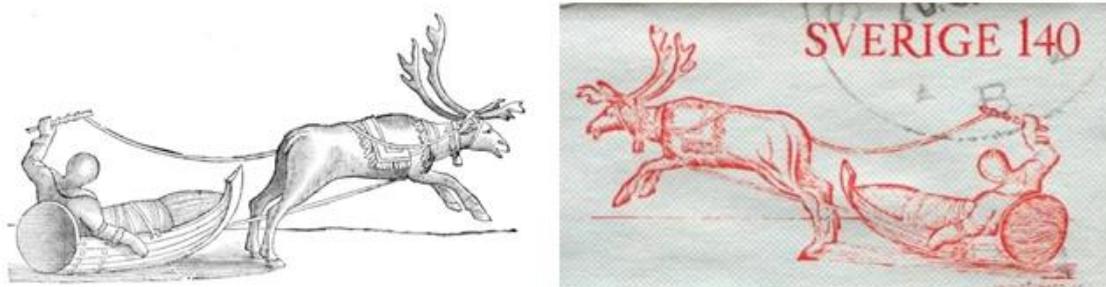


Figura 22. À esquerda, desenho apresenta na *Lapponia*. À direita, um selo sueco que conta com uma reprodução invertida da gravura do humanista⁶¹⁰.

d. Da religião dos lapões

Nos idos de fevereiro de 1674, o embaixador britânico na Suécia, William Allestree, em uma carta a seu fiel correspondente John Locke, anunciou que o navio *Samson* havia naufragado na costa escandinava e, apesar da maioria dos bens terem sido

⁶⁰⁵ *Idem*, p.107.

⁶⁰⁶ OJALA, C.-G. ‘Encountering “the Other” in the North’ in: NAUM, M.; EKEGREN, F. (ed.) *Op. cit.*, 2018, p. 220.

⁶⁰⁷ NORDIN, J. M.; OJALA, C-G. *Op. cit.*, 2018, p. 17.

⁶⁰⁸ NORDIN, J. M.; OJALA, C-G. Collecting Sápmi. Early modern collecting of Sámi material culture. *Nordisk Museologi*, v. 0, n. 2, 2014, p. 115.

⁶⁰⁹ Ver página 96, assim como FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 62; HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 292.

⁶¹⁰ O desenho de Schefferus se encontra na p. 107 da versão inglesa de 1674. Já o selo, emitido em 1972 como parte da comemoração do tricentenário da obra do humanista, consta no catálogo *Stanley Gibbons* sob a sigla SE 699. Impresso tanto em azul claro quanto laranja, possui as dimensões de 44 x 24 mm.

salvos, o par de botas, encaminhadas como regalo, não foi resgatado⁶¹¹. A desventura sobre presente perdido, narrada com tristeza pelo embaixador, parece banal aos olhos contemporâneos, mas, em verdade, faz parte de um tópico pelo qual Locke nutria interesse: as bruxas da Lapônia. Allestree despachara um objeto autêntico do Norte, provavelmente adquirido em alguma feira de verão em Estocolmo, onde presenciara, também, uma luta entre dois sámi⁶¹². Dois anos antes, o emissário anunciara a Locke que um texto de nome *Lapponia*, construído a partir de informações disponíveis na biblioteca real e “papéis mais autênticos”, seria impresso em Frankfurt⁶¹³.

Conforme Talbot, Locke teve acesso, apenas, à edição francesa do texto de Schefferus, mas, por intermédio do mesmo Allestree, havia recebido de Lady Wood imagens que retratavam o cotidiano dos nortistas. Atualmente desconhecidos ou perdidos, é plausível que esses desenhos sejam as figuras do verão e inverno da Lapônia apresentadas no *Pitts' Encyclopaedia* (1680)⁶¹⁴. Em certo sentido ingênuas, as gravuras foram importantes para construção de uma imagem sobre os sámi e seu estilo de vida⁶¹⁵. Da mesma maneira, a *Lapponia* de Schefferus, mesmo com suas múltiplas edições, teve seus desenhos e capítulos sobre magia e religião sámi reimpressos ao longo do continente europeu⁶¹⁶. Em 1681, a *Royal Society* britânica recebeu a visita de Johan Heysig-Ridderstjerna, um dos alunos do já falecido professor upsaliense, e promoveu uma exposição do livro e artefatos sámi⁶¹⁷.

Allestree, além de mencionar a obra Schefferus que se encontrava no prelo, promete uma cópia atualizada dos julgamentos de bruxaria que ocorreram na Suécia e adiciona que o senhor J. Wereden “possui uma relação de bruxas traduzida para o inglês”⁶¹⁸ – muito útil para os estudos de Locke. O filósofo é apenas um exemplo de

⁶¹¹ DE BEER, E. S. (ed.) **The correspondence of John Locke**. Oxford: Oxford University Press, volume 1, 1976, p. 401 (carta 285).

⁶¹² *Idem*, p. 409 (carta 292) e TALBOT, A. *Op. cit.*, p. 55.

⁶¹³ DE BEER, E. S. *Op. cit.*, p. 397.

⁶¹⁴ MOSES PITT. **The English atlas**. Oxford: Printed at the Theater, for Moses Pitt, vol. 1, 1680, p. 583.

⁶¹⁵ TALBOT, A. *Op. cit.*, p. 55.

⁶¹⁶ Para o caso francês, ver: SCHNAKENBOURG, É. Humanité des marges et marge de l'humanité: la figure du Lapon dans le paysage anthropologique du XVIIIe siècle, in: **Figures du Nord: Scandinavie, Groenland, Sibérie. Perceptions et représentations des espaces septentrionaux de la fin de Moyen Âge au XVIIIe siècle**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2012. Para o caso holandês, ver: BERGESEN, R. H. Dutch Images of Indigenous Sámi Religion: Jan Luyken's Illustrations of Lapland, **Acta Borealia**, 32:2, 103-124, 2015. Sobre a recepção britânica de Schefferus, ver: BURNETT, L.A. 'Selling the Sami: Nordic Stereotypes and Participatory Media in Georgian Britain'. In: HARVARD, J.; STADIUS, P. **Communicating the North: Media Structures and Images in the Making of the Nordic Region**. Farnham: Ashgate, 2013, p. 171-196 e BURNETT, L. A. *Op. cit.*, 2019.

⁶¹⁷ BURNETT, L. A. *Op. cit.*, 2019, p. 143.

⁶¹⁸ DE BEER, E. S. *Op. cit.*, p. 384 (carta 273).

personalidade interessada na temática da bruxaria e religião dos sámi em um período conhecido pelos julgamentos de bruxaria no continente europeu. Como parte de sua conclusão sobre os sámi, o britânico entendia a possessão demoníaca como o resultado da pobreza e da fome⁶¹⁹; portanto, uma análise detalhada, como a de Schefferus, era muito útil para comprovar ou não seus apontamentos.

O tópico religioso, conhecido desde os tempos de Olaus Magnus, é o que mais interessa aos escritores do período Moderno – sejam humanistas, viajantes ou clérigos. Entre eles, Schefferus merece atenção por ter sido o primeiro a incluir imagens dos ritos e instrumentos mágicos dos locais. Apesar de detalhar as práticas “pagãs”, o grande objetivo do humanista, entre os capítulos 7 e 11, é tratar do processo de conversão dos povos sámi capitaneado pela igreja sueca. Em uma das passagens, o estrasburguês aponta que os nortistas são culpados de “superstição mágica, que desde que adotaram o cristianismo, é proibida pelas leis e não é tão frequente como antigamente”⁶²⁰.

⁶¹⁹ TALBOT, A. *Op. cit.*, p. 61.

⁶²⁰ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 65: “(...) magical superstition, which since their embracing Christianity, is forbidden by the Laws, and is not so frequent as formerly”.



Figura 23. Verão e inverno na Lapônia (museu *Norskfolkemuseum* - Oslo)

Conforme Gunlög Fur, outro motivo para a escrita de *Lapponia* era a necessidade de avaliar, por parte da Coroa, o comportamento dos sámi, considerados súditos da Coroa sueca⁶²¹. Assim como nas outras categorias, a descrição religiosa dos sámi também era ambivalente: a “primeira religião” já havia sido substituída pelo cristianismo, no entanto, alguns indivíduos ainda mantinham práticas pagãs e cerimônias mágicas. Na introdução britânica, o leitor é apresentado a uma região problemática em que “fome, frio e solidão são inimigos que envolvem toda a fortaleza deste povo e onde tanta resistência é necessária”⁶²². No entanto, mesmo inserida na escuridão e barbarismo da Lapônia, algumas luzes se destacavam. A principal delas seria o próprio Estado sueco, com suas cortes, feiras institucionalizadas, editos de colonização e criação de escolas. Além delas, a Igreja cumpriria papel fundamental, portanto, avaliar e descrever os ritos e deuses dos lapões era tarefa fundamental para Schefferus e sua argumentação.

⁶²¹ FUR, G. *Op. cit.*, 2006, p. 27.

⁶²² JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. IV: “Hunger, cold and solitude are enemies that engage all the fortitude of this people and where so much passive valor is necessary”.

No capítulo 7, sobre “a religião dos lapões”, Schefferus reconhece que todos os povos antigos do Norte foram, em determinado período, pagãos. No caso do sámi, o estrasburguês relaciona sua religião antiga aos povos fínicos, devido a sua ancestralidade comum⁶²³. Além disso, o professor cita alguns dos deuses antigos dos sámi e assinala a existência de outros, mas sem nomeá-los, pois “Eu não encontro nenhuma certeza disso, nem nos registros antigos, nem nos costumes modernos”⁶²⁴. Recorrer ao argumento da falta de comprovações pode ter sido uma estratégia para assinalar que, apesar das superstições permanecerem vivas, muitos dos habitantes eram cristãos⁶²⁵.

No capítulo seguinte, essa conclusão é fortalecida. O professor argumenta que, graças as ações iniciadas no tempo de Gustavo Vasa, “Nós triunfamos sobre a impiedade pagã, completamente desarraigada”⁶²⁶. Schefferus percorre os diferentes reinados suecos para tratar da evolução do Cristianismo no Norte. O autor trata o reinado de Gustavo II Adolfo como mais importante para a conversão dos sámi, já que durante esse período foi publicado o *Liber Cantionum quomodo sit celebranda Missa Sermone Lappico* (1619), publicada em Estocolmo por Ignatius Meurrer na língua lapônica, alguns habitantes já convertidos se tornaram clérigos, o serviço de sacristão se tornou fixo na região e as primeiras escolas – capitaneadas por Johan Skytte – foram construídas na região da *lappmark* de Umeå⁶²⁷.

Outro aspecto seminal dessa intervenção na Lapônia foi o envio de alguns sámi, na condição de estudantes, à revigorada Universidade de Uppsala:

“Pelo benefício desses mencionados livros, eles começaram a entender o que oravam, pois alguns jovens da Lapônia, tendo estudado na Universidade de Uppsala, fizeram tão bom progresso no conhecimento das Artes e Ciências liberais e da Religião Cristã, que foram encarregados do Ministério”⁶²⁸.

Apresentar os sucessos obtidos a partir do reino de Gustavo II Adolfo é fundamental para desconstruir os argumentos anteriores de que o rei luterano havia utilizado tropas sámi nos campos de batalha. O rei, piedoso, não só não recorreu a artifícios diabólicos como salvou as almas desses povos. Assim, apesar da morosidade do processo, o Cristianismo

⁶²³ *Idem*, p. 22.

⁶²⁴ *Idem*: “I find nothing of certainty thereof, either in their ancient records, or modern customs”.

⁶²⁵ HELM, B. *Op. cit.*, p. 61.

⁶²⁶ “We triumph over pagan impiety wholly rooted out”, em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 33.

⁶²⁷ *Idem*, p. 27 – 30.

⁶²⁸ *Idem*, p. 27: “By the benefit of these aforesaid books they began to understand what they praied for some of the youth of Lapland having studied at the University of Upsal, made so good progress in the knowledge of the Liberal Arts and Sciences, and of the Christian Religion, that they were entrusted with the Ministry”.

tomava raízes no período cedo-moderno com a construção de igrejas e escolas. Como resultado, segundo Schefferus “eles aprendem dos preceitos do Cristianismo, o que exige que eles regulem não apenas sua fé, mas também suas vidas”⁶²⁹.

Descritos como de maioria cristã, os sámi são tratados por como modelo⁶³⁰. No entanto, nos capítulos seguintes, tratou dos resquícios de paganismo que atrapalhavam a conversão completa. Fora justamente esse aspecto de incompletude que o estrasburguês utilizou para validar a análise de Damião de Góes de que não havia Deus na Lapônia⁶³¹. De acordo com Schefferus, os católicos – presentes no solo setentrional antes da ascensão de Gustavo Vasa ao trono – eram os culpados por essa falha. Citando o exemplo dos noruegueses como hipócritas diante da conversão ao Cristianismo e o fato de que existem superstições e idolatrias menores espalhadas “não apenas na Suécia, mas também na Alemanha, França e outros países”⁶³², o professor busca retirar a Suécia como única culpada nessa situação problemática⁶³³.

A primeira observação feita pelo professor quanto às reminiscências pagãs é a diferenças entre suas práticas “supersticiosas” e “diabólicas”. Segundo o autor, a primeira categoria corresponde a atividades que não anulariam o próprio Cristianismo, por serem “vãs e lendárias”⁶³⁴. Já a segunda categoria, relativa aos crimes contra Deus, envolvia o uso de objetos como os tambores xamânicos ou os seguintes malefícios:

Primeiro, eles vão à igreja não por devoção, mas compulsão. Em segundo lugar, eles se prendem a diversos princípios da religião cristã, especialmente a ressurreição dos mortos, a união do corpo e da alma e a imortalidade d’alma, pois creem para si que homens e bestas seguem o mesmo caminho (...). Uma terceira impiedade de que são culpados é a junção de seus próprios deuses inventados com Deus e Cristo, adorando-os e reverenciando-os da mesma forma; como se Deus e o Diabo tivessem feito um acordo para dividir suas devoções entre eles⁶³⁵.

⁶²⁹ *Idem*, p. 33: “They learn from the precepts of Christianity, which requiring them not only to regulate their Faith, but their lives (...)”.

⁶³⁰ HELM, B. *Op. cit.*, p. 60.

⁶³¹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 25.

⁶³² *Idem*, p. 35: “nor only in *Swedland*, but in *Germany*, *France*, and other Countries”.

⁶³³ HELM, B. *Op. cit.*, p. 71.

⁶³⁴ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 35.

⁶³⁵ *Idem*, p. 35: “As first they go to Church not out of any devotion, but compulsion. Next they stick at several Principles of the Christian Religion, especially the resurrection of the dead, the union of the body and soul, and the immortality of the soul. For they fancy to themselves that men and beasts go the same way (...). A third impiety they are guilty of, is joining their own feign’d gods with God and Christ, and paying them equall reverence and worship, as if God and the Devil had made an agreement together to share their devotions between them”.

Schefferus, a partir dos relatos de Torneaus e Damião de Góis, descreve o culto dos lapões às estátuas de pedra que ele denomina de *Storjunker* e *Seita*. Presente em uma das gravuras da obra, o *Storjunker*, assim como o *Seita*, de Schefferus corresponde, na verdade, ao que conhecemos hoje por *séjte* – formações líticas que, segundo os sámi, estavam conectadas às forças da natureza. A separação feita pelo humanista é, provavelmente, fruto de seu contato pessoal com um desses objetos e sua interpretação dos textos anteriores. Enquanto os *seita* eram cultuados às margens de lagos:

[...] o local onde o Storjunker era cultuado se encontrava em cima de algumas montanhas peculiares às margens de lagos e quase toda família possui suas pedras particulares e colinas designadas para essa atividade. Algumas dessas rochas são tão altas e escarpadas que são intransitáveis para qualquer pessoa [...]. Mas não se deve supor que ele viva apenas nas rochas e falésias das montanhas, mas também nas margens dos lagos e nas margens dos rios, pois lá ele também é particularmente adorado, porque os lapões observaram as mesmas aparições nesses lugares [...] ⁶³⁶

Em Uppsala, o professor possuía em seu museu um exemplar denominado *Silices numerorum speci rotundi reperiuntur in littore maris & fluminum Lapponiae*⁶³⁷. Essa peça chegou à posse do professor por intermédio de Gabriel de la Gardie, como aponta o próprio texto⁶³⁸; e no capítulo sobre pedras, joias e pérolas, Schefferus aponta para a existência de calhaus “frequentemente encontrados nas margens e que representam a forma de um animal. Esses habitantes os estimam muito e os adoram como deuses, sob o nome de Stoorjuncare”⁶³⁹. Assim, ao contrapor a evidência material de que dispunha com a descrição de Torneaus sobre um *Seita*, o estrasburguês separa os dois tipos de altar.

⁶³⁶ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 39: “[...] the place where Storjunker was worshipped, was upon some peculiar mountains, and on the banks of Lakes: for almost every family hath its particular rocks and hills appointed for this business. Some of these rocks are so high and craggy that they are impassable to any [...]. But it must not be supposed he lives only in rocks and cliffes of mountains, but also on the shores of Lakes and banks of Rivers, for there also he is peculiarly worshipped, because the Laplanders have observed the same apparitions in these places [...]”.

⁶³⁷ O exemplar foi descrito no *Index rerum naturalium in Museo Schefferiano Upsalia* (UUBA, N. 1190, fl. 137v).

⁶³⁸ I saw the Illustrious Gabriel de la Gardie Chancellour of this kingdom have. Em: JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 154.

⁶³⁹ *Idem*, p.158: “often found on the fhores, which reprepent the fhape of an animal. Thefe the inhabitants thefeem much and adore them for Gods, under the name of Stoorjuncare”.

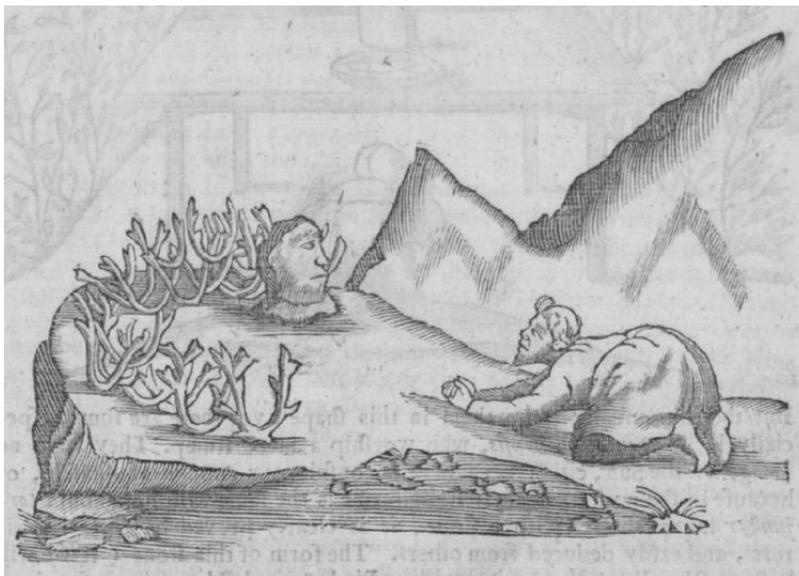


Figura 24. *Storjunkare* - ou *seita* - desenhado por Schefferus⁶⁴⁰

Outra descrição imagética feita no texto é o altar de madeira dedicado ao deus *Jumala*, tratado por Schefferus como *Thor*. Sobre essa sobreposição de deuses, o professor escreve:

[...] os lapões, ou adoravam um Deus sob dois nomes, ou se eram dois deuses, usavam seus nomes de forma promíscua. Pois o Deus verdadeiro, que eles conheciam, em parte pela razão e em parte pela tradição, era por eles chamado *Jumala*: mas depois que o nome de *Thor* começou a ser famoso, eles chamaram *Jumala* com o nome de *Thor* ou deram a *Thor* o nome de *Jumala*⁶⁴¹.

Ainda Segundo o professor, *Jumala* – ou *Muora Jubmel* – significava “o deus de madeira” e, por isso, o altar era confeccionado nesse material, especialmente bétula. No entanto, devido a ambivalência de dois deuses, o professor se vale da descrição de Matthias Steuchius para narrar as mudanças necessárias para transformar o culto de *Jumala* em devoção a *Thor* “eles colocam um martelo em sua mão direita, que é como se fosse a bandeira pela qual ele é conhecido. Na cabeça, eles enfiam um prego de ferro ou aço e um pedacinho de pederneira para acender o fogo, [...]”⁶⁴².

⁶⁴⁰ *Idem*, p. 42.

⁶⁴¹ *Idem*, p. 23: “[...] the Laplanders, either worshipped one God under two names, or if they were two Gods, they used their names promiscuously. For the true God, whom they knew partly by reason, and partly by tradition, was by them called *Jumala*: but after the name of *Thor* began to be famous, they either called *Jumala* by the name of *Thor*, or gave *Thor* the name of *Jumala*”.

⁶⁴² *Idem*, p. 41: “they put a hammer into his right hand, which is as it were his ensign by which he is known. Into his head they drive a nail of Iron or Steel, and a small piece of flint to strike fire with, [...]”.

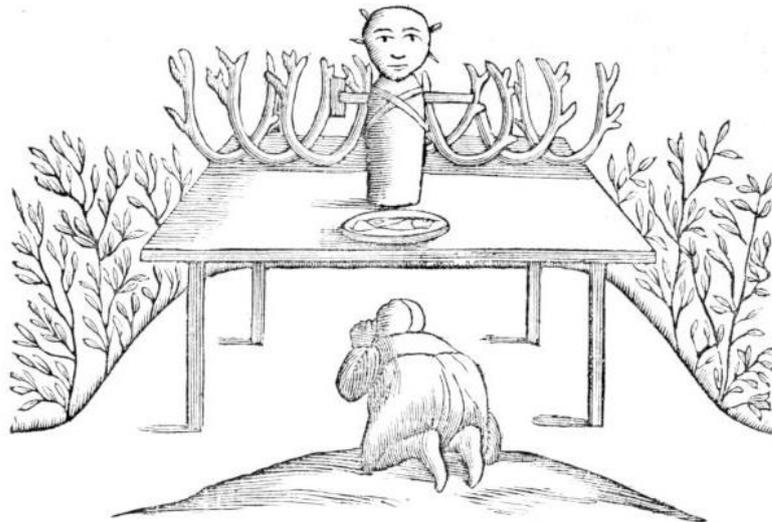


Figura 25. Frontispício holandês, com recorte na veneração do altar

Apesar da confusão descritiva de Schefferus, é interessante notar como esses desenhos e passagens sobre os cultos dos sámi foram os que mais circularam pela Europa. No caso da edição holandesa, por exemplo, o frontispício traz uma cena em que alguns habitantes aparecem venerando um desses altares de madeira. Há, também, o caso analisado por Éric Schnakenbourg, da circulação dessas imagens na edição de 1719 do

Atlas Historique publicado por Nicolas Gueudeville, Henri Abraham e Zacharie Chatelain⁶⁴³.



Figura 26. Figuras francesas (1719) sobre os cultos dos lapões

Rognald Bergesen, que analisou as imagens holandesas de *Lapponia*, argumenta que as imagens acrescentadas pelo ilustrador Jan Luyken, diferente das originais (também presentes no texto) serviram como forma de contextualizar e localizar os episódios narrados pelo estrasburguês. Apesar de inventadas, já que o batavo nunca foi ao Norte, é

⁶⁴³ CHATELAIN, Henri Abraham; GUEDEVILLE, Nicolas; CHATELAIN, Zacharie. **Atlas historique, ou, Nouvelle introduction à l'histoire, à la chronologie & à la géographie ancienne & moderne.** A Amsterdam: Chez Z. Châtelain, 1732. Para a análise, ver: SCHNAKENBOURG, É. *Op. cit.*, 2012, pp. 135 – 160.

possível perceber que o artista teve contato com o trabalho de Schefferus e, a partir disso, contribuiu para o processo de criação do outro para a audiência dos Países Baixos⁶⁴⁴.

Após os altares e sacrifícios de animais, o humanista descreve cerimônias pagãs presentes no cotidiano sámi como “uma das maiores de suas impiedades que ainda continuam entre eles”⁶⁴⁵. Para essas atividades, um dos objetos utilizados é o tambor xamânico. A *Historia Norwegie* é pioneira ao descrever esse objeto, assim como um ritual de transe espiritual e o xamã – figura masculina responsável por utilizar o tambor. O documento narra episódio ocorrido nas dependências de uma habitante fínica que recebera uma comitiva de cristãos comerciantes em sua mesa e, de repente, caiu no chão e exalou seu último suspiro.

Os grupos em volta da negociação reagiram de formas diferentes: enquanto os cristãos prostraram-se assustados, os fínicos não mostraram nenhuma preocupação e informaram que a mulher não estava morta, apenas tomada pelas mãos de seus adversários e que logo regressaria⁶⁴⁶. Depois disso, um indivíduo identificado como mago aproximou-se e:

(...) estendendo um pano sob o qual ele poderia se preparar para entoar **feitiços** profanos, levantado em suas mãos estendidas um pequeno recipiente semelhante a uma joeira, decorado **com figuras minúsculas de baleias, [...] renas, esquis e até mesmo um barco em miniatura com remos**; Usando esses meio de transporte, o **espírito demoníaco** era capaz de **viajar** até grandes montes de neve, montanhas e lagos profundos⁶⁴⁷.

Posteriormente, Olaus Magnus tratou dos implementos mágicos da Bótnia⁶⁴⁸, região onde bruxos e magos são encontrados por toda a parte, “como se fosse sua casa particular”⁶⁴⁹. A parte mais interessante do capítulo é a possível descrição de um ritual sámi e seu tambor mágico e, a partir do texto latino, traduz-se:

⁶⁴⁴ BERGESEN, R. *Op. cit.*, p. 105 e pp. 111 – 113.

⁶⁴⁵ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 45: “one of the greatest of their impieties that yet continues among them”.

⁶⁴⁶ *Historia Norwegiae*. Trad. Peter Fisher. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006. LAESTADIUS, L. *Fragments of Lappish mythology*. Beaverton: Aspasia Books, 2002, pp. 16-17.

⁶⁴⁷ “(...) spreading out a cloth under which he might prepare himself for intoning unholy **sorcerer’s spells**, raised aloft in his outstretched hands a small vessel similar to a riddle, decorated with tiny figures of whales, [...] reindeer, skis, and even a miniature boat with oars; using these means of transport the **demonic spirit** was able to **travel** across tall snowdrifts, mountain-sides and deep lakes”. Os negritos são de nossa autoria. Em: *Historia Norwegiae*, p. 18.

⁶⁴⁸ Atualmente, a região corresponde à *län* sueca da Bótnia Ocidental, cuja capital é Umeå, e à Ostrobótnia que faz parte do território finlandês.

⁶⁴⁹ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, pp. 174 – 175.

Para a mencionada **sala**⁶⁵⁰ adianta-se com um companheiro, e também com esposa que traz consigo um sapo ou serpente de bronze; com golpes prescritos, bate com martelo sobre uma **bigorna**; também gira de lá para cá com murmúrio de cantos e, tendo caído, é imediatamente arrebatado em **êxtase: e jaz por breve espaço como morto (...)**⁶⁵¹

A descrição em inglês⁶⁵², editada pela *Hakluyt Society*, ao traduzir o texto latino, parece não ter atentado aos detalhes do ritual descrito e não forneceu nenhum tipo de subsídio explicativo para o trecho, como faz em outros trechos do livro. A glosa disponível no texto, por exemplo, é sucinta e não traz nenhuma referência explicativa do ritual⁶⁵³.

Já no século XVII, Schefferus fizera uma ressalva semelhante quanto a descrição errônea de Olaus Magnus:

Olaus, de forma muito imprópria, chamou o tambor de bigorna e acredito que ele quis dizer isso com tambor (...) Talvez isso tenha feito o gravador cometer um erro, pois imprimiu uma bigorna de ferreiro, colocando uma serpente e um sapo nela, com um martelo [também] de ferreiro. Os lapões usam apenas um tambor, que talvez por baterem com um martelo, foi por Olaus chamado de bigorna⁶⁵⁴.

Além de fazer as devidas correções ao texto de Magnus, Schefferus descreve o formato do tambor e seus adereços, com os quais havia tido contato por intermédio do chanceler

⁶⁵⁰ Håkan Rydving propõe que esses ritos possuíam uma localização espacial específica sendo, então, a “sala fechada” uma alusão à tenda sámi denominada *kåta*. Ver, também, PRICE, Neil, **The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia**, Uppsala: Aun 31, 2002, p. 245 e ARWIDSSON, Greta. **Valsgrde 6** [Sítio arqueológico em *Gamla Uppsala*]. Almqvist & Wiksell, Uppsala, 1942, pp. 106 – 109.

⁶⁵¹ *Quocirca conclaue ingreditur vno comite, vxore quoque contentus, ranam aeneam, aut serpentem malleo super incudem praescriptis ictibus concutit, carminum quoque murmure hinc inde reuoluit, continuo quoque cadens in extasim rapitur: iacet quoque breui spatio velut mortuus (...)*. O texto latino pode ser consultado em: OLAUS MAGNUS. **Historia de gentibvs septentrionalibvs**. Romae, 1555, p. 121. Disponível em: <http://runeberg.org/olmagnus/0207.html> (acesso em 07/07/2019).

⁶⁵² “[...] enters a room, satisfied to have with him his wife and one other companion, and strikes over an anvil a prescribed number of blows with a hammer on a copper frog or serpente; muttering spells, he spins this way and that and, suddenly falling, is caught in a trance, in which he lies for a short time as though dead”. A versão inglesa do trecho se encontra em: OLAUS, MAGNUS, *Op. cit.*, 1996, p. 175.

⁶⁵³ *Ibidem*, pp. 174-175.

⁶⁵⁴ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 47: “Olaus termed the drum very improperly an anvil, tho I believe he only meant by this a drum, as will appear hereafter. This perhaps made the Engraver mistake, who made a Smith’s anvil for it, placing a Serpent and a frog upon it, with a Smith’s hammer by. The Laplanders use only a drum, which perhaps because they beat it with a hammer, was by Olaus called an anvil”.

da Universidade, possuidor de dois exemplares desse artefato⁶⁵⁵. Segundo Schefferus, esses tambores eram decorados com

vários tipos de bestas, pássaros e peixes, os quais eles podem facilmente obter; preso verticalmente sobre esse tambor, fixam um poleiro de ferro, sobre o qual repousa um sapo de bronze que, ao bater do tambor, cai sobre algumas das figuras; e aquela criatura cuja imagem o sapo toca, eles sacrificam⁶⁵⁶.

O estrasburguês também delimita algumas funções para o rito xamânico como a comunicação e jornada espiritual, a previsão da caça ou diagnóstico de doenças. Além do tambor, o xamã “canta uma canção, chamada por eles de *Joiike*, e os homens e mulheres que se fazem presente também cantam”⁶⁵⁷. Em seguida, o xamã é acometido de um transe e seu corpo permanece imóvel:

Aqueles que estão presentes não deixam de cantar enquanto ele [o xamã] fica suando nessa agonia; [...] ele pode se recuperar desse transe, o que ele nunca faria (como eles imaginam) se parassem de cantar ou se alguém o tocasse com a mão ou o pé. Esta talvez seja a razão pela qual eles não toleram que o toquem nenhuma mosca ou qualquer criatura viva [...]⁶⁵⁸.

Com duração de aproximadamente uma hora⁶⁵⁹, o *noaidi* era reconduzido ao plano material e o ritual seria encerrado.

⁶⁵⁵ “[...] that you may the better understand the diversity of the drums, here are two represented to you, both which I had out of the Study of the Chancellour of the Kingdom”. In: *Ibidem*, p. 50. As circunstâncias que fizeram com que Magnus de La Gardie obtivesse tais exemplares não são mencionadas.

⁶⁵⁶ *Ibidem*, p. 49: “several sorts of Beasts, Birds, and Fishes, such as they can easily procure: bolt upright upon this Drum they fix an iron perch, upon which stands a brassen Frog, which at the beating of the Drum falls down upon some of the pictures, and that creature whose picture the Frog touches, they sacrifice”

⁶⁵⁷ *Ibidem*, p. 56: “(...) sings a song, called by them *Joiike*, and the men and women that are present sing likewise”.

⁶⁵⁸ *Ibidem*, p. 52: “Those in the mean time that are present, leave not off singing all the time he [xamã] lies sweating in this agony; [...] he might recover out of this trance, which he would never do, (as they imagine) if they either ceased singing, or any one stirred him with their hand or foot. This perhaps is the reason why they suffer no flic, or any living creature to touch him [...]”.

⁶⁵⁹ BÄCKMAN, L.; HULTKRANTZ, Å. *Studies in Lapp Shamanism*, Uppsala: Almqvist & Wiksell International, 1978, pp. 92 – 106.

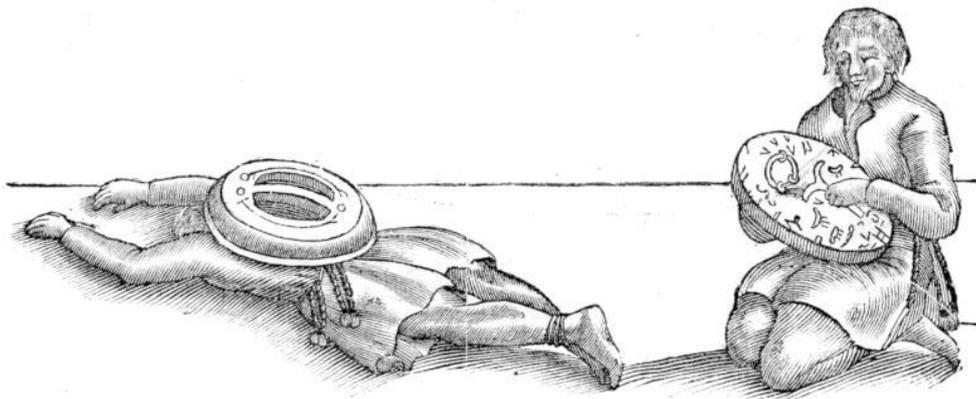


Figura 27. Um xamã em transe (esq.) e um xamã batendo seu tambor (dir.)⁶⁶⁰

O professor explica, também, que esse tipo de rito ainda era muito comum na região, “não tão publicamente quanto antes” já que o rei da Suécia havia proibido o uso desses instrumentos em qualquer situação⁶⁶¹. Dada a variedade de funções - divinação, previsão do futuro, cura, forma de negociar com os espíritos etc. - o tambor não possui uma significação nem uma forma de uso *exata*. Possivelmente, o *noaidi*, com um martelo em formato de “Y” ou “T” esculpido a partir da carcaça de uma rena, tocava o tambor para alterar seu estado de consciência. Além das batidas, os *joik* – possíveis “poemas” descritos por Olaus ou “cânticos”, como diz Schefferus – eram entoados e compunham parte essencial tanto do ritual quanto da vida sámi⁶⁶². Nas palavras de Price:

The concept of performance was crucial to the meaning of *joik*, which often functioned as a mnemonic to recall things considered to be important in a non-literate society. There were *joiks* to bring to mind places, people, animal and objects, and also events that brought these things together. (...) In some senses it is possible to speak of a philosophy of *joik* in Sámi culture, embracing its importance for religion and its key role in understanding the world-view of these people⁶⁶³.

⁶⁶⁰ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 56.

⁶⁶¹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 46: “tho not altogether so publicly as heretofore”.

⁶⁶² É válido notar que a grande marca do mundo dos mortos sámi é a ausência do *joik*. PRICE, N. *Op. cit.*, p. 247-48.

⁶⁶³ PRICE, N. *Op. cit.*, p. 266.

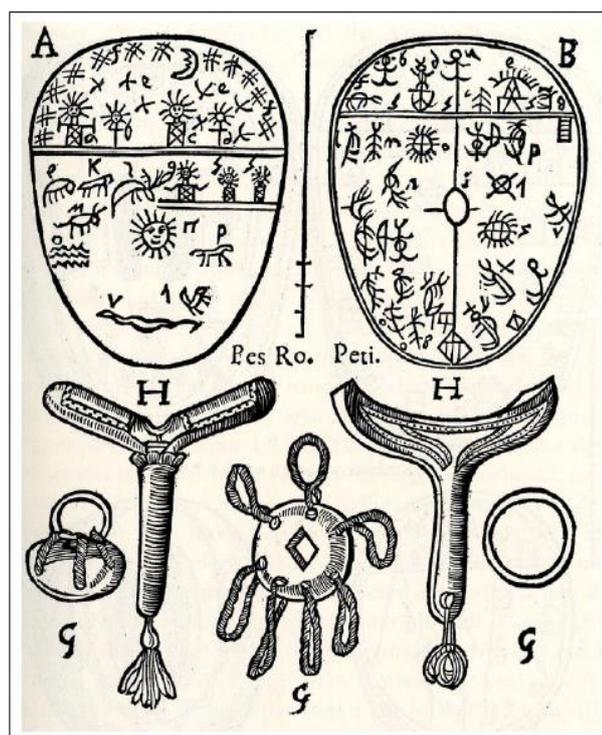


Figura 28. Ilustração de Johannes Schefferus em *Lapponia*⁶⁶⁴.

De formato oval (SaN. *goabdes* ou *meaurresgarri*), ou caixilho (SaS. *gievrie*), os tambores sámi, grande símbolo material das práticas religiosas, eram revestidos de pele animal e decorados com diferentes motivos – as inscrições – animais, humanos e cosmológicos: reflexo do microcosmo e universo sámi⁶⁶⁵. A peça mais intrigante desse relato é, provavelmente, o “sapo de bronze”. Conforme Price, além do martelo, outro acessório comum do *noaidi* era uma espécie de indicador denominado *árpa* (SaN, “sapo”) feito de osso, bronze ou chifre⁶⁶⁶, utilizado pelo xamã que, ao tocar o tambor, fazia essa pequena peça “pular” e apontar para diversos glifos diferentes do tambor. A partir desse movimento, o *noaidi* ou outra pessoa com o conhecimento

could interpret the will of the higher powers and, for example, read out fortune and misfortune, or how one should best proceed in individual difficult and critical situations, how one should best hunt a particular animal, how one should find a reindeer that had gotten lost, or the best way to cure an illness⁶⁶⁷.

⁶⁶⁴ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 48. A e B são tambores sámi. H, seus respectivos martelos. Os outros adereços (G), provavelmente, os apontadores denominados árpa.

⁶⁶⁵ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 223.

⁶⁶⁶ OLAUS MAGNUS. *Op. cit.*, 1996, p. 272.

⁶⁶⁷ HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 222.

O ritual xamânico descrito por Schefferus era visto pelos suecos como parte de um pacto demoníaco e, conseqüentemente, os tambores eram entendidos como ferramentas diabólicas⁶⁶⁸. Ao desenhar um xamã em transe, o estrasburguês adiciona que esse estado de consciência só era possível porque “o diabo (...) sufoca as faculdades da alma por um tempo e dificulta suas operações”⁶⁶⁹. Essa conexão com o diabo toma outra dimensão na edição holandesa. No mesmo frontispício, outra cena intrigante é a apresentação de um tambor – por uma figura análoga ao diabo – a um indivíduo.



Figura 29. O diabo e o tambor sámi na *Laponia* holandesa (esq.) e o tambor no texto inglês (dir.)

Presente em imagens e descrições no texto original, os tambores sámi tornaram-se o principal símbolo que os associava à magia e bruxaria. Materializando o encontro cultural (e colonial) entre suecos e lapões, esses instrumentos foram alvo de perseguições, coletas e queimas durante o final do século XVII e início do século XVIII. Na Kemi Lappmark, por exemplo, em 1671, além de um indivíduo sentenciado à morte, tambores foram queimados. Quinze anos depois, durante o Consistório de Härnösand, a idolatria e uso do artefato tornou-se crime capital⁶⁷⁰.

Em suma, o que podemos perceber é que a descrição negativa dos sámi cumpre um papel ambivalente: entre o vício e a engenhosidade, os lapões viviam na

⁶⁶⁸ RYDVIING, H. *The end of drum-time: religious change among the Lule Saami, 1670's-1740's*. Uppsala: Almqvist & Wiksell International, 1993, p. 81.

⁶⁶⁹ JOHANNES SCHEFFERUS. *Op. cit.*, p. 56: “the devil (...) stifles the faculties of the soul for a time, and hinders their operations”.

⁶⁷⁰ RYDVIING, H. *Op. cit.*, p. 30.

escuridão e, sem a presença ilustrada do reino sueco, assim o continuariam. Além disso, ao serem elogiados, os setentrionais eram considerados próximos e, quando se procurava descrever práticas mais problemáticas e inaceitáveis – em relação à sociedade sueca – eram distanciados. Criados na tensão do *middle-ground*, a partir de um espaço linguístico e teórico-interpretativo em que territorialidade, cultura, poder e identidade se relacionam, conceitos como selvagem (ou canibal, no caso americano⁶⁷¹) passaram a habitar o universo que os humanistas, fundamentados na retórica, buscavam construir. Portanto, textos como o de Schefferus são, “eles próprios, formas de poder que tanto representam como revestem”⁶⁷². Assim, evidenciamos com nossa análise que Johannes Schefferus foi o criador da Lapônia enquanto um lugar onde a “cultura que é ao mesmo tempo próxima e estranha, une sonho, susto e chamado”⁶⁷³.

⁶⁷¹ Ver BARTRA, Roger. **El salvaje en el espejo**. Ciudad de México: Ediciones Era, 1992. CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV - XVII)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017; VIGNOLO, P. Hic sunt canibales: el canibalismo del Nuevo Mundo em el imaginario europeo (1492-1729). **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, núm. 32, 2005, pp. 151-188.

⁶⁷² KIENING, C. **O Sujeito selvagem**, São Paulo: Edusp, 2014, p. 46.

⁶⁷³ *Idem*, p. 61.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pretendi nessa dissertação foi promover uma análise contextual-conceitual de *Lapponia* (1673), escrita por um dos principais nomes das letras suecas do século XVII. Entendemos por “contextual-conceitual” a junção de duas tradições metodológicas: o *contextualismo linguístico* – conhecido, principalmente, pelos trabalhos de Quentin Skinner e John Pocock – e a *história dos conceitos*, pensada e divulgada pelo alemão Reinhardt Koselleck. Assim, a partir de uma abordagem eclética, analisamos Schefferus como o construtor de uma nova camada conceitual sobre os sámi e a Lapônia, inserida em um contexto político (expansão e legitimação das ações suecas enquanto potência) e discursivo específico (referencial humanista e o discurso lapológico). Iniciaremos pelo primeiro contexto.

Apesar de ser conhecido como uma época de crises, o século XVII presenciou, também, a hipertrofia política e territorial da Suécia. Antes tratada como reino periférico europeu, suas vitórias nos campos de batalha dos reinos germânicos transformaram o cenário político do continente. Fortalecida com a assinatura dos tratados de paz em Osnabruque e Vestfália, a Suécia deu continuidade à sua expansão para o Báltico, para o Norte da Fenoescândia (*Sápmi*) e para o Atlântico. Cada uma dessas regiões representou um horizonte de esperança diferente para os suecos. As províncias bálticas, por exemplo, tornaram-se fundamentais para a consolidação política da Suécia e fornecedoras de gêneros agrícolas, como o trigo.

Já no caso das expansões setentrionais e atlânticas, além das mesmas lógicas e necessidades materiais, podemos estabelecer comparações principalmente por conta dos encontros culturais estabelecidos em cada região. Se no Norte os suecos forjaram novos relacionamentos com os povos sámi, na América o contato com os lenapes e susquehannocks era novidade e seus estilos de vida demandavam algum entendimento por parte dos europeus. Destarte, como ponto comum, temos a produção de relatos cobertos por práticas e retóricas partilhadas por outros protagonistas coloniais europeus. Com semelhanças no conteúdo desses relatos, aventureiros e missionários comparavam os nativos da América que conheceram (ou dos quais ouviram falar) com os sámi.

Entre a experiência na *Sápmi* e no Delaware, foi possível identificar uma gramática da alteridade comum utilizada para descrever os nativos dessas regiões: o

adjetivo selvagem (*Su. vilde*)⁶⁷⁴. Desse modo, especular sobre a selvageria era forma de provar a doutrina bíblica da queda. Nesta acepção, Nova Suécia e a *Sápmi* tornaram-se arena de negociação, tradução e elaboração cultural⁶⁷⁵. Descritos como locais entre o maravilhoso e o horripilante – da mesma forma que seus habitantes – esses espaços coloniais cumpriam importante função retórica para justificar o imperativo colonial, mas mantendo a diferenciação entre o “europeu” e o “outro”⁶⁷⁶. Como parte desse processo o fluxo de objetos – e suas apropriações – foi seminal para a criação da identidade sueca, seja em solo americano ou europeu. Itens como cachimbos, cintos *wampum* e pele de animais americanos eram enviados para a Europa como presentes e curiosidades.

Desse modo, não podemos descartar o interesse europeu simultâneo em artefatos vindos de locais “exóticos”, como a América ou a *Sápmi*. Exuberantes e labirínticos, esses museus e gabinetes de curiosidade evocavam a imagem de um mundo enigmático e aberto, assim como mediavam o jogo de criação de identidades. Colecionados e organizados como um microcosmo que refletiva o macro – a criação divina –, plantas, animais e artefatos humanos conectavam Estocolmo às regiões mais distantes⁶⁷⁷. Na esteira de um período em que a Europa buscava concretizar sua própria definição, um machado *tomahawk*, ou um par de esquis sámi, tornaram-se mediadores do processo de invenção do outro e, conseqüentemente, de reafirmação do “eu”. Munido de peles de animais, tambores sagrados, colheres esculpidas do chifre de renas, túnicas e *pulkas* recolhidos por autoridades suecas, Schefferus descreveu, em diversas passagens de seu texto, esses objetos como forma de construir a imagem discursiva e visual dos sámi como exóticos e peculiares.

É a partir desse panorama que propomos compreender Johannes Schefferus. Conhecido na Europa ao chegar em solo sueco, o estrasburguês participou de diferentes círculos letrados em que discutia seus métodos de erudição, seus trabalhos e trocava informações. Enquanto “cidadão” da República das Letras, tratava de assuntos políticos e reportava sobre seu bem-estar, assim como questionava a onisciência dos Antigos autores e expandia (cronológica e geograficamente) as visões sobre o mundo. Quanto aos escritos imediatamente anteriores ao de Schefferus, como a produção dos irmãos Magnus,

⁶⁷⁴ SYMONDS, J. Colonial encounters of the Nordic kind, p. 310 in: NAUM, M.; NORDIN, J. *Op. cit.*, 2013.

⁶⁷⁵ EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. *Op. Cit.*, p. 178.

⁶⁷⁶ NAUM, M. “How It Would Be to Walk On the New World with Feet from the Old”, In: EKEGREN, F.; NAUM, M. WOLFE, U. I. Z-M. *Op. Cit.*, p. 247.

⁶⁷⁷ SNICKARE, M. *Op. cit.*, p. 127.

Thomas Earle sustenta a tese de que Damião de Góis seria uma espécie de locutor das palavras dos irmãos Magnus, uma vez que o português detinha um capital social maior que a dupla sueca. O próprio humanista português parece admitir que os irmãos suecos, leais ao papa, tinham a intenção de submeter uma petição ao sumo pontífice sobre a necessidade de apoio da central romana para a conversão das periferias geográficas não católicas⁶⁷⁸. A partir dessa visão, não nos parece absurda a hipótese de que Schefferus possa ter funcionado – da mesma forma que Góis – como uma espécie de locutor, principalmente de seus informantes (clérigos, oficiais e o próprio estado), para o mundo letrado da Europa do período. Ou seja, Schefferus, munido de seu capital cultural, seria o responsável por legitimar o discurso das elites do poder que aspiravam ao status de força continental.

Com a publicação do texto de Olaus Magnus, o Norte tornou-se mais conhecido nos ambientes europeus. No entanto, é interessante notarmos que o principal tema referente a esse local, desde meados do século XVI e ao longo do século XVII, relaciona-se com as práticas mágicas da Lapônia e da Finlândia. Ou seja, a ênfase não é a Suécia própria, mas a Lapônia. Se os sámi já eram descritos nas Sagas como figuras malignas, misteriosas, isto é, como figuras ruins, o que diferencia a representação no contato moderno seria a sede pelo controle efetivo do território e das almas sámi. O período moderno e Johannes Schefferus cumprem papel central nisso, pois esses últimos encontros coloniais são responsáveis pela formalização e restrição, espaço-cultural, dos Sámi como o *outro*, em que algumas características são atribuídas como naturais e prescritivas aos sámi⁶⁷⁹.

Ao tratar do contexto discursivo de Schefferus, a forma como o humanista percebeu e descreveu os sámi, seu lugar e relações estabelecidas na Universidade de Uppsala, sua rede de contatos estrangeiras e suas publicações, torna-se viável interpretar o termo “lapão” – e suas variantes – como um conceito engendrado pelo professor para descrever uma população diferente dos suecos. Assim, o que podemos perceber é que a descrição negativa dos sámi cumpre um papel ambivalente no relato, sendo que a conceitualização do sámi como selvagem enquadrava-se no universo (retórico) construído pelos humanistas.

⁶⁷⁸ EARLE, Tom. Damião de Góis, *Deploratio Lapiannae Gentis*. Text and Translation. **Humanitas**, v. 58, 2006, p. 353.

⁶⁷⁹ Um exemplo seria o reconhecimento dos Sámi como pastores (nômades) de renas: um fenômeno recente, identificado a partir do século XVII. Para um histórico das práticas de pastoreio de renas, ver: KENT, N. *Op. cit.*, pp. 227-235.

Em uma historiografia em que o silêncio é o discurso dominante, tratar desses encontros como parte do colonialismo europeu indica que trágica ou não, a experiência sueca pertence ao mesmo grupo das dos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses, pois todas dividiam pressupostos e lógicas imperiais semelhantes⁶⁸⁰. Portanto, encarar a presença sueca na Lapônia como expressão do colonialismo é assumir que esse relacionamento, vinculado à cristianização, educação dos locais e ocupação do território, possui caráter assimétrico. Ao enfatizar que esse fenômeno, materializado nos encontros culturais, modificou tanto a vida dos “colonizados” quanto dos “colonizadores”⁶⁸¹, essa leitura busca desnaturalizar uma História nacional “suequizada” que trata da ocupação das terras sámi como parte de uma herança geo-histórica sueca.

São essas dinâmicas culturais, sociais e políticas que permeiam o processo de composição do relato do estrasburguês. Schefferus produziu um relato sobre a vida dos povos do Norte durante o período de crescimento das missões luteranas na região Norte e do incentivo, por parte da Coroa sueca, à ocupação daquele território. *Lapponia*, um gabinete de curiosidades impresso, descreve (e ilustra) os lapões e seu território entre a falta e o excesso, a luz e as trevas, a admiração e o medo. Inserida em um projeto político de expansão, a obra de Schefferus reafirmou para os escalões letrados da Europa a Lapônia como um horizonte de expectativa sueco pautado pela colonização e necessidade moral de educar e cristianizar seu povo.

⁶⁸⁰ NAUM, M.; NORDIN, J. *Op. cit.* argumentam, também, que, embora tenham durado pouco tempo, Suécia e Dinamarca aspiravam ao status de “forças coloniais” e, também em um quadro temporal limitado, foram reconhecidas como tais.

⁶⁸¹ LEHTOLA, V-P. *Op. cit.*, 2015, p. 32. Como indicação de leitura sobre as relações assimétricas e o verniz de “bom colonizador” indicamos os textos de FUR, G. “Colonialism and Swedish History” e de LINDMARK, Daniel. “Colonial encounters in Early Modern Sápmi”, ambos em: NAUM, M.; NORDIN, J. M. *Op. cit.*, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias Manuscritas

Bref till Johannes Schefferus [Cartas à Johannes Schefferus]. Biblioteca da Universidade de Uppsala (Carolina Redivivav), signo G260.

Fontes Primárias Impressas

ACERBI, G. **Travels through Sweden, Finland, and Lapland, to the North Cape, in the years 1798 and 1799.** London, 1802. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/uc2.ark:/13960/t6tx3m887>>.

ANÔNIMO. **Historia Norwegie.** Trad. Peter Fisher. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2006.

ANTONIO DE TORQUEMADA. “Jardín de flores curiosas”. **Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento**, n. 16, 2012 [1570].

BATELY, J.; ENGLERT, A. **Ohthere’s Voyages: A Late 9th-century Account of Voyages Along the Coasts of Norway and Denmark and Its Cultural Context.** Oslo: Viking Ship Museum, 2007.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém.** Nova edição, revista e ampliada, 13ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2002.

CENTRAL ANTIKVARIATET. **Katalog 56: Johannes Schefferus och fyra andra utländska lärda i Stormaktstidens Sverige** [Catálogo 56: Johannes Schefferus e quatro outros estudiosos estrangeiros no *Stormaktstiden* sueco]. Stockholm, 2008.

CHATELAIN, Henri Abraham; GUEUDEVILLE, Nicolas; CHATELAIN, Zacharie. **Atlas historique, ou, Nouvelle introduction à l’histoire, à la chronologie & à la géographie ancienne & moderne.** A Amsterdam: Chez Z. Châtelain, 1732.

EARLE, T. Damião de Góis, *Deploratio Lapiannae Gentis* [1540]. Text and Translation. **Humanitas**, v. 58, p. 347–387, 2006.

FANT, Eric Michael. **Minne öfver Joh. Schefferus, eloq. och polit. professor Skyttianus i Upsala [som vann belöningen uti Upfostrings-sälskapet den 1 nov. år 1781].** Stockholm: 1782.

KARL BERNHARD WIKLUND. **Lärobok i lapska språket [Elektronisk resurs].** Uppsala: Lundequistska bokh. [distributör], 1901. Disponível em: <<http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:umu:rara-783>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

- _____. **Lule-lappisches Wörterbuch.** Helsinki, 1890.
- JEAN DE LÉRY. **Viagem à terra do Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- JOHANNES MAGNUS. **Goternas och svearnas historia.** Stockholm: Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien. 2 vol. 2018.
- JOHANNES SCHEFFERUS. **De militia navali veterum: libri quatuor ad Historiam Graecam Latinamque utiles.** Uppsala: Regius Typographus, 1654.
- _____. **Oratio Valedictoria, quam Christina Regina ... Abdicationem,** 1654.
- _____. **Lapponia id est, Regionis Lapponum Et Gentis Novaet Verissima Descriptio. In qua multa De origine, superstitione, sacris magicis, victu, cultu, negotiis Lapponum, item Animalium, metallorumque indole quae in terris eorum proveniunt, hactenus incognita Poroduntur, & eiconibus adjectis cum cura illustrantur:** Frankfurt, Christian Wolff, 1673.
- _____. **The History of Lapland wherein are shewed the original, manners, habits, marriages, conjurations, etc. of that people.** Oxford: George West and Amos Curtein, 1674.
- _____. **Histoire de la Laponie, sa description, l'origine, les mœurs, la maniere de vivre de ses habitans, leur religion, leur magie, & les choses rares du país.** Paris: chez la Veuve Olivier de Varennes, au palais, dans la salle royale, au vase d'or, 1678.
- _____. **Lappland.** Översättning från latinet av Henrik Sundin; granskad och bearbetning av John Granlund; utgiven: Ernst Manker [Lappland. Tradução de Henrik Sundn; revisão e adaptação de John Granlund; editado por Ernst Manker]. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1956. (Acta Lapponica, 8).
- _____. **The history of Lapland.** Stockholm: Bokförlaget Rediviva, 1971.
- LAESTADIUS, L. L. **Fragments of Lappish mythology.** Beaverton, Ont.: Aspasia Books, 2002.
- LOUIS CHEVALIER DE JAUCOURT. "Laponie" in MORRISSEY, R.; ROE, G. (eds). "Volume 9." University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Autumn 2017 Edition). Disponível em http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/extras/encpageturn.pl?V9/ENC_9-288.jpeg. Último acesso: 14/01/2020.

MOSES PITT. **The English atlas**. Oxford: Printed at the Theater, for Moses Pitt, vol. 1, 1680, p. 583.

OLAUS MAGNUS. **Carta marina et descriptio: the commentary by Olaus Magnus to Map of the Scandinavian countries 1539**. Uppsala: Uppsala university library, 1988 [1539].

OLAUS MAGNUS. **Description of the Northern Peoples**. London: The Haklyut Society, 1998.

OLAUS WORM. **Museum Wormianum, seu, Historia rerum rariorum: tam naturalium, quam artificialium, tam domesticarum, quam exoticarum, quae Hafniae Danorum in aedibus authoris servantur**. Lugduni Batavorum: Apud Iohannem Elsevirium, 1655.

OLOF VERELIUS. **Herrauds och Bosa Saga**, Uppsala, 1666.

PETRUS LÆSTADIUS. **Petrus Læstadius journaler: faksimiletext och kommentar. 2, Fortsättning av journalen öfver missions-resor i Lappmarken innefattande åren 1828-1832**, Umeå: Skytteanska Samfund, 1977.

SAMUEL RHEEN. **En kortt relation om lapparnes lefwerne och sedher, wijdskiepellsser, sampt i många stycken grofwe wildfarellsser** [Um breve relato sobre a vida, costumes e superstições dos lapões, muitas vezes grandes selvagens]. Uppsala: Harald Wretman. 1897.

SNORRI STURLUSON. **Heimskringla: Óláfr Haraldsson (The Saint)**. Trad. Alison Finlay; Anthony Faulkes. London: Viking Society For Northern Research, 2014. 2v.

THOMAS C. HOLM. **Kort beskrifning om provincien Nya Sverige uti America, som nu förtjden af the Engelske kallas Pensylvania**. Stockholm: Kongl. boktr., 1702.

Fontes *online* e fonográficas

http://avalon.law.yale.edu/17th_century/westphal.asp. Último acesso em 27/12/2019.

<http://skaldic.abdn.ac.uk>. Último acesso em 27/12/2019.

<https://scandinavianstudy.org/annual-meeting/sass-2020-puerto-rico/>. Último acesso em 27/12/2019.

SABATON. **Carolus Rex**. Donzdorf: Nuclear Blast, 2012. 2 CD.

Bibliografia subsidiária

AHLBÄCK, T. **Old Norse and Finnish Religions and Cultic Place-Names : based on papers read at the Symposium on Encounters between Religions in Old Nordic Times and on Cultic Place-Names held at Åbo, Finland, on the 19th-21st of August 1987.** Åbo: Donner Institute for Research in Religious and Cultural History, 1990. (Scripta Instituti Donneriani Aboensis, 13).

AHLBÄCK, T.; BERGMAN, J. (orgs.). **The Saami Shaman Drum: based on papers read at the Symposium on the Saami Shaman Drum held at Åbo, Finland, on the 19th-20th of August 1988.** Åbo: Almqvist & Wiksell International, 1991. (Scripta Instituti Donneriani Aboensis, 14).

ALKARP, M. **Det Gamla Uppsala: berättelser och & metamorfoser kring en alldeles särskild plats** [A Velha Uppsala: histórias e metamorfoses sobre um local especial]. Uppsala: Uppsala Universitet, Institutionen för arkeologi och antik historia, 2009.

ALVARES, C. A Critique of Eurocentric Social Science and the Question of Alternatives. **Economic and Political Weekly**, Vol. 46, No. 22 (MAY 28-JUNE 3), 2011, pp. 72-81.

AMBRIUS, J. **Skånes Historia i årtal: från 550 till 1720** [História da Escânia ao longo dos anos: de 550 até 1720]. Malmö: Strömbergs Bokförlag, 1995.

ANDERSON, P. **Linhagens do Estado Absolutista**, São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ANREP, G. **Svenska adelns ättartaflor**. Stockholm: Norstedt & söner. Vol. 4, 1864.

ANTILLA, T., **The Power of Antiquity: The Hyperborean Research Tradition in Early Modern Swedish Research on National Antiquity**, Oulu: University of Oulu, 2014

ARELL, Nils. **Kolonisationen i Lappmarken: några näringsgeografiska aspekter**. Stockholm; Göteborg; Lund: Esselte studium, 1979. (Scandinavian university books).

AUBIN, J. “Damião de Góis et l’archevêque d’Upsal”, in MARTINS, José V. de Pina Martins; BATAILON, Marcel (ed.). **Damião de Góis humaniste européen**, Braga: Barbosa & Xavier, 1982, p.245-330.

_____. **Le Latin et l’astrolabe**, 2 vols. Lisbon: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1996.

AXELSSON, Einar, **Samerna och statsmakten: Vardagligt motstånd och kulturell hybriditet i Torneå lappmark under perioden 1639 – 1732** [Os sámi e poder estatal: resistência cotidiana e hibridismo cultural na Lapmarca de Tornea durante o período de 1639 a 1732], Mestrado [História], Umeå Universitetet, Umeå, 2015.

- BÄCKMAN, L.; HULTKRANTZ, Å. **Studies in Lapp Shamanism**, Uppsala: Almqvist & Wiksell International, 1978.
- BÄCKMAN, L. (org.). **Saami Pre-Christian religion: studies on the oldest traces of religion among the Saamis**. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1985. (Acta Universitatis Stockholmiensis Stockholm studies in comparative religion, 25).
- BALDWIN, T. W.; ALLEN, D. C. **Studies in honor of T.W. Baldwin**. Urbana: University of Illinois Press, 1958.
- BALZAMO, E. **Carta marina, 1539**. Paris: Corti, 2005.
- _____. "The Geopolitical Laplander", **JNS**, vol. 8, n.2, 2014.
- BALZAMO, E.; KAISER, R. **Olaus Magnus: Die Wunder des Nordens**. Frankfurt am Main: Eichborn, 2006 e MIEKKAVARA, L. "Unknown Europe: The mapping of the Northern countries by Olaus Magnus in 1539". **Belgeo**, 3-4, 2008, p. 307-324.
- BARTRA, R. **El salvaje en el espejo**. Ciudad de México: Ediciones Era, 1992.
- BELLER, E. A. **Propaganda in Germany during the Thirty Years War**. Princeton: Princeton University Press, 1940.
- BERG, H. von S. H.; BERGESEN, R. H.; KRISTIENSEN, R. E. (org.). **The Protracted Reformation in Northern Norway. Vol. 2: Towards a Protestant North.**, Hannover: Wehrhan Verlag, 2016.
- BERGESEN, R. H. Dutch Images of Indigenous Sámi Religion: Jan Luyken's Illustrations of Lapland, **Acta Borealia**, 32:2, 103-124, 2015.
- BERGSTRÖM, C. (ed.) **Skokloster during 350 years**. Stockholm: Byggförlaget, 2017.
- BOEHMER, E. **Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BONNELL, V. E.; HUNT, L. (ed.) **Beyond the Cultural Turn: New Directions in the Study of Society and Culture**. Berkeley: University of California Press, 1999.
- BORGERUD, C. **Earning by Learning?: Professors, Networks and Capital at Uppsala University during the late 17th and early 18th centuries**, Mestrado [História], Uppsala Universitetet, Uppsala, 2015.
- BOURDIEU, P. "The forms of capital". In RICHARDSON, J. (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, pp. 241-258
- _____. "Os três estados do capital cultural". In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.73-79.
- BRADLEY, R. **An Archaeology of Natural Places**. London New York: Routledge, 2000.

- BROADBENT, N. D. **Lapps and Labyrinths: Saami Prehistory, Colonization, and Cultural Resilience**. Washington D.C.: Smithsonian Institution, 2013.
- BRYDON, D.; FORSGREN, P. FUR, G. (orgs.). **Concurrent Imaginaries, Postcolonial Worlds: Toward Revisited Histories**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2017.
- BURKE, P. “A Grande Tradição” in: **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURNETT, L. A. ‘Translating Swedish Colonialism: Johannes Schefferus' Lapponia in Britain c. 1674-1800’. **Scandinavian Studies**, v. 91, no. 1-2, 2019.
- CARCREFF, A. O. **Au pays des vendeurs de vent: voyager en Laponie et en Finlande XVe - XIXe siècle**. Marseille: Presses Universitaires de Provence, 2017.
- CEDERLUND, J. & NORRBY, M. **The Augsburg art cabinet**. Uppsala: Museum Gustavianum, 2003.
- CHESHIRE, H. T. The Great Tartar Invasion of Europe. **The Slavonic Review**. Vol. 5, No. 13 (Jun., 1926), pp. 89-105.
- CHICANGANA-BAYONA, Y. A. **Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV - XVII)**. Campinas: Editora da Unicamp. 2017.
- CLARK, S. “The scientific status of demonology”. In VICKERS, Brian (ed.). **Occult & Scientific Mentalities in the Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- _____. **Pensando com demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna**. São Paulo: Edusp, 2006.
- COLLIJN, I. **Sveriges Bibliografi 1600 – talet, band.1**, Uppsala: Almqvist & Wiksells Boktryckeri, 1942.
- _____. **Sveriges bibliografi intill år 1600**. Uppsala: Svenska litteratursällsk, 1927.
- COLLINDER, B. **The Lapps**. Princeton: Princeton University Press, 1949.
- DAHLGREN, S.; NORMAN, H. **The rise and fall of New Sweden: Governor Johan Risingh’s journal 1654-1655 in its historical context**, Uppsala: Bohuslänningen, 1988.
- DE BEER, E. S. (ed.) **The correspondence of John Locke**. Oxford: Oxford University Press, volume 1, 1976.
- DELGADO, A. R.; SANTISTEBAN, J. A. Cazadores del Norte, Guerreros del Sur. **Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval**, v. 6, n. 1, 2017.
- DESPANDE, A. Eurocentric versus Indigenous. **Economic and Political Weekly**, Vol. 46, No. 30 (JULY 23-29), 2011, pp. 87-88.

- DICKSON, A. **Panacea or precious bane: tobacco in sixteenth-century literature**. New York: New York Public Library, 1954.
- DUBOIS, T. **Nordic Religions in the Viking Age**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- DUSSEL, E. Eurocentrism and Modernity (Introduction to the Frankfurt Lectures). **Boundary 2**, Vol. 20, No. 3, The Postmodernism Debate in Latin America (Autumn), 1993.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2^a edição, 2011.
- EDGREN, L. **Historia och historiker: Om Lunds universitet genom 350 år** [História e historiadores: A Universidade de Lund ao longo de 350 anos]. Lund: Historiska institutionen, Lunds Universitet. 2018.
- ENG, T. **Det svenska väldet: Ett konglomerat av uttrycksformer och begrepp från Vasa till Bernadotte** [O Império sueco: um conglomerado de expressões e conceitos dos Vasa aos Bernadotte]. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 2001.
- EIMER, G. **Carl Gustaf Wrangel som byggherre i Pommern och i Sverige: Ett bidrag till stormaktstidens konsthistoria** [Carl Gustaf Wrangel como construtor na Pomerânia e na Suécia: uma contribuição para a História da Arte durante a Era do grande poder]. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1961.
- ELLENIUS, A. "Johannes Schefferus, Christina Minerva, and *Fortuna Audax*: A study in Political Emblems" in: **The Emblem in Scandinavia and the Baltic**. Glasgow: Librairie Droz, 2006, pp. 75 – 102.
- ELLENIUS, A. "Johannes Schefferus and Swedish Antiquity", **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, v. 20, n. 1/2, pp. 59–74, 1957.
- _____. **De arte pingendi: latin art literature in seventeenth-century Sweden and its international background**. Uppsala & Stockholm: Almqvist och Wiksells boktryckeri AB, 1960.
- _____. **Baroque dreams: art and vision in Sweden in the era of greatness**. Uppsala: Uppsala University Library, 2003.
- ELLIOTT, J. H. "A Europe of composite monarchies". **Past & Present**, n. 137 (1992): pp. 48-71.
- ELTON, O. **The Nine Books of the Danish History of Saxo Grammaticus, 1905**. London: Nutt, 1909.
- ENBUSKE, M. **Asutuksen ja maankäytön historia keskisessä Lapissa ja Enontekiöllä 1900-luvun Alkuun** [The History of Settlement and Land Use in Central

Lapland and Enontekiö till the Beginning of the 20th Century]. Helsinki: Oikeusministeriö, 2006.

ERIKSDOTTER, G.; NORDIN, J. “Being on the inside, forgetting to look out. The need for a historical archaeology of global relevance”. **Current Swedish Archaeology**, 2011 (19).

ERIKSSON, G. **The Atlantic vision: Olaus Rudbeck and Baroque science**. Canton: Science History Publ., 1994.

_____. **Rudbeck 1630-1702: liv, lärdom, dröm i barockens Sverige**. Stockholm: Atlantis, 2002.

FISCHLER, C. **L’Homnivore: le goût, la cuisine et le corps**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1993.

FORSGREN, P.; FUR, G.; BRYDON, D. (orgs.). **Concurrent Imaginaries, Postcolonial worlds: Toward Revised Histories**. Leiden: Brill, 2017.

FOSTER, D. P. **Foreign heroes and catholic villains: radical protestant propaganda of the Thirty Years’ War (1618 - 1648)**, Doutorado [Línguas Modernas], University of Exeter, Exeter, 2012.

FRANCO JÚNIOR, H. **Os três dedos de Adão: Ensaio de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 2010.

FRANÇOZO, M. de C. **De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidades de Nassau**. Campinas: Edunicamp, 2014.

FROST, R. I. **The northern wars: war, state, and society in northeastern Europe, 1558-1721**, Harlow: Longman, 2000.

FUR, G. **Colonialism in the margins: cultural encounters in New Sweden and Lapland**. Leiden: Brill. 2006.

_____. Concurrences as a Methodology for Discerning Concurrent Histories e What Reading for Concurrences Offers Postcolonial Studies, ambos em: **Concurrent Imaginaries, Postcolonial worlds: Toward Revised Histories**. Leiden: Brill, 2017, p. 3–57.

_____. Tillhör samerna den svenska historien? [Pertencem os sámi a História sueca?], **HumaNetten**, n. 22 (Outono), p. 1–10, 2008.

_____. Tillhör samerna den svenska historien? [Pertencem os sámi a História sueca?], **HumaNetten**, n. 22 (Outono), p. 1–10, 2008.

FUR, G.; NAUM, M.; NORDIN, J. M. Intersecting Worlds: New Sweden’s Transatlantic Entanglements. **Journal of Transnational American Studies**, 7(1), 2016, s.p.

- GADAMER, H-G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 559-566 e pp. 621-661. (Pensamento Humano, 15).
- GAMES, A. **Witchcraft in Early North America**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- GLETE, J. **War and the State in Early Modern Europe: Spain, the Dutch Republic and Sweden as Fiscal-Military States**, London; New York: Routledge, 2002.
- GLUCK, C.; TSING, A. **Words in Motion: Toward a Global Lexicon**, Durham NC & London: Duke University Press, 2009.
- GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- GÖTHE, G. **Om Umeå lappmarks svenska kolonisation: från mitten av 1500-talet till omkr. 1750** [Sobre a colonização sueca da Lapmarca de Umeå: c. 1500 – c. 1750], Almqvist & Wiksell, Uppsala, 1929.
- GRAFTON, A. **Made by Words**. Harvard University Press, 2009.
- GRANLUND, J.; ANDERSSON, I. **Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder fra vikingetid til reformationstid**. Köpenhamn: Rosenkilde og Bagger, 1980.
- GRANQVIST, K. Confrontation and conciliation: the sami, the crown and the court in seventeenth-century Swedish Lapland, **Acta Borealia: A Nordic Journal of Circumpolar Societies**, v. 21, n. 2, p. 99–116, 2004.
- _____. **Samerna, staten och rätten i Torne lappmark under 1600-talet. Makt, diskurs och representation (The Sami, the State and the Court in Torne Lappmark during the Seventeenth Century: Power, Discourse and Representation)**, Skrifter från Institutionen för historiska studier 8, Umeå Universitetet, Umeå, 2004.
- GRUZINSKI, S. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**, Companhia das Letras: São Paulo, 2015.
- GUSTAFSSON, H. “A state that failed?”. **Scandinavian Journal of History**, 31:3-4, pp. 205-220, 2006.
- HÆTTA, O. M. **The ancient religion and folk-beliefs of the Sámi**. Alta: Alta Museum, 1994. (Alta Museum pamphlets).
- HÅKANSSON, H. **Vid tidens ände: om stormaktstidens vidunderliga drömvärld och en profet vid dess yttersta rand**. Göteborg; Makadam, 2014.
- HALLENBERG, M.; HOLM, J.; JOHANSSON, D. Organization, Legitimation, Participation. **Scandinavian Journal of History**, 33:3, 2008.

- HANKINS, J. E. "Milton and Olaus Magnus", pp. 205 – 210. in: ALLEN, D. C. (ed.) **Studies in honor of T. W. Baldwin**. Urbana: University of Illinois Press, 1958.
- HANSEN, L.I.; OLSEN, B. **Hunters in Transition: An Outline of Early Sámi History**. Leiden: Brill, 2013.
- HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- HARVARD, J.; STADIUS, P. **Communicating the North: Media Structures and Images in the Making of the Nordic Region**. Farnham: Ashgate, 2013.
- HAZARD, P. **A Crise da Consciência Europeia: 1680-1715**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- HELANDER, H., **Neo-Latin literature in Sweden in the period 1620-1720: stylistics, vocabulary and characteristic ideas**, Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis: Uppsala University Library, 2004.
- HELLSTRÖM, J. A. "**- åt alla christliga förvanter-**": en undersökning av kolonial förvaltning, religionsvård och samfundsliv på S:t Barthélemy under den svenska perioden 1784-1878 ["- a todos os parentes cristãos": um estudo sobre administração colonial, cuidados religiosos e vida social em São Bartolomeu, durante o período sueco de 1784-1878]. Uppsala: Erene, 1987.
- HELM, B. **Were the Sámi Swedes?: Swedish scholarly ethnographic perspectives on the Sámi, 1555 to 1848.**, Mestrado [História], Uppsala Universitet, Uppsala, 2013.
- HERVA, V-P.; IKÄHEIMO, J., ENBUSKE, M.; OKKONEN, J. "Alternative Pasts and Colonial Engagements in the North: The Materiality and Meanings of the Pajala 'Runestone' (Vinsavaara Stone), Northern Sweden". **Cambridge Archaeological Journal**, 2018, pp. 1 – 16.
- HESPANHA, A. M. **Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime: colectânea de textos**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- HILLERDAL, C.; KARLSTRÖM, A.; OJALA, C-G (Orgs.). **Archaeologies of "us" and "them": debating history, heritage and indigeneity**, New York: Routledge, 2017
- HIRSCH, E. **Damião de Góis The Life and Thought of a Portuguese Humanist, 1502–1574**. The Hague: M. Nijhoff, 1967.
- HODGEN, M. T. **Early Anthropology in the 16th and 17th Centuries**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1964.
- HOFFECKER, C. E.; WALDRON, R.; WILLIAMS, L. E.; BENSON, B. E. (orgs.). **New Sweden in America**, Newark: University of Delaware Press, 1995.

- HOLM, J. **Konstruktionen av en stormakt: kungamakt, skattebönder och statsbildning 1595 till 1640**. Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis: 2007. (Stockholm studies in history, 0491-0842; 90).
- HUNT, L. **La storia culturale nell'età globale**. Pisa: Edizione ETS, 2010.
- HUNTFORD, R., **Two Planks and a Passion: The Dramatic History of Skiing**, London: Bloomsbury Publishing, 2013.
- IMSEN, S. The Union of Calmar – Nordic Great Power or Norther German outpost? *in*: OCKER, C.; PRINTY, M.; STARENKO, P.; WALLACE, P. (orgs.). **Politics and Reformations: Communities, Polities, Nations, and Empires**. Leiden: Brill, 2007.
- INGEMARSDOTTER, J. **Ramism, Rhetoric and Reform: An Intellectual Biography of Johan Skytte (1577 - 1645)**, Acta Universitatis Upsaliensis. Uppsala Studies in History of Ideas. 42, Uppsala Universitetet, Uppsala, 2011.
- JASMIN, M. G. “História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, n. 57, 2005, pp. 27 – 38.
- JASMIN, M. G. “História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares”, **Revista**
- JOHANNESON, K. **The Renaissance of the Goths in Sixteenth-century Sweden: Johannes and Olaus Magnus as Politicians and Historians**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991. (Uppsala studies in history of science).
- JOHANNESON, K. **The Renaissance of the Goths in Sixteenth-century Sweden: Johannes and Olaus Magnus as Politicians and Historians**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1991.
- JØRGENSEN, D.; LANGUM, V. **Visions of North in Premodern Europe**. Turnhout: Brepols, 2018.
- JOY, Francis, The History of Lapland and the case of the sami noaidi drum figures reversed, **Folklore. Electronic Journal of Folklore**, v. 47, p. 113–144, 2011.
- JUTIKKALA, E. “The integration policies of Sweden and Denmark”, **Scandinavian Studies**, v. 45, n. 3 1973, p. 196.
- KAISER, N. **Mental health problems among the Swedish reindeer-herding Sami population in perspective of intersectionality, organisational culture and acculturation**. Mestrado [Psiquiatria], Umeå University, Umeå, 2011.
- KARMAN, G. **A Seventeenth-Century Odyssey in East Central Europe: The life of Jakab Harsányi Nagy**. Leiden: Brill, 2016.

- KARONEN, P.; MARKO, H. (org.). **Personal Agency at the Swedish Age of Greatness 1560-1720**, Helsinki: Finnish Literature Society / SKS, 2017.
- KENT, B. C. **Susquehanna's Indians**. Harrisburg: The Pennsylvania Historical and Museum Commission, 1984.
- KENT, N. **The Sámi Peoples of the North: a Social and Cultural History**. London: Hurst & Company, 2014.
- KIENING, C. **O Sujeito selvagem**, São Paulo: Edusp, 2014.
- KING, David, **Finding Atlantis: A True Story of Genius, Madness, and an Extraordinary Quest for a Lost World**, New York: Broadway Books, 2006.
- KJELLSTRÖM, R.; RYDVIING, H. **Den samiska trumman**. Stockholm: Nordiska museet, 1988. (Sameutställningens småskrifter).
- KLYASHTORNY, S. **The History of the Tatars since Ancient Times**. Vol 1. 2017.
- KORPIJAAKKO-LABBA, K. **Om samernas rättsliga ställning i Sverige-Finland: en rättshistorisk utredning av markanvändningsförhållanden och -rättigheter i Västerbottens lappmark före mitten av 1700-talet** [Sobre o status dos sámi na Suécia-Finlândia: uma investigação sobre história legal das condições de uso da terra e direitos na *Lappmark* de Västerbotten antes de c. 1700]. Helsinki, 1994.
- KOSELLECK, R. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 10, 1992, pp. 134-148.
- _____. **O Futuro Passado: contribuição à uma semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.
- KOURI, E.; OLESEN, J. (org.), **The Cambridge History of Scandinavia**. Cambridge: Cambridge University Press. Vol. 2, 2016.
- KRAFT, H. C.; KRAFT, J. T. **The Indians of Lenapehoking**. South Orange: Seton Hall University Museum. 1986.
- KRISTELLER, P. O. **The Renaissance thought: the classic, scholastic and humanista strains**. New York: Harper & Brothers, 1961.
- KULONEN, U.-M.; SEURUJÄRVI-KARI, I.; PULKKINEN, R. **The Saami: A Cultural Encyclopaedia**. Helsinki: Finnish Literature Society, Finland, 2005.
- KYLSBERG, B. **A glimpse of the world: Non-European in Skokloster Castle**. Linköping: Skoklosterstudier 37, 2006.
- LAESTADIUS, L. **Fragments of Lappish mythology**. Beaverton: Aspasia Books, 2002.
- PRICE, N. **The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia**, Uppsala:

Aun 31, 2002, p. 245 e ARWIDSSON, Greta. **Valsgrde 6** [Sítio arqueológico em *Gamla Uppsala*]. Almqvist & Wiksell, Uppsala, 1942.

LÄHTEENMÄKI, M.; PIHLAJA, P. M. (ed.). **The North Calotte: perspectives on the Histories and cultures of Northernmost Europe**. Helsinki: Inari Kustannus-Puntsi, 2005 [Helsingin Yliopiston Historian Laitoksen julkaisuja., Historian Laitos, 18].

LAGERLÖF, S. **Nils Holgerssons Underbara Resa Genom Sverige** [A viagem maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia]. Stockholm: Bonniers Boktryckeri, 1981.

LANGER, J. (org.). **Dicionário de mitologia nórdica: Símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015.

_____. **Dicionário de História e Cultura da era Viking**. São Paulo: Editora Hedra, 2017.

LARSSON, T. P. “*Lapponias* inflytande på texter som beskriver samisk religion mellan 1710 och 1735” [A influência de *Lapponia* em textos que descrevem a religião sámi entre 1710 e 1735]. **Svensk religions historisk årskrift**, vol. 7, 1998, pp. 147 – 164.

LEHTLOA, V-P. **The Sámi people: traditions in transition**. Fairbanks: University of Alaska Press, 2002.

_____. “Sámi Histories, Colonialism, and Finland”. **Artic Anthropology**, v. 52, n. 2, 2015, pp. 22 - 36.

LENNOX, S. Beyond Eurocentrism. **The German Quarterly**, Vol. 78, No. 4, Focus on Film (Fall), 2005.

LEONE, M. P.; KNAUF, J. E. (ed.) **Historical Archaeologies of Capitalism**. New York: Springer, 2015.

LEWIN, BARBO. **Johan Skytte och de skytteanska professorerna**. Uppsala: L-H. Tryck. 1985.

LINDEGREN, Jan. The Swedish ‘military state’, 1560 – 1720. **Scandinavian Journal of History**, 10:4, 1985.

LINDESTRÖM, P. M. **Geographia Americae: with an account of the Delaware Indians: based on surveys and notes made in 1654-1656**. Philadelphia: Swedish Colonial Society 1925 [1657].

LINDKJØLEN, Hans. Johannes Schefferus og bogverket “Lapponia” utgitt 1673 [Johannes Schefferus e o livro “Lapponia” publicado em 1673] in: **Tromsø Museums Skrifter XXV (Festskrift til Örnulv Vorren)**. Tromsø Museum, Universitetet i Tromsø, 1994, pp. 23 – 35; SCHEFFER, Henrika. **Johannes Schefferus: en storman från 1600-**

talets Uppsala [Johannes Schefferus: um grande homem da Uppsala seiscentista].

Uppsala: Wretmans Boktryckeri, 1918.

LINDKJØLEN, Hans. Johannes Schefferus og bogverket “Lapponia” utgitt 1673 [Johannes Schefferus e o livro “Lapponia” publicado em 1673] in: **Tromsø Museums Skrifter XXV (Festskrift til Örnulv Vorren)**. Tromsø Museum, Universitetet i Tromsø, 1994, pp. 23 – 35.

LINDROTH, Sten. **A History of Uppsala University (1477 - 1977)**. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1976.

LINDROTH, Sten. **A History of Uppsala University (1477 - 1977)**. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1976.

LINDROTH. **Svensk lärdomshistoria**. Stockholm: Norstedt, 1975.

LIVET, G. (ed.) **L’Europe, l’Alsace et la France: problèmes intérieurs et relations internationales à l’époque moderne: études réunies en l’honneur du doyen Georges Livet pour son 70e anniversaire**. Strasbourg: Editions d’Alsace-Colmar, 1986.

LOCKHART, P. D. **Sweden in the seventeenth century**. Palgrave: London, 2004.

LOCKHART, Paul, Douglas. **Sweden in the Seventeenth Century** (European History in Perspective). Houndmills: Palgrave MacMillan, 2004.

LOSMAN, A. **Carl Gustaf Wrangel och Europa: Studier i kulturförbindelser kring en 1600-tals magnat** [Carl Gustaf Wrangel e Europa: Estudos em relações culturais em torno de um magnata do século XVII]. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1980.

LOSMAN, A.; REVERA, M. (eds.) **The age of New Sweden**. Stockholm: Livrustkammaren, 1988.

LUNDKVIST, Sven; ROBERTS, Michael (Orgs.). **Sweden’s age of greatness 1632-1718**. London: Macmillan, 1973.).

LUNDSTRÖM, Lillemor. **History of Lapland John Scheffer Schefferus Lapland**. Disponível em: <<http://www.kb.se/F1700/Lapland/Lapland.htm>>.

LYNAM, E. **The Carta marina of Olaus Magnus, Venice 1539 & Rome 1572.**, Jenkintown: Tall Tree Library, 1949, p. 39.

LYNAM, Edward. **The Carta marina of Olaus Magnus, Venice 1539 & Rome 1572**. Jenkintown: 1949. (Jenkintown. [George H. Beans library.] Tall tree library. Publ. ; 12).

MAKOWIECHY, S. “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 57, pp. 2-25, jan. 2003.

MANKER, E. **Die lappische Zaubertrommel: eine ethnologische Monographie. 1: Die Trommel als Denkmal materieller Kultur / Ernst Manker**. Stockholm: Thule, 1938. (Acta Lapponica, 1).

_____. **Die lappische Zaubertrommel: eine ethnologische Monographie. 2: Die Trommel als Urkunde geistigen Lebens / von Ernst Manker**. Stockholm: Thule, 1950. (Acta Lapponica, 6).

MARCUSSI, A. A. “Estratégias de mediação simbólica em um calundu colonial”. **Revista de História**, v. 155, p. 97 -124, 2006.

MAXWELL, J. “Counter-Reformation Versions of Saxo: A New Source for ‘Hamlet’?”. **Renaissance Quarterly**, vol. 57, no. 2, 2004, pp. 518–560.

MIERT, D. van. What was the Republic of Letters? A brief introduction to a long history (1417 - 2008). **Groniek**, n. 204/205, 2016, p. 276.

MIRANDA, Pablo Gomes de. **Guerra e Identidade: um estudo da marcialidade no Heimskringla**. Mestrado [História], Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

MOYNE, E. **Raising the wind: the legend of Lapland and Finland wizards**. Newark: Universty of Delaware Press, 1981.

MOYNE, Ernest J. **Raising the Wind: The Legend of Lapland and Finland Wizards in Literature**. Newark: University of Delaware Press, 1981.

MUCENIECKS, A. S. **Saxo Grammaticus: Hierocratical Conceptions and Danish Hegemony in the Thirteenth Century**. Croydon (UK): ARC Humanities Press, 2017.

_____. Reações à reforma luterana no Norte: as diversas faces da heresia e heterodoxia na História de Gentibus Septentrionalibus, de Olaus Magnus (XVI^s). **PLURA, Revista de Estudos de Religião.**, v. 8, n. 2, p. 19–53, 2017. (Dossiê “500 anos da Reforma Protestante”).

MULK, I-M. Conflicts Over the Repatriation of Sami Cultural Heritage in Sweden, **Acta Borealia**, 26:2, 2009, pp. 194-215, DOI: 10.1080/08003830903372092.

MUNDAL, E. “The perception of the Saamis and their religion in Old Norse sources”. PENTINKÄINEN, J. (ed.) **Shamanism and Northern Ecology**. Religion and Society vol. 36, 1996.

NAUM, M. 'Between Utopia and Dystopia: Colonial Ambivalence and Early Modern Perception of Sápmi', **Itinerario: International Journal on the History of European Expansion and Global Interaction**, vol. 40, no. 3, 2016.

NAUM, M.; NORDIN, J. M. (org.). **Scandinavian Colonialism and the Rise of Modernity Small Time Agents in a Global Arena**, New York: Springer, 2013.

- NAUM, M.; EKEGREN, F. (org.) **Facing Otherness in Early Modern Sweden: Travel, Migration and Material Transformations 1500-1800**. Woodbridge: The Boydell Press, 2018 (Society for Post Medieval Archaeology Monograph).
- NETO, D. P.; COSTA, M. A. "História dos Conceitos, História dos discursos", **Sacrilegens**, no. 1, v. 4, 2012, p. 158.
- NEVILLE, K. 'Gothicism and Early Modern Historical Ethnography'. **Journal of the History of Ideas**, v. 70, n. 2, 2009, pp. 213 – 234.
- NILSSON, A. H. "Johannes Magnus' Historia de omnibus Gothorum Sueonumque regibus and Gostagus the Tyrant" in: STEINER-WEBER, A.; RÖMER, F. **Acta Conventus Neo-Latini Vindobonensis: Proceedings of the Sixteenth International Congress of Neo-Latin Studies (Vienna 2015)**. Leiden: Brill, pp. 511 – 520, 2018 (Acta Conventus Neo-Latini, Volume: 16).
- NORDEIDE, S. W. **The Viking Age as Period of Religious Transformation: The Christianization of Norway from AD 560 – 1150/1200**. Turnhout: Brepols, 2011.
- NORDIN, J. M. Embodied colonialism: the cultural meaning of silver in a Swedish colonial context in the 17th century. **Post-Medieval Archaeology**, 46 (1), pp. 143–65, 2012
- _____. The centre of the world: The material construction of Eurocentric domination and hybridity in a Scandinavian 17th-century context. **Journal of Material Culture**. 18(2).
- NORMAND, L.; ROBERTS, G. **Witchcraft in early modern Scotland: James VI's demonology and the North Berwick witches**. Exeter: University of Exeter Press, 2000. (Exeter studies in history).
- JØRGENSEN, D.; LANGUN, V. **Visions of North in Premodern Europe**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 250.
- NORSTEDT, G. **Lapps kattelanden på Geddas karta: Umeå lappmark från 1671 till 1900-talets början**. Umeå: Thalassa, 2011.
- NORTH, M. **The Baltic: a history**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.
- NOVÁKY, G. **Handelskompanier och kompanihandel; Svenska Afrikakompaniet 1649-1663: en studie i feodal handel** [Companhias comerciais e comércio: a Companhia Africana sueca: um estudo sobre o comércio feudal]. Uppsala: Uppsala University Press, 1990.
- O'DONOGHUE, H. **Old Norse-Icelandic Literature: a short introduction**, Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

ODNER, K. Saamis (Lapps), Finns and Scandinavians in history and prehistory. Ethnic origins and ethnic processes in Fenno-Scandinavia. **Norwegian Archaeological Review**, v. 18, n. 1–2, p. 1–12, 1985.

OESTREICH, G. “Problemas estruturais do absolutismo europeu”. *In: Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime: colectânea de textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 189 – 199.

OJALA, C-G. **Sámi Prehistories. The Politics of Archaeology and Identity in Northernmost Europe.**, Doutorado [Arqueologia]. Uppsala Universitetet, Uppsala, 2009.

OJALA, C.-G.; NORDIN, J. M. Collecting Sápmi: Early modern collecting of Sámi material culture. **Nordisk Museologi**, v. 2, n. 2015, p. 114–122.

_____. “Mapping Land and People in the North: Early Modern Colonial Expansion, Exploitation, and Knowledge”. **Scandinavian Studies**, volume 91, Number 1-2, Spring/Summer 2019, pp. 98-133.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. M. de. Um humanista ‘além-fronteiras’: um estudo sobre Damião de Góis. **Antítese**, v. 10, n. 20 jun/dez, p. 1006, 2017.

OLIVEIRA, A. A. de. **Imaginário e identidade na conversão da Islândia**. Mestrado [História], Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2015.

ONON, U. **The Secret History of the Mongols: The Life and Times of Chinggis Khan**. Abingdon: RoutledgeCurzon Press, 2001.

p. 62; HANSEN, L. I.; OLSEN, B. *Op. cit.*, p. 292.

PAGDEN, A. (org.) **The Idea of Europe: From Antiquity to the European Union**. New York: Cambridge University Press, 2002.

PAGDEN, A. **European encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism**. New Haven: Yale University Press, 1995.

_____. **La caída del hombre natural**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

_____. **Lords of all the world**, New Haven & London: Yale University Press, 1995.

PAIVA, J. P. O Estado na Igreja e a Igreja no Estado: contaminações, dependências e dissidência entre o Estado e a Igreja em Portugal (1495-1640). **Revista Portuguesa de História**, t. XL (2008/2009), 2009, pp. 385-386.

PALLARES-BURKE, M. L. G. “Quentin Skinner” in: **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, pp. 315-318.

- PARKER, G. **La Revolución militar: innovación militar y apogeo de occidente 1500 – 1800**. Madrid: Alianza Ensayo, 2001.
- _____. **Global Crisis: War, Climate Change and Catastrophe in the Seventeenth Century**, New Haven: Yale University Press, 2013
- PENTIKÄINEN, Juha. **Shamanism and Northern Ecology [electronic resource]**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- PETRUS LÆSTADIUS. **Petrus Læstadius journaler: faksimiletext och kommentar. 2, Fortsättning av journalen öfver missions-resor i Lappmarken innefattande åren 1828-1832**, Umeå: Skytteanska Samfund, 1977.
- PETTERSON, R. **The Winter Festival in Jokkmokk: A development from trading place to sami tourism event**, Östersund: Working Paper, 2003.
- POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- PODDAR, P.; PATKE, R. S.; JENSEN, Lars. **A Historical Companion to Postcolonial Literatures – Continental Europe and its Empires**, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.
- POMPA, C. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2002.
- PORTER, R.; TEICH, M. **Revolution in History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- PRICE, N. **The Viking way: religion and war in late Iron Age Scandinavia**, Uppsala: Aun 31, 2002.
- PULSIANO, P.; WOLF, K. **Routledge Revivals: Medieval Scandinavia (1993): An Encyclopedia**. London: Routledge, 2017.
- RABINOWE, P. SULLIVAN, W. (eds.), **Interpretive Social Science: A Reader**. Berkeley, University of California Press, 1979.
- REINHARD, W. (org.). **Power Elites and State Building**, New York: Oxford University Press, 1996.
- RICHTER, H. **Olaus Magnus Carta marina 1539**. Lund: Lychnos-bibliotek, 1967.
- RICHTER, M. “Reconstructing the History of political languages”, **History and Theory**, vol. 29, n. 1, 1990, pp. 38 – 70.

- RICŒUR, P. “The Model of the Text: Meaningful Action Considered as a Text”, in RABINOWE, P. _____. **A Memória, a História, o Esquecimento**, Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- SCHAFFER, S.; SHAPIN, S. **Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle and the Experimental Life**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2ª ed., 2011.
- SULLIVAN, W. (eds.), **Interpretive Social Science: A Reader**. Berkeley, University of California Press, 1979.
- RISPLING, L. Regions and municipalities in the Nordic region in 2017 (by 1 January 2017), 0781a. Nordregio.
- ROBERTS, M. **The Swedish Imperial Experience (1560 - 1718)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. (The Wiles lectures given at the Queen’s University of Belfast, 1977).
- _____. **The Early Vasas: A History of Sweden 1523-1611**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 [1979].
- RODRIGUES, R. L. “Reflexões sobre o Humanismo português no alvorecer da época confessional”. **Revista Angelus Novus**, n. 2, 2011.
- _____. **Entre o dito e o maldito: Humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente, 1530 - 1685**, Doutorado [História], Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pp. 465 – 490.
- ROLING, B. Introduction in: ROLING, B.; SCHIRG, B.; BAUHAUS, S. H. **Apotheosis of the North: The Swedish Appropriation of Classical Antiquity around the Baltic Sea and Beyond (1650 to 1800)**. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2017.
- ROMANIELLO, M. P. Who should smoke? Tobacco and the Humoral body in Early Modern England., **Social History of Alcohol and Drugs**, v. 27, n. 2 (Summer 2013), p. 156–173, 2013.
- ROSSI, P. **Comer: Necessidade, desejo, obsessão**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2014.
- _____. **Os sinais do tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RUHNBRO, R. **Det Nya Sverige i landet Amerika: ett stormaktsäventyr 1638-1655 [A Nova Suécia no território da América: a aventura de uma superpotência, 1638-1655]**. Höganäs: Wiken, 1988.
- RYDVIING, H. **The end of drum-time: religious change among the Lule Saami, 1670’s-1740’s**, Uppsala: Almqvist & Wiksell International, 1993.

- _____. “Gustav II Adolf och samerna” [Gustavo II Adolfo e os sámi], *in: Saga och sed: Kungl. Gustav Adolfs akademis årsbok: annales Academiae Regiae Gustavi Adolphi*, Uppsala: Kungl. Gustav Adolfs akademien, 2006, pp. 15–27.
- SABOYA, A. N. de. Ascensão e queda da União de Kalmar, *Revista História e Cultura*, v. 3, n. 1, 2014.
- SANDMO, E. **Voldsamfunnets undergang. Om disiplineringen av Norge på1600-tallet** [A queda da comunidade violenta. Sobre a disciplina na Noruega do século XVII]. Oslo: Universitetsforlaget, 1999.
- SAWYER, B.; SAWYER, P. **Medieval Scandinavia: From Conversion to Reformation, Circa 800-1500**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- SCHEFFER, H. **Johannes Schefferus: en storman från 1600-talets Uppsala** [Johannes Schefferus: um grande homem da Uppsala seiscentista]. Uppsala: Wretmans Boktryckeri, 1918.
- SCHILLING, H. **Early Modern European civilization and its Political and Cultural Dynamism**. The Menahem Stern Jerusalem Lectures. Lebanon: University Press of New England, 2008.
- SCHMIDT-BIGGEMANN, W. “Dynamics of knowledge in the seventeenth-century Swedish realm”. *Ajalooline Ajakiri*, 2010, vol. 3/4, n. 133/134, pp. 281-296.
- SCHNAKENBOURG, É. (org.). **Figures du Nord: Scandinavie, Groenland, Sibérie. Perceptions et représentations des espaces septentrionaux de la fin de Moyen Âge au XVIIIe siècle**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2012.
- SCHNAKENBOURG, É.; MAILLEFER, J-M. **La Scandinavie à l'époque moderne (fin XVe – début XIXe siècle)**. Nantes: Belin, 2010.
- Seven Viking Romances**, trad. Herman Pálsson e Paul Edwards Harmondsworth: Penguin Books, 1985, pp. 7 – 16 (“Introduction”) e pp. 199 – 227 (“Bosi and Herraud”).
- SHÜCK, H. **Äldre svenska biografier**, Uppsala: Almqvist & Wilksells, 1915, pp. 7 – 36.
- SILVA, R. O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o Debate Metodológico Contemporâneo, **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 2, 2010, p. 316.
- SILVÉN, E. Contested Sami Heritage: Drums and sieidis on the Move. **National Museums and the Negotiation of Difficult Pasts Conference Proceedings from EuNaMuS, Identity Politics, the Uses of the Past and the European Citizen**, Brussels 26-27, January 2012.

SJOHOLM, B. Things to Be Marveled at Rather than Examined. **The Antioch Review**, Vol. 62, No. 2, 2004.

_____. Lapponia. **Harvard Review**, n. 29, 2005.

SKÖLD, P. **Samerna och deras historia: metodövningar i samisk 1600- och 1700-talshistoria**. Umeå: Center for Arctic Research, Umeå University, 1993.

SMITH, I. **Race and Rhetoric in the Renaissance: barbarian errors**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SMYTH, A. H. (ed.) **The life and writings collected and edited with a life and introduction**. New York: Macmillan, X, 1905-1907.

SNICKARE, M. "The King's Tomahawk: On the Display of the Other in Seventeenth-Century Sweden", **Konsthistorisk tidskrift**, 80:2, 2011.

SOLBAKK, J. T. (org.). **The Sámi people: a handbook**. Ny omarb. uppl. Karasjok: Davvi Girji, 2006.

SPÅGEN, M. Without a trace? The sámi in the Swedish History Museum. **Nordisk Museologi**, v. 2, 2015.

STADIUS, P. **Southern Perspectives on the North: Legends, Stereotypes, Images and Models**. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdańskiego, 2001.

STORFJELL, Troy. Mapping a Space for Sámi Studies in North America. **Scandinavian Studies**, v. 75, n. 2, p. 153–164, 2003. (The People of Eight Seasons: The Sámi and Their Changing).

SUÉCIA. **Statens Offentliga Utredningar: Samernas folkrättsliga ställning** [Investigações Públicas do Governo: A posição do povo sámi sob o direito internacional]. Stockholm: Justitiedepartementet, 1986.

SUNNA, H. **Duodji árbi Arvet: handicraft in the sámi culture**. Luleå: Luleå Grafiska, 2006.

SVALASTOG, A. L.; FUR, G. (Orgs.). **Visions of Sápmi**, Røros: Arthub Publisher, 2015.

SVANBERG, I.; TYDÉN, M. **Tusen år av invandring: en svensk kulturhistoria** [Mil anos de imigração: uma História cultural sueca]. Stockholm: Dialogos, 1992.

SVANBERG, I.; HÅKAN, T. (org.) **Samisk etnobiologi: människor, djur och växter i norr** [Etnobiologia sami: humanos, animais e plantas]. Nora: Nya Doxa, 2000

TALBOT, A. **The Great Ocean of Knowledge: The Influence of Travel Literature on the Work of John Locke**. Leiden: Brill, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- THOMSON, E. *Beyond the Military State: Sweden's Great Power Period in Recent Historiography*. **History Compass**, 9, 2011.
- URBANCZYK, P. **Medieval Arctic Norway**. Warszawa: Semper, 1992.
- VALKONEN, S. **Poliittinen saamelaisuus** [Political Sámi identity]. Tampere: Vastapaino, 2008.
- VIANNA, A. M. 'Absolutismo': Os limites de uso de um conceito liberal". **Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar**, Maringá, n.14, 2008.
- VICKERS, B. (ed.). **Occult & Scientific Mentalities in the Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- VIGNOLO, P. Hic sunt canibales: el canibalismo del Nuevo Mundo em el imaginário europeo (1492-1729). **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, núm. 32, 2005, pp. 151-188.
- VORREN, Ø.; UNIVERSITETET I TROMSØ. TROMSØ MUSEUM. **Festskrift til Ørnulv Vorren**. Tromsø: Univi TromsøTromsø museum, 1994. (Tromsø museums skrifter, 25).
- WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**. Berkeley: University of California Press, 2011.
- WEBSTER, C. **From Paracelsus to Newton: Magic and the Making of Modern Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- WESLAGER, C. A., **New Sweden on the Delaware, 1638-1655**. Wilmington: Middle Atlantic Press, 1988.
- WESTMAN KUHMUNEN, A.; UTSI, J. E. **Goabdesájgge: sámij dâlusj goabddáj jáhko birra = Drum-time: the drums and religion of the Sámi**. Trad. Neil Price. Jokkmokk: Ájtte, svenskt fjäll- och samemuseum, 1999.
- WESTMAN, A. **Den samiska trumman i historisk tid och nutid: rapport från seminarium vid Ájtte**. Jokkmokk: Ájtte, 2000.
- WRETÖ, Tore. **Folkvisans upptäckare: receptionsstudier från Montaigne och Schefferus till Herder [The discoverers of folk song: reception studies from Montaigne and Schefferus to Herder]**. Uppsala, 1984. (Historia litterarum, 14).
- ZAKIEV, M. Z. **Origin of Türks and Tatars**. Moscow: Publishing house Insan, 2002.
- ÅBERG, A. **The people of New Sweden: Our colony on the Delaware River, 1638-1655**, Stockholm: Natur och kultur, 1988.
- ÅKERMAN, S. **Queen Christina of Sweden and her Circle: the transformation of a seventeenth-century philosophical libertine**. Leiden: Brill, 1991.

ANEXOS

Anexo 1

Ackja sendo puxado por uma rena.

Número de inventário 20633 (27:201)

Livrustkammaren, Estocolmo

Comprimento: 1540 mm

Largura: 60 mm

Peso: 188 g



Anexo 2

A Cronologia da <i>Lapponia</i> de Johannes Schefferus			
Ano	Idioma	Local	Iconografia
1673	Latim	Frankfurt	Original, feitas pelo autor
1674	Inglês, 1ª versão	Oxford	Inclui algumas do original
1675	Alemão	Frankfurt	----
1678	Francês	Paris	----
1682	Holandês	Amsterdam	----
1704	Inglês, 2ª versão.	Londres	Possui 6 tambores
1716	Holandês, 2ª versão.	Amsterdam	----
1751	Inglês, 3ª versão.	Londres	Não possui tambores
1956	Sueco	Uppsala	Original
1963	Finlandês	Hämeenlinna	Original
1971	Inglês, réplica 1ª versão.	Estocolmo	Original (<i>fac-símile</i>)